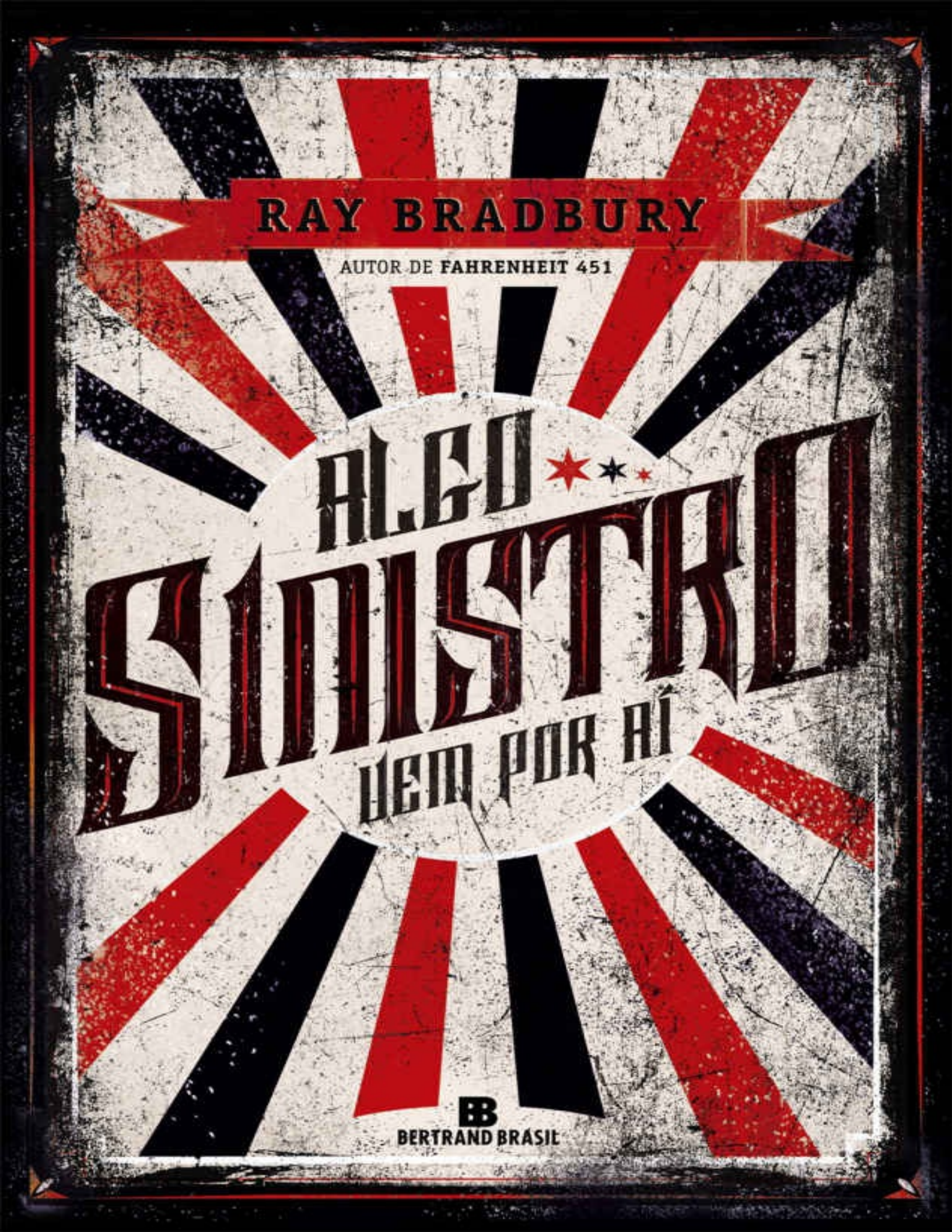


The book cover features a distressed, high-contrast Union Jack pattern in red, white, and black. The text is overlaid on this pattern.

RAY BRADBURY

AUTOR DE FAHRENHEIT 451

ALGO
SIMILSTRO
DEM POR AÍ

B
BERTRAND BRASIL



Do autor:

A árvore do Halloween

Licor de dente-de-leão

RAY BRADBURY

ALCO ***
SINISTRO
VEM POR AI

Tradução
Jorge Luiz Calife

2ª edição

B
BERTRAND BRASIL
Rio de Janeiro | 2019

Copyright © 1962, renovado em 1990, by Ray Bradbury

Título original: *Something wicked this way comes*

Capa: Renan Araujo

Imagem de capa: EnsUPER/Shutterstock

Texto revisado segundo o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2019

Produzido no Brasil

Produced in Brazil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B79a

Bradbury, Ray, 1920-2012

Algo sinistro vem por aí [recurso eletrônico] / Ray Bradbury ; tradução Jorge Luiz Calife. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2019.

recurso digital

Tradução de: *Something wicked this way comes*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-286-2409-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Calife, Jorge Luiz. II. Título.

19-56295

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão

20921-380 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2585-2000 – Fax: (21) 2585-2084

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

*Com amor, à memória de GENE KELLY, cujas performances
influenciaram e mudaram a minha vida.*

Sumário

Prólogo

Parte I - Chegadas

Parte II - Buscas

Parte III - Partidas

Um breve posfácio

O homem vive apaixonado e ama o que desaparece.

— W.B. YEATS

Eles não dormem, exceto se fizerem maldade;
E seu sono não chega, a menos que provoquem a queda de alguém.
Pois eles comem o pão da perversidade,
E bebem o vinho da violência.

— Provérbios 4:16-17

Eu não sei tudo que vem por aí, mas, seja o que for, enfrentarei
rindo.

— STUBB, em *Moby Dick*

Prólogo

Para começo de conversa, era outubro, um mês peculiar para os meninos. Não que todos os meses não tenham as suas peculiaridades. Mas há os bons e os ruins, como dizem os piratas. Veja setembro, por exemplo: é um mês ruim — as aulas recomeçam. Em compensação, agosto é um mês bom — as aulas ainda não recomeçaram. Julho, bem, julho é realmente maravilhoso — nem sinal de escola. E junho, sem dúvida, é o melhor de todos, pois as portas da escola se abrem para as férias, e setembro ainda se encontra a bilhões de anos no futuro.

Mas agora vamos pensar em outubro. As aulas já recomeçaram há um mês, e a criançada se solta e caminha tranquila. Tem tempo para pensar no lixo que jogou na varanda do velho Prickett, ou na fantasia de macaco que usará na festa da Associação Cristã de Moços, na última noite do mês. E então, por volta do dia 20 de outubro, tudo estará cheirando a fumaça, o céu ficará cinza-alaranjado no crepúsculo, e parece que o Halloween nunca chegará com as suas vassouras e os lençóis ondulantes.

Porém, naquele estranho, sombrio e longo ano, o Halloween chegou mais cedo.

Naquele ano, o Halloween chegou no dia 24 de outubro, três horas depois da meia-noite.

Na ocasião, James Nightshade, da rua Oak, número 97, estava com 13 anos, 11 meses e 23 dias de idade. Na casa ao lado, William Halloway tinha 13 anos, 11 meses e 24 dias de idade. Os dois se aproximavam dos 14 anos, a

idade efervescendo em suas mãos.

E foi naquela semana de outubro que eles cresceram da noite para o dia e nunca mais foram tão jovens...

Parte I

Chegadas

Capítulo 1

O vendedor de para-raios chegou pouco antes da tempestade. Percorreu uma rua de Green Town, Illinois, numa tarde nublada de outubro, olhando por sobre o ombro de vez em quando. Em algum lugar, não muito longe, enormes relâmpagos golpeavam a Terra. Em algum lugar caía uma tempestade como uma grande fera de dentes terríveis; ninguém duvidava.

E então, o vendedor sacudiu ruidosamente sua enorme bolsa de couro onde se escondiam grandes peças de ferro que não podiam ser vistas, mas que ele apregoava de porta em porta até chegar ao último jardim, onde o que se via era uma bagunça só.

Não, não era a grama. O vendedor olhou para cima. Eram os dois meninos deitados na grama, no *alto* do suave aclave do terreno. De forma e aparência semelhantes, os meninos assoviavam com hastes de capim e falavam de tempos passados e futuros, satisfeitos por terem deixado suas impressões digitais em todos os objetos móveis de Green Town durante o verão anterior e suas pegadas em todas as trilhas dali até o lago, e de lá até o rio, desde que as aulas haviam começado.

— Ei, garotos! — chamou o homem, todo vestido com roupa da cor de tempestade. — Seus pais estão em casa?

Os meninos balançaram negativamente a cabeça.

— E vocês? Têm algum dinheiro?

Os meninos tornaram a balançar a cabeça.

— Bem... — O vendedor andou pouco mais de um metro, parou e deu de ombros. Subitamente tomou consciência das janelas da casa ou do céu frio fitando o seu pescoço. Virou-se devagar, aspirando o ar. O vento sacudia as árvores desfolhadas. A luz do sol, atravessando uma pequena fenda nas nuvens, tingia de dourado as últimas folhas do carvalho. Mas o sol logo desapareceu, levando consigo o seu dourado; e o ar soprava cinzento. O vendedor saiu do transe.

Subiu lentamente o gramado.

— Garoto, qual é o seu nome? — perguntou.

E o primeiro menino, de cabelo louro, da cor do feno, fechou um olho, inclinou a cabeça e encarou o vendedor com seu único olho aberto, brilhante e claro como uma gota de chuva de verão.

— Will — respondeu. — William Halloway.

O cavalheiro da tempestade se virou:

— E *você*?

O segundo menino não se moveu. Continuou deitado de barriga para baixo sobre a grama do outono, decidindo se deveria ou não inventar um nome. Seu cabelo era revoltoso, espesso e da cor brilhosa das nozes polidas. Os olhos, fixos em algum ponto perdido dentro de si mesmo, eram de um verde cristalino. Até que colocou uma folha de capim seco nos lábios displicentes e disse:

— Jim Nightshade.

O vendedor de para-raios assentiu, como se já soubesse.

— Nightshade. É um nome e tanto.

— E bem adequado — disse Will Halloway. — Eu nasci um minuto *antes* da meia-noite de 30 de outubro. E Jim nasceu um minuto *depois* da meia-noite; portanto, 31 de outubro.

— Halloween — disse Jim.

Pelo tom de suas vozes, os meninos haviam contado aquela história a vida toda, orgulhosos de suas mães; elas eram vizinhas e tinham corrido para o hospital juntas, mas colocando os filhos no mundo com uma diferença de minutos: um, louro, e o outro, moreno. Em torno deles havia uma história de

celebração mútua. Todo ano Will acendia as velas de um único bolo, faltando um minuto para a meia-noite. Um minuto depois da meia-noite, já começado o último dia do mês, Jim as apagava.

— Isso mesmo — disse Will, empolgado. “Isso mesmo”, Jim concordou, em silêncio. — Isso mesmo. — Ouviu o vendedor que fugia da tempestade, embora continuasse parado ali, indeciso, olhando de um rosto para o outro.

— Halloway. Nightshade. Sem dinheiro, vocês disseram?

O homem, lamentando sua própria consciência, vasculhou a bolsa e retirou de dentro uma geringonça de ferro.

— Tomem isto, é de graça! Por quê? Uma daquelas casas será atingida por um relâmpago! Sem este para-raios, *bang!* Fogo e cinzas, carne assada e carvão! Tomem!

O vendedor soltou a haste. Jim não se moveu, mas Will a pegou e abriu a boca, surpreso.

— Puxa, é pesado! E engraçado. Nunca tinha visto um para-raios igual a este. Olha só, Jim!

E Jim, finalmente, espreguiçou-se como um gato e virou a cabeça. Seus olhos verdes se arregalaram e depois se estreitaram.

A peça de metal tinha sido trabalhada e moldada para formar um meio-crescente e uma meia-cruz. Em torno da borda da haste principal, pequenos arabescos e símbolos haviam sido soldados. Toda a superfície da vareta estava rabiscada e gravada com palavras estranhas, nomes que enrolariam a língua ou quebrariam o queixo, números que se juntavam em somas incompreensíveis, pictogramas de insetos cheios de garras, cerdas e espinhos.

— Isso está em egípcio — comentou Jim, com o nariz apontado para o inseto soldado no ferro. — Um escaravelho.

— É isso aí, garoto!

Jim comprimiu as pálpebras.

— E aquilo ali... escrita fenícia.

— Certo!

— Por quê? — perguntou Jim.

— Por quê? — repetiu o homem. — Por que egípcio, árabe, abissínio,

choctaw? Bem, em qual língua fala o vento? Qual é a nacionalidade de uma tempestade? De que país vêm as chuvas? De que cor é o relâmpago? Para onde vai o trovão quando morre? Garotos, vocês precisam estar preparados em todos os dialetos, com todos os modos e formas, para enfeitiçar os fogos de Santelmo, as bolas de luz azul que perambulam pela Terra ronronando como gatos. Eu tenho os únicos para-raios do mundo que ouvem, sentem, conhecem e repelem qualquer tempestade, não importa de que língua, voz ou signo. Nenhum trovão estrangeiro é tão alto que essa haste não possa levá-lo na conversa!

Agora Will olhava para além do homem.

— Qual? — perguntou ele. — Qual casa ele vai atingir?

— Qual? Espere só. Espere. — O vendedor olhou atentamente o rosto dos meninos. — Algumas pessoas atraem relâmpagos. Elas os sugam como gatos sugam a respiração dos bebês. Tem gente com polaridades negativas, outras com polaridades positivas. Algumas brilham no escuro, outras se apagam. Agora, vocês dois... Eu...

— O que o deixa tão convicto de que o raio vai cair por aqui? — perguntou Jim subitamente, os olhos brilhando.

O vendedor quase se encolheu.

— Porque... eu tenho nariz, olhos e ouvidos. Ambas aquelas casas, suas tábuas! Ouçam!

Eles ouviram. Talvez as suas casas se vergassem sob o vento frio da tarde. Talvez não.

— O relâmpago precisa de canais para correr, como os rios. E um daqueles sótãos é como o leito seco de um rio, esperando para deixar o relâmpago correr! Esta noite!

— Esta noite? — repetiu Jim, levantando-se todo feliz.

— E não será uma tempestade qualquer! — advertiu o vendedor. — Tom Fúria está lhes dizendo. Fúria, não é um ótimo nome para uma pessoa que vende para-raios? Eu *escolhi* este nome? Não! O nome escolheu a *minha* profissão? Sim! Uma vez crescido, eu vi as nuvens flamejantes saltarem pelo mundo, fazendo os homens correrem e se esconderem. E pensei: vou localizar

os furacões, mapear as tempestades, e correrei na frente delas, sacudindo as minhas clavas de ferro, os meus protetores milagrosos, em meus punhos! Já protegi e tornei seguras cem mil casas tementes a Deus; podem contá-las, se quiserem. Assim, quando eu lhes digo, garotos, que estão precisando da minha proteção, escutem-me! Subam naquele telhado, prendam essa haste bem alto e cuidem de aterrá-la num bom solo antes do anoitecer!

— Mas em qual casa? Qual delas? — perguntou Will.

O vendedor se empertigou, assoou o nariz num grande lenço e então caminhou lentamente através do jardim, como que se aproximando de uma enorme bomba-relógio a tiquetaquear silenciosa por ali.

Tocou nos pilares do corrimão da varanda da frente da casa de Will, deixou a mão deslizar por uma viga, pelo piso de madeira, depois fechou os olhos e apoiou-se na casa para deixar que seus ossos lhe falassem.

Em seguida, hesitante, aproximou-se com cautela da porta da casa de Jim, ao lado.

Jim se levantou para observar.

O vendedor estendeu a mão para tocar, para acariciar com as pontas de seus dedos a velha pintura.

— Esta aqui — disse ele, finalmente. — Será esta.

Jim pareceu orgulhoso.

Sem olhar para trás, o vendedor perguntou:

— Jim Nightshade, esta é a sua casa?

— É — confirmou o garoto.

— Eu devia saber — comentou o homem.

— Ei, e quanto a *mim*? — perguntou Will.

O vendedor novamente desdenhou a casa de Will.

— Não, não. Ah, algumas centelhas cairão na sua calha. Mas o verdadeiro show será aqui ao lado, na casa dos Nightshade! É isso!

O vendedor correu pelo jardim para pegar a sua grande bolsa de couro.

— Vou seguir o meu caminho. A tempestade está chegando. Não espere, Jim. Senão... *bum*! E você será encontrado com os seus níqueis, centavos e outras moedas, tudo fundido por uma solda elétrica. Os Abe Lincoln

fundidos com as Miss Columbias, águias depenadas atrás das moedas de 25 centavos, tudo derretido como mercúrio nos bolsos de suas calças. E mais! Qualquer garoto atingido por um relâmpago abre o olho, e lá dentro do globo ocular, tão bonita como uma prece ao Senhor, está a última cena que viu. Como uma foto daquele fogo descendo do céu, enviado por Deus para derrubá-lo tal qual boneco e sugar a sua alma pela brilhante escada acima! Vá, garoto! Pregue aquilo no alto da sua casa ou você estará morto quando o dia amanhecer!

E, sacudindo a sua bolsa cheia de hastes de metal, o vendedor se virou e desceu a rua, piscando furiosamente para o céu, os telhados, as árvores, e por fim fechando os olhos, movendo-se, fungando e murmurando:

— Sim, será muito ruim, lá vem ela, eu posso sentir, ainda está bem longe, mas se aproximando rápido...

E então o homem se foi, com as suas roupas escuras, da cor de tempestade, seu chapéu da cor das nuvens enterrado na cabeça até os olhos. E as árvores farfalharam, e o céu pareceu de repente muito velho. Jim e Will ficaram testando o vento para ver se podiam sentir o odor da eletricidade, a haste do para-raios caída no chão entre eles.

— Jim — disse Will. — Não fique aí parado. *Sua* casa, ele disse. Você vai instalar esse para-raios, não vai?

— Não — respondeu Jim, sorrindo. — Por que estragar toda a diversão?

— Diversão? Você está *maluco*? Eu vou pegar a escada! Pegue o martelo, alguns pregos e fio!

Mas Jim não se moveu. Will saiu correndo e voltou trazendo a escada.

— Jim, pense na sua mãe. Você quer ver a *sua mãe* queimada?

Will subiu pelo lado da casa, sozinho, e olhou para baixo.

Lentamente, Jim foi até a escada e começou a subir.

O trovão soou bem distante, nas colinas escurecidas pelas nuvens.

O ar tinha um cheiro acre no alto do telhado de Jim Nightshade.

Até ele reconhecia isso.

Capítulo 2

Não há nada nesse mundo como livros sobre a cura pela água, mortes por esquartejamento ou derramamento de lava aquecida das muralhas de castelos em cima de palhaços e charlatões.

Era o que dizia Jim Nightshade; esse tipo de assunto era tudo que ele lia. Se o livro não tratasse de como roubar o Banco Nacional, tratava de como construir catapultas ou confeccionar fantasias de morcego para a noite do Halloween.

Jim contava tudo em detalhes.

E Will engolia tudo que ele dizia.

Quando haviam terminado de colocar o para-raios no telhado da casa de Jim, Will sentindo-se orgulhoso e Jim envergonhado com o que ele alegava ser uma covardia mútua, já anoitecera. Terminado o jantar, era chegada a hora da corrida semanal até a biblioteca.

Como a maioria dos garotos, eles nunca caminhavam para lugar algum; um objetivo e saíam em disparada, disputando corrida. Ninguém venciam. Ninguém queria chegar na frente. Era justamente a amizade mútua o que eles desejavam que corresse para sempre: escolher suas sombras unidas. Suas mãos chegavam juntas na maçaneta da porta da biblioteca, o peito de ambos rompendo a fita da linha de chegada, os tênis deixando trilhas paralelas sobre gramados, arbustos aparados e árvores repletas de esquilos; ninguém perdendo, ambos ganhando e poupando sua amizade para ocasiões de perda.

E assim foi naquela noite em que o vento soprou quente e depois frio, enquanto eles deixavam a brisa carregá-los para o centro da cidadezinha, às oito horas da noite. Sentiam como se tivessem dedos com asas e cotovelos voadores lançando-os subitamente em novas correntes de ar, a brisa suave do outono transportando-os até onde queriam chegar.

Subindo os degraus, seis, nove, doze! *Plam!* E as palmas de suas mãos bateram na porta da biblioteca.

Jim e Will sorriram um para o outro. Eram sempre tão boas aquelas noites calmas de outubro, com a biblioteca aguardando por eles, os abajures verdes e a poeira dos papiros.

Jim aguçou os ouvidos.

— O que foi *isso*?

— Isso o quê? O vento?

— Parecia música... — Jim semicerrou os olhos para o horizonte.

— Não estou ouvindo nenhuma música.

Jim balançou a cabeça:

— Parou. Talvez eu tenha imaginado. Vamos!

Abriram a porta e entraram.

Então, pararam.

A vastidão da biblioteca os aguardava.

No mundo lá fora, nada de importante acontecia. Mas ali dentro, naquela noite especial, numa terra construída com papel e couro, tudo podia acontecer; sempre acontecia. “Ouça!” E ouviam-se dez mil pessoas gritando tão alto que até os cachorros tapariam suas orelhas. Um milhão de sujeitos apontando canhões, afiando guilhotinas, chineses marchando eternamente em fileiras de quatro. Invisíveis, silenciosos, é verdade, mas Jim e Will tinham o dom da audição e do olfato, assim como o dom para línguas. Aquela era uma fábrica de temperos de países distantes. Ali, desertos alienígenas descansavam. Logo ali na frente estava a mesa onde a simpática velhinha, a Senhorita Watriss, carimbava seus livros com tinta roxa, mas, logo adiante, ficavam o Tibete, a Antártida, o Congo. E lá ia a Senhorita Wills, a outra bibliotecária, através da Mongólia, passeando com calma por trechos de

Pequim, Yokohama e Ilhas Celebes. E lá, na altura do terceiro corredor, entre as estantes, um homem velho varria silenciosamente no escuro, amontoando o pó que caía no chão...

Will ficou olhando.

Era sempre uma surpresa — aquele velho, seu trabalho, seu nome.

“Ele é Charles William Halloway”, pensou Will, “não o meu avô, nem um tio distante e velho como alguns poderiam imaginar, mas... *o meu pai.*”

E assim, devolvendo-lhe o olhar do outro extremo do corredor, estava o pai, surpreso em ver que tinha um filho que visitava aquele mundo à parte, a 20 mil léguas de profundidade. O pai sempre parecia ficar atordoado quando Will surgia diante dele, como se já se conhecessem uma vida inteira e um deles tivesse envelhecido, enquanto o outro havia permanecido jovem, e este fato se mantivesse em...

Lá do outro lado, o velho sorriu.

E os dois se aproximaram um do outro, cautelosamente.

— É você, Will? Já cresceu uns dois centímetros desde esta manhã. — Em seguida, Charles Halloway desviou o olhar. — Jim? Olhos mais escuros, bochechas mais pálidas, você atravessa ambos os lados, Jim?

— Incrível — disse Jim.

— Não há nenhum lugar com o nome incrível. Mas o Inferno está bem ali, na letra “A”, de Alighieri.

— Não entendo alegorias — disse Jim.

— Como sou estúpido. — Riu o pai de Will. — Eu quero dizer Dante. Olhe para isso. As ilustrações de Doré mostram tudo. O Inferno nunca pareceu tão atraente. Olhe aqui as almas mergulhadas no lodo até o pescoço. E tem gente de cabeça para baixo.

— Puxa! — Jim olhou as páginas de dois ângulos diferentes e folheou o livro. — Tem alguma imagem de dinossauro?

Charles balançou a cabeça.

— Isso está no próximo corredor. — Conduziu-os, então, até lá e estendeu o braço. — Cá estamos: *Pterodátilo, a pipa da destruição!* Ou que tal *Tambores da perdição: a saga dos lagartos-trovões?* Ficou animado, Jim?

— Se fiquei!

O pai piscou para Will, que piscou de volta. Estavam juntos agora, um garoto com cabelos cor de milho e um homem de cabelos brancos como a lua; um garoto com um rosto que parecia uma maçã de verão e um homem com um rosto que parecia uma maçã de inverno. “Pai, pai”, pensou Will, “por que, por que ele se parece... *comigo*, num espelho quebrado?”

E, de repente, Will se lembrou das noites em que havia se levantado às duas da madrugada para ir ao banheiro e olhara para o outro lado da cidade, para ver aquela única luz acesa na janela mais alta da biblioteca, sabendo que seu pai ficava acordado madrugada afora, murmurando e lendo sozinho debaixo daquelas lâmpadas esverdeadas. Will se sentia triste e ao mesmo tempo alegre em ver aquela luz, em saber que o velho... ele parou para mudar a palavra... o seu pai estava ali no meio daquelas sombras.

— Will — disse o velho, que era o zelador da biblioteca e por acaso também seu pai —, e quanto a você?

— Hein? — Will foi pego de surpresa.

— Você precisa de um livro de chapéu branco ou um livro de chapéu preto?

— Chapéus? — perguntou Will.

— Bem, Jim... — Eles perambularam por entre as estantes, o pai deixando os dedos correrem por sobre as lombadas de couro — ... usa um chapéu preto e lê livros relacionados a ele. Seu nome do meio é Moriarty, certo, Jim? E um dia desses ele vai se graduar, passando do Fu Manchu para Maquiavel, aqui... um chapéu escuro, de tamanho médio, estilo diplomata. Ou para ali, para o Doutor Fausto... um chapéu preto bem grande. Isso deixa os garotos de chapéu branco para você, Will. Aqui está Gandhi, Santo Tomás. E, no nível à frente, bem... Na porta seguinte, Buda.

— Se não se importa — disse Will —, eu levarei *A ilha misteriosa*.

— Que... — perguntou Jim, fazendo uma careta — ... história é essa de chapéus brancos e pretos?

— É que... — o pai entregou o livro de Júlio Verne para Will — ... há muito tempo, eu mesmo tive de decidir que cor de chapéu eu usaria.

— Então — perguntou Jim —, *qual* você escolheu?

O pai pareceu surpreso. E riu, embaraçado.

— Já que você precisa perguntar, Jim, respondo que fico em dúvida. Will, diga à mamãe que irei logo para casa. Agora saiam daqui, os dois. Senhorita Watriss! — ele chamou calmamente a bibliotecária que se encontrava em sua escrivaninha. — Dinossauros e ilhas misteriosas a caminho!

A porta bateu.

Lá fora, uma noite estrelada se espalhara num céu oceânico.

— Incrível. — Jim farejou para o norte, Jim farejou para o sul. — Cadê a tempestade? O danado daquele vendedor prometeu. Eu *tenho* de ver o relâmpago chiar pelas minhas calhas!

Will deixou que o vento soprasse e ajustasse suas roupas, sua pele e seus cabelos. E então disse, sem entusiasmo:

— Chegará aqui. Pela manhã.

— Quem está dizendo?

— Os pelos arrepiados dos meus braços. *Eles* estão dizendo.

— Ótimo!

O vento levou Jim.

E, como uma pipa idêntica, Will disparou atrás dele.

Capítulo 3

Vendo os garotos partirem, Charles Halloway controlou um súbito impulso de correr com eles, de fazer parte da dupla. Sabia o que o vento ia fazer com aqueles meninos, para onde os estava levando: para todos os lugares secretos que nunca mais seriam tão secretos ao longo de suas vidas. E, em algum lugar de seu íntimo, uma sombra tornou-se pesarosa. Era preciso correr numa noite como aquela para que a tristeza não conseguisse chegar perto.

“Olhe só!”, pensou ele. “Will corre porque correr é a sua própria justificativa. Jim, porém, corre para alcançar algo. Entretanto, estranhamente, eles *correm* juntos.”

“Qual é a resposta”, pensou enquanto caminhava pela biblioteca apagando as luzes, apagando as luzes, apagando as luzes. “Estará tudo nas nossas impressões digitais? Por que algumas pessoas vivem pulando feito gafanhotos, com as antenas eriçadas vibrando, como um grande gânglio contorcendo-se eternamente por dentro? Elas alimentam uma fornalha a vida inteira, com os olhos brilhando e os lábios suando, e tudo começa no berço. Os amigos emocionados e famintos de César. Eles se alimentam da escuridão, que permanece imóvel, respirando.”

Assim era Jim, todo sarça e urtiga.

E Will? Esse era como o último pêssgo no alto de uma árvore no verão. Alguns garotos passam e fazem chorar ao serem vistos. Eles parecem bons, eles se sentem bons, eles são bons. É claro que podem fazer travessuras, como

urinar do alto de uma ponte ou roubar um apontador de uma loja de quinquilharias; não é essa a questão, senão que se sabe, ao vê-los passar, que é assim que serão por toda a vida. Eles se machucarão, se arranharão, se cortarão, e sempre se perguntarão por que aquilo aconteceu. “Como uma coisa assim pode ter acontecido *com eles*?”

“Mas Jim, esse sabe o que vai acontecer, faz por onde para que aconteça, do começo ao fim; ele lambe as feridas que esperava e nunca pergunta por que aconteceram.” Ele *sabe*. Ele *sempre* soube. Como alguém sabia antes dele, muito tempo atrás, alguém que tinha lobos como animais de estimação e leões como companheiros noturnos. Droga, Jim não sabe conscientemente. Mas seu corpo sabe. E enquanto Will está colocando um curativo em seu último arranhão, Jim está desviando, saltando, tentando evitar o golpe que inevitavelmente o levará ao nocaute.

E assim vão eles, Jim correndo mais devagar para acompanhar Will, e Will correndo mais rápido para ficar ao lado de Jim. Jim quebrando duas janelas da casa mal-assombrada porque Will está com ele, e Will quebrando apenas uma, em vez de nenhuma, porque Jim está olhando. “Deus, como é que metemos os nossos dedos na cumbuca alheia. Isso se chama amizade, cada um bancando o oleiro para ver de que formas pode moldar o outro.”

“Jim, Will”, pensou ele, “dois estranhos. Podem ir, eu os alcançarei algum dia...”

A porta da biblioteca abriu e fechou.

Cinco minutos depois, ele estava no bar da esquina para o seu único drinque noturno, chegando a tempo de ouvir um homem dizer:

— ... eu li que, quando o álcool foi inventado, os italianos acharam que aquilo era a grande coisa que estavam procurando havia séculos. O Elixir da Vida! Sabia disso?

— Não — respondeu o barman, ainda de costas.

— Claro — continuou o homem. — Vinho destilado. Século IX ou X. Parecia água. Mas queimava. Quero dizer, não queimava apenas a boca e o estômago, mas você podia incendiá-lo. Assim, eles acharam que haviam conseguido misturar água e fogo. Fogo-água, por Deus, o *Elixir Vitae*. E talvez

não estivessem tão enganados, achando que se tratava da Cura para Todos os Males, o líquido milagroso. Quer tomar um gole?

— Eu não preciso disso — respondeu Halloway. — Mas alguém dentro de mim, sim.

— Quem?

“O menino que eu fui um dia”, pensou Halloway, “que corre como as folhas pelas calçadas nas noites de outono.”

Mas ele não poderia dizer aquilo.

E então bebeu, os olhos fechados, escutando para ouvir se aquela coisa dentro dele se mexeria novamente, agitando-se nas profundezas da pilha de lenha que estava pronta para queimar, mas que nunca queimava.

Capítulo 4

Will parou, observando a cidade na noite de sexta-feira.

Era como se, ao soar da primeira badalada das nove horas no grande relógio do prédio do fórum, todas as luzes estivessem acesas e todas as lojas zumbissem com seus negócios. Porém, quando soou a última badalada, ela fez vibrar as obturações nos dentes de todos, os barbeiros arrancaram as toalhas, polvilharam talco em seus fregueses e os conduziram até a porta. A fonte da drogaria parou de chiar como um ninho de cobras e, por toda a parte, os vagalumes interromperam sua luz, e toda a área brilhante da loja de quinquilharias, com seus dez bilhões de peças de metal, vidro e papel esperando pelos fregueses, subitamente se apagou. Cortinas caíram, portas bateram, chaves tilintaram nas fechaduras, e as pessoas correram enquanto hordas de jornais rasgados as perseguiram como ratos, tentando mordiscar seus calcanhares.

Bang! Eles se foram!

— Puxa! — gritou Will. — As pessoas correm como se a tempestade já tivesse chegado.

— E chegou! — berrou Jim. — Somos nós!

Eles dispararam, fazendo barulho em cima de grelhas de ferro e alçapões de aço, passando por uma dúzia de lojas escurecidas, outra dúzia semi-iluminadas, mais outras onde as luzes estavam se apagando. A cidade parecia morta quando chegaram à esquina da Tabacaria United, a tempo de ver um

índio Cherokee de madeira deslizar sozinho para a escuridão.

— Ei!

O proprietário, o Senhor Tetley, olhou por sobre o ombro do índio.

— Assustei vocês, garotos?

— Não!

Mas Will tremera, sentindo um frio maremoto de chuva estranha movendo-se pela pradaria como ondas em uma praia deserta. E quando o relâmpago cravejasse a cidade, ele queria estar deitado embaixo de 16 cobertores e de um travesseiro.

— Senhor Tetley? — chamou Will, calmamente.

Pois agora havia dois índios de pé na escuridão da loja. O Senhor Tetley permaneceu inerte e boquiaberto, ouvindo.

— Senhor Tetley?

Ele ouvira algo bem longe, ao vento, mas não sabia dizer do que se tratava.

Os meninos recuaram.

Ele não os viu. Não se moveu. Só escutava.

Os garotos partiram, correndo.

No quarto quarteirão deserto depois da biblioteca, os meninos encontraram um terceiro índio de madeira.

O Senhor Crosetti, em frente à sua barbearia, com a chave da porta tremendo em seus dedos, nem os viu parar.

E o que havia feito os garotos pararem?

Uma lágrima.

Ela escorria brilhante pelo lado esquerdo da face de Crosetti. Ele ofegava.

— Crosetti, seu bobo! *Alguma coisa* acontece, *nada* acontece, e você chora como uma criança!

O Senhor Crosetti respirou trêmulo, fungando.

— Não estão sentindo o *cheiro*?

Jim e Will fungaram.

— Alcaçuz!

— Não, algodão-doce!

— Há anos que não sinto esse cheiro — disse o Senhor Crosetti.

Jim bufou.

— Está por toda a parte.

— Sim, mas quem repara? Quando? Agora meu nariz me diz: “Respire!” E estou chorando. Por quê? Porque me lembrei de como, há muito tempo, os garotos comiam algodão-doce. Por que não parei para pensar e sentir esse cheiro nos últimos trinta anos?

— Estava ocupado, Senhor Crosetti — disse Will. — Não tinha tempo.

— Tempo, tempo. — O Senhor Crosetti enxugou os olhos. — De onde vem esse cheiro? Ninguém vende algodão-doce nesta cidade. Só os parques de diversões vendem algodão-doce.

— Ei! — concordou Will. — É isso!

— Bem, Crosetti já parou de chorar.

O barbeiro assoou o nariz e virou-se para trancar a porta da loja. Enquanto fazia isso, Will reparou que a serpentina vermelha do mastro da barbearia começara a girar sozinha, fazendo seu olhar ondular enquanto subia até desaparecer outra vez no nada. Muitas e muitas vezes Will parara ali, tentando decifrar o mistério daquela serpentina colorida, observando-a subir interminavelmente.

O Senhor Crosetti colocou a mão no interruptor que ficava embaixo do mastro giratório.

— Não — disse Will. E em seguida murmurou: — Não o desligue.

O Senhor Crosetti olhou para o mastro, como se acabasse de tomar consciência de suas características miraculosas. E assentiu devagar, os olhos úmidos.

— De onde ele vem, para onde ele vai, hein? Quem sabe? Nem você, nem ele, nem eu. Ah, os mistérios, por Deus. Então, vamos deixá-lo ligado!

“É bom saber”, pensou Will, “que vai funcionar até o raiar do dia, serpenteando do nada, subindo para sumir no nada, enquanto dormimos.”

— Boa noite!

— Boa noite.

E eles o deixaram para trás num vento que cheirava sutilmente a alcaçuz e algodão-doce.

Capítulo 5

Charles Halloway colocou sua mão hesitante nas portas de vaivém do bar, como se os cabelos grisalhos no dorso de sua mão tivessem detectado, como antenas, alguma coisa deslizando pela noite de outubro. Talvez grandes incêndios estivessem queimando em algum lugar e seu calor de fornalha o advertisse para não sair. Ou uma nova Era do Gelo se estendera pela Terra, com sua massa gélida dizimando um bilhão de pessoas no espaço de uma hora. Ou talvez o próprio Tempo estivesse se esvaindo no interior de uma imensa ampulheta, com a escuridão pulverizada caindo para sepultar a todos.

Ou talvez fosse apenas aquele homem de terno escuro que tinha avistado através da janela do bar, do outro lado da rua. Com grandes rolos de papel sob um dos braços, um pincel e um balde em sua mão livre, aquele homem assoviava uma canção longínqua.

Era uma canção de uma outra estação, uma canção que deixava Charles Halloway triste sempre que a ouvia. Uma canção inadequada para outubro, mas imensamente tocante e inescapável, não importava que dia ou mês fosse cantada.

*Ouvi os sinos no dia de Natal
Tocando seus velhos e familiares cânticos,
E selvagens e suaves,
Suas palavras falavam repetidamente*

De paz na Terra e boa vontade entre os homens!

Charles Halloway estremeceu. Subitamente foi tomado pelo antigo sentimento aterrorizante de exaltação, uma vontade de rir e chorar ao mesmo tempo, quando via os inocentes da Terra caminharem pelas ruas cobertas de neve na véspera do Natal, cercados por homens e mulheres exaustos, com os rostos manchados de culpa e pecado, como pequenas janelas estilhaçadas pela vida que golpeava sem cessar, corria, se escondia e voltava para golpear.

E os sinos soaram num tom mais alto e profundo:

“Deus não está morto, nem estará. Ele dorme!

O Errado fracassará,

O Certo prevalecerá,

Com paz na Terra, aos homens de boa vontade!”

O assovio morreu.

Charles Halloway saiu. Bem lá na frente, o homem que assoviara a canção movimentava os braços ao redor de um poste telegráfico, trabalhando em silêncio. Em seguida desapareceu, entrando pela porta aberta de uma loja.

Sem saber por quê, Charles Halloway atravessou a rua para olhar o homem colar um cartaz dentro da loja vazia: “Aluga-se.”

O homem saiu com seu pincel, seu balde de cola, seus cartazes enrolados. Seus olhos, com um brilho feroz e sensual, fixaram-se em Charles Halloway. Sorrindo, ele gesticulou com a mão aberta.

Halloway olhou.

A palma daquela mão parecia coberta com finos e sedosos pelos negros. Era como se...

A mão se fechou, apertada. E voltou a acenar. Depois o homem se foi, virando a esquina. Atordoados, Charles Halloway sentiu uma súbita onda de calor no rosto, oscilou, e então voltou sua atenção para a loja vazia.

Dois cavaletes haviam sido colocados em paralelo, sob o foco de uma única lâmpada.

E, sobre esses dois cavaletes, como um funeral de neve e cristal, encontrava-se depositado um bloco de gelo de um metro e oitenta de comprimento, que brilhava bem fraco o seu próprio fulgor e cuja cor era um pálido azul-esverdeado. Parecia uma grande joia fria repousando na escuridão.

Num pequeno cartaz branco, pregado num lado, perto da janela, podia-se ler uma mensagem caligráfica sob a luz de uma lâmpada:

Show Pandemônio das Sombras, de Cooger & Dark

Fantoches, Circo de Marionetes e o Seu Parque das Planícies. Chegando Imediatamente! Em Exibição, uma de nossas maiores atrações:

A MAIS BELA MULHER DO MUNDO!

Os olhos de Halloway saltaram para o pôster na parte interna da janela.

E de novo para o comprido e frio bloco de gelo.

Era um bloco como aqueles que lembrava dos shows de mágicos ambulantes da sua infância, quando a fábrica de gelo local contribuía com um pedaço de inverno no qual, por 12 horas contínuas, donzelas congeladas ficavam emparedadas, em exibição, enquanto as pessoas observavam e as comédias eram projetadas na tela branca, e, finalmente, as atrações seguintes iam e viam, e as pálidas damas deslizavam para fora, cobertas de geada, libertadas por feiticeiros suados que as conduziam sorrindo para a escuridão atrás das cortinas.

A MAIS BELA MULHER DO MUNDO!

E, no entanto, aquele enorme pedaço de vidro congelado não continha nada senão um rio de água gelada.

Não. Não estava inteiramente vazio.

Halloway sentiu seu coração bater como numa ocasião especial.

Dentro daquela enorme joia de inverno não havia um vazio especial? Um

oco voluptuoso, um vazio prolongado que ondulava de uma extremidade à outra do gelo? E não estava esse vácuo, esse nada, esperando para ser preenchido por uma carne cálida, não estava moldado como uma... mulher?

Sim.

O gelo. E aquele oco adorável, aquele fluxo horizontal de vazio dentro do gelo. Um nada gracioso. Como o delicado deslizar de uma sereia invisível desafiando o gelo a capturá-la.

O gelo era frio.

Mas o vazio dentro dele estava quente.

Ele queria fugir dali.

Mas Charles Halloway ficou parado naquela noite estranha por um longo tempo, olhando para dentro da loja vazia, para os dois cavaletes, para o frio caixão ártico colocado lá como uma enorme safira Estrela da Índia na escuridão...

Capítulo 6

Jim Nightshade parou na esquina da rua Hickory com a principal, respirando calmamente, olhando com carinho para a escuridão da Hickory.

— Will...?

— Não! — Will parou, surpreso com a própria reação.

— Está bem ali. A quinta casa. Levará somente *um* minuto, Will — suplicou Jim, falando baixo.

— Um minuto...? — Will olhou para a rua.

Que era a rua do Teatro.

Até o verão daquele ano, tinha sido uma rua comum, onde eles roubavam pêssegos, ameixas e damascos, cada um num dia diferente. Mas, no final de agosto, enquanto escalavam as árvores para pegar as maçãs mais azedas, “aquilo” acontecera, algo que mudara as casas, o gosto das frutas e o próprio ar em meio às árvores farfalhantes.

— Will! Algo está esperando. Talvez alguma coisa esteja *acontecendo*! — sibilou Jim.

Talvez alguma coisa esteja acontecendo. Will engoliu em seco e sentiu a mão de Jim beliscar seu braço.

Pois aquela não era mais a rua das maçãs, das ameixas ou dos damascos, era a rua da casa com uma janela num dos lados, e essa janela, dizia Jim, era um palco com uma cortina — e a cortina estava levantada. E naquela sala, naquele estranho palco, havia atores que falavam segredos, que diziam coisas

loucas, riam e suspiravam, murmuravam *muito*, e o que diziam eram sussurros que Will não conseguia entender.

— Só uma última vez, Will.

— Você sabe que não será a última!

O rosto de Jim estava corado, as maçãs queimando, seus olhos, um verde flamejante. Will pensava naquela noite, os dois pegando as maçãs e Jim falando baixinho.

— Olhe lá!

E Will, agarrado nos galhos de uma árvore, os lábios comprimidos, terrivelmente excitado, olhava para o Teatro, para aquele palco peculiar onde as pessoas, inconscientemente, arrancavam os blusões, puxando-os pela cabeça, deixavam as roupas cair sobre o tapete, ficavam nuas e enlouquecidas, como cavalos trotando, e estendiam as mãos para se tocarem.

“O que eles estão *fazendo?*”, pensou Will. “Por que estão rindo? O que há de errado com eles, o que há de *errado!*?”

Ele queria que a luz se apagasse.

Mas continuou agarrado ao galho que se tornara escorregadio, olhando para a janela iluminada do Teatro e ouvindo os risos. Atordoadado, porém, acabou soltando o ramo, escorregando e caindo. Ficou lá no chão atônito, olhando para Jim, que continuava lá sentado, agarrado no galho. Jim, com o rosto corado, as maçãs em fogo, os lábios entreabertos, olhava.

— Jim, Jim, desça! — Mas Jim não ouvia. — Jim!

E quando Jim olhou afinal para baixo, viu Will como um estranho fazendo algum pedido tolo, querendo que desistisse da vida e descesse para o chão. E, assim, Will fugiu sozinho, pensando demais ou não pensando em nada, sem saber o que pensar.

— Will, por favor...

Will olhou então para Jim, com os livros da biblioteca em suas mãos.

— Já fomos à biblioteca. Não é o bastante?

Jim confirmou com a cabeça:

— Leve esses para mim.

Ele entregou seus livros a Will e caminhou calmamente sob as árvores

sussurrantes. Três casas abaixo, gritou:

— Will? Sabe o que você é? Um beato velho e bobo!

E, então, Jim se foi.

Will apertou com força os livros contra o peito. Estavam úmidos do suor de suas mãos.

“Não olharei! Não olharei!”

“Não olhe para trás!”, pensou ele.

E, olhando apenas na direção de sua *casa*, seguiu pelo caminho. Rapidamente.

Capítulo 7

Na metade do caminho para casa, Will sentiu uma sombra respirar ofegante atrás dele.

— O teatro está fechado? — perguntou Will, sem olhar para trás.

Jim caminhava em silêncio quase ao lado dele já por um bom tempo, e então disse:

— Vazio.

— Bem-feito!

Jim cuspiu.

— Você é um maldito pregador beato!

Na esquina, uma grande bola branca de papel veio saltando na direção do vento e se agarrou, tremulante, nas pernas de Jim.

Will segurou o papel, rindo, puxou-o e permitiu que continuasse voando! Então, parou de rir.

Os dois meninos, observando aquela coisa branca saltar e ondular pelas árvores, congelaram.

— Espere um minuto... — disse Jim.

Numa fração de segundo, os dois estavam gritando, correndo e pulando para pegar o papel.

— Não o rasgue! Cuidado!

O papel tremulou como um tambor de desfile escolar em suas mãos.

— CHEGANDO NO DIA 24 DE OUTUBRO! — Os lábios se moveram,

repetindo as palavras escritas numa tipologia rebuscada.

— O Parque de Diversões...

— De Cooger e Dark...

— 24 de outubro! Isso é amanhã!

— Não pode ser — disse Will. — Todos os parques entram em recesso depois do Dia do Trabalho...

— E quem se importa com isso? Mil e uma maravilhas! Veja! MEFISTÓFELES, O BEBEDOR DE LAVA! SR. ELÉTRICO! O MONSTRUOSO MONT GOLFIER?

— Um balão — explicou Will. — Um Montgolfier é um balão.

— MADEMOISELLE TAROT! — Jim continuava a ler. — O HOMEM BAMBOLEANTE. A GUILHOTINA DEMONÍACA! O HOMEM ILUSTRADO O HOMEM BAMBOLEANTE. A GUILHOTINA DEMONÍACA! O HOMEM ILUSTRADO! Uau!

— Isso é apenas um sujeito velho, cheio de tatuagens.

— Não. — Jim respirou sobre o papel. — Ele *é ilustrado* mesmo. Especial. Veja! Coberto de monstros! Um verdadeiro zoológico! — Os olhos de Jim se arregalaram. — VEJA! O ESQUELETO! Isso não é legal, Will? Não é o Homem Magro não, é o ESQUELETO! VEJA! A BRUXA DO PÓ! VEJA! O ESQUELETO O que é uma Bruxa do Pó, Will?

— Uma Cigana velha e suja...

— Não. — Jim comprimiu os olhos, vendo coisas. — É uma Cigana que veio do Pó, foi criada no Pó e que um dia *retornará* ao Pó. E tem mais: O LABIRINTO EGÍPCIO DE ESPELHOS! VEJA VOCÊ MESMO MULTIPLICADO DEZ MIL VEZES! O TEMPLO DA TENTAÇÃO DE SANTO ANTÔNIO O LABIRINTO EGÍPCIO DE ESPELHOS! VEJA VOCÊ MESMO MULTIPLICADO DEZ MIL VEZES! O TEMPLO DA TENTAÇÃO DE SANTO ANTÔNIO!

— A MAIS BELA... — leu Will.

— MULHER DO MUNDO — terminou Jim.

Eles se entreolharam.

— Will, *pode* um parque mambembe ter A Mais Bela Mulher do Mundo como uma atração secundária?

— Você já *viu* as mulheres desses espetáculos ambulantes, Jim?

— São horrorosas. Mas como é que esse cartaz pode afirmar que...

— Ah, cale-se!

— Está furioso comigo, Will?

— Não, é só que... segure!

O vento arrancou o cartaz de suas mãos.

O folheto voou por sobre as árvores e seguiu numa fuga desenfreada.

— De qualquer modo, não é verdade — disse Will. — Parques não chegam assim tão perto do final do ano. Que coisa mais idiota. Quem iria *assistir*?

— Eu — disse Jim, quieto na escuridão.

“Eu”, pensou Will, vendo lampejos da guilhotina, espelhos egípcios se desdobrarem em acordeões de luz, e o homem demônio com pele de enxofre beber lava como se fosse chá.

— Aquela música... — murmurou Jim. — Um órgão a vapor. Eles devem estar chegando *esta noite*!

— Os parques chegam sempre ao amanhecer.

— Sim, mas e quanto ao cheiro de alcaçuz e algodão-doce que sentimos tão perto?

E Will pensou nos odores e sons fluindo pelo rio de vento, bem além das casas escurecidas, o Senhor Tetley escutando ao lado do seu índio de madeira, o Senhor Crosetti com aquela única lágrima brilhando em sua face, e o mastro do barbeiro enroscando eternamente sua fita vermelha, saindo do nada e escapando para o infinito.

Will começou a bater os dentes.

— Vamos para casa.

— *Estamos* em casa! — respondeu Jim, surpreso.

Sem perceber, eles haviam chegado em suas casas distintas, e agora cada um subia por uma entrada diferente.

Em sua varanda, Jim se inclinou e falou baixinho.

— Will, você está zangado?

— Claro que não.

— Prometo que não passaremos novamente por aquela rua, aquela casa, o

Teatro, durante um mês. Não, um *ano*! Juro!

— Está bem, Jim, está bem.

Ambos pararam com as mãos nas maçanetas de suas portas, e Will olhou para o teto da casa de Jim, onde o para-raios brilhava em meio às estrelas frias.

A tempestade estava se aproximando. A tempestade *não* estava se aproximando.

De uma maneira ou de outra, Will estava contente que Jim tivesse colocado aquela engenhoca lá no telhado.

— Boa noite!

— Boa noite.

E as duas portas distintas se fecharam.

Capítulo 8

Will abriu a porta e fechou-a novamente. Desta vez sem fazer barulho.

— Assim está melhor — disse a voz de sua mãe.

Emoldurado pela porta da entrada, Will viu o único teatro com o qual se importava naquele momento, o palco familiar onde seu pai estava sentado (já em casa! Jim e ele *deviam* ter percorrido o caminho mais longo!), segurando um livro, mas lendo os espaços vazios. Em uma cadeira, junto à lareira, sua mãe tricotava e cantarolava como uma chaleira.

Will queria estar perto e longe deles, via-os próximos e também distantes. De repente, eles pareceram espantosamente pequenos numa sala grande demais, em uma cidade muito grande e num mundo demasiadamente imenso. Neste lugar sem trancas, eles pareciam à mercê de qualquer coisa que pudesse emergir da noite.

“Inclusive eu”, pensou Will, “inclusive eu”.

E, de repente, percebeu que os amava ainda mais em sua pequenez do que os amara quando pareciam grandes.

Os dedos de sua mãe se dobravam, sua boca cantava; ela era a mulher mais feliz que ele já vira. Lembrou-se de uma estufa num dia de inverno, onde abria caminho entre as folhas grossas da floresta para encontrar uma rosa cor-de-rosa e macia, sozinha ali na inóspita vastidão. Aquela era a sua mãe, sempre cheirando a leite fresco, contente consigo mesma naquela sala.

Contente? Mas, como e por quê? Ali, próximo, estava o zelador, o homem

da biblioteca, um estranho, agora sem o seu uniforme, mas o rosto ainda de um homem que ficava mais feliz sozinho, à noite, dentro daquelas profundas e marmóreas câmaras mortuárias, passando sua vassoura nos corredores vazios.

Will olhou, perguntando-se por que aquela mulher era tão feliz e aquele homem tão triste.

Seu pai olhava profundamente o fogo, com uma das mãos relaxada. E, aninhada nela, via-se uma bola de papel amassado.

Will piscou.

E lembrou-se do vento carregando o cartaz pálido por entre as árvores. Agora, um papel da mesma cor se encontrava amassado, com a rebuscada tipologia escondida, nas mãos de seu pai.

— Oi!

Will entrou na sala de visitas.

Sua mãe abriu imediatamente um largo sorriso, que pareceu tão caloroso como uma segunda lareira se acendendo.

Já seu pai, abatido, parecia desanimado, como se tivesse sido surpreendido fazendo algo errado.

Will queria dizer: “Oi, o que você acha desse cartaz...?”

Mas seu pai estava escondendo o papel, apertando-o no estofado da poltrona.

E sua mãe, folheando os livros da biblioteca.

— Ah, esses são ótimos, Willy!

E Will, com Cooger e Dark na ponta da língua, disse:

— Puxa, o vento realmente nos *trouxe* para casa. As ruas estão cheias de *papéis* voando.

O pai permaneceu imóvel.

— Alguma novidade, pai?

A mão do homem ainda estava enfiada no lado da poltrona. Ele ergueu um olhar cinzento, ligeiramente preocupado e muito cansado, na direção do filho.

— O leão de pedra fugiu das escadarias da biblioteca. Está percorrendo a

cidade à procura de cristãos. Não vai achar nenhum. Só há uma cristã, mantida cativa aqui, e ela é uma boa cozinheira.

— Bobo! — exclamou a mãe.

Subindo a escada para o quarto, Will ouviu o que já esperava ouvir: um suspiro suave, como se alguma coisa nova tivesse sido jogada no fogo. Em sua mente, ele viu o pai diante da lareira, observando o papel enrugado virando cinzas:

“... COOGER... DARK... PARQUE... BRUXA... MARAVILHAS...”

Ele queria descer e ficar com o pai, as mãos estendidas aquecendo-as no fogo.

Mas, em vez disso, subiu lentamente e fechou a porta do quarto.

Em algumas noites, na cama, Will grudava a orelha na parede para ouvir a conversa dos pais e, se estivessem falando coisas que julgava certo escutar, ficava ouvindo; senão, virava-se. Se fosse sobre o tempo e a passagem dos anos, ou sobre ele mesmo, a cidade ou o modo geral e inconclusivo com que Deus dirigia o mundo, ele ficava ouvindo calorosa, confortável e secretamente, pois costumava ser o que seu pai comentava. Era raro ter a oportunidade de conversar com o pai em qualquer lugar, dentro ou fora de casa, mas aquilo era diferente. Havia algo na voz dele que ondulava, subindo e descendo, como uma mão gesticulando suavemente no ar ou um pássaro branco dando voltas no céu, que fazia com que seu ouvido quisesse acompanhar, e a imaginação, ver.

E o aspecto curioso a respeito da voz de seu pai era o som que a verdade faz quando é enunciada. O som da verdade, em contraste com a selvagem e perambulante terra da cidade, ou as simples mentiras interioranas, era capaz de enfeitiçar qualquer garoto. Por muitas noites, Will cochilava desse modo, os sentidos adormecidos muito antes de aquela voz levemente melodiosa se calar. A voz de seu pai era como uma escola da meia-noite, transmitindo ensinamentos nas horas tardias, e o tema era a vida.

Foi o que aconteceu naquela noite: Will fechou os olhos e colocou a cabeça no reboco frio da parede. A princípio, a voz do pai, como um tambor do Congo, ribombara suave e distante, além do horizonte. A voz de sua mãe, o soprano cristalino que ela usava no coro da igreja batista, não soara, apenas entoara respostas. Will imaginou o pai estirado na cama, falando para o teto vazio.

— ...Will... faz com que eu me sinta tão *velho*... um homem deveria jogar beisebol com seu filho...

— Não necessariamente — respondeu uma amistosa voz feminina. — Você é um homem bom.

— ... mesmo numa idade ruim. Droga, eu tinha 40 anos quando ele nasceu! E você! “*Quem é sua filha?*”, as pessoas perguntam. Deus, quando a gente se deita, os pensamentos viram papa. Droga!

Will ouviu o ruído da cama enquanto seu pai se sentava no escuro. Um fósforo foi aceso, e o cachimbo, fumado. O vento fazia as janelas baterem.

— ... um homem com cartazes debaixo do braço...

— ... parque de diversões... — disse a voz da mãe — ... perto assim do *fim do ano*?

Will queria se virar, mas não conseguia.

— ... a mais bela... mulher... do mundo — murmurou a voz do pai.

A mãe riu baixinho.

— Você sabe que não sou eu.

“Não!”, pensou Will, “isso está no cartaz! Por que papai não *explica* para ela!!?”

— *Porque* — respondeu Will para si mesmo — está rolando alguma coisa. Ah, alguma coisa *está* rolando!

Will via o cartaz ondular entre as árvores, as palavras “A MAIS BELA MULHER”, e o calor queimar a sua face. Pensou em Jim, na rua do Teatro, nas pessoas nuas no palco que era aquela janela do Teatro, doidas como uma ópera chinesa, tão malucas como numa antiga ópera chinesa, judô, jiu-jítsu, enigmas índios, e agora a voz de seu pai divagando, triste, triste demais para entender o que ele dizia. E, então, ficou assustado porque o pai não falara

nada sobre o cartaz que queimara em segredo. Will olhou pela janela. Lá! Como uma plumagem branca! O papel dançava no ar.

— Não — sussurrou ele —, nenhum parque de diversões vai chegar a *essa* hora. Não pode ser.

Escondeu-se, então, embaixo das cobertas, acendeu a lanterna e abriu um livro. A primeira imagem que viu foi a de um réptil pré-histórico batendo as asas num céu noturno desaparecido havia milhões de anos.

“Puxa”, pensou ele, “na correria peguei o livro do Jim e ele ficou com um dos meus.”

Mas tratava-se de um réptil bem interessante.

E, voando para mergulhar no sono, achou ter ouvido seu pai, inquieto, no andar de baixo. A porta da frente se fechou. Seu pai estava voltando para o trabalho tarde da noite, sem nenhuma razão aparente, para lidar com vassouras ou livros, lá no centro da cidade, longe... longe...

E sua mãe se encontrava dormindo, satisfeita, sem saber que ele se fora.

Capítulo 9

Ninguém mais no mundo tinha um nome que saía tão bem da boca.

— Jim Nightshade. Sou eu.

Jim era alto e, agora que estava deitado, parecia comprido na cama, os ossos ajustando-se bem à carne, a carne bem ajustada aos ossos. Os livros da biblioteca permaneciam fechados, junto de sua mão direita relaxada.

Seus olhos atentos eram tão escuros quanto o crepúsculo, com olheiras que remontavam ao tempo, como dizia sua mãe, em que ele quase morrera, aos 3 anos de idade, algo do qual ainda se lembrava. Os cabelos eram de uma cor escura, como uma castanheira no outono, e as veias em suas têmporas, nas sobrancelhas, no pescoço, nos punhos e sobre as mãos delgadas, de um azul-escuro. Parecia esculpido em mármore negro aquele Jim Nightshade, um garoto que falava menos e sorria cada vez menos à medida que envelhecia.

O problema com Jim é que ele olhava para o mundo e não conseguia tirar os olhos dele. E, se você nunca desvia o olhar em toda a vida, quando se chega aos 13 anos é como se já tivessem *passado 20*, apenas observando a sujeira do mundo.

Já Will Halloway, desde muito cedo, sempre tivera a capacidade de olhar além, por cima ou para o lado. E assim, aos 13 anos, economizara seis de visões desagradáveis.

Jim conhecia cada centímetro de sua própria sombra, podia tê-la recortado em papel preto, desdobrado e pendurado num mastro como seu estandarte.

Já Will, este ficava ocasionalmente surpreso vendo sua sombra segui-lo, mas apenas isso.

— Jim? Está acordado?

— Oi, mãe.

A porta se abriu e fechou. Ele sentiu o peso da mãe sobre a sua cama.

— Por Deus, Jim, suas mãos estão geladas. Você não devia deixar a janela aberta desse jeito. Cuidado com a sua saúde.

— *Falou.*

— Não diga “falou” desse modo. Você não saberá o quanto não falar assim é importante até ter tido três filhos e perdido todos, menos um.

— Eu nunca terei filhos — disse Jim.

— É o que diz agora.

— Eu *sei que não vou*. Eu sei tudo.

A mãe deixou passar um momento.

— O que você sabe?

— Não vale a pena fazer mais pessoas. Elas morrem!

Seu tom voz era muito calmo e tranquilo, quase triste.

— Isso é tudo.

— Quase tudo. *Você* está aqui, Jim. Se não estivesse, eu teria desistido de tudo há muito tempo.

— Mãe. — Seguiu-se um longo silêncio. — Ainda se lembra do rosto do meu pai? Eu me pareço com ele?

— O dia que você for embora será o dia em que ele também partirá para sempre.

— Quem irá embora?

— Quem? Mesmo deitado aí, você corre demais. Eu nunca vi ninguém que se mexesse tanto enquanto dorme. Prometa-me uma coisa, Jim. Aonde quer que você vá, volte com um monte de crianças. Deixe-as correr livremente. Deixe-me mimá-las algum dia.

— Eu nunca vou possuir nada que possa me machucar.

— Vai, então, colecionar apenas pedras, Jim? Todo mundo acaba se machucando mais cedo ou mais tarde.

— Eu, não.

E olhou para a mãe. O rosto dela havia sido machucado muito tempo atrás. E as marcas nunca tinham desaparecido em torno de seus olhos.

— Você viverá e será magoado — disse ela, no escuro. — Mas, quando for a hora, venha me contar. Diga adeus. De outro modo, poderei não deixá-lo ir. E isso não seria terrível, ficar preso aqui?

Ela se levantou de repente e foi fechar a janela, perguntando-se:

— Por que os garotos escancaram as janelas?

— Sangue quente.

— Sangue quente — repetiu ela, de pé. — Essa é a causa de todas as nossas mágoas. E não me pergunte por quê.

A porta se fechou.

Sozinho, Jim abriu a janela novamente e se inclinou para a noite clara.

“Tempestade”, pensou ele, “você está *aí*?”

“Sim.”

“*Sinta... longe*”, para o oeste... uma verdadeira tormenta se aproximando rapidamente!

A sombra do para-raios se estendia sobre a calçada abaixo.

Jim inspirou o ar frio e deixou sair o calor dos pulmões.

“Por que”, pensou ele, “não vou lá em cima, arranco aquele para-raios e o jogo fora?”

“Só para ver o que acontece?”

“Sim.”

“Só para ver o que acontece!”

Capítulo 10

Logo depois da meia-noite.

Passos abafados.

Pela rua deserta vem o vendedor de para-raios, a valise de couro pendurada, quase vazia, na mão que calça a luva de beisebol, o rosto tranquilo. Ele virou a esquina e parou.

Mariposas brancas, leves como papel, batem de encontro à vitrina da loja vazia, olhando para dentro.

E naquela vitrina, como um grande ataúde-barco de vidro da cor das estrelas, suspenso sobre dois cavaletes, jaz um bloco de gelo da Companhia de Neve do Alasca, cortado de um tamanho suficiente para enfeitar o anel de um gigante.

E, aprisionada naquele gelo, está a mais bela mulher do mundo.

O sorriso apagou-se nos lábios do vendedor de para-raios.

No frio daquele gelo, como alguém que tombara e adormecera sob uma avalanche de neve havia mil anos, jovem para sempre, lá está aquela mulher.

Ela é tão bela quanto a luz da manhã, tão fresca como as flores, e tão adorável quanto qualquer donzela pode ser, quando um homem fecha os olhos e a aprisiona, na perfeição de um camafeu, dentro de suas pálpebras.

E o vendedor de para-raios lembra-se de respirar.

Uma vez, havia muito tempo, passeando entre os mármore de Roma e Florença, ele vira mulheres como aquela, mas preservadas em pedra no lugar

de gelo. Outra vez, vagueando pelo Louvre, encontrara mulheres como aquela, tingidas com as cores do verão e imortalizadas com tintas. Ainda, quando menino, esgueirando-se pela fria passagem detrás de uma tela de cinema, procurando por uma poltrona vazia, ele olhara para cima e deparara-se, dominando e inundando a maldita escuridão, com um rosto de mulher como nunca tinha visto desde então, de tamanho e beleza tão grandes, moldado por ossos leitosos e com uma pele da cor do luar, que o deixara paralisado atrás do palco, assombrado pelo movimento de seus lábios, o piscar de seus olhos, o brilho pálido de sua face.

E assim, de anos anteriores, saltavam imagens que fluíam e encontravam nova substância dentro daquele gelo.

De que cor era o cabelo dela? Louro pálido que poderia assumir qualquer cor, uma vez livre daquele frio.

Qual a sua altura?

O prisma do gelo poderia muito bem multiplicar ou diminuir o seu tamanho, na medida em que ele se movia de um lado para o outro diante da loja vazia, diante daquela vitrine, com o suave esvoaçar das mariposas.

Nada disso era importante.

Pois, acima de tudo — e o vendedor de para-raios tremeu —, ele sabia de uma coisa extraordinária.

Se, por algum milagre, as pálpebras dela se abrissem no interior daquela safira e ela o olhasse, ele saberia a cor dos olhos dela.

Ele saberia a cor dos olhos dela.

E se alguém entrasse naquela loja vazia...

Se alguém estendesse a mão, o calor da mão iria... o quê?

Derreter o gelo.

O vendedor de para-raios ficou parado diante do bloco de gelo por um longo momento, os olhos fechados.

Depois soltou a respiração.

Quente como o verão sobre seus dentes.

Sua mão tocou a porta da loja. Ela se abriu. O ar frio do Ártico soprou à sua volta. E ele entrou.

A porta se fechou.

E as mariposas, brancas como a neve, continuaram batendo no vidro da vitrine.

Capítulo 11

A meia-noite passou e os relógios da cidade tocaram à uma, às duas e então às três da madrugada; o badalar dos relógios maiores sacudiu a poeira de velhos brinquedos nos sótãos e descascou a prata de espelhos ainda mais velhos em sótãos ainda mais elevados, provocando sonhos sobre relógios em todas as camas onde crianças dormiam.

Will ouviu aquilo.

Abafado e distante na vastidão da pradaria, o resfolegar de uma locomotiva, o lento avançar de um trem deslizando como um dragão na noite.

Will se sentou na cama.

E na outra casa, como um reflexo no espelho, Jim também se sentou.

Um órgão começou a tocar, ah, tão suavemente, a um milhão de quilômetros de distância.

Num único movimento, Will e Jim debruçaram-se em suas janelas. Sem uma palavra, eles olharam para além do tremulante mar de árvores.

Seus quartos eram altos — como devem ser os quartos de meninos. Daquelas janelas lúgubres, eles podiam disparar seus olhares a distâncias de um tiro de artilharia, para além da biblioteca, da prefeitura, dos depósitos, dos celeiros, das fazendas e até da pradaria deserta!

E lá, na beira do mundo, corria o brilho adorável dos trilhos de uma estrada de ferro, com o cintilar cor de limão ou cereja dos semáforos subindo

até as estrelas.

E lá, naquele precipício da Terra, uma pequena pluma de vapor erguia-se como o primeiro sinal de uma nuvem de tempestade ainda por vir.

O próprio trem surgiu, vagão por vagão, locomotiva, vagão carvoeiro e numerosos vagões de passageiros, todos adormecidos e mergulhados em sonhos, seguindo o troar cheio de fagulhas da máquina. Fogos infernais coloriram as colinas atordoadas. Mesmo daquela distância, era possível imaginar os homens, com seus braços fortes, lançando meteoros de carvão negro na fornalha aberta da locomotiva.

A locomotiva!

Os dois garotos correram para dentro, voltando com binóculos.

— A locomotiva!

— É da Guerra Civil! Não fazem chaminés como aquela desde 1900!

— O restante do trem, *tudo* nele é antigo!

— As flâmulas! As jaulas! E o parque de diversões!

E os dois ficaram ouvindo. A princípio, Will pensou que escutava o ar assoviando rápido dentro de suas narinas. Mas não... era o trem, e aquele órgão sussurrante, lamentoso, no trem.

— Parece música de igreja!

— Diabo. Por que um parque de diversões tocaria música de igreja?

— Não fale no Diabo — sussurrou Will.

— Diabo — repetiu Jim, debruçando-se impetuosamente. — Eu me contive o dia inteiro. Todo mundo já está dormindo, portanto... Diabo!

A música flutuou pelas janelas. Arrepios do tamanho de furúnculos surgiram nos braços de Will.

— Isto *é* música de igreja. Modificada.

— Pelo amor de Deus, estou morrendo de frio, vamos ver a montagem!

— Às três da madrugada?

— Às três da madrugada!

Jim desapareceu.

Por um momento, Will observou a dança de Jim do outro lado, a camisa levantada, as calças sendo vestidas, enquanto, na noite campestre, arfando,

batendo, vinha aquele trem funéreo, com seus vagões de plumagem enegrecida, jaulas da cor do alcaçuz, e o fuliginoso alarido do órgão martelando três hinos indistintos e misturados que talvez sequer existissem de verdade.

— Aqui vou eu!

Jim escorregou pelo cano da calha de sua casa, em direção ao jardim adormecido.

— Jim! Espere!

Will se debateu, enfiando-se em suas roupas.

— Jim, não vá *sozinho*!

E correu atrás.

Capítulo 12

Às vezes, uma pipa voa tão alto, tão senhora de si, que parece conhecer o vento. A pipa voa e então resolve descer num lugar ou em outro, e não importa como seja puxada a linha ou se corra daqui para lá; ela simplesmente vai arrebentar a linha e procurar seu lugar de repouso, forçando que se corra sem fôlego.

— Jim! Espere por mim!

Agora Jim se parecia com aquela pipa, o barbante enlouquecido tendo se rompido, e a sabedoria que ainda lhe restava distanciando de Will, que não tinha alternativa senão correr, preso ao solo, atrás de alguém voando alto, num silêncio sombrio e tão singular.

— Jim, estou indo!

E, correndo, Will pensava: “Cara, é sempre a mesma coisa. Eu falo, e Jim corre. Eu levanto as pedras, e Jim pega as coisas frias embaixo delas. Eu subo nos morros, e Jim escala as torres das igrejas. Eu tenho uma conta no banco. Jim só tem os cabelos de sua cabeça, o grito em sua boca, a camisa nas costas e os tênis nos pés. Como posso pensar que *ele* é mais rico do que eu? Por que”, pensou Will, “eu sento numa pedra para tomar sol, enquanto o bom e velho Jim deixa os pelos dos braços eriçados andando à luz do luar, dançando com os sapos? Eu cuido das vacas, enquanto Jim domestica monstros Gila. Idiota, eu grito para ele. ‘Covarde!’, ele retruca. E aqui... *vamos nós!*”

E eles saíram correndo da cidade, atravessaram os campos e ficaram

embaixo da ponte da ferrovia, com a lua por trás das colinas e os prados tremendo, paralisados sob a camada de orvalho.

BAM!

O trem do parque trovejou sobre a ponte. O órgão gemeu.

— Não tem ninguém tocando! — disse Jim, olhando para cima.

— Não brinca, Jim!

— Juro pela minha mãe, olhe!

Os tubos do órgão tremulavam com cintilações de estrelas, mas ninguém estava sentado diante do teclado. Era o vento, soprando o ar gelado pelos tubos, que produzia aquela música.

Os meninos correram. O trem fez a curva, badalando seu sino funéreo e submarino, afundado, enferrujado, coberto com limo verde, dobrando, dobrando. E então o apito da locomotiva soltou um grande penacho de vapor e Will sentiu um calafrio.

Quantas vezes Will ouvira, tarde da noite, trens apitarem e soltarem fumaça no limiar do sono, solitários e distantes, não importava o quanto se aproximassem? Às vezes, ele acordava e encontrava lágrimas em seu rosto, perguntava-se por que e se deitava novamente, ouvindo e pensando. “Sim!, *eles* me fazem chorar, indo para o leste, indo para o oeste, trens perdidos nas profundezas do campo, afogando-se nas ondas de sono que escapam das cidades.”

Aqueles trens e seus sons lúgubres, para sempre perdidos entre as estações, não mais se lembrando de onde haviam estado, nem imaginando para onde poderiam ir, exalando seus últimos suspiros de vapor pálido sobre um horizonte desaparecendo. Fora sempre assim com todos os trens.

Mas o apito *daquele* trem!

O ulular de uma vida inteira estava concentrado nele, tirado de outras noites em outros anos sonolentos; o uivo de cães sonhando com a lua, o sopro penetrante de ventos gelados através das telas da varanda em janeiro, gelando o sangue, o lamento de mil sirenes de bombeiros, ou pior! Os derradeiros sopros, o protesto de um bilhão de pessoas mortas ou moribundas, não querendo estar mortas, seus gemidos, seus suspiros, lançados sobre a terra!

Lágrimas brilharam nos olhos de Will. Ele estremeceu e se ajoelhou. Fingiu que estava amarrando os cordões dos sapatos.

Foi quando viu as mãos de Jim taparem *seus* ouvidos, os olhos igualmente úmidos. O apito soou outra vez. E Jim gritou contra aquele som. O apito guinchou. Will guinchou em resposta.

Foi quando aquele bilhão de vozes se calou, subitamente, como se o trem tivesse mergulhado em uma tempestade de fogo saindo da terra.

A composição deslizou suavemente, perdendo velocidade, as bandeiras negras pendendo, a fuligem caindo como um confete negro em sua esteira, colina abaixo, enquanto os garotos o perseguiam, num ar tão gelado que parecia que engoliam sorvete cada vez que respiravam.

Subiram a última colina e olharam para baixo.

— Puxa — choramingou Jim.

O trem parou nos Campos da Lua de Rolfe, que tinham esse nome porque os casais da cidade iam até lá para ver a lua nascer sobre uma terra tão vasta que parecia um mar interior, coberto de grama na primavera, ou feno no final do verão, ou neve no inverno, e era bom caminhar ali na praia daquele mar seco vendo a lua erguer-se, tremulando em suas ondas.

Bem, o trem do parque estava parado lá agora, sobre o capim do outono, nos velhos trilhos perto do bosque, e os meninos agachados junto a um arbusto, aguardando.

— Está tudo tão quieto — sussurrou Will.

O trem simplesmente permaneceu ali, no meio daquele campo seco, outonal, sem ninguém na locomotiva ou no vagão-restaurant, ninguém nos carros de passageiros; tudo, enfim, completamente negro sob a luz do luar, e só se ouviam os sons do metal esfriando e estalando sobre os trilhos.

— Silêncio — disse Jim. — *Sinto* que estão se *movendo* lá dentro.

Will sentiu os pelos do corpo se eriçarem.

— Você acha que eles se *incomodariam* com a gente olhando?

— Talvez — respondeu Jim, alegre.

— Então, para que serve aquele órgão barulhento?

— Quando descobrir, eu te conto — sorriu Jim. — Olhe!

Um sussurro.

Como se caísse diretamente do céu, um enorme balão verde-musgo tocou a lua.

Ele estacionou a duzentos metros de altura, afastando-se ao sabor do vento.

— A cesta sob o balão. Tem alguém *dentro* dela!

Então um homem alto desceu do último vagão, como um capitão avaliando as marés daquele mar interior. Todo vestido de preto, o rosto sombrio, ele avançou até o centro do campo, sua camisa tão negra quanto as mãos enluvadas que ele agora estendia para o céu.

Fez um único gesto.

E o trem ganhou vida.

Primeiro, uma cabeça apareceu em uma das janelas, depois um braço, e então outra cabeça, como os bonecos num teatro de marionetes. E, de repente, dois homens de preto surgiram carregando o mastro da tenda negra por sobre o capim sibilante.

Foi o silêncio que fez com que Will retrocedesse, enquanto Jim se inclinava para a frente, os olhos brilhando ao luar.

Um parque de diversões devia ser todo rugidos, grunhidos, como troncos empilhados soltando-se e rolando, grandes explosões entre homens suados com a fúria do trabalho, garrafas destampando, rédeas tremendo, máquinas e elefantes correndo através de chuvas de suor, enquanto as zebras se juntavam e tremiam no interior de suas jaulas.

Mas aquilo era como um filme antigo, uma sala de cinema mudo assombrada por fantasmas em preto e branco, bocas prateadas abrindo-se para deixar escapar uma fumaça tingida pelo luar, gestos feitos num silêncio tão grande que se poderia ouvir o vento sibilar nos pelos do rosto.

Mais sombras escaparam do trem, passando por jaulas de animais onde a escuridão espreitava com olhos apagados, e o órgão continuava mudo, exceto por um som bem fraco que a brisa ainda produzia ao subir pelos tubos.

O mestre de cerimônias ficou de pé no meio do campo. E o balão, como um queijo verde e mofado, ficou imóvel, fixo no céu. Foi quando veio... a

escuridão.

A última coisa que Will viu foi o balão descendo, enquanto as nuvens cobriam a lua.

Dentro da noite, ele percebeu os homens correrem para finalizar tarefas ocultas. Sentiu que o balão, como uma grande aranha gorda, puxava as linhas e as estacas, erguendo uma trama para o céu.

As nuvens subiram. O balão moveu-se.

No prado, erguia-se agora o esqueleto de mastros e cabos da tenda principal, esperando por sua pele de lona.

Mais nuvens derramaram-se sobre a lua branca. Nas sombras Will tremeu. Ouviu Jim se arrastar para a frente, segurou-lhe o tornozelo e sentiu o enrijecimento.

— Espere! — disse Will. — Eles estão trazendo a lona!

— Não — respondeu Jim. — Ah, não...

Porque, de algum modo, eles sabiam que os fios no alto dos mastros estavam apanhando as nuvens que passavam rápidas, arrancando-as dos ventos em faixas que eram estendidas e costuradas por alguma sombra monstruosa, criando mais e mais lona à medida que a tenda tomava forma. E, finalmente, ouviu-se o som de grandes bandeiras ondularem.

O movimento cessou. A escuridão dentro da escuridão se aquietou.

Will estava deitado, os olhos fechados, ouvindo o bater de grandes asas negras, como se um imenso pássaro ancestral tivesse descido para morar, respirar e sobreviver no prado adormecido.

As nuvens desapareceram.

O balão se foi.

Os homens se foram.

E as tendas ondularam como chuva negra em seus mastros.

De repente, a cidade parecia distante demais.

Instintivamente, Will olhou para trás.

Nada senão capim e sussurros.

Olhou de novo para as tendas silenciosas, escuras, aparentemente vazias.

— Eu estou gostando disso — murmurou ele.

Jim não conseguia desviar os olhos das tendas.

— É — sussurrou ele. — É isso aí.

Will ficou de pé. Jim continuava deitado no chão.

— Jim! — chamou Will.

Jim levantou a cabeça como se tivesse sido esbofeteado. Ficou de joelhos e em seguida se levantou. Seu corpo se virou, mas seus olhos continuavam pregados naquelas bandeiras negras, os anúncios das atrações secundárias cheias de asas, chifres e sorrisos demoníacos.

Um pássaro grasnou.

Jim deu um salto. Assustou-se.

E as sombras das nuvens fizeram-no correr em pânico pelas colinas até o limiar da cidade.

E, dali, os dois meninos prosseguiram sozinhos.

Capítulo 13

O ar soprava frio através da janela escancarada da biblioteca.

Charles Halloway passara um bom tempo lá.

Agora, ele estava agitado.

Pela rua abaixo corriam duas sombras com dois meninos acima delas, igualando seus passos. Eles deixavam fios de névoa no ar noturno.

— Jim — gritou o velho. — Will!

Mas sua voz não foi suficientemente alta.

E os meninos prosseguiram em sua carreira para casa.

Charles Halloway olhou para o horizonte.

Caminhando sozinho pela biblioteca e deixando que sua vassoura lhe dissesse coisas que ninguém mais poderia ouvir, ele também havia escutado o apito do trem e a música desconjuntada do órgão.

— Três — murmurou ele, agora em voz alta. — Três horas da madrugada...

No prado, as tendas do parque de diversões aguardavam. Aguardavam por alguém; alguém que caminhasse pelo capim ondulante. As grandes tendas inchavam como foles. Expelindo sopros de um ar que tinha o cheiro de feras ancestrais.

Somente a lua fitava a escuridão oca, as profundas cavernas. Lá fora, bestas noturnas imobilizavam-se em meio a galopes, em cima de um carrossel. Mais além estava o Labirinto de Espelhos, que continha uma multidão de molduras

vazias, paradas, serenas, prateadas com a idade, brancas com o tempo. E qualquer sombra na porta de entrada poderia provocar reverberações da cor do medo, revelar luas profundamente enterradas.

Se um homem entrasse lá, será que ele se veria desdobrado um bilhão de vezes pela eternidade? Será que um bilhão de imagens olhariam de volta para ele, cada rosto, e o rosto seguinte cada vez mais velho? Será que ele não se veria reduzido a uma fina poeira nas profundezas, não mais com 50 anos, mas com 60; não com 60, mas com 70; não com 70, mas com 80, 90, 99 anos de idade?

O Labirinto não fazia perguntas.

O Labirinto não revelava seus segredos.

Ele simplesmente estava lá, esperando, como um grande iceberg.

— Três horas da madrugada...

Charles Halloway sentiu frio. Sua pele, de repente, assemelhou-se à de um lagarto. Seu estômago pareceu estar cheio de sangue transformado em ferrugem. Sua boca tinha o gosto da saliva noturna.

E, no entanto, ele não podia se afastar da janela da biblioteca.

Bem longe, alguma coisa brilhava no campo.

Era a luz do luar refletindo-se num grande espelho.

Talvez aquela luz significasse alguma coisa, talvez ela falasse em códigos.

“Eu *vou* lá”, pensou Charles Halloway, “eu *não vou* lá.”

“Eu *gosto* daquilo”, pensou ele, “eu *não gosto* daquilo.”

Um instante depois, a porta da biblioteca bateu.

Caminhando para casa, ele passou pela vitrine da loja vazia.

Do lado de dentro erguiam-se dois cavaletes abandonados.

Entre eles havia uma poça d’água. E na água flutuavam alguns poucos estilhaços de gelo. E no gelo havia alguns fios longos de cabelo.

Charles Halloway viu, mas preferiu não ver. Ele se virou e partiu. E logo a rua estava tão deserta quanto a vitrine da loja de ferramentas.

Bem longe, lá no prado, sombras tremulavam no Labirinto de Espelhos, como se partes da vida de alguém que ainda não havia nascido estivessem aprisionadas aguardando para serem vividas.

E assim o Labirinto esperava, seu olhar frio aguardando que, pelo menos, um pássaro viesse olhar e voasse para longe grasnando.

Mas nenhum pássaro veio.

Capítulo 14

— Três — disse uma voz.

Will escutou, com frio, mas se aquecendo, feliz por ter novamente um teto sobre a cabeça, um assoalho sob os pés, paredes, e uma porta entre ele e a exposição excessiva, a liberdade excessiva, a noite excessiva.

— Três...

A voz de seu pai novamente em casa, ele já estava andando no corredor e falando sozinho.

— Três...

“Ora essa”, pensou Will, “foi nessa hora que o trem chegou.” Será que o pai tinha visto, ouvido, acompanhado o que acontecera?

“Não, ele não *deve ter* ouvido, nem acompanhado nada.” Will se agachou. “Por que não?” Ele tremeu. “De que tinha medo?”

“Parque de diversões, avançando como um estouro de ondas negras sobre a praia mais à frente? Medo de que ele, Jim e seu pai soubessem aquilo que a cidade adormecida ignorava, seria *isso*?”

“Sim”, encolheu-se Will. “Sim...”

— Três...

“Três da madrugada”, continuava pensando Charles Halloway, sentado na beira de sua cama. “Por que o trem havia chegado exatamente àquela hora?”

“Porque”, pensou ele, “se tratava de um horário especial. As mulheres nunca acordam a essa hora, acordam? Elas dormem como bebês. Mas os

homens de meia-idade conhecem muito bem as três da madrugada. Ah! Deus, a meia-noite não é uma hora ruim, acordamos e volta-se a dormir, uma ou duas da manhã também não são horas ruins, viramos na cama e adormecemos de novo. Às cinco ou às seis existe esperança, pois a aurora está prestes a subir no horizonte. Mas às três! Ah! Deus do Céu, às três da madrugada! Os médicos dizem que o corpo está na maré baixa já nessa hora. A alma se foi. O sangue se move lentamente. Está mais perto da morte do que jamais estará, senão ao morrer. O sono é um pedaço de morte, mas às três da madrugada ela está lá, a morte em vida, de olhos arregalados! Sonhavam de olhos abertos. Deus, se houvesse força para nos levantarmos; se destruiriam esses sonhos acordados com um só golpe! Mas não, ficamos pregados na cama, no fundo de um poço seco. A lua passa com a sua face idiota para prostrados. O poente está bem longe, e a aurora também; por isso juntamos todas as coisas tolas de uma vida, todas aquelas coisas adoráveis e estúpidas que fizemos com pessoas que conhecemos tão bem e que agora estão mortas... E não era verdade, ele lera isso em algum lugar, que, nos hospitais, mais pessoas morrem às três da madrugada do que em qualquer outro horário...?”

“Pare!”, gritou ele silenciosamente.

— Charlie? — murmurou sua esposa.

Ele tirou o outro sapato devagar.

Sua mulher sorria dormindo.

Por quê?

Porque ela é imortal. Ela tem um filho.

Que é seu filho também!

Mas que pai pode realmente acreditar nisso? Ele não carregou nenhum peso, não sentiu nenhuma dor. Que homem é capaz de se deitar na escuridão, como uma mulher, e se levantar com um filho? Seus sorrisos suaves, gentis, guardam o segredo. Ah, que relógios estranhos e maravilhosos são as mulheres. Elas se aninham no tempo. Elas criam a carne que agarra e une a eternidade. Elas vivem dentro de uma bênção, conhecem o poder, aceitam-no e não precisam mencioná-lo. Para que falar do Tempo quando *somos* o Tempo e moldamos os momentos do universo à medida que eles vão

passando, transformando-os em ternura e movimento? E como os homens invejam e frequentemente odeiam esses relógios cálidos, essas esposas que sabem que vão viver para sempre. E então, o que fazemos? Nós, homens, tornamo-nos terrivelmente mesquinhos, porque não podemos nos prender ao mundo ou a nós mesmos ou a coisa alguma. Somos cegos para a continuidade, tudo se quebra, cai, derrete, para, apodrece ou foge. E, como não podemos moldar o tempo, como ficamos? Insones, olhando.

Três da madrugada. Essa é a nossa recompensa. Três da madrugada. A meia-noite da alma. A maré se vai, a alma escapa. E um trem chega na hora do desespero... *Por quê?*

— Charlie...?

A mão da esposa acaricia a dele.

— Você... *está bem*... Charlie?

Ela murmurou no sono.

Ele não respondeu.

Ele não podia contar para ela como estava se sentindo.

Capítulo 15

O sol se ergueu, amarelo como um melão.

O céu estava redondo e azul.

Os pássaros trinavam canções, límpidas como a água, no ar.

Will e Jim debruçaram-se em suas janelas.

Nada havia mudado.

Exceto uma expressão nos olhos de Jim.

— Ontem à noite... — disse Will. — Aquilo aconteceu ou não?

Ambos olharam para os campos distantes.

O ar parecia doce como melado. Eles não conseguiam encontrar sombras em parte alguma, nem mesmo sob as árvores.

— Seis minutos! — gritou Jim.

— Cinco!

Quatro minutos depois, com os flocos de cereais pulando no estômago, eles saíram da cidade, pisando nas folhas do outono até transformá-las em poeira avermelhada.

Com a respiração ofegante, ergueram os olhos da terra que estavam pisando.

E o parque de diversões continuava lá.

— Ei...

As tendas eram amarelas como o sol, douradas como os campos de trigo de algumas semanas atrás. Bandeiras e flâmulas de uma cor brilhante, como

sanhaços, ondulavam acima da lona da cor de um leão. Das barracas coloridas como algodão-doce vinha o cheiro de bacon e ovos, cachorro-quente e panquecas bailando no vento. Meninos corriam por toda parte, e seus pais sonolentos seguiam-nos.

— É apenas um velho parque de diversões — disse Will.

— Uma ova! — disse Jim. — Nós não estávamos cegos ontem à noite. Vamos!

Avançaram cerca de cem metros, até ficarem bem no meio do parque, e, quanto mais se aproximavam, tornava-se óbvio que não iam encontrar homens sombrios lançando balões negros, enquanto estranhas tendas erguiam-se como nuvens de trovoada. De perto, o parque era feito de cordas descoradas, lonas comidas por traças e enfeites gastos pelas chuvas e descoloridos pelo sol. As pinturas, anunciando as atrações secundárias, ficavam penduradas em mastros, tristes como albatrozes, ondulando no vento e deixando cair partículas de tinta velha, tremulando e ao mesmo tempo revelando as torpes maravilhas do homem magro, do homem gordo, do cabeça de agulha, do homem tatuado, da dançarina de hula-hula.

Os meninos procuraram, mas não conseguiram encontrar, esferas misteriosas de gás maligno, presas por misteriosos nós orientais a punhais mergulhados na terra negra, nem bilheteiros maníacos obcecados por terríveis vinganças. O órgão, junto da barraca de ingressos, não anunciava mortes nem tocava canções tolas para si mesmo. O trem? Parado num desvio cercado de grama, era velho, realmente, e soldado com ferrugem, mas parecia um magneto titânico que se juntara, unindo entranhas de locomotivas de três continentes, êmbolos, volantes, chaminés e o que mais sobrara. Não perfazia uma silhueta negra e fúnebre. Pedira permissão para cair morto em meio às folhas secas do outono, demasiadamente cansado, deixando escapar vapor e poeira de ferro.

— Jim! Will!

E lá vinha a Senhorita Foley, a professora deles da 7ª série, toda sorrisos, pelo caminho por entre as tendas.

— Garotos — disse ela —, o que há de errado? Vocês parecem ter perdido

alguma coisa.

— Bem — respondeu Will —, na noite passada, a senhorita ouviu um órgão tocando...

— Órgão? Não...

— Então, por que está aqui tão cedo, Senhorita Foley? — perguntou Jim.

— Porque eu adoro parques de diversões — respondeu aquela mulher pequena, de cabelos grisalhos, na faixa dos 50 anos, toda sorridente. — Vou comprar uns cachorros-quentes para vocês comerem enquanto procuro pelo bobo do meu sobrinho. Vocês o *viram*?

— Seu sobrinho?

— Robert. Vai ficar comigo algumas semanas. O pai morreu, a mãe está doente em Wisconsin. Eu o trouxe para ficar comigo. Ele correu para cá de manhã cedo. Disse que me encontraria aqui. Mas sabe como são os garotos! Nossa, vocês parecem tão desanimados. — Ela comprou comida para eles. — Comam! Alegrem-se! As atrações serão abertas dentro de dez minutos. Enquanto isso, acho que vou dar uma olhada naquele Labirinto de Espelhos e...

— Não! — disse Will.

— Não o quê? — perguntou a Senhorita Foley.

— Não entre no Labirinto de Espelhos. — Will engoliu em seco. E olhou para os reflexos profundos. Nunca ninguém conseguiria achar a saída lá. Era como uma coisa terrível se erguendo, esperando para matar com um único olhar. — Senhorita Foley — disse ele finalmente e admirou-se por ouvir sua boca dizendo: —, não entre lá.

— Por que não?

Jim olhava fascinado para o rosto de Will.

— É, diga para a gente por que não? — desafiou Jim.

— As pessoas se perdem lá — disse Will, sem convicção.

— Mais um motivo. Robert pode estar andando por lá e não vai encontrar a saída se eu não for puxá-lo pela orelha...

— Ninguém pode dizer... — Will não conseguia tirar os olhos daqueles milhões de quilômetros de vidros espelhados. — o que pode estar nadando lá

dentro...

— Nadando! — A Senhorita Foley riu. — Que mente adorável você tem, Willy. Bem, é verdade, mas como sou um peixe velho...

— Senhorita Foley!

A Senhorita Foley acenou, fez uma pose, deu um passo e desapareceu no oceano de espelhos. Os dois ficaram olhando enquanto ela ondulava, mergulhava cada vez mais fundo e finalmente se dissolvia, cinza contra prata.

Jim puxou a mão de Will.

— O que foi *aquela* história toda?

— Nossa, Jim, são os espelhos! Eles são a única coisa de que não gosto. Quero dizer, são a única coisa que não *mudou* desde a noite passada.

— Cara, você tomou sol de mais — bufou Jim. — Aquele Labirinto é... — A voz dele se dissipou. Sentiu o ar frio soprando, como de dentro de um frigorífico, por entre os altos reflexos.

— Jim? O que você está querendo dizer?

Mas Jim não disse nada. Depois de um longo tempo, bateu com a mão na nuca.

— Ei, ele faz mesmo! — gritou, admirado.

— Faz o quê? — perguntou Will.

— O cabelo arrepiar! Eu li isso a vida inteira. As histórias assustadoras fazem os cabelos ficarem em pé! E os meus estão ficando assim neste instante!

— Puxa, Jim. Os meus também!

Ambos ficaram fascinados com aquele arrepio frio no pescoço e os cabelinhos eriçados sobre o couro cabeludo.

Houve um tremular de luz e sombra.

Andando pelo Labirinto de Espelhos, havia duas, quatro, uma dúzia de Senhoritas Foley.

Eles não sabiam qual delas era a verdadeira e, assim, acenaram para todas.

Mas nenhuma das Senhoritas Foley acenou de volta ou pareceu vê-los. Cegas, elas caminhavam. E cegas batiam com as unhas no vidro frio.

— Senhorita Foley!

Os olhos delas, arregalados como se tivessem sido atingidos pelo *flash* de

uma máquina fotográfica, estavam brancos como os olhos de uma estátua. Lá no fundo daqueles vidros elas falavam. Murmuravam. Choramingavam. E agora gritavam. E como gritavam. Bateram no vidro com a cabeça, com os cotovelos, tontas como as mariposas cegas pela luz, e ergueram as mãos em garras.

— Ah, meu Deus! Me ajudem! — gritavam elas. — Me ajudem, meu Deus!

Jim e Will viram os próprios rostos pálidos, seus olhos arregalados nos espelhos, enquanto saltavam.

— Aqui! Senhorita Foley! — disse Jim, machucando a testa.

— Venha por *aqui*! — disse Will, encontrando apenas vidro frio.

Uma mão lançou-se do espaço vazio. A mão de uma mulher velha afundando pela última vez. Ela agarraria qualquer coisa para se salvar. E essa coisa foi Will. Ela o puxou para baixo.

— Will!

— Jim! Jim!

E Jim o segurou e ele agarrou a mão dela, puxando-a para fora dos espelhos que deslizavam silenciosamente, por mares desolados.

Então saíram para a luz do sol.

A Senhorita Foley levou uma das mãos à face machucada, soluçou, murmurou alguma coisa, depois riu levemente e enxugou os olhos, ofegante.

— Obrigada Will, Jim, ah, muito obrigada, eu estava me afogando! Quero dizer... Ah, Will você estava *certo*! Meu Deus, vocês a *viram*, ela está perdida, afogada lá dentro, pobre garota, ah, pobrezinha... salvem-na, ah, nós temos que *salvá-la*!

— Senhorita Foley, a Senhorita está me machucando. — Will retirou, com firmeza, os dedos da mulher de seu braço. — Não há ninguém lá.

— Eu a vi! Por favor! Olhem! Salvem-na!

Will pulou para a entrada do Labirinto e então parou. O bilheteiro dirigiu-lhe um olhar preguiçoso de desprezo. Will voltou para junto da Senhorita Foley.

— Eu juro que ninguém entrou nem antes, nem depois da senhorita. Foi minha culpa. Eu brinquei a respeito da água, a senhorita ficou confusa,

perdida e assustada...

Mas, se ela ouviu, não demonstrou, continuou mordendo o dorso da mão, sua voz igual à de alguém que saíra do mar depois de perder o fôlego num longo mergulho, sem esperança de vida e que agora se via livre.

— Perdida? Ela está no fundo! Pobre menina. Eu a conhecia. “Eu a *conheço!*”, falei, quando a vi há um minuto. Eu acenei, e ela acenou, dizendo “Olá!”. Então corri... e *bum!* Caí. *Ela* caiu. Uma dúzia, milhares delas caíram. “Espere!”, pedi. Ah, ela parecia tão bem, tão adorável, tão jovem. Mas me assustou. “O que você está fazendo *aqui?*”, perguntei. “Estou aqui porque”, acho que foi isso o que ela disse, “*eu* sou real. Você *não!*” Ela riu lá no fundo da água. E correu para dentro do Labirinto. Nós *temos* de encontrá-la! Antes que...

E a Senhorita Foley, com o braço de Will ainda a envolvê-la, deu um último suspiro trêmulo e ficou estranhamente silenciosa.

Jim olhava para a profundidade daqueles espelhos frios, procurando por tubarões que não podiam ser vistos.

— Senhorita Foley — disse ele —, com quem *ela* se parecia?

A voz da Senhorita Foley estava fraca, mas calma.

— Na verdade, ela... se parecia comigo, há muitos e muitos anos. Eu vou para casa agora — disse ela.

— Senhorita Foley, nós vamos...

— Não, fiquem aqui. Eu estou bem. Divirtam-se, garotos. Aproveitem.

E ela se afastou lentamente, sozinha, pelo caminho central da saída.

Em algum lugar, um animal imenso passou pela água. O cheiro de amônia fez o vento parecer antigo enquanto aquilo passava.

— Eu vou embora! — disse Will.

— Will — chamou Jim. — Vamos ficar até o sol se pôr, cara, até escurecer e descobrirmos *tudo*. Você está com medo?

— Não — murmurou Will. — Mas... será que mais alguém vai querer entrar naquele Labirinto?

Jim olhou para as profundezas do mar sem fundo, onde agora apenas a luz pura olhava de volta para si mesma, erguendo vazio sobre vazio diante dos

olhos deles.

— Ninguém. — Jim sentiu seu coração bater duas vezes. — ... Eu acho.

Capítulo 16

Uma coisa ruim aconteceu ao pôr do sol.

Jim desaparecera.

Pela manhã e pela tarde os dois garotos haviam experimentado aos gritos metade das atrações, derrubado garrafas de leite sujas, acertado alvos, cheirando, ouvindo, abrindo caminho através da multidão, enquanto pisoteavam a serragem cheia de folhas.

E, subitamente, Jim sumiu.

E Will, sem perguntar a ninguém exceto a si mesmo, absoluta e silenciosamente convicto, caminhou em silêncio através da multidão, enquanto o céu ficava cor de ameixa, até chegar ao Labirinto, pagar o bilheteiro com uma moeda e dar um passo para dentro, chamando baixinho, só uma vez:

— ... Jim...?

E Jim estava lá, metade dentro, metade fora daquelas ondas de vidro frio, como alguém abandonado em uma praia depois que o amigo nadou para longe, e sem saber se ele haveria de voltar. Jim estava inerte, como se não tivesse piscado nos últimos cinco minutos, olhando fixamente, com a boca semiaberta, esperando a próxima onda chegar para lhe mostrar mais.

— Jim! Saia daí!

— Will... — Jim suspirou baixinho. — Me deixe em paz.

— Uma ova! — Com um salto, Will agarrou o cinto de Jim e o puxou.

Caminhando para trás, Jim parecia não saber que estava sendo arrastado para fora do Labirinto. Ele continuava protestando, admirado com algum prodígio invisível: — Ah, Will, ah, Willy, Will, ah, Willy...

— Jim, você ficou maluco, vou levar você para casa!

— O quê? O quê? O quê?

Agora, eles estavam no ar frio. O céu se tornara mais escuro do que as ameixas, com algumas nuvens ardendo nos últimos raios solares bem lá em cima. E seu brilho vermelho queimou o rosto febril de Jim, com os lábios abertos, os olhos verdes arregalados e brilhantes.

— Jim, o que você viu lá dentro? O mesmo que a Senhorita Foley?

— O quê? O quê?

— Eu vou quebrar o seu nariz! Vamos embora! — Ele chacoalhou, puxou, empurrou, praticamente carregou aquela febre, aquele alvoroço, aquele amigo que não opunha qualquer resistência.

— Não posso lhe contar, Will, você não ia acreditar, não posso lhe contar; lá dentro, ah, lá dentro...

— Cala a boca! — Will socou o braço dele. — Você me deixa apavorado, do mesmo jeito que *ela* nos deixou. Droga! Está quase na hora do jantar. Nossos pais vão pensar que estamos mortos e enterrados!

Agora estavam caminhando lado a lado, pisando o capim do outono com seus sapatos, deixando para trás as tendas, nos campos que cheiravam a feno e folhas mofadas: Will olhando para a cidade, e Jim olhando para trás, para as bandeiras que agora enegreciam, enquanto os últimos raios do sol se ocultavam abaixo do horizonte.

— Will, nós temos que voltar. Esta noite...

— Tá legal, volte sozinho.

Jim parou.

— Você não me deixaria voltar lá sozinho. Você vai estar sempre por perto, não vai, Will? Para me proteger?

— Como se você precisasse de proteção. — Will riu uma vez e não voltou a rir, porque Jim estava olhando para ele, os últimos raios de luz morrendo em sua boca, presos nas pequenas cavidades de suas narinas e nos olhos imóveis.

— Você vai estar sempre comigo, não é, Will?

Jim limitou-se a soltar um bafo quente sobre ele, e seu sangue se agitou com as velhas e conhecidas respostas: sim, sim, você sabe disso, sim, sim.

E, ao se virarem, tropeçaram numa volumosa bolsa de couro, fazendo um estardalhaço.

Capítulo 17

Ficaram parados um momento, em cima da enorme bolsa de couro.

De um modo furtivo, Will a chutou, provocando um som metálico.

— Isso pertence ao vendedor de para-raios!

Jim enfiou uma das mãos dentro da bolsa de couro e retirou uma haste de metal coberta com quimeras, dragões chineses cheios de presas, olhos e couraças verde-limo, cruzes e luas crescentes; todos os símbolos ao redor do mundo capazes de proteger os homens, ou que pareciam capazes de protegê-los, recobriam-na, pesando sobre as mãos dos meninos com sua estranha força e significado.

— A tempestade nunca veio. Então ele *se foi*.

— *Para onde?* E por que deixou sua sacola?

Olharam na direção do parque de diversões, para a escuridão do entardecer que coloria a lona ondulante. As pessoas, dentro de seus carros, buzonavam a caminho de casa, numa comoção cansada. Meninos em bicicletas assobiavam para que seus cães os seguissem. Logo, a noite se faria senhora do caminho central, enquanto as sombras pegariam carona na roda gigante para anuviar as estrelas.

— As pessoas — disse Jim — não abandonam sua vida pelo caminho. Isso aqui era tudo que aquele velho possuía. Algo importante... — Jim respirou fundo — ... fez com que ele a largasse aqui. E então ele foi andando sem levar nada.

— Mas o quê? O que é tão importante a ponto de fazê-lo esquecer tudo?

— Bem... — Jim olhou para o seu amigo, intrigado com o crepúsculo cobrindo seu rosto — ... isso ninguém será capaz de responder. É algo que teremos de descobrir sozinhos. Mistérios e mistérios. O vendedor de tempestade. A bolsa do vendedor de tempestade. Se não buscarmos as respostas agora, nunca saberemos.

— Jim, dentro de dez minutos...

— Eu sei. O parque será tomado pela escuridão. Todos já estarão em casa, jantando. E nós dois estaremos sozinhos. Mas não será o máximo? Somente nós *dois*. Então, vamos voltar lá pra dentro!

Passando pelo Labirinto de Espelhos, eles viram dois exércitos — um bilhão de Jims, um bilhão de Wills — colidirem, desaparecerem. E, como aqueles exércitos, o verdadeiro exército de pessoas também havia sumido.

Os garotos permaneceram parados no acampamento escuro, pensando em todos os meninos na cidade que deviam estar sentados diante de pratos quentes em salas bem iluminadas.

Capítulo 18

A placa em letras vermelhas dizia: ENGUIÇADO! AFASTE-SE!

— Essa placa esteve pendurada aí o dia todo. Eu não acredito em placas — disse Jim.

Examinaram o carrossel, que ficava sob os galhos secos de alguns carvalhos agitados pelo vento. Os cavalos, as cabras, os antílopes e as zebras, trespassados na altura da espinha por lanças de latão, estavam imóveis, contorcendo-se com os espasmos da morte, suplicando piedade com seus olhos coloridos pelo medo, buscando vingança com seus dentes tingidos de pânico.

— Não me parece quebrado.

Jim passou sob a corrente que circundava o carrossel e saltou para a base giratória que parecia tão grande quanto a lua, entre as bestas frenéticas e eternamente enfeitiçadas.

— Jim!

— Will, este é o único brinquedo que nós não *olhamos* ainda. Portanto...

Jim balançou. O mundo lunático do carrossel se mexeu, inclinando-se com seu peso leve. Ele caminhou pela floresta de latão entre os animais. Montou num cavalo cor de ameixa.

— Oooa garoto, vamos!

Um homem se ergueu entre as máquinas escuras.

— Jim!

Esticando seus braços das sombras, entre o órgão e os tambores, o homem pegou Jim e o levantou no ar, fazendo-o espernear.

— Socorro, Will, socorro!

Will correu por entre os animais.

O homem sorriu calmamente e o segurou, erguendo-o também ao lado de Jim. Eles olharam para os cabelos cor de fogo do homem, seus faiscantes olhos azuis e seus bíceps tremulantes.

— Está enguiçado — disse o homem. — Não sabem ler?

— Ponha-os no chão — disse uma voz gentil.

Pendurados, Jim e Will desviaram o olhar para um segundo homem, alto e esguio, atrás das correntes.

— Ponha-os no chão — repetiu ele.

E eles foram carregados através da floresta acobreada de conformadas bestas selvagens e colocados no chão.

— Nós estávamos... — disse Will.

— Curiosos?

Aquele segundo homem aparentava ser tão alto quanto um poste. Seu rosto pálido, com marcas de varíola, parecia iluminar os que estavam embaixo. Seu colete era da cor de sangue fresco. As sobrancelhas, os cabelos, o paletó eram negros cor de alcaçuz, ao passo que a joia amarela, no alfinete da gravata, tinha a mesma tonalidade inerte e cristalina de seus olhos. Mas, naquele instante, imediatamente e com total clareza, era o terno do homem o que mais fascinava Will. Ele parecia um trançado de sarças espinhosas, fios encaracolados e algo que lembrava um linho brilhante e trêmulo. O terno refletia a luz e parecia tremer como um leito de ervas daninhas negras, coçando sem parar, cobrindo o corpo longo do homem com um movimento tal que parecia que ele ia gritar e arrancar aquelas roupas do corpo a qualquer momento. E, no entanto, ele continuava calmo dentro daquele terno de ervas irritantes, observando a boca de Jim com seus olhos amarelos, sem sequer uma vez olhar para Will.

— Meu nome é Dark.

Ele exibiu um cartão de visitas branco. O cartão tornou-se azul.

Sussurro. Vermelho.

Movimento rápido. Um homem verde pendia de uma árvore impressa no cartão.

Outro movimento. Shh.

— Dark. E o meu amigo com cabelos vermelhos ali é o Senhor Cooger. De Cooger e Dark...

Gira, roda, shhh.

Nomes apareciam e desapareciam no retângulo branco: “... Show das Sombras Combinadas...”

Roda, gira.

Uma bruxa apareceu remexendo potes de ervas mofadas.

“... e Companhia Transcontinental de Teatro Pandemônio...”

Ele entregou o cartão para Jim, onde agora se lia:

Nossa especialidade: examinar,

polir, lubrificar e consertar

Besouros da Morte.

Jim leu calmamente a inscrição. E com a mesma tranquilidade enfiou a mão num de seus bolsos sempre cheios de tesouros, vasculhou e depois lhe estendeu a mão.

Sobre a sua palma havia um inseto marrom morto.

— Aqui está — disse Jim. — Conserte *este*.

O Senhor Dark soltou uma gargalhada.

— Soberbo! Farei isso!

Ele estendeu uma das mãos. E a manga de sua camisa foi puxada para cima.

Enguias, minhocas e inscrições em latim, púrpura-claras, pretas, verdes e azuis-relâmpago, podiam ser vistas no pulso do homem.

— Deus! — gritou Will. — Você deve ser o Homem Tatuado!

— Não — corrigiu Jim, observando o estranho. — Ele é o Homem Ilustrado. Há uma diferença.

O Senhor Dark assentiu, satisfeito.

— Qual é o seu nome, garoto?

“Não fale para ele!”, pensou Will, e parou. “Por que não?”, ele se perguntou, “por que não?”

Os lábios de Jim mal se moveram.

— Simon — disse ele.

E sorriu para mostrar que sabia que se tratava de uma mentira.

O Senhor Dark sorriu de volta para mostrar que também sabia.

— Quer ver mais, “Simon”?

Jim não lhe concedeu a satisfação de vê-lo assentir.

Lentamente, com grande prazer, o Senhor Dark arregaçou a manga até o cotovelo.

Jim ficou olhando. Seu braço era como uma cobra ondulante, oscilando e dançando para dar o bote. O Senhor Dark fechou a mão e mexeu os dedos. Seus músculos dançaram.

Will queria dar a volta para ver, mas só conseguia olhar, pensando: “Jim, ah, Jim!”

Pois lá estavam Jim e aquele homem alto, um examinando o outro, como se fossem reflexos na vitrine de uma loja, tarde da noite. O terno escuro do homem projetava uma sombra que colorira a face de Jim, dando uma aparência cinzenta aos seus olhos, no lugar do verde aguçado de sempre. Jim parecia um corredor que viera de longe, a boca febril, as mãos abertas para receber algum prêmio. E, agora mesmo, havia uma dádiva de imagens que se contorciam numa pantomima à medida que o Senhor Dark fazia suas ilustrações se sacudirem em espasmos frios sobre seu pulso quente, as estrelas surgindo acima. Jim olhou, mas Will não pôde ver, e, bem longe, as últimas pessoas da cidade se afastavam em seus carros aquecidos, e Jim apenas dizendo, baixinho, “Puxa...”, enquanto o Senhor Dark arregaçava mais a manga.

— O show acabou. Hora do jantar. O parque abre às sete. Todos para fora. Volte, “Simon”, para cavalgar no carrossel quando ele estiver consertado. Leve este cartão. Entrada grátis.

Jim olhou para o pulso escondido e colocou o cartão em seu bolso.

— Até mais!

Jim correu. Will seguiu atrás.

Jim virou-se, olhou mais uma vez, deu um salto e desapareceu, pela segunda vez, em uma hora.

Will olhou para a árvore onde Jim subia por um galho, escondendo-se. Ele se voltou na direção do parque. O Senhor Dark e o Senhor Cooger estavam de costas, ocupados com o carrossel.

— Depressa, Will!

— Jim...?

— Eles vão te *ver*. Pule!

Will pulou. Jim puxou-o para cima. A grande árvore balançou. Um vento rugiu no céu. Jim ajudou-o a se segurar, ofegante, nos galhos.

— Jim, nós não devíamos estar aqui!

— Cale a boca! Olhe! — sussurrou Jim.

Em algum lugar, entre as engrenagens do carrossel, ouviram pancadas e o ruído de latão batendo, um guincho fraco e o assovio de um órgão a vapor.

— O que havia no braço dele, Jim?

— Uma figura.

— Sim, mas de que tipo?

— Era... — Jim fechou os olhos. — Era... uma figura de uma... cobra... é isso... uma cobra. — Mas, quando abriu os olhos, não conseguiu olhar para Will.

— Não vou ficar chateado se você não quiser me contar.

— Eu contei, Will, era uma cobra. Vou pedir a ele para te mostrar depois. Você quer?

“Não”, pensou Will, “eu não quero.”

E olhou para os bilhões de pegadas deixadas na serragem do caminho central deserto e, subitamente, pareceu-lhe estar bem mais perto da meia-noite do que do meio-dia.

— Estou indo para casa...

— Tudo bem, Will, vá. Labirintos de Espelhos, velhas professoras, bolsas

de para-raios perdidas, vendedores de para-raios desaparecidos, imagens de cobras dançando, um carrossel que não está quebrado, e você quer ir para casa!? Tudo bem, meu velho amigo Will, até mais.

— Eu... — Will começou a descer da árvore, mas parou, gelado.

— Tudo limpo? — gritou uma voz mais à frente.

— Limpo! — gritou alguém do outro lado do parque.

O Senhor Dark caminhou, a menos de cinco metros de distância, até uma caixa de controle vermelha, perto da bilheteria do carrossel. Olhou em todas as direções. E depois para a árvore.

Will e Jim abraçaram-se ao galho, unindo-se a ele para se apegarem.

Pode ligar!

E, com um estalido, um estrondo, um sacudir de rédeas, um subir e descer de bronze, o carrossel se moveu.

“Mas”, pensou Will, “ele estava quebrado, enguiçado!”

Dirigiu seu olhar para Jim, que apontava selvagememente para baixo.

O carrossel estava se movendo, sim, mas...

Estava girando *para trás*.

O pequeno órgão dentro da maquinaria do carrossel golpeava seus nervosos e trêmulos tambores equestres, estrondava seus címbalos lunares, batia suas castanholas, engasgava e soluçava sonoramente suas palhetas, assobios e flautas barrocas.

“A música”, pensou Will, “*também* está tocando para trás!”

O Senhor Dark estremeceu e olhou para cima, como se tivesse ouvido os pensamentos de Will. Um vento sacudiu a árvore em negro tumulto. O Senhor Dark deu de ombros e olhou para o outro lado.

O carrossel rodava cada vez mais depressa, guinchando, girando para trás!

E então, o Senhor Cooger, com seus flamejantes cabelos vermelhos e incandescentes olhos azuis, desceu o caminho central, fazendo uma última inspeção. Ficou parado embaixo da árvore. Will poderia ter cuspidido nele. Foi quando o órgão soltou um grito particularmente violento, um grito assassino que fez com que os cachorros uivassem em quintais distantes e o Senhor Cooger, girando, corresse e saltasse para cima daquele rodopiante universo de

animais que descreviam círculos intermináveis, com a cauda na frente e a cabeça atrás, girando na noite rumo a destinos que jamais seriam conhecidos. Agarrando as barras de latão, ele escolheu um assento e ficou em silêncio, com seus eriçados cabelos vermelhos, o rosto rosado e os olhos azuis terrivelmente penetrantes, girando e girando para trás, a música guinchando com ele para trás, como uma respiração sendo sugada.

“A música”, pensou Will, “que música era aquela?” E como eu sei que está tocando de trás para a frente? Abraçou o galho, tentando capturar a melodia, para cantarolá-la para a frente em sua cabeça. Mas os tambores e os sinos de latão batiam em seu peito, aceleravam seu coração e com isso ele sentia seu pulso reverter, seu sangue bombear para trás em perversas pulsações através de toda a sua carne, de modo que ele quase foi arrancado do galho e quase caiu, e tudo que podia fazer era se agarrar, pendendo pálido enquanto absorvia a visão da máquina andando ao contrário e do Senhor Dark, alerta aos controles lá atrás.

Foi Jim quem primeiro notou que uma coisa nova estava acontecendo, pois chutou Will uma vez; Will olhou para ele e Jim acenou freneticamente na direção do homem na máquina, à medida que ele se aproximava em mais uma volta.

O rosto do Senhor Cooger estava se derretendo como cera rosada.

Suas mãos começavam a se tornar as mãos de um boneco.

Seus ossos afundavam por baixo de suas roupas; as roupas também encolhiam para se ajustarem ao corpo que diminuía cada vez mais.

Seu rosto tremulava, e a cada volta derretia mais.

Will viu a cabeça de Jim virar, acompanhando o carrossel.

E o carrossel rodava, como um grande sonho lunar invertido, os cavalos saltando, a música sendo sugada, enquanto o Senhor Cooger, tão simples quanto as sombras, tão simples quanto a luz, tão simples quanto o tempo, ia ficando cada vez mais jovem. E mais jovem. E mais jovem.

E, cada vez que passava pelo campo de visão dos meninos, aparecia diferente, seus ossos como velas mornas queimando os anos para rejuvenescer. Ele fitava sereno as fogosas constelações, as árvores povoadas

por crianças, que se afastavam dele à medida que passava por elas. E seu nariz diminuía e suas orelhas se remoldavam para formar pequenas rosas cor-de-rosa.

Não mais com 40 anos, como quando iniciara sua jornada espiral no tempo; agora o Senhor Cooger tinha 19 anos.

E a parada invertida de cavalos, mastros e música deu ainda mais uma volta e o homem se tornou um rapaz, o rapaz transformando-se rapidamente num menino...

O Senhor Cooger tinha 17, 16...

E mais uma volta e outra sob o céu e as árvores, e Will sussurrando e Jim contando os giros do carrossel, enquanto o ar noturno se aquecia na fricção dos metais, e o passional estouro de animais correndo para trás consumia o boneco de cera até deixá-lo limpo, com músicas ainda mais estranhas, até tudo começar a cessar, o órgão calar seus metais, as máquinas assobiarem e, com um derradeiro e débil gemido, como as areias do deserto sendo sugadas por uma ampulheta árabe, o carrossel estremecer qual barco em água cobertas de algas, e parar.

A figura sentada na cadeira esculpida, na sela branca, era muito pequena.

O Senhor Cooger estava com 12 anos de idade.

“Não.” A boca de Will moldou a palavra.

— Não — repetiu Jim.

A pequena forma desceu do mundo silencioso, seu rosto nas sombras, mas as mãos de recém-nascido, rosadas e enrugadas, estenderam-se sob a crua luz do parque.

O estranho menino-homem olhou para cima e para baixo, sentindo o cheiro do medo nas proximidades, o terror e o espanto bem perto. Will abraçou o próprio corpo e fechou os olhos. Sentiu aquele olhar terrível atravessar as folhas como dardos de uma zarabatana mortal e seguir adiante. E então, correndo como um coelho, a pequena forma disparou pelo caminho central do deserto.

Jim foi o primeiro a afastar as folhas para olhar.

O Senhor Dark também se fora no silêncio da noite.

Jim pareceu levar uma eternidade para descer da árvore. Will veio atrás e os dois ficaram parados, abalados por alarmes, sacudidos pelas concussões de uma pantomima silenciosa, afetados por acontecimentos que eram ainda mais atordoantes porque seguiam rumo à noite e ao desconhecido. E foi Jim quem falou primeiro, lutando contra a confusão mútua, tremendo enquanto seguravam nos braços um do outro, vendo a pequena sombra correr como se os atraísse até o prado.

— Ah, Will, como eu queria ir para casa, como eu queria comer. Mas é tarde demais, nós vimos! Temos de ver mais! *Não é?*

— Deus — disse Will, arrasado. — Eu acho que sim.

E correram juntos, seguindo o desconhecido, e sabe-se lá para onde estavam indo.

Capítulo 19

Na rodovia, os últimos pálidos tons solares de aquarela já haviam desaparecido além das colinas, e o que quer que estivessem perseguindo estava tão à frente que parecia um pontinho aparecendo e desaparecendo sob a luz dos postes.

— Vinte e oito! — disse Jim ofegante. — Vinte e oito vezes!

— O carrossel, é claro! — disse Will, virando a cabeça. — Eu contei, ele deu vinte e oito voltas para trás!

Lá na frente, uma pequena forma parou e virou-se.

Jim e Will se esconderam atrás de uma árvore, esperando a coisa continuar seu caminho.

“Aquilo,” pensou Will. “Por que ‘aquilo’? Ele é um garoto, ele é um homem... não... aquilo é alguma mutação, é *isso* que ele é.”

Ultrapassaram os limites da cidade e, caminhando rapidamente, Will disse:

— Jim, devia haver *duas* pessoas no carrossel. O Senhor Cooger *e* este garoto e...

— Não, eu não tirei os olhos dele!

Passaram pela barbearia. Will viu e não viu um cartaz na janela. Ele leu, mas não leu. Lembrou e esqueceu. Continuou em frente.

— Ei! Ele virou na esquina da rua Culpepper! Rápido!

Os dois dobraram a esquina.

— Ele sumiu!

A rua se estendia, comprida e vazia, sob a luz do poste.

Folhas sopravam sobre as calçadas rabiscadas de giz com o jogo de amarelinha.

— Will, a Senhorita Foley mora nessa rua.

— É, na quarta casa, mas...

Jim caminhou, assoviando casualmente, as mãos nos bolsos, com Will ao seu lado. Diante da casa da Senhorita Foley, eles olharam para cima.

Em uma das janelas da frente suavemente iluminadas, havia alguém olhando para fora.

Um menino, com não mais nem menos que 12 anos de idade.

— Will! — falou Jim, baixinho. — Aquele garoto...

— O sobrinho dela...?

— Sobrinho nada! Vire o rosto. Talvez ele possa ler lábios. Caminhe devagar. Até a esquina e de volta. Você viu o rosto dele? Os olhos? Will! Essa é a parte da pessoa que não muda, seja jovem, velho, tenha 6 ou 60 anos! A face de um garoto, certo, mas aqueles olhos eram os olhos do Senhor Cooger!

— Não!

— Sim!

Ambos pararam a fim de apreciar o rápido bater de seus corações.

— Continue andando. — Eles se moveram. Jim segurou o braço de Will firmemente, guiando-o. — Você viu os olhos do Senhor Cooger, não viu? Quando ele nos segurou, a ponto de quase quebrar nossas cabeças uma contra a outra? E você viu o garoto que saiu do carrossel? Ele olhou pra mim bem de perto, escondido lá na árvore e, cara!, era como se estivesse abrindo a porta de uma fornalha! Eu nunca me esquecerei daqueles olhos! E lá estão eles agora, naquela janela. Vire-se. Agora vamos caminhar de volta, lenta e calmamente... Temos de avisar a Senhorita Foley sobre o que está se escondendo na casa dela, não é?

— Jim, olhe, você está se lixando para Senhorita Foley e para o que está se escondendo na casa dela!

Jim não disse nada. Caminhando ao lado de Will, apenas olhou para o

amigo e piscou uma vez, deixando as pálpebras descerem e subirem sobre seus brilhantes olhos verdes.

E Will sentiu novamente, a respeito de Jim, o mesmo que sempre sentira em relação a seu cachorro velho e quase esquecido. Em determinada época, todo ano, aquele cachorro, que se comportara durante meses, saía para o mundo e não voltava durante dias, até que enfim ressurgia, magro, cheio de carrapichos, fedendo a pântano e a depósitos de lixo só por ter rolado nos lugares mais sujos do mundo e simplesmente voltar para casa com um sorriso travesso em seu focinho. Seu pai batizara o cachorro com o nome de Platão, o filósofo das regiões inóspitas, pois dava para ver nos olhos dele que não existia nada que ele não conhecesse. De volta ao lar, o cão tornaria a viver de modo inocente, comportando-se bem durante meses, até desaparecer de novo e repetir o mesmo padrão de comportamento. E agora, caminhando ali, julgou ouvir Jim soluçar sob a respiração. Podia sentir os cabelos ficando em pé, as orelhas de Jim se achatando, seu nariz farejando a nova escuridão. Jim percebia cheiros que ninguém conhecia, ouvia o tiquetaquear de relógios que marcavam um tempo diferente. Até mesmo a sua língua estava estranha agora, movendo-se sobre o lábio inferior e o superior, no momento em que pararam outra vez diante da casa da Senhorita Foley.

A janela da frente estava vazia.

— Vamos tocar a campainha — disse Jim.

— O quê? Encontrá-lo frente a frente?!

— É óbvio, Will. Temos que verificar, não temos? Apertar sua garra, olhá-lo nos olhos ou coisa semelhante, e *se for* ele...

— Não vamos avisar a Senhorita Foley na frente dele, *vamos*?

— Avisaremos depois por telefone, seu bobo. Agora venha!

Will suspirou e deixou-se conduzir até os degraus da entrada, querendo e ao mesmo tempo não querendo saber se o garoto naquela casa tinha os olhos do Senhor Cooger brilhando como vagalumes por entre as pálpebras.

Jim tocou a campainha.

— E se *ele* atender? — perguntou Will. — Cara, estou tão assustado. Por que você não está com medo, Jim? Por quê?

Jim examinou as duas mãos firmes.

— Caramba! — Ele ficou boquiaberto. — Você tem razão! Eu *não* estou com medo!

A porta abriu-se completamente.

A Senhorita Foley sorriu para eles.

— Jim! Will! Que surpresa!

— Senhorita Foley — balbuciou Will —, a Senhorita está *bem*?

Jim olhou furioso para ele. A Senhorita Foley riu.

— Por que não estaria?

Will ficou corado.

— Todos aqueles espelhos do parque...

— Tolice, eu já esqueci aquilo. Bem, garotos, não querem entrar?

Ela manteve a porta aberta.

Will arrastou um pé e parou.

Atrás da Senhorita Foley, havia uma cortina de contas pendurada como uma chuva de cristal azul-escuro na entrada da sala de visitas.

E onde aquela chuva colorida tocava o piso, projetava-se um pequeno par de sapatos empoeirados. O garoto maligno aguardava bem ali.

“Maligno?” Will piscou os olhos. “Por que maligno? Porque sim.” E “porque sim” já era razão suficiente. Um menino, sim, e maligno.

— Robert? — A Senhorita Foley virou-se, chamando através das contas azul-escuras, que pareciam gotas de uma chuva eterna. Ela segurou as mãos de Will e o puxou para dentro delicadamente. — Venha conhecer dois de meus alunos.

A cortina de chuva se abriu. A mão rosada do garoto se projetou, como se verificasse se o tempo estava bom na entrada.

“Credo”, pensou Will, “ele vai me olhar bem nos olhos! Vai ver o carrossel e ele mesmo girando para trás, para trás. Eu *sei* que isso está impresso na minha retina como se eu tivesse sido atingido por um raio!”

— Senhorita Foley! — disse Will.

Agora uma face rosada projetou-se através dos colares de tempestade congelada.

— Precisamos lhe contar uma coisa terrível.

Jim acertou o cotovelo de Will para mantê-lo calado.

O menino saiu através das contas escuras. A chuva cristalizada fechou-se numa cortina por trás dele.

A Senhorita Foley se inclinou em sua direção, demonstrando expectativa. Jim segurou o cotovelo de Will firmemente. Ele balbuciou, ficou corado e então soltou o que tinha a dizer:

— O Senhor Crosetti!

Subitamente, ele via com clareza o cartaz na vitrine da barbearia. O cartaz que olhara sem ver quando haviam passado correndo:

FECHADO POR MOTIVO DE DOENÇA.

— O Senhor Crosetti! — repetiu ele, e então acrescentou rapidamente: — Ele está... morto!

— O quê... o barbeiro?

— O barbeiro? — repetiu Jim.

— Vê esse meu corte de cabelo? — Will virou-se, trêmulo, a mão na cabeça. — Foi ele quem fez. E nós acabamos de passar por lá, e havia um cartaz pendurado e as pessoas nos contaram que...

— Que pena. — A Senhorita Foley estava estendendo a mão para chamar o estranho menino. — Eu sinto muito. Garotos, esse é Robert, meu sobrinho de Wisconsin.

Jim estendeu a mão e examinou Robert, o sobrinho, curiosamente.

— Por que você está *olhando* para mim desse jeito? — perguntou ele.

— Você me parece familiar — disse Jim.

“Jim!”, Will quis gritar.

— Como um de meus tios — completou Jim, todo gentil e calmo.

O sobrinho olhou para Will, que mantinha os olhos no chão, temendo que o garoto visse seus globos oculares girarem com a lembrança do carrossel. Ele queria loucamente cantarolar a música ao contrário.

“Agora”, pensou ele, “encare-o!”

E ergueu seus olhos diretamente para o garoto.

E foi uma coisa louca e selvagem, o chão parecendo afundar sob seus pés, pois lá estava aquela máscara rosada de Halloween, representando o rosto bonito de um menino, e, no entanto, os olhos eram como se fossem buracos cortados na máscara, desvelando o olhar do Senhor Cooger por trás dela, brilhando, olhos velhos, velhos, cintilando como estrelas azuis, e a luz daquelas estrelas levando milhões de anos para chegar até ali. E através das pequenas narinas, na máscara de cera lustrosa, a respiração do Senhor Cooger entrava como vapor e saía como gelo. E a língua se mexendo pequena, por trás dos dentinhos brancos.

E, em algum lugar por trás das fendas dos olhos, as pupilas se moviam como o diafragma de uma máquina fotográfica, *clique, pisca*. As lentes explodiam como sóis, e então queimavam frias e serenas novamente.

Ele se virou, olhando para Jim. *Clique, pisca*. Captou Jim, focalizou, fotografou, revelou e secou na câmara escura. *Clique, pisca*.

No entanto, parecia apenas um menino, de pé no corredor, com dois outros garotos e uma mulher...

E todo esse tempo Jim olhava de volta, firme, os pelos eriçados, tirando suas próprias fotos de Robert.

— Vocês já jantaram? — perguntou a Senhorita Foley. — Nós íamos nos sentar à mesa...

— Temos que ir!

Todos olharam para Will, como se surpresos por ele não querer ficar ali para sempre.

— Jim... — acrescentou ele. — Sua mãe está sozinha...

— Ah, é mesmo — concordou Jim, relutante.

— Eu sei disso. — O sobrinho fez uma pausa para capturar a atenção deles. E quando os rostos deles se viraram, o Senhor Cooger, dentro do sobrinho, continuou a fotografá-los silenciosamente, *clique, pisca, clique, pisca*, ouvindo com suas orelhas de boneco, vendo com seus olhos de boneco, umedecendo a boca pequena com sua língua de cachorro pequinês. — Juntem-se a nós mais tarde para a sobremesa, que tal?

— Sobre-mesa?

— Eu vou levar a tia Willa ao parque de diversões. — O garoto acariciou o braço da Senhorita Foley até ela rir, nervosa.

— Parque de diversões? — gritou Will, e depois baixou a voz. — A Senhorita Foley acabou de dizer...

— Eu disse que foi tolice eu ter me assustado — respondeu a Senhorita Foley. — A noite de sábado é a melhor para as atrações dentro das tendas e para mostrar a cidade ao meu sobrinho.

— Vocês vêm conosco? — perguntou Robert, segurando a mão da Senhorita Foley. — Mais tarde?

— Ótimo! — respondeu Jim.

— Jim — falou Will. — Nós estivemos fora o dia inteiro. A sua mãe está doente.

— Tinha me esquecido. — Jim dirigiu-lhe um olhar cheio de puro veneno.

Clique. O sobrinho tirou um raio-X de ambos, mostrando, sem dúvida, os ossos frios tremendo sob a carne quente. Ele estendeu a mão.

— Amanhã, então. Encontrarei vocês perto das atrações secundárias.

— Legal! — Jim agarrou a pequena mão.

— Até mais! — Will correu para a porta, virando em seguida com um último olhar suplicante para a sua professora.

— Senhorita Foley...?

— Sim, Will?

“Não vá com esse garoto”, pensou ele. “Não chegue perto daquele parque. Fique em casa, por favor!” Mas, então, disse:

— O Senhor Crosetti está morto.

Ela assentiu, comovida, aguardando a chegada das lágrimas. E, enquanto Will esperava, arrastou Jim para fora e a porta fechou diante da Senhorita Foley e da pequenina face rosada, com as lentes fazendo *clique, clique*, tirando fotos de dois meninos incoerentes descendo as escadas para a escuridão de uma noite de outubro, com o carrossel começando a girar novamente na cabeça de Will, que corria enquanto as folhas nas árvores acima estalavam e frígiam no vento. Do lado de fora, Will reclamou:

— Jim, você apertou a mão dele! Do Senhor Cooger! Você não vai se *encontrar* com ele!?

— É mesmo o Senhor Cooger. Cara, aqueles olhos. Se eu me encontrar com ele esta noite, descobrirei tudo. Por que você está tão preocupado, Will?

— *Preocupado!* — Agora, no final da escada, os dois cochichavam, olhando de vez em quando para a janela vazia que ficava para trás. Uma sombra passou. Will parou. A música tocava em sua cabeça. Atordoados, eles comprimiram as pálpebras. — Jim, a música que o órgão tocava, quando o Senhor Cooger estava rejuvenescendo...

— Sim?

— Era a “Marcha fúnebre”! Tocada *de trás para a frente!*

— *Qual* “Marcha fúnebre”?

— Qual?! Jim, Chopin só escreveu uma! A “Marcha fúnebre”!

— Mas por que tocada de trás para a frente?

— Porque o Senhor Cooger estava marchando *para longe* do túmulo, e não em direção a ele. Ele não estava rejuvenescendo e diminuindo, em vez de envelhecer até a morte?

— Will, você é incrível!

— Claro que sou, mas... — Will ficou imóvel. — Ele está lá. Na janela, de novo. Acene para ele. Tchau! Agora caminhe e assovie alguma coisa. *Mas não* Chopin, pelo amor de Deus...

Jim acenou. Will acenou. Ambos assoviaram “Oh! Susanna”.

A pequena sombra gesticulou na janela alta.

E os meninos desceram a rua apressadamente.

Capítulo 20

Dois pratos aguardavam-nos nas duas casas.

A mãe gritou com Jim, os pais gritaram com Will.

Ambos foram mandados para seus quartos sem comer.

Tudo começara às sete horas. E acabara às sete e três.

Portas bateram. Trancas se fecharam.

Relógios tiquetaquearam.

Will ficou de pé perto da porta. O telefone estava bloqueado. Porém, mesmo que ele ligasse para a Senhorita Foley, ela não atenderia. A essa altura, já devia ter saído da cidade... infelizmente! E, de qualquer maneira, o que ele poderia dizer? Senhorita Foley, o seu sobrinho não é o seu sobrinho? O menino não é um menino? Ela não ia rir? Era óbvio. Pois o sobrinho era o sobrinho, e o menino era um menino, ou parecia ser.

Ele se virou para a janela. Na casa ao lado, Jim enfrentava o mesmo dilema em seu quarto. Ambos tentavam se controlar. Ainda era muito cedo para abrir as janelas e sussurrar um para o outro. Seus pais estavam em alerta no andar de baixo.

Os meninos se deitaram em suas camas separadas, em suas casas separadas, procurando pedaços de chocolate escondidos, que comeram, pensativos.

E os ponteiros dos relógios avançavam.

Nove. Nove e meia. Dez.

A maçaneta fez um barulho suave, enquanto seu pai destrancava a porta.

“Pai!”, pensou Will. “Entre! Nós temos que conversar!”

Mas seu pai apenas engoliu a respiração no corredor. E Will só pôde sentir sua confusão, o rosto sempre intrigado, meio confuso, atrás da porta.

“Ele não vai voltar”, pensou Will. “Contornar, evitar, se afastar de uma coisa, sim. Mas entrar, sentar, ouvir? Quando foi que ele já havia feito isso? Quando *ia* fazer?”

— Will...?

O coração do menino acelerou.

— Will... — repetiu seu pai — ... tome cuidado.

— Cuidado? — gritou a mãe, na outra extremidade do corredor. — *Isto é* tudo o que você vai dizer?

— O que mais posso dizer? — Seu pai agora descia as escadas. — Ele pula, eu me arrasto. Como se pode juntar duas pessoas assim? Ele é jovem demais, eu sou muito velho. Deus, às vezes eu queria nunca ter...

A porta fechou-se. Seu pai estava se afastando, pela calçada.

Will queria abrir a janela para chamá-lo. Seu pai parecia tão perdido naquela noite. “Não se preocupe comigo, pai. Comigo não”, ele pensou. “Fique em casa! Não é seguro sair! Não vá!”

Mas ele não gritou. E, quando enfim abriu a janela, vagarosamente, a rua estava vazia, e ele sabia que seria apenas uma questão de tempo para aquela luz se acender na biblioteca, do outro lado da cidade. Quando os rios transbordavam, quando o fogo caía do céu, que lugar maravilhoso era a biblioteca, com todas aquelas salas e os livros. Com sorte, ninguém o encontraria. Como poderiam — se já havia partido para Tanganica em 1898, para o Cairo em 1812, Florença em 1492!?

“... cuidado...”

O que seu pai quisera dizer com aquilo? Teria ele sentido o cheiro do pânico, ouvido a música; teria ele se aproximado das tendas? Não. Não o seu pai, nunca.

Will atirou uma pedrinha na janela de Jim.

Tap. Silêncio.

Imaginou Jim sentado sozinho na escuridão, sua respiração como fósforo no ar, pensando sozinho.

Tap. Silêncio.

Jim não agia assim. Antes, a janela sempre se abria, a cabeça de Jim se projetava para fora, pronta para gritar, sussurrar, rir e desafiar.

— Jim, eu sei que você está aí!

Tap.

Silêncio.

“Papai está lá na cidade. A Senhorita Foley está com ‘você-sabe-quem!’”, pensou ele. “Droga, Jim, nós temos que fazer alguma coisa! Esta noite!”

Ele jogou a última pedrinha.

... *tap...*

Ela caiu na grama abaixo.

E Jim não apareceu na janela.

“Esta noite”, pensou Will, e mordeu os nós dos dedos. E deitou de costas, frio e esticado em sua cama.

Capítulo 21

No quintal atrás da casa, havia uma enorme e antiquada calçada de tábuas, feita de pranchas de pinho. Estava lá desde que Will conseguia se lembrar, desde o dia em que a civilização irrefletidamente decidiu produzir as calçadas de cimento. Seu avô, um homem de sentimentos fortes e impulsos selvagens, que não abandonava nada sem fazer escândalo, flexionara os músculos para proteger aquele marco em extinção e, angariando a ajuda de uma dúzia de colaboradores, carregara uns doze metros da calçada de tábuas para o quintal e a deixara lá, como o esqueleto de algum monstro indefinível sendo cozido pelo sol ao longo dos anos e apodrecendo na chuva.

O relógio na cidade bateu dez horas.

Deitado na cama, Will percebeu que estivera pensando naquele presente de uma outra época que seu avô lhe havia deixado. Estava esperando ouvir o passeio falar. Em qual língua? Bem...

Os meninos sabiamente nunca vão até a porta das casas e tocam a campainha para chamar seus amigos. Eles preferem jogar terra nas tábuas que revestem as casas, jogar bolotas de carvalho nos telhados ou deixar bilhetes misteriosos pendendo de pipas presas nas janelas dos sótãos.

Era assim com Jim e Will.

Tarde da noite, se haviam sepulturas para serem puladas, ou gatos mortos para serem despejados pelas chaminés de pessoas azedas, um dos meninos se esgueirava sob o luar para desfilas seus passos ocos e abafados naquele passeio

musical, transformando-o num xilofone.

Ao longo dos anos, eles haviam *afinado* aquelas tábuas, arrancando uma que representava uma nota musical para pregá-la em outro ponto, afundando outra mais adiante, até que o simples pisar nelas estava perto de se tornar tão melodioso quanto o tempo, e os dois empreendedores acabaram conseguindo seu intento.

E assim, pela música que soasse nas tábuas, era possível comunicar qual seria a aventura daquela noite. Se Will ouvisse Jim sapateando as sete ou oito notas de “Way Down Upon the Swanee River”, ele se levantava da cama sabendo que era hora de caminhar sob a luz do luar até o riacho que levava às cavernas do rio. Se Jim ouvisse Will pulando como um cão Terrier molhado e a música tirada das tábuas lembrasse vagamente “Marching Through - Georgia”, isso significava que, além da cidade, ameixas, pêsegos ou maçãs estavam maduros o suficiente para eles se empanturrarem.

Por isso, naquela noite, Will prendeu a respiração, esperando a melodia de alguma canção.

Que tipo de canção Jim ia tocar para representar o parque de diversões, a Senhorita Foley, o Senhor Cooger e/ou o sobrinho maligno?

Dez e quinze. Dez e meia.

Nenhuma música.

Will não gostava da ideia de Jim sentado em seu quarto, pensando: *em quê?* No Labirinto de Espelhos? O que *tinha visto* lá? E, tendo visto o que quer que fosse, o que pretendia fazer?

Will se mexeu, inquieto.

Ficava especialmente aflito ao pensar em Jim sem um pai para se colocar entre ele e os espetáculos nas tendas, e em toda a escuridão naqueles campos. E uma mãe, cuja presença ele desejava tanto, a ponto de *ter* de fugir, sair, respirar o ar puro da noite, conhecer as águas noturnas que desaguavam em mares mais livres.

“Jim!”, pensou ele, “toque alguma música!”

E, às dez e trinta e cinco, ela foi tocada.

Ele ouviu ou pensou ter ouvido Jim lá fora, sob a luz das estrelas, pulando

e caindo como um gato sobre o enorme xilofone. E a música! Não parecia aquele hino funerário tocado de trás para a frente no velho órgão do carrossel!?

Will se levantou e caminhou até sua janela para se certificar. E, de repente, a janela de Jim se abriu silenciosamente.

Ele não estava lá embaixo nas tábuas! Tinha sido apenas o desejo louco de Will que o fizera imaginar a música! Então, Will começou a sussurrar, mas parou.

Porque Jim, sem dizer uma palavra, descera pelo cano da calha.

Jim!, pensou Will.

No gramado, Jim se empertigou como se ouvisse o seu nome.

“Você não vai sem mim, vai, Jim?”

Jim olhou rapidamente para o alto.

Ele não parecia estar vendo Will.

“Jim”, pensou Will, “nós ainda somos amigos, sentimos odores que ninguém mais sente, ouvimos coisas que ninguém mais ouve, temos o mesmo sangue, corremos do mesmo jeito. E agora, pela primeira vez na vida, você está saindo escondido! Me deixando de fora!”

Mas a calçada já estava vazia.

Como uma salamandra passando pela cerca, lá se fora Jim.

Will saiu pela janela, desceu pela grade e pulou a cerca antes mesmo de pensar: “*Eu* estou sozinho. Se perder o Jim, será a primeira vez que também estarei sozinho na noite. E para onde irei? Para onde quer que Jim vá. Deus, faça com que eu o alcance!”

Jim deslizava como uma coruja negra atrás de um camundongo. E Will corria como um caçador desarmado atrás da coruja. Ambos velejaram suas sombras sobre as folhas caídas de outubro.

E, quando pararam...

Estavam em frente à casa da Senhorita Foley.

Capítulo 22

Jim olhou para trás.

Will tornou-se um arbusto atrás de outro arbusto, uma sombra entre as sombras, seus olhos, como bolas de vidro estreladas, refletindo a imagem de Jim, chamando num sussurro em direção às janelas do segundo andar.

— Ei, você aí... ei!

“Santo Deus”, pensou Will, “ele quer ser dissecado e empalhado com estilhaços de vidro do Labirinto de Espelhos.”

— Ei! — disse Jim baixinho. — Você...!

Uma sombra surgiu atrás de uma cortina acima. Uma sombra pequena. O sobrinho trouxera a Senhorita Foley de volta para casa, e estavam em seus quartos separados ou... “ah, Deus”, pensou Will, “eu *espero* que ela esteja segura em casa. Talvez, como o vendedor de para-raios, ela tenha...”

— Ei...!

Jim olhou para cima com aquele olhar estranho de antecipação excitada que exibira frequentemente naquelas noites de verão, diante da janela do Teatro, naquela casa, a algumas quadras de distância. Olhando com amor e devoção, como um gato à espera de que algum rato saia da toca. Agachando-se, ele parecia crescer devagar, como se seus ossos estivessem sendo esticados por aquela coisa na janela acima que agora, subitamente, desaparecera.

Will rangeu os dentes.

Ele sentia aquela sombra movendo-se dentro da casa como um hálito frio.

Não podia mais esperar. E saltou para a frente.

— Jim!

E puxou Jim pelo braço.

— Will, o que *você* está fazendo aqui?!

— Jim, não fale com *ele*! Saia daqui, meu Deus. Ele vai mastigá-lo e cuspir seus ossos!

Jim soltou-se dele.

— Will, vá para casa! Você vai estragar tudo!

— Ele me amedronta, Jim. O que você *quer* dele?! Esta tarde... no Labirinto, você *viu* alguma coisa!! ?

— ... Sim...

— Pela nossa amizade, o *quê*?

Wil agarrou Jim pela camisa, sentindo o coração martelar sob os ossos do peito.

— Jim...

— Largue-me. — Jim estava terrivelmente silencioso. — Se souber que você está aqui, ele não vai sair. Willy, se você não me soltar, eu vou me lembrar quando...

— Quando *o* *quê*!

— Quando eu ficar mais velho, droga, *mais velho*!

Jim cuspiu.

Como se tivesse sido atingido por um relâmpago, Will pulou para trás.

Ele olhou para suas mãos vazias e ergueu uma delas para limpar o cuspe no rosto.

— Ah, Jim — lamentou ele.

Ele ouviu o carrossel em movimento, deslizando pelas águas negras da noite, dando voltas e mais voltas, e Jim, montado num corcel negro, galopando, circundando a sombra da árvore, com vontade de gritar.

— Olhe! O carrossel! Você quer que ele vá para a frente, não quer, Jim? Para a frente em vez de para trás! E ficará lá, mais uma volta e terá 15 anos, outra e terá 16, mais três voltas e estará com 19! Música! E estará com 20, e estará muito alto!! E não haverá mais um Jim com 13 anos, quase 14, no

parque vazio, e eu estarei ao seu lado pequeno, jovem e apavorado!

Will acertou um soco em Jim, bem no nariz.

Em seguida, pulou em cima de Jim, segurou-o com firmeza e o derrubou, rolando com ele nos arbustos, gritando. Deu mais um tapa na boca de Jim e enfiou os dedos nela para que ele morderesse, sufocando assim os grunhidos e os gritos.

A porta da frente se abriu.

Will fez Jim perder o fôlego, ficando em cima dele para manter sua boca fechada.

Alguém estava na varanda. Uma pequenina sombra observava a cidade, procurando por Jim, mas não o encontrava.

Era apenas o menino Robert, o sobrinho amistoso, que saíra casualmente, com as mãos nos bolsos, assoviando para respirar o ar da noite, como os meninos costumam fazer, curiosos em busca de aventuras que eles mesmos devem buscar, porque elas quase nunca acontecem por acaso. Agarrado num abraço mortal com Jim, Will olhou para cima e ficou ainda mais abalado ao ver o garoto normal, seu aspecto vivaz, a pose modesta, os modos simples que não revelavam qualquer traço de homem, sob a luz do poste.

A qualquer momento, Robert poderia soltar um grito e correr para brincar com eles, enroscando as pernas, agarrando os braços como cachorrinhos rolando na grama, e tudo terminaria com eles rindo com lágrimas nos olhos, o terror esgotado, o medo derretido no orvalho, os sonhos ruins se esvaindo como esses sonhos costumam desaparecer quando se arregalam os olhos. Pois lá, realmente estava o sobrinho, o rosto redondo, jovem e liso como um pêssego.

Ele estava sorrindo para os dois meninos que acabara de ver agarrados na grama.

E, então, correu para dentro de casa. E deve ter subido as escadas, procurado alguma coisa e voltado correndo, pois subitamente, enquanto os dois garotos ainda lutavam agarrados, caiu uma chuva de coisas brilhantes tilintando na grama.

O sobrinho saltou sobre o corrimão da varanda e caiu no quintal, uma

sombra silenciosa como uma pantera. Suas mãos estavam cheias de estrelas. Que ele lançava generosamente. Aquilo caía tilintando e brilhando ao lado de Jim. Os meninos foram bombardeados por aquela chuva de ouro e diamantes.

— Socorro, polícia! — gritou Robert.

Will ficou tão chocado que soltou Jim.

E Jim ficou tão chocado que soltou Will.

Ambos estenderam as mãos ao mesmo tempo para as coisas brilhantes no chão.

— Caramba, é um bracelete!

— Um anel! Um cordão!

Robert deu um chute. E duas latas de lixo caíram fazendo estrondo.

A luz se acendeu num quarto acima.

— Polícia! — Robert lançou uma última chuva brilhante nos pés de Will e Jim, fechou seu sorriso como se o trancasse em uma caixa e disparou pela rua.

— Espere! — disse Jim, levantando-se num salto. — Nós não vamos - machucar você!

Will derrubou Jim, que caiu.

A janela lá em cima se abriu e a Senhorita Foley inclinou-se no parapeito. Jim, de joelhos, segurava um relógio de pulso feminino. Will piscava vendo o colar em suas mãos.

— Quem está aí!? — gritou ela. — Jim? Will? O que vocês *têm nas mãos*?!

Mas Jim já estava correndo. Will parou apenas para ver a janela ficar vazia enquanto a Senhorita Foley, com um grito, entrava para olhar o quarto. Quando ele ouviu o berro, já sabia que ela havia descoberto o roubo.

E, ao correr, sabia que estava fazendo exatamente o que o sobrinho dela queria. Ele devia voltar, recolher as joias e contar para a Senhorita Foley o que havia acontecido. Mas precisava salvar Jim!

Lá atrás, ainda ouvia os novos gritos da Senhorita Foley, fazendo mais luzes se acenderem! Will Halloway! Jim Nightshade! Gatunos! Ladrões! “Somos nós”, pensou Will, “oh meu Deus! Somos nós! Ninguém vai acreditar em mais *nada* do que dissermos de agora em diante! Nem sobre parques, nem sobre carrosséis, nem sobre espelhos ou sobrinhos malignos, nem sobre

nada.”

E, assim, eles correram, três animais sob a luz das estrelas. Uma lontra preta. Um gato. Um coelho.

“Sou eu”, pensou Will, “eu sou o coelho.”

E estava pálido e muito amedrontado.

Capítulo 23

Eles chegaram ao parque a uma velocidade de aproximadamente 30 quilômetros por hora: o sobrinho na frente, Jim logo atrás e Will mais distante, ofegante, os pés, a cabeça e o coração latejando de cansaço.

O sobrinho, correndo assustado, olhava para trás sem sorrir.

“Nós o enganamos”, pensou Will, “ele calculava que não o seguiríamos, que eu chamaria a polícia, ficaria enrolado, sem ter quem acreditasse em mim, ou que correria para me esconder. Agora ele está com medo de que eu lhe dê uma surra e quer saltar naquele carrossel e rodar até ficar mais velho e maior do que eu. Jim, Jim, nós temos que detê-lo, mantê-lo jovem e então escalpelá-lo!”

Mas ele sabia, pelo modo como Jim corria, que não teria a sua ajuda. Jim não estava correndo atrás de nenhum sobrinho. Ele queria dar uma volta grátis naquela coisa.

O sobrinho sumiu atrás de uma tenda bem à frente. Jim o seguiu. Quando Will chegou ao caminho central, o carrossel começava a ganhar vida. Com o pulso, o alarido e o guincho da música, o pequeno sobrinho de rosto limpo subiu na grande plataforma que rodopiava na poeira da meia-noite.

Jim, três metros atrás, viu os cavalos saltarem, seus olhos tirando fogo dos olhos de corcel empinado.

O carrossel estava indo *para a frente*.

Jim *inclinou-se* na direção da plataforma.

— Jim! — gritou Will.

O sobrinho desapareceu de vista, levado pela máquina para mais uma volta. Ao ressurgir, ele esticou os dedos rosados, instigando suavemente:

— ... Jim...

Jim avançou um único pé trêmulo.

— Não! — gritou Will, saltando sobre ele.

Batendo nele e o puxando segurou Jim; os dois caíram, um em cima do outro.

Surpreso, o sobrinho sumiu na escuridão, um ano mais velho. “Um ano mais velho”, pensou Will, “lá na terra um ano mais alto, maior, mais forte!”

— Por Deus, Jim, depressa! — Ele ficou de pé, correu para a caixa de controle, os complexos mistérios de botões isolantes de porcelana e fios chiando. Apertou um botão. Mas Jim, por trás, balbuciando, soltou suas mãos.

— Will, você vai estragar tudo! Não!

Jim apertou o botão de novo com força total.

Will girou e o esbofeteou. Os dois se atracaram novamente, perderam o equilíbrio e caíram em cima da caixa de controle.

Will viu o garoto maligno, um ano mais velho, mergulhar na escuridão. Mais cinco ou seis voltas e ele estaria maior do que os dois!

— Jim, ele vai nos matar!

— A mim não!

Will sentiu um choque elétrico. Gritou, recuou e acertou o botão de controle. Centelhas voaram. Um relâmpago pulou para o céu. Jim e Will, derrubados pela explosão, ficaram caídos, vendo o carrossel girar loucamente.

O garoto maligno passou por eles agarrado a uma árvore do carrossel. Ele cuspiu e amaldiçoava. Lutava contra o vento e a força centrífuga. Lutava para se arrastar em meio aos cavalos e barras para chegar à borda do carrossel. Seu rosto aparecia e sumia, ia e vinha. Ele se arrastava, ele gritava. A caixa de controle lançava fagulhas azuis. O carrossel oscilou e sacudiu. O sobrinho escorregou e caiu. O casco de aço de um cavalo negro o atingiu, e o sangue surgiu em sua testa.

Jim chiava, rolava, esperneava. Will, em cima dele, pressionava-o de encontro à grama, trocando gritos, ambos lívidos de medo, o coração disparado. As descargas elétricas da chave viraram fogos de artifício que cuspiam estrelas brancas. O carrossel deu trinta, quarenta — “Will, me solte!” —, cinquenta voltas. O órgão embutido uivava, soltando vapor, então ficou seco e não tocou mais nada, com suas chaves funcionando inutilmente à medida que apenas chiados escapavam de suas válvulas. Relâmpagos ondulavam sobre os meninos suados no chão, lançando fogo sobre os cavalos em correria silenciosa a girar e girar com uma figura caída na plataforma, não mais um menino, mas um homem, não mais um homem, porém mais do que um homem, e ainda mais a rodar, a rodar.

— Ele está, ele está, olhe só, Will, ele está... — exclamou Jim, ofegante, e começou a soluçar porque era a única coisa a fazer, caído, imobilizado como ele estava. — Meu Deus, levante-se, Will! Nós *temos* de fazê-lo rodar para trás!

Luzes se acenderam nas tendas.

Mas ninguém saiu.

“Por que não?”, pensou Will, enlouquecido. “As explosões? A tempestade elétrica? Será que as aberrações pensam que o mundo inteiro está desabando sobre o acampamento? Onde está o Senhor Dark? Na cidade? Boa coisa não deve estar fazendo, mas o que, onde e por quê?”

Will julgou ouvir a figura agonizante sobre a plataforma do carrossel, seu coração a mil, e então ficando lento, depois rápido, lento, muito rápido, muito lento, incrivelmente rápido, depois tão devagar quanto a lua deslizando pelo céu em uma noite branca de inverno.

Alguém, alguma coisa no carrossel, gemeu bem fraco.

“Graças a Deus está escuro”, pensou Will. “Graças a Deus, eu não consigo enxergar. Lá vai alguém. Aqui vem alguma coisa. E lá vai aquilo de novo. Lá... lá...”

Uma sombra desolada lutou para se erguer na máquina trêmula, mas já era tarde, tarde, mais tarde ainda, tarde demais, tão tarde quanto poderia ser, ah, muito tarde. A sombra caiu. O carrossel, como a Terra girando, chicoteou o

ar, a luz do sol, o sentido e a sensibilidade, deixando somente a escuridão, o frio e a idade.

Num derradeiro vômito, a caixa de controle estourou completamente.

E todas as luzes do parque se apagaram.

O carrossel foi perdendo velocidade no vento frio da noite.

Will soltou Jim.

“Quantas voltas deu?”, pensou Will. “60, 80... 90...?”

Quantas voltas?, era a pergunta estampada no rosto de Jim, vendo o carrossel morto estremecer e parar na grama morta, um mundo imobilizado que agora nada, nem as suas mãos, nem os seus corações ou mentes poderiam mandar de volta para qualquer lugar.

Caminharam lentamente até o carrossel, seus sapatos sussurrando.

A figura sombria estava caída no lado mais próximo, sobre o piso de tábuas, o rosto virado para o outro lado.

Uma das mãos pendia da plataforma.

Não era a mão de um menino.

Parecia uma enorme mão de cera enrugada pelo fogo.

O cabelo do homem era comprido e branco como uma teia de aranha. O vento da noite soprava-o como algodão.

Eles se curvaram para ver o rosto.

Os olhos estavam fechados e fundos como os de uma múmia. O nariz desabara sobre a cartilagem. A boca era uma flor branca murcha, as pétalas enrugadas numa fina folha de cera sobre os dentes fechados por entre os quais ainda borbilhava uma fraca respiração. O homem ficara pequeno dentro de suas roupas, pequeno como uma criança, mas alto, estirado, e velho, tão velho, não com 90 ou 100 anos de idade, não com 110, mas com impossíveis 120 ou 130 anos.

Will tocou-o.

O homem estava tão frio quanto um sapo albino.

Tinha o cheiro dos pântanos ao luar e de velhas ataduras egípcias. Ele se transformara em algo que só se encontra em museus, embrulhado em linhos, fechado em vidros.

Mas ele estava vivo, arrastando-se como um bebê e encolhendo para a morte rapidamente, diante de seus olhos.

Will vomitou na beira do carrossel.

E então, correndo, um caindo sobre o outro, Jim e Will atravessaram as folhas insanas, o capim inacreditável, a terra insubstancial, com seus pés entorpecidos disparando pelo parque....

Capítulo 24

As mariposas batiam em uma lâmpada com cobertura de alumínio que pendia solitária acima da encruzilhada. Embaixo dela, num posto de gasolina abandonado no meio do campo selvagem, algo também se agitava. Dois meninos de rosto pálido, espremidos dentro de uma cabine telefônica do tamanho de um ataúde, falavam com pessoas perdidas em algum lugar além dos morros, agarrando-se um ao outro, a cada morcego que passava, a cada nuvem que deslizava sob as estrelas.

Will colocou o telefone no gancho. A polícia e a ambulância já estavam a caminho.

A princípio, ele e Jim tinham gritado e sussurrado um para o outro, correndo, tropeçando: eles deviam ir para casa, dormir, esquecer... não! Era melhor pegarem um trem cargueiro para o oeste!... não! Pois se o Senhor Cooger sobrevivesse ao que haviam feito com ele, aquele velho, aquele homem velho, velho, velho, os seguiria pelo mundo inteiro até encontrá-los e esquartejá-los! Discutindo, tremendo, eles acabaram em uma cabine telefônica e agora viam o carro da polícia sacolejando pela estrada, sua sirene gemendo e a ambulância logo atrás. Todos os homens olharam para os meninos cujos dentes batiam sob a luz trêmula das sombras das mariposas.

E, três minutos depois, todos entraram pelo parque mergulhado na noite, Jim mostrando o caminho, falando, balbuciando.

— Ele está vivo. Ele *tem* de estar vivo. Nós não queríamos fazer aquilo!

Sentimos muito! — E olhou para as tendas negras. — Estão me ouvindo? Sentimos muito!

— Acalme-se, garoto — disse um dos policiais. — Vamos.

Os dois guardas, com seus uniformes azul-escuros, os dois enfermeiros, brancos como fantasmas, e os dois meninos deram a volta em torno da rodagigante e chegaram ao carrossel.

Jim gemeu.

Os cavalos saltavam no ar noturno, imobilizados. A luz das estrelas cintilava nos postes de latão. E era tudo o que havia para se ver.

— Ele *sumiu*...

— Ele estava aqui, eu juro! — disse Jim. — Com 150, 200 anos de idade, e *morrendo* por causa disso!

— Jim — chamou Will.

Os quatro homens se mexeram inquietos.

— Eles devem tê-lo levado para dentro de uma das tendas — disse Will. Um dos policiais segurou-o pelo cotovelo.

— Você disse 150 anos de idade? — perguntou ele. — E por que não 300?

— Talvez ele tivesse isso! Ah, Deus. — Jim virou-se, gritando. — Senhor Cooger! Nós trouxemos *ajuda*!

As luzes piscaram na Tenda das Aberrações. As enormes bandeiras na frente chicoteavam e ondulavam no vento enquanto as luzes dos holofotes jorravam sobre elas. O policial olhou para cima. SENHOR ESQUELETO, A BRUXA DO PÓ, O ESMAGADOR, VESÚVIO, O BEBEDOR DE LAVA! As letras dançavam, cada nome pintado em uma bandeira diferente.

Jim parou na entrada.

— Senhor Cooger? — suplicou ele. — O senhor... *está aí*?

Um bafo quente e leonino soprou da entrada da tenda.

— O quê? — perguntou um dos policiais.

Jim leu o pano ondulante.

— Eles disseram sim. Eles disseram entre.

E Jim entrou. Os outros o seguiram.

Dentro, desviaram o olhar semicerrado das sombras do poste central para

as plataformas elevadas das aberrações e para todos aqueles alienígenas que haviam vagado pelo mundo, aleijados de rosto, osso ou mente, esperando-os.

Numa frágil mesa de carteados, quatro homens jogavam com cartas de cores laranja, verde-limão e amarelo-solar, com figuras de bestas lunares e homens alados marcadas com o símbolo do sol. Lá, com as mãos nos quadris, estava o Esqueleto, que alguém poderia carregar como um boneco; ali o Balão, que seria furado a cada noite e enchido de novo ao raiar do dia; acolá o anão conhecido como Verruga, que poderia ser empacotado e enviado pelo correio numa caixinha, e perto dele um acidente ainda menor do tempo e das células, um anão tão pequeno, e agachado de um jeito que você não podia ver o seu rosto por trás das cartas que ele segurava com dedos artríticos e trêmulos, nodosos como os galhos de um carvalho.

O Anão! Will levou um susto. Havia algo de estranho naquelas mãos! Algo familiar. Onde? Quem? O quê? Mas acabou tendo a atenção despertada por outra figura.

Lá estava, de pé, *Monsieur* Guilhotina, com calças pretas, meias compridas igualmente negras, um capuz preto sobre a cabeça, braços cruzados sobre o peito, de pé, perfilado diante de sua máquina cortante, a lâmina lá em cima no teto da tenda, uma lâmina feroz, toda centelha e brilho meteórico, pronta para fender o espaço. Abaixo, no suporte para a cabeça, havia um boneco esparramado, esperando o rápido fim.

Lá estava também o Esmagador, todo tendões e músculos, aço e ferro, o esmagador de ossos e mandíbulas, o vergador de ferraduras.

E, ali, o Bebedor de Lava, Vesúvio, da língua quente, dos dentes escaldados, a girar bolas de fogo no ar, assobiantes como uma roda-gigante de chamas a lançar sombras sobre o teto da tenda.

Perto, em cabines, outras trinta aberrações observavam os fogos até que o Bebedor de Lava olhou e viu os intrusos. Então deixou seu universo flamejante cair, os sóis afogando-se num tanque de água.

O vapor subiu. E tudo ficou imóvel como um quadro.

Até um inseto parou de zumbir.

Will olhou rapidamente.

Lá, no palco maior, com uma agulha de tatuagem erguida como uma arma de dardos em sua mão pintada, estava o Senhor Dark, o Homem Ilustrado.

A multidão de imagens inundava cruamente sua carne. Com a parte superior do corpo nua até o umbigo, ele estivera se tatuando, acrescentando uma nova figura na palma da mão esquerda com aquela engenhoca que parecia uma libélula. Agora, com o inseto mecânico morto em sua mão, ele se virou. Mas Will, olhando além dele, gritou:

— Lá está ele! Lá está o Senhor Cooger!

A polícia e os enfermeiros se agitaram.

Atrás do Senhor Dark estava a Cadeira Elétrica.

E naquela cadeira sentava-se um homem arruinado, que eles haviam visto pela última vez chiando num colapso de ossos e cera branca sobre o carrossel quebrado. Agora ele estava empinado, ereto, amarrado naquela cadeira prenhe com a força dos relâmpagos.

— Lá está ele! Ele estava... *morrendo*.

O Balão ficou de pé.

O Esqueleto virou-se.

O Verruga saltou como uma pulga na serragem.

O Anão abaixou as cartas e moveu o olhar, ora enlouquecido, ora idiotizado, para cima e para baixo.

“Eu o *conheço*”, pensou Will. “Ah, Deus, o que eles *fizeram* com ele!”

O vendedor de para-raios!

Era ele. Espremido e esmagado, encolhido por alguma força terrível naquele fragmento de humanidade...

O vendedor de para-raios.

Mas agora duas coisas haviam acontecido com rapidez.

Monsieur Guillhotina pigarreou.

E a lâmina lá em cima, no céu de lona, caiu como um falcão. Sussurrando-varrendo-escorrendo-relampejando-descendo e... *Bum!*

A cabeça do boneco caiu.

E, ao cair, parecia com a cabeça de Will, com seu próprio rosto destruído.

Ele queria e não queria correr para pegar aquela cabeça e virá-la para ver

se tinha mesmo a sua aparência. Mas como poderia se atrever a fazer isso? Nunca, nunca em um bilhão de anos alguém poderia esvaziar aquele cesto.

E uma segunda coisa aconteceu.

Um mecânico, trabalhando atrás de um caixão ereto como tampa de vidro, disparou um gatilho. E isso fez a última engrenagem mover-se dentro da maquinaria embaixo do cartaz MADEMOISELLE TAROT, A BRUXA DO PÓ. E a mulher de cera, dentro da caixa de vidro, abaixou a cabeça e virou o nariz pontudo para os meninos que passavam, conduzindo os homens. Sua mão de cera fria mexeu na Poeira do Destino sobre uma borda dentro do caixão. Os olhos dela não enxergavam nada; eles estavam fechados, as pálpebras costuradas com negros frios rendados. Ela era uma figura de cera assustadora, e o policial sorriu, e passou, também sorrindo para *Monsieur* Guilhotina pelo seu ato. Os policiais estavam relaxados agora e não pareciam se importar de terem sido chamados tarde da noite para uma alegre incursão naquele mundo de acrobatas que ensaiavam e de mágicos decadentes.

— Cavalheiros! — disse o Senhor Dark, e sua multidão de ilustrações moveu-se sobre a plataforma de madeira, uma selva sobre cada braço, uma víbora egípcia enrolada nos bíceps. — Bem-vindos! Vocês chegaram bem a tempo! Estávamos ensaiando nossos novos números! — O Senhor Dark acenou e monstros estranhos mostraram os dentes em seu peito, um ciclope com o umbigo fazendo-se de olho, contorcendo-se em sua barriga enquanto ele caminhava.

“Deus”, pensou Will, “será que ele está trazendo aquelas figuras com ele ou são elas que o arrastam pela pele?”

De todas as plataformas que estalavam e da serragem que abafava os ruídos, Will sentiu as aberrações se virarem, fixando seus olhos encantados, como os enfermeiros e a polícia, por aquela multidão ilustrada que num movimento conjunto dominava e enchia o ar da tenda com gritos silenciosos de atenção.

Agora, parte da população tatuada falava. Era a boca do Senhor Dark, acima e por cima daquela explosão caligráfica, aquele acidente ferroviário de monstros em tumulto sobre a pele suada. A voz do Senhor Dark soava como

as notas de um órgão oculto em seu peito. E sua população de figuras, de um verde-azulado elétrico, tremia, assim como tremiam as aberrações verdadeiras no piso da tenda, assim como, ouvindo em suas entranhas mais profundas, tremiam Jim e Will, sentindo-se uma aberração maior do que as próprias aberrações.

— Cavalheiros! Meninos! Acabamos de aperfeiçoar o nosso novo número! Vocês serão os primeiros a ver! — gritou o Senhor Dark.

O primeiro policial, com a mão aninhada casualmente no coldre da pistola, olhou para aquele vasto curral de bestas e seres, e começou a dizer.

— Este menino disse que...

— *Disse?! —* E o Homem Ilustrado deu uma gargalhada. As aberrações saltaram numa animação produzida pelo choque, depois se acalmaram à medida que o dono do espetáculo continuava, tranquilo, tocando e acariciando suas ilustrações, que, de algum modo, acalmavam as aberrações. — *Disse?* Mas o que ele viu? Os meninos sempre se assustam com esses espetáculos, não é? Correm como coelhos quando as aberrações aparecem. Mas esta noite, especialmente esta noite!

O policial olhou além, para a relíquia de *papier mâché* presa à Cadeira Elétrica.

— Quem é ele?

— Ele? — Will viu o fogo lamber os olhos enevoados do Senhor Dark, e o viu apagá-lo depressa. — Nossa nova atração. O Senhor Elétrico.

— Não! Olhem para o velho! Olhem! — gritou Will. E o policial virou-se para aquilatar o grito demoníaco do menino.

— Não está vendo? — berrou Will. — Ele está morto! A única coisa que o mantém de pé são aquelas correias!

Os enfermeiros olharam para aquele grande floco de inverno amarrado na cadeira negra.

“Meu Deus”, pensou Will, “nós achávamos que tudo seria tão simples. O velho, o Senhor Cooger, morrendo, então nós trouxemos médicos para salvá-lo, e com isso ele talvez nos perdoasse e talvez o pessoal do parque nos deixasse ir embora, sem fazer nada conosco. Mas agora isto, e depois? Ele está

morto! É tarde demais! E todos eles nos odeiam!”

E Will ficou entre eles, sentindo o ar frio que vinha daquela múmia desenterrada, da sua boca gelada e dos olhos frios trancados entre pálpebras congeladas. E dentro das narinas congeladas do Senhor Cooger nenhum cabelo branco se mexia. As costelas sob sua camisa agigantada estavam rígidas como pedra, e os dentes sob os lábios de argila também pareciam frios como gelo seco. Se o pusessem lá fora, ao meio-dia, sairia vapor de dentro dele.

Os enfermeiros trocaram olhares e assentiram.

O policial, diante disso, deu um passo à frente.

— Cavalheiros!

O Senhor Dark estendeu a mão tatuada com uma tarântula para um quadro de chaves elétricas.

— Cem mil volts agora queimarão o corpo do Senhor Elétrico!

— Não o deixe fazer isso! — gritou Will.

O policial deu mais um passo. Os enfermeiros abriram a boca para falar. O Senhor Dark deu uma olhadela rápida e exigente para Jim, e Jim gritou.

— Não! Está tudo bem!

— Jim!

— Sim, Will, está tudo bem!

— Afastem-se! — A aranha agarrou a chave elétrica. — Este homem está em transe! Como parte de nosso novo número, eu o hipnotizei! Ele pode se machucar se o tirarem desse transe!

Os enfermeiros fecharam a boca. Os policiais ficaram imóveis.

— Cem mil volts! E, no entanto, ele sairá vivo, ileso mental e fisicamente.

— Não!

Um policial agarrou Will.

O Homem Ilustrado, junto com todos os homens e feras espalhados sobre ele num frenesi, agarrou e empurrou a chave elétrica.

As luzes da tenda se apagaram.

Os policiais, os enfermeiros e os meninos saltaram, a carne tremendo.

Mas agora, naquela rápida escuridão de meia-noite, a Cadeira Elétrica transformara-se numa fornalha onde o velho brilhava como uma árvore azul

no outono.

A polícia recuou, os enfermeiros se inclinaram para a frente, assim como as aberrações, o fogo azul cintilando em seus olhos.

O Homem Ilustrado, com a mão grudada na chave, olhava para aquele homem muito, muito velho.

O velho estava morto como uma pedra, sim, mas a eletricidade viva o envolvia. Ela enxameava pelas suas orelhas frias, tremulava dentro de suas narinas profundas como um poço de pedra. Arrastava enguias azuis de força sobre seus dedos de louva-a-deus e seus joelhos de gafanhoto.

O Homem Ilustrado abriu os lábios e ele talvez até tenha gritado, mas ninguém ouviu no meio daquela explosão de energia, no frígido da força que se espalhava acima e abaixo do homem aprisionado na cadeira. “Viva!” Clamou o zumbido! “Viva!” Gritou a tempestade de cor e luz. “Viva!” Gritou a boca do Senhor Dark, a qual ninguém ouviu, exceto Jim lendo os lábios, aquilo trovejando na sua mente e na de Will. “Viva!”, desejaram eles, “acorde, funcione, faça um barulho, jorre, salive, desacorrente o espírito, derreta a alma de cera...”

— Ele está morto! — disse Will, mas ninguém o escutou, não importando o quanto ele se esforçasse para ser ouvido em meio àquele clamor relampejante.

“Viva!” E os lábios do Senhor Dark saboreavam a palavra. “Viva!” Volte a viver. Ele empurrou a chave para a potência mais alta. “Viva, viva!” E em algum lugar, dínamos protestaram, guincharam, gritaram com uma energia bestial. A luz ficou verde. “Morto, morto”, pensou Will. Mas “viva, viva!”, gritaram as máquinas, gritou o fogo e a chama, gritaram as bocas da multidão de bestas na pele ilustrada.

E então, os cabelos do velho ficaram em pé, soltando fumaça. Centelhas saíram de suas unhas, pingando gotas ferventes sobre as tábuas de pinho. Brilhos esverdeados correram pelas pálpebras mortas.

O Homem Ilustrado curvou-se violentamente na direção da coisa velha, velha, morta, morta, suas bestas afogadas em suor, sua mão direita martelando o ar e exigindo: “Viva, viva.”

E o velho reviveu.

Will gritou até ficar rouco.

Pois agora, como se fosse erguida pelo trovão, como se o fogo elétrico fosse uma nova alvorada, uma pálpebra morta abriu-se lentamente.

As aberrações ficaram boquiabertas.

Lá no meio da tempestade, Jim também gritava, pois Will apertou seu braço e sentiu o grito vibrando através dos ossos, enquanto os lábios do velho abriam-se e faíscas assustadoras ziguezagueavam entre os lábios e os dentes amarelados.

O Homem Ilustrado reduziu a energia a um mero zumbido. E então, virando-se, ele caiu de joelhos e estendeu a mão.

Lá na plataforma, houve uma fraca agitação, como uma folha de outono sob a camisa do velho.

As aberrações exalaram.

O velho, velho homem suspirou.

“Sim”, pensou Will, “eles estão respirando por ele, ajudando-o, fazendo-o viver.”

“Inspire, expire, inspire, expire...” e, no entanto, tudo parecia uma simulação. O que ele poderia dizer ou fazer?

— ... pulmões... isso... isso... — sussurrou alguém.

A Bruxa do Pó em sua caixa de vidro?

“Inspire.” E as aberrações respiraram. “Expire.” Seus ombros encolheram.

E os lábios do velho tremeram.

— ... batimento cardíaco... um... dois... assim... assim...

A Bruxa novamente? Will tinha medo de olhar.

Uma veia começou a palpitar como um pequeno relógio no pescoço do velho.

Muito devagar agora, aquele olho direito do velho arregalou-se, olhando fixamente, parado como a lente de uma câmara quebrada. Era como olhar para um buraco no espaço, sem fim, eterno. Ele se sentiu mais quente.

Os meninos, abaixo, gelaram.

E agora o velho, com aquele olho terrível de pesadelo, tão arregalado, tão

profundo e tão vivo naquele rosto de porcelana quebrada, lá das profundezas de algum lugar, o sobrinho maligno olhava para as aberrações, para os enfermeiros, para a polícia e...

Para Will.

Will pôde se ver, pôde ver Jim, como duas pequenas imagens refletidas naquele único olho. E, se o velho piscasse, as duas imagens seriam *esmagadas* por aquela pálpebra!

O Homem Ilustrado, de joelhos, olhou para trás e brindou a todos com o seu sorriso.

— Cavalheiros, meninos, aqui *de fato* está um homem que vive do - relâmpago!

O segundo policial riu, com aquele movimento deslizando a mão para fora do coldre.

Will mexeu-se para a direita.

E o olho do velho o seguiu, sugando-o com seu vácuo.

Will mexeu-se para a esquerda.

Assim como o olhar do velho, enquanto seus lábios frios se abriam para moldar e remoldar um suspiro. E das profundezas do velho saltou sua voz, ricocheteando das cavernas frias do corpo até escapar de sua boca:

— ... bem-vindos... mmmmmm...

A palavra foi engolida.

— bem... vinnnn... nnnnn...

Os policiais cutucaram um ao outro com sorrisos idênticos.

— Não! — gritou Will subitamente. — Isso não é um número! Ele está morto! Ele vai morrer de novo se a força for cortada...!

Will cobriu a própria boca com a mão.

“Meu Deus”, pensou ele, “o que estou fazendo? Eu quero que ele viva, assim nos perdoará e nos deixará em paz! Mas Deus do céu, gostaria mais ainda que ele estivesse morto. Que todos eles morressem. Eles me apavoram tanto que eu sinto bolas de pelo tão grandes quanto gatos dentro do meu estômago!”

— Eu sinto muito... — sussurrou ele.

— Não sinta! — gritou o Senhor Dark.

As aberrações se remexeram olhando e piscando. O que a estátua na - cadeira crepitante faria agora? O único olho aberto do velho fechou-se. A boca desabou como uma bolha de lama amarela num banho de enxofre.

O Homem Ilustrado empurrou a chave com um dente, sorrindo loucamente para o vazio. E colocou uma espada de aço na mão vazia do velho.

Uma descarga de eletricidade formigou das pontas secas dos pelos do restolho no rosto do velho. E o olho profundo se abriu, rápido como um buraco de bala. Faminto por Will, ele procurou e devorou sua imagem. Os lábios fumegaram:

— Eu... vvvi... os... meninoss... ennntrannndo... na... tenda...

Os foles ressecados encheram-se novamente e então perfuraram o ar com fracos gemidos:

— Nós... ensaiávamos... assimmm... eu pensei... fazer... esssse truque... fingir-me... de morto.

De novo a pausa para beber o oxigênio como um refrigerante, server eletricidade como um vinho.

— ... me deixei cair... como... se... estivesse... morrendo... os... meninoss... gritaram... *fugiram!*

O velho sussurrava sílaba por sílaba.

— Ah. — Pausa. — Ah. — Pausa. — Ah.

A eletricidade movia os lábios assobiantes.

O Homem Ilustrado deu uma tossida fraca.

— Este número, ele *cansa* o Senhor Elétrico...

— Ah, certamente — disse um dos policiais. — Desculpe-me. — Ele levou a mão ao quepe. — Ótima performance.

— Bom mesmo — disse um dos enfermeiros.

Will olhou rapidamente para ver a boca do enfermeiro, como ela ficava ao dizer isso, mas Jim ficou na frente.

— Meninos! Uma dúzia de entradas grátis! — disse o Senhor Dark, estendendo a mão. — Peguem!

Jim e Will não se moveram.

— Bem? — disse um dos policiais.

Will estendeu a mão timidamente para pegar as entradas cor de chamas, mas parou quando o Senhor Dark disse:

— Como vocês se chamam?

Os policiais piscaram um para o outro.

— Digam, meninos.

Silêncio. As aberrações observavam.

— Simon — disse Jim. — Simon Smith.

A mão do Senhor Dark, segurando as entradas, se contraiu.

— Oliver — disse Will. — Oliver Brown.

O Homem Ilustrado inspirou poderosamente. As aberrações *inalaram!* E aquela vasta inspiração pareceu ativar o Senhor Elétrico. Sua espada moveu-se. E da ponta partiu uma centelha para ferroar o ombro de Will e frigir numa explosão azul-esverdeada sobre Jim. Um relâmpago saltou do ombro de Jim.

Os policiais riram.

O único olho aberto do velho flamejou.

— Eu os batizo... seusss tolos... eu... os batizo... Senhor Doentio... e Senhor Pálido...!

O Senhor Elétrico terminou. A espada tocou neles.

— Umaa... vida... curta e triste... para vocês dois!

E então sua boca se imobilizou, os olhos se fecharam. Prendendo a respiração, ele deixou centelhas encherem seu corpo como uma champanhe escura.

— As entradas — murmurou o Senhor Dark. — Passeios grátis, passeios grátis. Venham quando quiserem. Voltem, voltem.

Jim pegou as entradas, Will pegou as entradas.

Eles pularam e saíram correndo da tenda.

Os policiais, sorrindo e acenando, seguiram-nos calmamente.

Os enfermeiros, sem sorrir, como fantasmas em suas roupas brancas, seguiram atrás.

Eles encontraram os meninos encolhidos no banco de trás da viatura de

polícia.

Parecia que tudo que queriam era ir para casa.

Parte II

Buscas

Capítulo 25

Ela podia sentir os espelhos esperando-a em cada cômodo, do mesmo modo como se pode sentir, sem abrir os olhos, que a primeira neve do inverno já caiu.

A Senhorita Foley tinha reparado pela primeira vez, alguns anos antes, que sua casa estava povoada de sombras dela mesma. Era melhor, portanto, ignorar as camadas de gelo de dezembro no corredor, em cima da escrivaninha, no banheiro. Era preciso caminhar com cuidado sobre o gelo fino. O simples ato de parar, aliado ao peso da atenção voltada para algo, poderia quebrar a delicada cobertura. Mergulhar através da crosta significava afogar-se em profundezas tão frias, tão remotas, que todo o passado ficaria gravado em lápides marmóreas lá embaixo. A água gelada invadiria as veias. Paralisado diante do espelho, qualquer um poderia ficar lá para sempre, incapaz de erguer seu olhar das evidências do Tempo.

E, no entanto, naquela noite, com o eco dos pés dos três meninos sumindo, morrendo na distância, ela continuava sentindo a neve cair nos espelhos de sua casa. Queria lançar-se através das molduras para testar o seu clima. Mas tinha medo de que isso fizesse todos os espelhos se juntarem em bilhões de multiplicações dela mesma, um exército de mulheres marchando para se tornarem garotas, e as garotas marchando para se tornarem crianças infinitamente pequenas. Tantas pessoas, apinhadas numa só casa, iam deixá-la sufocada.

E, então, o que deveria fazer em relação aos espelhos, a Will Halloway, a Jim Nightshade e... ao sobrinho?

Estranho. Por que não dizer *meu* sobrinho?

Porque, pensou ela, desde a primeira vez em que ele entrara por aquela porta, não parecera ser da família; sua prova não era prova, ela continuava esperando por... pelo quê?

Aquela noite. O parque de diversões. A música, dissera o sobrinho, que *tinha* de ser ouvida, as atrações que *tinham* de ser experimentadas. Fique longe do labirinto onde reside o inverno. Gire no carrossel onde o verão, suave como o trevo, o capim melado e a hortelã, mantém o seu calor.

Ela olhou para o gramado noturno, de onde ainda não havia recolhido as joias espalhadas. De algum modo, tinha percebido que aquele havia sido o subterfúgio que o sobrinho usara para se livrar dos dois garotos que poderiam impedi-la de usar aquele ingresso. O ingresso que havia tirado da prateleira.

CARROSSEL, SÓ PARA UMA PESSOA.

Ficara aguardando o retorno do sobrinho. Mas o tempo passava e era hora de agir. Alguma coisa devia ser feita, não para magoar, isso não, mas para atrasar a interferência de Jim e Will. Ninguém deveria se colocar entre ela e o sobrinho, entre ela e o carrossel, com seu adorável rodopio pelo calor do verão.

O sobrinho lhe dissera isso, sem nada lhe dizer, senão segurando suas mãos e soprando em seu rosto aquele hálito de torta de maçã de sua boquinha rosada.

Retirou o telefone do gancho.

Do outro lado da cidade, podia ver a luz acesa no prédio de pedra da biblioteca, como toda a cidade via havia anos. Discou um número. Uma voz suave respondeu. Ela disse:

— Biblioteca? Senhor Halloway? Aqui é a Senhorita Foley, a professora de Will. Por favor, daqui a dez minutos encontre-se comigo na delegacia... Senhor Halloway?

Uma pausa.

— O senhor ainda está *aí*...?

Capítulo 26

— Eu teria jurado — disse um dos enfermeiros — ... que o velho estava morto quando entramos lá.

A ambulância e o carro da polícia haviam parado um ao lado do outro, ao mesmo tempo, em uma encruzilhada no caminho de volta para a cidade. Um dos enfermeiros falou algo através da janela. E agora um dos policiais respondia:

— Você está brincando!

Os enfermeiros deram de ombros dentro da ambulância.

— Você tem razão, brincando.

Seguiram na frente, seus rostos tão brancos e silenciosos quanto seus uniformes.

A polícia seguiu atrás, com Jim e Will encolhidos no banco traseiro tentando dizer algo, mas os policiais começaram a rir e a falar, lembrando tudo que havia acontecido entre eles. E, assim, Will e Jim acabaram mentindo, dando nomes falsos novamente, dizendo que moravam na esquina da rua da delegacia.

Deixaram que os policiais parassem a viatura diante de duas casas escuras, perto da delegacia, subiram até as varandas e agarraram as maçanetas, esperando o carro dobrar a esquina e seguir para a delegacia. Depois deram meia-volta, saíram e foram atrás, olhando as luzes amarelas da delegacia que pareciam ter a cor do sol à meia-noite. Will ainda se virou para trás, vendo a

noite inteira começar e acabar no rosto de Jim, enquanto este olhava para as janelas da delegacia, como se a qualquer momento a escuridão fosse tomar conta de todas as salas e apagar as luzes para sempre.

“Voltando para a cidade”, pensou Will, “joguei fora as minhas entradas. Mas... olhe...”

Jim ainda conservava as dele em suas mãos.

Will tremeu.

O que Jim pensava, queria, planejava, agora que os homens mortos viviam, e viviam apenas através do fogo branco da cadeira elétrica? Será que ele ainda adorava parques de diversões? Will observou o amigo. Lembranças indistintas, sim, iam e vinham nos olhos de Jim, pois, afinal, Jim era Jim, mesmo ali, de pé, com a calma luz da Justiça iluminando seu rosto.

— O delegado — disse Will. — Ele nos ouviria...

— Claro — respondeu Jim. — Ele vai ouvir só o suficiente para mandar buscar a rede de pegar borboleta. Que diabos, William, nem *eu* acredito no que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas.

— Mas temos de encontrar alguém mais importante, continuar tentando; agora sabemos como está a situação.

— Está bem. E como é que está? O que foi que o parque de diversões fez de tão mau? Assustou uma mulher com o Labirinto de Espelhos? Então, ela se assustou, dirá a polícia. Roubou uma casa? Está bem, e onde está o ladrão? Escondido na pele de um velho? Quem acreditaria nisso? Quem acreditaria que aquele velho é agora um menino de 12 anos? E o que mais temos? O vendedor de para-raios que desapareceu? Certo, e deixou sua bolsa para trás. Mas ele pode ter ido embora da cidade...

— Aquele anão dentro da tenda...

— Eu vi, você viu, ele se parece com o vendedor de para-raios, é verdade. Mas, novamente, você pode provar que ele já foi grande? Não, do mesmo modo que não pode provar que Cooger já foi pequeno, e assim ficamos aqui, Will, na calçada, sem prova alguma, exceto o que vimos. E nós somos apenas garotos, é a palavra do pessoal do parque contra a nossa, e a polícia se divertiu um bocado por lá. Droga, é uma confusão e tanto. Se ao menos, se ao menos

ainda tivéssemos um meio de nos desculparmos com o Senhor Cooger...

— Nos desculparmos?! — gritou Will. — Pedir desculpas a um crocodilo devorador de homens? Cruz credo! Você ainda não percebeu que não podemos negociar com esses *ulmers* e *goffs*!

— *Ulmers*? *Goffs*? — Jim olhou para ele pensativo, pois aqueles eram os nomes que os meninos tinham inventado para as criaturas que se arrastavam, ondulavam e saltavam em seus pesadelos. Nos sonhos ruins de William, os *ulmers* gemiam e falavam, mas não tinham rostos. Nos sonhos igualmente ruins de Jim, os *goffs*, este era o seu nome peculiar para eles, cresciam como cogumelos monstruosos que comiam ratos, aranhas, que, por sua vez, já que eram grandes o bastante, comiam gatos.

— *Ulmers*! *Goffs*! — disse Will. — Você precisa do quê? Que um cofre de dez toneladas caia sobre a sua cabeça? Olhe o que já aconteceu com dois sujeitos: o Senhor Elétrico e aquele terrível anão louco! Todo tipo de coisa pode dar errado com as pessoas naquela maldita máquina. Nós sabemos, nós vimos. Talvez eles tenham encolhido o vendedor de para-raios daquele jeito de propósito, ou talvez alguma coisa tenha dado errado. O fato é que ele acabou numa prensa, foi atropelado por um rolo compressor em forma de carrossel e está tão maluco agora que nem mesmo nos *reconheceu*! E isso não é o suficiente para assustar você, Jim? Então, talvez até o Senhor Crosetti...

— O Senhor Crosetti saiu de férias.

— Talvez sim, talvez não. Há um letreiro na loja dele que diz: FECHADO POR MOTIVO DE DOENÇA. Que *tipo* de doença, Jim? Ele se empanturrou de doces naquele parque? Ele ficou enjoado no brinquedo favorito de todos?

— Pare com isso, Will.

— Não senhor, eu não vou parar. Claro, claro, o carrossel parece ótimo. Você pensa que *eu* gostaria de ter 13 anos o tempo todo? Eu não! Mas, pelo amor de Deus, Jim, fale a verdade, você não quer *realmente* ter 20 anos!

— E sobre o que mais falamos o verão inteiro?

— Falamos, tudo bem. Mas cair de cabeça naquela máquina maluca e deixar seus ossos serem esticados. Jim, você não saberia o que fazer com os seus ossos quando tudo acabasse!

— Eu saberia — disse Jim, olhando para a noite. — Eu saberia.

— Certo. Você simplesmente partiria e me deixaria aqui, Jim

— Por quê? — protestou o outro. — Eu não o abandonaria, Will. Ficá-
ríamos sempre juntos.

— Juntos? Você, sessenta centímetros mais alto e andando por aí experimentando suas novas pernas e braços? E olhando para mim de cima para baixo? E sobre o que conversaríamos? Eu, com meus bolsos cheios de linha de pipa, pedras e bolas de gude, e você com bolsos limpos e vazios, caçoando de mim. É sobre isso que conversaríamos, e você correria mais depressa para fugir de mim...

— Eu nunca fugiria de você, Will...

— Fugiria num minuto. Bem, vá em frente, Jim, me deixe aqui porque eu tenho o meu canivete e não há nada de errado se eu sentar sob uma árvore, brincar sozinho, enquanto você enlouquece totalmente no calor daqueles cavalos girando ao seu redor. Mas, graças a Deus, não estão girando mais...

— E é por sua culpa! — gritou Jim. E, então, parou.

Will ficou rígido e fechou as mãos.

— Você quer dizer que eu devia ter deixado o garotinho malvado e terrível virar o homem malvado e terrível para arrancar as cabeças de nós dois? Deixar que ele desse umas voltas para cuspir nos nossos olhos? Ou talvez você rodasse junto com ele, dando adeus a mim, e dando mais uma volta, e acenando! E tudo que me restaria a fazer seria acenar de volta. Era isso que você queria dizer, Jim?

— *Sssh* — respondeu Jim. — Como você disse, está muito tarde agora. O carrossel está quebrado...

— E quando estiver consertado, eles vão colocar nele o velho e horrível Cooger, fazê-lo ficar suficientemente jovem para que possa falar e lembrar o nosso nome, e então eles virão atrás de nós como canibais, ou talvez venham só atrás de mim, se você fizer um acordo com eles e revelar o meu nome e onde eu moro...

— Eu não faria isso, Will — disse Jim, tocando o amigo.

— Ah, Jim, Jim, você pode *ver*, não é? Tudo a seu tempo, como disse o

pastor no mês passado, tudo de um em um, não de dois em dois, você se lembra?

— Tudo — respondeu Jim — a seu tempo...

Foi quando eles ouviram as vozes na delegacia. Em uma das salas, à direita da entrada, havia uma mulher falando, e homens falando também.

Will acenou para Jim e os dois se aproximaram silenciosamente, abrindo caminho entre os arbustos para olhar pela janela.

E lá estava a Senhorita Foley sentada, e também o pai de Will.

— Eu não entendo — disse a Senhorita Foley. — Só de pensar que Will e Jim fossem invadir a minha casa, roubar, sair correndo...

— Você viu o rosto deles? — perguntou o Senhor Halloway.

— Quando eu gritei, eles olharam para cima, sob a luz do poste.

“Ela não está mencionando o sobrinho”, pensou Will. “Ela não vai falar dele, é claro.”

“Está vendo, Jim?”, ele queria gritar. “Foi uma armadilha! O sobrinho *esperou* até que nós viéssemos xeretar. Ele queria nos colocar numa encrenca tão grande que não importaria mais o que falássemos para qualquer um, para a polícia, para os nossos pais, pois ninguém prestaria atenção na nossa conversa sobre parques de diversões, carrosséis, porque a nossa palavra não valeria mais nada!”

— Eu não quero processá-los — disse a Senhorita Foley. — Mas se eles são inocentes, onde estão aqueles meninos?

— Aqui! — gritou alguém.

— Will! — disse Jim.

Tarde demais.

Pois Will havia pulado e estava entrando pela janela.

— Aqui — repetiu simplesmente, enquanto seus pés tocavam o chão da sala.

Capítulo 27

Eles foram para casa em silêncio, caminhando sobre as calçadas tingidas pelo luar, na companhia do Senhor Halloway. Quando chegaram, o pai de Will suspirou.

— Jim, não vejo razão para deixar sua mãe arrasada numa hora dessas. Se você prometer que vai contar tudo para ela no café da manhã, deixo você aqui. Consegue entrar sem acordá-la?

— Está bem. Olhe o que nós temos.

— Nós?

Jim assentiu com a cabeça e foi mexer nos montes de musgo e folhas num dos lados da casa, até encontrar os degraus de ferro que ele havia construído em segredo e juntado para formar uma escada oculta até a janela do seu quarto. O Senhor Halloway riu, quase dolorosamente, e uma estranha e louca tristeza se apoderou de sua cabeça.

— Há quanto tempo vocês fazem isso? Não, não me diga. Eu também fiz muito isso, quando tinha a sua idade. — Ele olhou para cima, pelas trepadeiras, até a janela de Jim. — É divertido sair tarde, livre de tudo — começou a dizer, mas se conteve. — Vocês ficam na rua até muito tarde...?

— Esta semana foi a primeira vez que passamos da meia-noite.

O pai pensou por um momento.

— Pedir permissão estragaria tudo, eu imagino. Ir escondido até o lago, o cemitério, os trilhos do trem, os pomares de pêssegos nas noites de verão, isso

é o que conta...

— Puxa, Senhor Halloway, o senhor já...

— Sim. Mas não deixe as mulheres ficarem sabendo que eu contei para vocês. Suba — apontou ele. — E não saia de novo noite *alguma* até o mês que vem.

— Sim, senhor!

Jim subiu como um macaco em direção às estrelas, entrou pela janela, fechou-a e baixou a cortina.

O pai olhou para os degraus ocultos descendo da luz das estrelas até o mundo livre das calçadas que convidavam para uma corrida de mil metros rasos, para os saltos sobre arbustos escuros e para a ginástica sobre os muros e grades do cemitério...

— Você sabe o que eu sinto mais do que tudo, Will? Não poder correr mais, como vocês.

— Sim, senhor — respondeu o filho.

— Agora vamos deixar uma coisa bem clara — disse-lhe o pai. — Amanhã vá se desculpar novamente com a Senhorita Foley. E verifique o quintal dela. Podemos ter deixado passar alguma parte da... propriedade roubada... com nossos fósforos e lanternas. Em seguida, vá até o delegado e fale com ele. Você teve sorte de se apresentar. Teve sorte de a Senhorita Foley não registrar uma queixa.

— Sim, senhor.

Caminharam até a parede de sua própria casa. O pai passou a mão pelas trepadeiras.

— Na nossa casa também?

Sua mão tinha encontrado um degrau que Will havia pregado entre as folhas.

— Na nossa casa também.

Ele tirou do bolso a caixinha de tabaco, encheu seu cachimbo enquanto os dois permaneciam ali junto às trepadeiras, degraus ocultos levando-os até as camas quentes, aos quartos seguros. Então, acendeu o cachimbo e disse:

— Eu conheço você. Você não está com *ar* de culpado. Você não roubou

coisa alguma.

— Não.

— Então, por que mentiu para a polícia?

— Porque a Senhorita Foley, sabe-se lá por que, *quer* que sejamos culpados. E se ela disser que somos, nós seremos. Você não viu como ela ficou surpresa ao nos ver entrar pela janela? Ela nunca ia imaginar que confessaríamos. Bom, nós confessamos. Já temos inimigos suficientes sem ter a lei atrás de nós. Calculei que, se confessássemos, eles nos deixariam em paz. E foi o que aconteceu. Ao mesmo tempo, a Senhorita Foley também venceu, porque agora somos nós os criminosos. E ninguém vai acreditar mais no que dissermos.

— Eu acredito.

— Jura? — Will vasculhou nas sombras o rosto de seu pai, viu a brancura da pele, dos olhos e dos cabelos.

— Pai, na outra noite, às três da madrugada...

— Às três da madrugada...

Ele viu o pai estremecer como se atingido por um vento frio, como se estivesse farejando e soubesse de tudo e simplesmente não pudesse se mover, estender a mão e tocar Will.

Ele sabia que não poderia contar. No dia seguinte, sim, algum outro dia, sim, pois, talvez, quando o sol surgisse, as tendas fossem embora, as aberrações sumissem, deixando-os em paz, sabendo que eles estavam suficientemente apavorados para não dizer nada, para ficar de boca fechada. Talvez, então, tudo passasse, talvez... talvez...

— Sim, Will? — disse seu pai, com dificuldade, o cachimbo apagando-se em sua mão. — Continue.

“Não”, pensou Will, “deixe que eu e Jim sejamos devorados pelos canibais, e ninguém mais. Qualquer um que fique sabendo vai se machucar. Portanto, ninguém mais deve saber.” E disse em voz alta:

— Daqui a dois dias eu lhe contarei tudo, pai. Juro. Pela honra de mamãe.

— Pela honra de sua mãe — disse o pai, finalmente —, é o suficiente para mim.

Capítulo 28

A noite estava perfumada com a poeira das folhas do outono, que cheiravam como se as areias finas do antigo Egito estivessem deslizando nas dunas além da cidade. “Como pode ser”, pensou Will, “que, numa hora dessas, eu consiga até mesmo pensar nos quatro mil anos de pó de ancestrais a deslizar pelo mundo e fique triste por ninguém notar isso, exceto eu, e talvez meu pai, e mesmo nós não falemos nada um para o outro?”

Era, de fato, uma hora peculiar aquela: num segundo, seus pensamentos corriam como um cachorro; no segundo seguinte, deslizavam lentamente como um gato. Era hora de ir para a cama, e, no entanto, eles hesitavam, como meninos que não querem desistir e ficam vagando em círculos entre o travesseiro e os pensamentos noturnos. Era uma ocasião para falar muito ou para não dizer nada. Hora das primeiras descobertas, mas não das últimas. De querer saber tudo ou não querer saber nada. Era a inédita candura de homens começando a se entender como deveriam. E a possível amargura das revelações.

Assim, embora devessem subir para os quartos, não podiam abandonar aquele momento que prometia outros, em noites não tão distantes, quando o homem e o menino que se tornava homem poderiam quase cantar. E, assim, Will finalmente perguntou com cuidado:

— Pai, eu sou uma pessoa boa?

— Eu acho que sim. Eu *sei* que é, claro.

— E isso... poderá auxiliar-me quando as coisas ficarem realmente ruins?

— Claro.

— Será capaz de salvar-me, se eu precisar ser salvo? Quero dizer, se eu estiver no meio de gente ruim e não houver mais ninguém bom num raio de quilômetros ao redor?

— É claro que sim.

— Pai, isso não é o bastante!

— O bem não garante a integridade do seu corpo. Serve mais para apaziguar a mente...

— Mas, às vezes, pai, você não fica tão assustado que até mesmo...

— ... a mente não consegue ser apaziguada? — O pai assentiu, o rosto tímido.

— Pai — perguntou Will, a voz bem fraca. — O senhor é uma boa pessoa?

— Para você e para a sua mãe, sim, eu tento ser. Mas nenhum homem é um herói para si mesmo. Vivi uma vida inteira comigo, Will. Eu sei tudo que vale a pena saber sobre mim mesmo...

— E, no somatório, qual...?

— No somatório? Bem, nas idas e vindas, e eu geralmente fico quieto no meu canto, sim, eu me saio bem.

— Então, pai — perguntou Will —, por que você não é feliz?

— O jardim na frente de casa... deixe-me ver... uma e meia da madrugada... não é o lugar mais adequado para começar um assunto filosófico...

— Eu só queria saber.

Houve um longo momento de silêncio. O pai suspirou.

Ele segurou o filho pelo braço, sentou-se com ele num dos degraus da porta e novamente acendeu o cachimbo. Deu uma baforada e disse:

— Tudo bem, sua mãe está dormindo. Ela não sabe que estamos aqui fora, com o nosso papo de gatos. Podemos continuar. Agora me diga, desde quando você pensa que ser bom significa ser feliz?

— Desde sempre.

— Então, aprenda uma coisa. Às vezes, o homem que parece ser o mais

feliz da cidade, aquele com o maior sorriso, é o que carrega o maior fardo de pecados. Existem sorrisos e sorrisos, e é bom você aprender a distinguir os alegres dos sinistros. O falador, o sujeito que vive dando gargalhadas, metade do tempo está fingindo. Ele se divertiu e se sente culpado. Porque os homens *adoram* pecar, Will, ah, como gostam, não duvide, de todos os modos, formas, tamanhos, cores e cheiros. Às vezes é o colchão, e não a mesa, o que mais se adapta aos nossos apetites. Escute um homem elogiando os outros em voz alta e veja se ele não acabou de sair do chiqueiro. E, por outro lado, aquele sujeito pálido, de aparência infeliz, que passa todo reservado, parecendo cheio de culpa e pecado, frequentemente é um homem bom com ‘B’ maiúsculo, Will. Porque ser bom é uma atividade terrível: os homens se esgotam com ela e às vezes se quebram. Já conheci alguns assim. Você trabalha o dobro para ser um fazendeiro do que para ser seu porco. E acho que a tensão de tentar fazer o bem pode rachar uma parede de noite. Um homem com altos padrões de conduta se esforçará tanto para mantê-los que poderá acabar doente. Ele não se desculpa, não perdoa a si mesmo se sair um pouquinho da retidão.

“Ah, seria ótimo se você pudesse *ser* bom, *agir* bem sem pensar nisso o tempo todo. Mas é difícil, não é? O último pedaço de torta de limão está lá na geladeira, esperando, no meio da noite; ele não é seu, mas você fica acordado pensando nele, querendo saboreá-lo, não é? Estou chovendo no molhado? Ou pense num dia quente da primavera, e lá está você, preso à sua carteira na escola e lá fora está o rio, frio, fresco, caindo na cachoeira. Os meninos podem ouvir a água limpa correndo a quilômetros de distância. E assim, a cada minuto, a cada hora, ao longo de toda uma vida, isso nunca tem fim, nunca para, você tem uma escolha a fazer em um instante, outra no instante seguinte, e em seguida, novamente entre fazer o certo e o errado, e é isso que o relógio diz com o seu tiquetaquear. ‘Corra, vá nadar ou fique no calor; corra, coma a torta ou fique com fome.’ E, assim, você decide ficar; mas, se ficar, Will, você sabe qual é o segredo, não sabe? Não pense no rio outra vez. Ou na torta. Porque, se pensar, você enlouquecerá. Agora some todos os rios em que não nadou, todas as tortas que não comeu e, quando você chegar à minha idade, Will, descobrirá que perdeu um bocado. Mas aí você se

consolará, pensando nas ocasiões em que poderia ter se afogado naquele rio ou engasgado com a cobertura de limão. Mas, nesse caso, a escolha foi por pura covardia, eu suponho, você se segurou demais, esperou demais, não quis correr riscos.

“Olhe para mim: eu me casei com 39, Will, 39 anos! Mas eu estava tão ocupado, guardando-me em duas de cada três oportunidades, até achar que já estava pronto e perfeito. E, então, muito tarde, descobri que não se pode ficar esperando a perfeição, sair, cair e levantar como todo mundo. E, assim, eu me levantei da minha grande luta de autocontenção uma noite em que sua mãe foi à biblioteca procurar um livro e, em vez disso, acabou me levando. Foi então que percebi que, se você pega um homem relativamente mau, e uma mulher também relativamente má, e junta suas metades boas, você conseguirá um ser humano inteiramente bom. E esse é você, Will, aposto meu dinheiro nisso. E o mais estranho, filho, e o mais triste, também, é que, embora você sempre esteja fugindo, lá no fundo do quintal, e eu lá no teto, usando livros como telhas, comparando a vida às bibliotecas, logo percebo que você é mais sábio, mais perfeito e melhor do que eu jamais serei...”

O cachimbo do pai havia se apagado. Ele fez uma pausa para esvaziá-lo e enchê-lo de novo.

— Não, pai, eu não sou — disse Will.

— Sim, é — continuou o pai. — Eu seria um tolo se não admitisse que sou um tolo. Minha única sabedoria é reconhecer a sua.

— Engraçado — disse Will, depois de uma longa pausa. — O senhor me contou mais hoje à noite do que eu lhe contei. Vou pensar sobre isso. Talvez lhe conte tudo no café da manhã. Está bem?

— Eu estarei pronto, se você estiver.

— Porque... eu quero que você seja feliz, pai.

Ele detestou as lágrimas que surgiram em seus olhos.

— Eu ficarei bem, Will.

— Qualquer coisa que eu pudesse dizer, ou fazer, para fazê-lo feliz, eu faria.

— Willy, William. — O pai acendeu o cachimbo de novo e viu a fumaça

flutuar, dissolvendo-se suavemente. — Diga que eu vou viver para sempre. Isso resolveria tudo.

“A voz dele...”, pensou Will, “eu nunca tinha notado. Ela tem o mesmo tom de seus cabelos.”

— Pai — disse ele —, não fale assim tão triste.

— Eu? Eu sou o Senhor Tristeza. Eu leio um livro e fico triste. Vejo um filme e choro. Teatro? As peças, então, realmente me arrasam.

— Existe alguma coisa — disse Will — que *não* o deixe triste?

— Uma coisa: a morte.

— Caramba! — disse Will, surpreso. — Eu achava que isso o deixaria!

— Não — disse o homem, com uma voz que correspondia aos seus cabelos grisalhos. — A morte deixa todo mundo triste. Mas a morte em si apenas assusta. Se não existisse a morte, todas as outras coisas não ficariam manchadas.

“E”, pensou Will, “aqui temos o parque, a Morte como um chocalho de cascavel numa das mãos, e a Vida como uma barra de doce na outra. Sacuda um para assustar, ofereça a outra para fazer a sua boca salivar. E lá vem o show, com ambas as mãos *cheias*!”

Ele se levantou.

— Pai, me escute. Você vai viver para sempre! Acredite em mim, ou você está ferrado! Certo, você ficou doente há alguns anos... mas isso já passou. É verdade que você está com 54 anos, mas ainda é jovem! E outra coisa...

— Sim, Willy?

O pai ficou esperando. Ele hesitou. Mordeu os lábios e, afinal, disse:

— Não chegue perto daquele parque de diversões.

— Estranho — disse o pai. — Era isso que eu ia dizer a você.

— Eu não voltaria naquele lugar nem por um bilhão de dólares!

“Mas”, pensou Will, “isso não vai impedir o parque de vasculhar a cidade para vir *me* fazer uma visita.”

— Você promete, pai?

— Por que você não quer que eu vá lá, Will?

— Essa é uma das coisas que eu vou lhe contar amanhã, ou na semana que

vem, ou no ano que vem. Você tem de confiar em mim, pai.

— Eu confio, filho. — E o pai segurou sua mão. — Eu prometo.

Como se ouvissem um sinal, ambos se viraram para a casa. O tempo havia acabado, era tarde, tinham falado demais e sentiam, naturalmente, que era chegada a hora de entrar.

— Você vai entrar — disse o pai — do mesmo jeito que saiu.

Will caminhou em silêncio para tocar os degraus de ferro, escondidos sob a trepadeira.

— Pai, não vai *arrancá-los*, vai...?

O pai tateou um degrau com seus dedos.

— Algum dia, quando se cansar deles, você mesmo vai fazer isso.

— Eu nunca me cansarei deles.

— É assim que lhe parece? Sim, para alguém da sua idade, você acha que nunca vai se cansar de coisa alguma. Está bem, filho. Suba.

Will notou como o pai olhava para a trepadeira e para o caminho oculto.

— Você quer subir por aqui também?

— Não, não — respondeu seu pai, rapidamente.

— Porque — disse Will —, se quiser, será bem-vindo.

— Está bem. Suba agora.

E continuava olhando para a trepadeira, na escuridão da madrugada.

Will pulou, agarrou o primeiro, o segundo e o terceiro degraus, e olhou para baixo.

Daquela distância, seu pai parecia ter encolhido lá embaixo, no chão. De algum modo, não queria deixá-lo para trás, sozinho no meio da noite, como alguém abandonado por outra pessoa, a mão querendo se erguer, mas continuando imóvel.

— Pai! — sussurrou ele. — Você não tem a coragem necessária!

“Quem disse!?” respondeu o pai, silenciosamente.

E ele pulou.

E, rindo baixinho, o menino e o homem escalaram o lado da casa, sem parar, mão sobre mão, pé ante pé.

Will ouviu o pai escorregar, tatear, se agarrar.

“Segure firme!” pensou.

— Ahh...!

O homem ofegava com o esforço.

De olhos fechados, Will implorou:

— Fique firme... segure... agora...!!

O velho exalou, inspirou, praguejou num sussurro e voltou a subir.

Will abriu os olhos e subiu, e o resto da escalada foi perfeita, alta, ótima, maravilhosa, e eles chegaram! E os dois entraram e sentaram-se no parapeito, com o mesmo tamanho, o mesmo peso, iluminados pelas mesmas estrelas, e abraçaram-se novamente com uma grande e derradeira fadiga, engasgando-se com as imensas risadas que uniam seus ossos, e, temerosos de acordar Deus, a pátria, a esposa, a mãe e o que quer que fosse, cobriram as bocas com as mãos, sentindo o vibrante e doce riso represado lá dentro, e assim permaneceram por mais um instante, os olhos brilhando um para o outro e úmidos de amor.

E então, com um último e forte abraço, o pai se foi e a porta do quarto fechou-se.

Inebriado com toda a excitação daquela longa noite, libertando-se do temor pelas maravilhosas descobertas positivas a respeito de seu pai, livrou-se das roupas folgadas sobre o corpo, com os braços ainda trêmulos e as pernas agradavelmente doloridas, e caiu na cama como uma árvore derrubada.

Capítulo 29

Will dormiu exatamente uma hora.

Então, como se lembrasse alguma coisa que tinha visto apenas de relance, acordou, sentou-se e olhou para o telhado da casa de Jim.

— O para-raios! — exclamou ele. — Ele *sumiu*!

E realmente havia sumido.

Roubado? Não. Jim o havia retirado? Sim! Por quê? Para desafiar. Sorrindo, ele havia subido para arrancar o ferro e desafiar qualquer tempestade a atingir a *sua* casa! Amedrontado? Não. Medo era uma coisa que Jim gostava de experimentar.

“Jim!” Will tinha vontade de quebrar aquela janela. “Ponha o para-raios de volta! Antes que amanheça, Jim, o maldito parque de diversões vai mandar alguém até aqui para descobrir onde nós moramos; não sei como eles virão ou de que forma, mas, por Deus, seu telhado está tão *vazio*! As nuvens estão se movendo rápido, aquela tempestade está vindo ao nosso encontro e...”

Will parou.

Que tipo de ruído faz um balão quando flutua?

Nenhum.

Bem, não inteiramente. Ele desliza, ele sussurra, igual ao vento quando enfuna cortinas brancas como sopros de espuma. Ou faz um som como as estrelas girando nos nossos sonhos. Mas também pode se anunciar como a lua nascendo ou se escondendo no horizonte. Este último é o melhor de

todos: como a lua, deslizando pelos abismos do universo — é assim que se move um balão.

E como se poderá ouvi-lo, como se ficará sabendo dele? Será que algum ouvido perceberá? Não. Mas os cabelos na nuca e os pelos nas orelhas, *estes* perceberão, e os pelos nos braços cantarão como um grilo, as pernas friccionando-se e tremendo por causa de uma estranha melodia. E assim se saberá, se sentirá, se terá certeza, mesmo deitado na cama, que um balão estará submergindo no oceano do céu.

Will sentiu algo movimentar-se na casa de Jim, com suas antenas negras e finas; ele também deve ter sentido as águas se abrirem, bem alto sobre a cidade, para permitir que o Leviatã passasse.

Os dois meninos perceberam uma sombra enorme cobrir as duas casas; abriram, então, as janelas e colocaram as cabeças para fora, os dois queixos caindo de espanto com aquela sincronização amiga, aquela deliciosa pantomima intuitiva ou apreensiva que funcionava em sincronia havia tantos anos. E, com os rostos prateados pela lua que se erguia, os dois olharam para cima.

E viram um balão passar e sumir sobre a casa deles.

— Caramba, o que um balão está fazendo *aqui*!? — perguntou Jim, sem querer saber a resposta.

Pois, ao olhar, os dois sabiam que o balão estava realizando a melhor de todas as buscas, sem o barulho de um motor de carro ou de pneus cantando no asfalto, sem passos ecoando na rua, apenas o vento empurrando o grande volume através das nuvens para uma solene viagem na cesta de vime, velejando na tempestade.

Jim e Will não fecharam as janelas ou puxaram as cortinas, eles simplesmente *tinham* de permanecer imóveis, esperando, pois tinham *ouvido* aquele ruído outra vez, como um murmúrio num sonho alheio...

A temperatura caiu dez graus.

Agora, o balão tingido pela tempestade ronronava e descia íngreme, mas suavemente, com sua sombra elephantina esfriando quintais e relógios de sol, enquanto eles tentavam, nervosos, enxergar através daquela escuridão.

E o que viram foi alguma coisa em pé e com os braços nos quadris dentro da cesta de vime presa ao balão. Aquilo não era uma cabeça e ombros? Sim, e tendo o manto prateado da lua como pano de fundo. “O Senhor Dark!”, pensou Will. “O Esmagador!”, pensou Jim. “O Verruga!”, pensou Will. “O Esqueleto!” “O Bebedor de Lava!” “O Enforcado!” “*Monsieur Guilhotina!*”

Não.

Era a Bruxa do Pó.

A Bruxa que podia desenhar caveiras e ossos na poeira e, então, soprá-los para longe.

Jim olhou para Will e Will olhou para Jim; ambos leram os lábios um do outro: *a Bruxa!*

“Mas por que era aquela múmia de cera que estava voando num balão noturno à procura deles, por quê?”, pensou Will. “Por que não um dos outros, com seus venenos de lagarto, hálitos de lobo e olhos de serpente? Por que mandar uma estátua enrugada, com olhos cegos, costurados com fios de viúva negra?”

Então, olhando para cima, tiveram a resposta.

Porque a Bruxa, embora parecesse de cera, estava estranhamente viva. Seus olhos eram cegos, sim, mas ela possuía dedos manchados de ferrugem que acariciavam os fluxos de ar, que cortavam e separavam os ventos, arrancando camadas do espaço, cegando as estrelas, que ondulavam e dançavam e, então, apontavam como seu nariz.

E os meninos sabiam ainda mais.

Eles sabiam que, apesar de cega, sua cegueira era especial. Ela podia estender as mãos para sentir as protuberâncias do mundo, tocar os telhados das casas, sondando as caixas nos sótãos, colhendo a poeira, examinando as correntes de ar que sopravam pelos corredores e as almas que sopravam através das pessoas, correntes que fluíam dos pulmões às batidas do pulso, ao latejar das têmporas, ao engasgar a garganta, até voltarem aos pulmões. Da mesma maneira que eles haviam sentido aquele balão se mover como a chuva do outono, ela podia sentir as almas deles entrando e saindo de suas narinas trêmulas. Cada alma uma vasta impressão digital, *única*, que ela podia

trabalhar em sua mão como argila; que possuía um odor distinto, pois Will conseguia senti-la aspirar sua vida; que tinha um *gosto* distinto, que ela sorvia com sua boca desdentada e sua língua viperina; que *soava* distinta, pois ela enfiava as almas por um ouvido e as tirava pelo outro.

Suas mãos desciam pelo ar: uma procurando por Will; a outra, por Jim.

E a sombra do balão inundou-os de pânico, enchendo-os de terror.

A Bruxa exalou.

E o balão, livre de seu pequeno lastro de almas, elevou-se. A sombra passou.

— Meu Deus! — disse Jim. — Agora eles sabem onde nós moramos!

Ambos se engasgaram. Alguma bagagem monstruosa se arrastou pelas telhas da casa de Jim.

Will! Ela *me pegou*!

— Não, eu acho que...

Aquele arrastar, aquele som varrido, correu da beira até o topo do telhado de Jim. E, então, Will viu o balão rodopiar e voar em direção às colinas.

— Ela se foi, lá vai ela! Jim, ela *fez* alguma coisa com o seu telhado. Empurre o varal para cá!

Jim empurrou o longo bastão de pendurar roupas até a janela de Will, que prendeu a ponta na sacada e então se pendurou nele, avançando mão ante mão até Jim puxá-lo através de sua janela. Os dois subiram no armário de roupas de Jim, deram impulso e se içaram em direção ao sótão que cheirava a serragem, escuro e demasiadamente silencioso. Empoleirado no teto, tremendo, Will gritou:

— Jim, *está* ali.

E estava mesmo, brilhando na luz do luar.

Era um rastro como aqueles que as lesmas desenhavam nas calçadas. Brilhando. Prateado e gosmento. Mas aquele era o rastro que uma lesma *gigante* deixaria, uma lesma de 50 quilos. A tira prateada tinha quase um metro de largura. Começando na calha cheia de folhas, ela reluzia até a cumeeira e em seguida descia pelo outro lado do telhado.

— Por quê? — Jim ofegava. — Por quê?

— Era mais fácil do que procurar os nomes das ruas e os números das casas. Ela marcou o seu telhado para que eles possam vê-lo a quilômetros de distância, de noite ou de dia!

— Ah, não. — Jim curvou-se para tocar o rastro. Uma cola malcheirosa cobriu seu dedo. — Will, o que vamos fazer?

— Eu suspeito que eles não voltarão antes de o dia amanhecer. Eles não podem simplesmente armar uma confusão. Devem ter algum plano. No momento, sei o que devemos *fazer*!

Enrolada no gramado, lá embaixo, como uma enorme sucuri, a mangueira os aguardava.

Will desceu rápido, sem derrubar nada nem acordar ninguém. E Jim, no telhado, não ficou surpreso quando Will voltou ofegante, com a mangueira esguichando água em suas mãos.

— Will, você é um gênio!

— Com certeza. Rápido!

E arrastaram a mangueira para encharcar as telhas, lavando aquela tinta prateada, limpando aquele mercúrio maligno.

Enquanto trabalhava, Will olhou para a cor pura da noite que se transformava em dia e viu o balão seguindo ao sabor do vento. Será que ela havia sentido o que eles tinham feito? Será que ia voltar? Será que ela marcaria novamente o telhado da casa dele e eles teriam de lavá-lo de novo, e ela o marcaria mais uma vez, e eles o lavariam, até o amanhecer? Se fosse preciso, sim.

“Se ao menos eu pudesse deter a Bruxa”, pensou Will. “Eles não sabem os nossos nomes ou onde moramos, e o Senhor Cooger está quase morto para se lembrar ou dizer alguma coisa. O Anão — se *ele for* mesmo o vendedor de para-raios — está louco e, se Deus quiser, não vai lembrar nada! E eles não se atreverão a procurar a Senhorita Foley até o dia raiar. Assim, rangendo os dentes lá no campo, mandaram a Bruxa do Pó para nos encontrar...”

— Eu sou um tolo — lamentou Jim, enquanto lavava o telhado no local onde havia estado a haste do para-raios. — Por que não o deixei aqui em cima?

— O relâmpago ainda não caiu — disse Will — e, se nos apressarmos, ele não cairá. Ali... daquele lado!

Os dois lavaram o telhado.

Embaixo, alguém fechou uma janela.

— É a minha mãe. — Jim riu secamente. — Ela acha que está chovendo.

Capítulo 30

A chuva parou.

O telhado estava limpo.

Eles deixaram a mangueira serpentear até cair no gramado, que parecia estar a quilômetros de distância.

Além da cidade, o balão continuava parado entre a meia-noite desesperada e a prometida e aguardada alvorada.

— O que ela está esperando?

— Talvez esteja *farejando* o que fizemos.

Desceram de novo pelo sótão e logo estavam em quartos separados, em camas separadas, ouvindo em silêncio, depois de terem falado bastante, o bater de seus corações e o dos relógios que aceleravam em direção à aurora.

“O que quer que eles estejam planejando”, pensou Will, “*temos* de agir primeiro.” Ele desejava que o balão voltasse, que a Bruxa deduzisse que eles haviam lavado a marca dela e viesse pintar o telhado novamente. Por quê?

Porque sim.

Will se viu mirando o conjunto de arco e flecha dos escoteiros, o arco grande e bonito, e o cesto de flechas arrumadas na parede direita de seu quarto.

“Sinto muito, pai”, pensou ele, e sentou-se, sorrindo. “Desta vez terei de me *virar* sozinho. Não quero que *ela* volte para dizer a vocês o que descobriu sobre nós nas próximas horas ou, quem sabe, nos próximos dias.”

Hesitante, retirou o arco e a aljava da parede, abriu a janela e inclinou-se para fora. Não precisou soltar um grito prolongado. Só precisou pensar com toda a convicção. “*Eles* não podem ler pensamentos, disse eu tenho certeza, ou não a teriam mandado, e *ela* também não pode ler pensamentos, mas *pode* sentir o calor do corpo, as temperaturas e os aromas especiais, e a excitação, e se eu pular para cima e para baixo, deixando-a sentir como estou me sentindo bem por tê-la enganado, talvez, talvez...”

Quatro horas da manhã, anunciou a batida sonolenta de um relógio em alguma terra distante.

“*Bruxa*”, pensou ele, “volte *aqui*.”

“*Bruxa*”, pensou ele mais alto e deixou seu sangue pulsar forte, “o telhado está limpo, está ouvindo!? Nós fizemos chover! Você tem de voltar para remarcar-lo! *Bruxa*...?”

E a Bruxa se moveu.

Ele sentiu a terra girar sob o balão.

“Certo, *Bruxa*, venha, sou apenas eu, o menino sem nome, você não pode ler a minha mente, mas aqui estou eu, cuspiendo em você! Aqui estou eu, gritando que a ludibriamos, e a ideia geral é transmitida e, então, venha, venha! Eu a desafio! Eu a desafio duplamente!”

A quilômetros de distância, um grito sufocado de assentimento ergueu-se no ar e começou a se aproximar.

“Meu Deus”, pensou ele de repente, “não quero ela de volta *nesta* casa! Deus me livre!” E vestiu suas roupas.

Agarrando suas armas, desceu os degraus escondidos e correu pela grama molhada.

“*Bruxa*! *Aqui*!”, pensou Will, e correu, deixando seu rastro, sentindo uma loucura deliciosa, desvairada, como uma lebre que mastigou alguma raiz secreta, gostosa e docemente venenosa, e que a faz galopar como louca. Joelhos quase batendo no queixo, sapatos esmagando folhas úmidas, ele saltou sobre a cerca viva com as mãos cheias de armas pontudas, o medo e a alegria deixando um gosto estranho em sua boca.

Olhou para trás. O balão estava mais perto! Ele inspirava e expirava,

movendo-se de uma árvore para a outra, de nuvem em nuvem.

“Para onde eu *vou*?”, perguntou-se. “Espere! A casa dos Redman! Ninguém mora lá há anos! Mais dois quarteirões!”

Só se ouviam o rápido farfalhar de seus pés nas folhas e o sussurro surdo da criatura no céu, enquanto o luar pintava tudo de branco e as estrelas cintilavam.

Ele parou em frente à casa dos Redman, uma tocha acesa em cada pulmão, sentindo o gosto de sangue, gritando silenciosamente: “Aqui! Esta é a *minha* casa!”

Sentiu um grande rio mudar seu curso lá no céu.

“Ótimo!”, pensou ele.

Sua mão girou a maçaneta da porta da velha casa. “Ah, Deus”, pensou Will, “e se *eles* estiverem escondidos lá dentro, esperando por mim?”

Abriu uma porta para a escuridão.

A poeira soprou naquele negrume e as aranhas arpejaram em suas teias. Nada mais.

Will subiu pelas escadas apodrecidas, saltando dois degraus de cada vez, e chegou ao telhado, onde colocou suas armas atrás da chaminé e ficou de pé.

O balão, verde como lodo, cheio de figuras titânicas de escorpiões alados, antigas fênix, fumaças, fogos e nuvens, girou com sua cesta maligna, descendo.

“Bruxa”, pensou ele, “*aqui!*”

A sombra fria cobriu-o como se fosse a asa de um morcego.

Will se desequilibrou. Esticou as mãos. A sombra era como uma substância negra, golpeando.

Caiu. Agarrou-se à chaminé.

A sombra o envolvia, descendo.

Era fria como uma caverna submarina naquela nuvem negra.

Mas, subitamente, o vento mudou de direção.

A Bruxa silvou frustrada. O balão descreveu um círculo em volta da casa.

“O vento!”, pensou o menino impetuosamente, “o vento está do *meu* lado!”

“Não, não vá embora!”, pensou ele, “volte.”

Pois temia que ela tivesse farejado seu plano.

E tinha. A armadilha dele deixava-a excitada. Ela ofegava e inspirava, esperando por ele, que podia ver o modo como as unhas dela raspavam o ar — como que correndo sobre sulcos na cera, procurando um padrão. Ela virou as palmas das mãos para baixo como se houvesse um pequeno fogão queimando ali no mundo celeste e ela quisesse aquecer as mãos em seu calor. E, quando o cesto de vime oscilou como um pêndulo, Will viu os olhos cegos costurados, as orelhas cheias de musgo e a boca murcha mumificando o ar que aspirava, tentando saborear o que havia de errado no plano e nos pensamentos dele. Ele era muito bom, muito raro, estava muito perfeito, muito disponível para ser verdade! E de repente ela se deu conta disso!

E, ao se dar conta, prendeu a respiração.

O que fez o balão ficar parado entre a inspiração e a expiração.

E, então, trêmula e experimentalmente se atrevendo a fazer um teste, a Bruxa inalou. O balão, assim carregado, desceu. Ela exalou — liberando o vapor — e o balão subiu!

Agora era ele que a esperava, prendendo o ar dentro de seu corpo infantil.

Will sacudiu os dedos e levou o polegar ao nariz.

Ela sugou o ar. E o peso desta única inspiração jogou o balão para baixo.

“Mais perto!”, pensou ele.

Cuidadosa, circulou com seu veículo, sentindo a adrenalina que exalava dos poros dele. Will girou, seguindo o balão que fazia a volta. “Você...”, pensou ele, “você quer que eu fique tonto! Você quer me girar? Me deixar tonto?”

Havia mais uma tentativa a fazer.

Ele ficou bem parado, dando as costas para o balão.

“Bruxa”, pensou ele, “você não conseguirá resistir.”

E Will sentiu o som daquela nuvem de lodo verde, a bolsa de ar viciado, o gemer do trançado de vime enquanto a sombra esfriava suas pernas, sua espinha, seu pescoço.

“Mais perto!”

A Bruxa engoliu ar, peso, carga noturna, o lastro do vento frio e da luz estelar.

“Mais perto!”

Uma sombra elefantina acariciou suas orelhas.

Ele tocou suas armas.

A sombra o engoliu.

Uma aranha andou em seus cabelos — a mão dela?

Sufocando um grito, ele girou.

A Bruxa, inclinada sobre ele, estava a trinta centímetros de distância de seu rosto.

Ele se abaixou e envergou o arco.

A Bruxa tentou exalar sua respiração num grito, quando sentiu, cheirou e descobriu o que ele tinha nas mãos.

E, numa reação apavorada, ela mesma engoliu o ar, sugando peso e sobrecarregando o balão. O cesto se arrastou sobre o telhado.

Will envergou o arco com força, carregando-o com um golpe de destruição.

E o arco se partiu em dois. Ele olhou para a flecha que acabou não sendo disparada e permaneceu em suas mãos.

A Bruxa deixou a respiração escapar num grande suspiro de alívio e triunfo.

O balão subiu. E atingiu o menino com sua cesta pesada.

A Bruxa gritou novamente numa alegria insana.

Agarrado à beira do cesto, com uma das mãos livre, Will arremessou a flecha com toda a força no centro do balão.

A Bruxa engasgou. Tentou arranhar-lhe o rosto.

E, então, a flecha que pareceu levar uma hora voando abriu um pequeno buraco no balão. O buraco aumentou rapidamente, como se a haste cortasse um enorme queijo verde. A superfície continuou se abrindo, como um grande sorriso a rasgar aquela pera gigantesca, enquanto a Bruxa cega gemia, gritava, balbuciava, e Will fazia força para se segurar no cesto, as pernas chutando o ar. E à medida que o balão uivava, ele soprava e gorgolejava, como se

lamentasse sua rápida morte gasosa. Como ar de um calabouço, o hálito de dragão saindo rapidamente do invólucro, o balão, assim propelido, começou a se afastar.

Will soltou-se. O espaço ao seu redor assobiou. Ele se virou, caiu sobre as telhas, deslizou sobre o antigo telhado inclinado até a sua beira, até a calha onde seus pés encontraram um novo vácuo e, gritando, tentou agarrar-se na calha, segurá-la, mesmo a sentindo gemer e ceder enquanto ele varria o céu com os olhos para ver o balão assobiando, enrugando-se, subindo como uma besta ferida para lançar seus derradeiros suspiros aterrorizados nas nuvens. Um mamute baleado lutava para não morrer, e, no entanto, num fluxo terrível, cuspiam seus gases fedorentos.

E tudo num instante. Então, Will se agitou no ar, sem tempo para agradecer à árvore cujos galhos o ampararam, cortando-o, sim, mas interrompendo sua queda como uma almofada de galhos e folhas. Ele ficou lá em cima, com o rosto virado para a lua, caído sobre a copa como uma pipa desgarrada e, com sua própria respiração ofegante, exausto, pôde ouvir os últimos lamentos da Bruxa enquanto o balão rasgado afastava-se, em espirais, da casa, da rua, da cidade.

Seu sorriso, o rasgo no invólucro, dava toda a volta na bolsa, enquanto ele descia para morrer nos campos de onde viera, afundando além da cidade que dormia, ignorando tudo.

Por um bom tempo, Will não conseguiu se mexer. Flutuava em cima dos ramos da árvore, temendo escorregar e morrer na terra negra abaixo. Esperou que aquela batida de martelo diminuísse dentro de sua cabeça.

As pancadas de seu coração poderiam soltá-lo, fazê-lo espatifar-se lá embaixo, mas ele estava feliz de ouvi-las, de saber que estava vivo.

E, enfim, tudo calmo, recolheu braços e pernas, orou cuidadosamente e desceu pelos galhos da árvore.

Capítulo 31

E não aconteceu mais nada pelo resto daquela noite.

Capítulo 32

Ao amanhecer, trovoadas apocalípticas deslizaram pelo céu cinzento numa confusão de centelhas. A chuva caiu suave sobre os telhados da cidade, rindo nas calhas e falando em estranhas línguas subterrâneas embaixo das janelas onde Jim e Will sonhavam intermitentemente, saindo de um sonho, tentando vestir outro, mas descobrindo que todos eram feitos do mesmo tecido enegrecido e mofado.

Em meio ao dedilhar da chuva, uma segunda coisa aconteceu:

No terreno encharcado do parque de diversões, subitamente o carrossel renasceu com um espasmo. Seu órgão assobiou sons fétidos de música.

Talvez apenas uma pessoa na cidade tenha ouvido e percebido que o carrossel tinha voltado a funcionar.

A porta da casa da Senhorita Foley abriu-se e fechou-se; seus passos soaram apressados ao longo da calçada.

Então, a chuva voltou a cair com força total enquanto os relâmpagos dançavam sobre a terra que parecia ora se desvelar completamente, ora desaparecer para sempre.

Na casa de Jim e na de Will, enquanto a chuva deslizava pelas janelas, conversou-se um bocado no café da manhã.

Às nove e quinze, Jim saiu para enfrentar o domingo chuvoso com sua capa de chuva, gorro e galochas.

Ficou olhando para o seu telhado, para o lugar onde o enorme rastro de

lesma tinha sido lavado. Em seguida, olhou para a porta da casa de Will com o intuito de fazê-la se abrir. Ela se abriu. Will surgiu. A voz de seu pai veio atrás:

— Quer que eu vá com você? — Will balançou negativamente a cabeça com firmeza.

Os dois meninos caminharam solenemente sob o céu chuvoso em direção à delegacia, onde conversariam e depois iriam à casa da Senhorita Foley, para pedir desculpas mais uma vez. Por ora, apenas caminhavam, com as mãos nos bolsos, pensando nos enigmas assustadores da noite anterior. Coube a Jim quebrar o silêncio.

— Ontem à noite, depois que lavamos o telhado e finalmente consegui dormir, sonhei com um funeral. Ele descia pela rua principal, como um desfile.

— Ou... uma parada?

— Isso! Mil pessoas, todas vestidas com casacos pretos, chapéus pretos, sapatos pretos e um caixão com *doze metros de comprimento*!

— Caramba!

— É isso *mesmo*! “E o que é que tem doze metros de comprimento e precisa ser enterrado!?”, pensei. E, no meu sonho, eu me aproximava e olhava para dentro. Jure que não vai rir.

— Não estou com a menor vontade, Jim.

— Naquele caixão comprido havia uma coisa comprida e enrugada, como uma ameixa ou uma uva deixada no sol. Como uma grande pele ou a cabeça de um gigante morto, posta para secar.

— O *balão*!

— Ei — Jim parou. — Nós devemos ter tido o mesmo sonho! Mas... balões não morrem, não é?

Will ficou em silêncio.

— E você não os enterra, não é?

— Jim, eu...

— O maldito balão estava lá como um hipopótamo murcho...

— Jim, ontem à noite...

— Bandeiras negras ondulavam, e a banda tocava tambores abafados com veludo negro, com ossos de marfim escuro. Cara! E depois de um sonho desses, tive de me levantar hoje de manhã e contar para mamãe; não tudo, mas o suficiente. O suficiente para ela chorar e gritar, e chorar mais ainda; as mulheres adoram chorar, não é? Ela me chamou de filho delinquente, mas... nós *não fizemos* nada de errado, fizemos Will?

— Alguém *quase* deu uma volta num carrossel.

Jim voltou a caminhar na chuva.

— Eu acho que não quero ter mais nada a ver com isso.

— *Você acha!? Depois de tudo!?* Pelo amor de Deus, Jim, deixe eu lhe contar uma coisa! A Bruxa, Jim, o balão! Ontem à noite, sozinho, eu...

Mas não houve tempo para contar.

Não houve tempo para contar como ele havia furado o balão, que se esvaziara para morrer nos campos desertos, afundando com a mulher cega dentro dele.

Não houve tempo porque, caminhando sob a chuva fria, ouviram um som triste.

Estavam passando por um terreno baldio, e nele havia um grande carvalho. E o som vinha das sombras embaixo da árvore.

— Jim — disse Will —, alguém está... *chorando*.

— Não. — Jim continuou andando.

— Tem uma garotinha lá.

— Não — insistiu Jim, não querendo olhar. — O que uma menina estaria fazendo embaixo de uma árvore nessa chuva? Vamos embora.

— Jim! Você não está *ouvindo*?!

— Não! Não estou! Não estou!

Então, o choro ficou mais forte, fluindo sobre o capim molhado, como um pássaro triste no meio da chuva, e Jim teve de se virar, pois Will já corria pelo cascalho.

— Jim... essa voz... eu a conheço!

— Will, não vá até lá!

E Jim continuou parado, mas Will correu e tropeçou até entrar na sombra

da árvore molhada, onde o céu caía e se perdia nas folhas do outono, para escorrer, afinal, em rios brilhantes ao longo dos ramos e do tronco, e lá estava a garotinha, agachada, o rosto enterrado nas mãos, chorando como se a cidade houvesse desaparecido junto com todas as pessoas e ela se encontrasse perdida numa terrível floresta.

Jim finalmente se aproximou com cautela e parou na borda da sombra, perguntando:

— Quem é ela?

— Eu não sei. — Mas Will sentiu as lágrimas surgindo em seus olhos, como se parte dele já tivesse adivinhado.

— Não é Jenny Holdridge, é...?

— Não.

— Jane Franklin?

— Não. — Sua boca parecia dormente, a língua movendo-se nos lábios entorpecidos. — Não...

A garotinha chorava, sentindo a proximidade deles, mas sem olhar para cima.

— Me... me... me ajudem... ninguém quer me ajudar... eu... eu não *gosto* disso...

E, ao conseguir força suficiente e se aquietar um pouco, ela virou o rosto para eles, os olhos inchados de tanto chorar. E ficou chocada de ver alguém tão perto, e depois surpresa.

— Jim! Will! Meu Deus, são vocês!

Ela agarrou a mão de Jim, que tentou se soltar, gritando:

— Não! Eu não a conheço! Solte-me!

— Will, me ajude; Jim, ah, não vão! Não me deixem! — implorava ela, arrasada, novas lágrimas escorrendo de seus olhos.

— Não, não, não! — gritou Jim. Ele se debateu, conseguiu se desvencilhar, caiu e ficou de pé, um punho erguido pronto para bater. E então se conteve, tremendo, e abaixou a mão. — Ah, Will, vamos sair daqui. Eu sinto muito. Ah, meu Deus.

A menininha na sombra da árvore recuou, os olhos arregalados, tentando

enxergar os dois no meio da goteira, depois gemeu, encolheu-se toda e ficou balançando para a frente e para trás. Uma criança-bebê confortando a si mesma, acariciando o próprio cotovelo... logo ela estaria murmurando para si mesma, sozinha debaixo da árvore escura, para sempre, incapaz de parar.

— ... alguém precisa me ajudar... alguém precisa *ajudá-la*... — lamentava ela, como se chorasse por uma pessoa morta. — Alguém precisa ajudá-la... mas ninguém quer... ninguém fez nada a não ser eu... terrível... terrível...

— Ela nos conhece — disse Will, curvando-se sobre a menina, depois virando-se para Jim. — Eu não posso abandoná-la aqui!

— É mentira! — disse Jim, num surto. — Mentira! Ela não nos conhece! Eu nunca a vi antes!

— Ela se foi, tragam-na de volta; ela se foi, tragam-na de volta — lamentava a menina, os olhos fechados.

— Ela quem? — Will apoiou-se num joelho e teve coragem de segurar a mão da menina.

Ela o agarrou. E quase imediatamente percebeu que havia sido um movimento errado, mas, ao tentar se soltar, ela o deixou ir, voltando a chorar; enquanto Will ficava esperando, Jim, mais longe, pedia para irem embora, dizia que não estava gostando daquilo e que eles precisavam ir.

— Ah, ela está perdida — soluçou a garotinha. — Ela entrou naquele lugar e nunca mais saiu. Você pode encontrá-la, por favor, por favor...?

Tremendo, Will tocou o rosto dela.

— Ei, escute — sussurrou ele. — Você vai ficar bem. E eu vou buscar ajuda — disse carinhosamente. Ela abriu os olhos. — Eu sou Will Halloway, tá bom? Prometo que vamos voltar. Em dez minutos. Mas você deve ficar esperando aqui. — Ela concordou com a cabeça. — Vai, então, esperar por nós aqui debaixo da árvore? — Ela fez que sim novamente com a cabeça. Ele se levantou. Este simples movimento assustou-a e ela se encolheu. Will esperou alguns segundos e, olhando para ela, disse: — Eu sei quem você é. — E viu os grandes olhos cinzentos, familiares, abrirem-se naquele pequeno rosto magoado. Reparou nos longos cabelos negros lambidos pela chuva e no rosto pálido. — Eu sei quem você é. Mas preciso verificar.

— Quem vai acreditar? — gemeu ela.

— *Eu* acredito — disse Will.

E ela se encostou no tronco da árvore, as mãos no colo, tremendo, muito magra, muito branca, muito perdida, muito pequena.

— Posso ir agora? — perguntou ele.

A menina balançou a cabeça afirmativamente.

E ele se afastou.

Fora do terreno baldio, Jim bateu os pés, descrente, negando de um modo quase histérico.

— Não pode ser!

— Mas *é* — respondeu Will. — Os olhos. É assim que você sabe. Como no caso do Senhor Cooger e do menino malvado... Mas há um meio de termos certeza. Venha!

E Will levou Jim pela cidade, até que pararam diante da casa da Senhorita Foley e olharam para as janelas escuras naquela manhã sombria, e subiram os degraus, e tocaram a campainha uma, duas, três vezes.

Silêncio.

Muito lentamente, a porta da frente moveu-se, gemendo nas dobradiças.

— Senhorita Foley? — chamou Jim, falando baixo.

Em algum lugar, dentro da casa, as sombras da chuva moviam-se nos vidros das janelas.

— Senhorita Foley...?

Ficaram em pé no corredor, perto da porta de entrada, perto da cortina de contas de vidro, ouvindo o barulho da chuva nas vigas do teto.

— Senhorita Foley! — gritaram alto.

Mas somente os camundongos, aninhados em suas tocas mornas nas paredes, fizeram ruídos em resposta.

— Ela saiu para fazer compras — disse Jim.

— Não — discordou Will. — Nós sabemos onde ela está.

— Senhorita Foley, eu sei que a senhora está aqui! — gritou Jim, subitamente, correndo escada acima, irritado. — Saia de onde estiver!

Will esperou que ele procurasse pela casa inteira e voltasse andando

devagar. Quando Jim desceu o último degrau da escada, ouviram a música entrar pela porta, junto com o perfume da chuva fresca e do capim velho.

Lá, entre as colinas, o carrossel tocava a *Marcha Fúnebre* de trás para a frente.

Jim abriu a porta e ficou diante da música como alguém fica sob a chuva.

— O carrossel. Eles o consertaram!

Will assentiu.

— Ela deve ter ouvido a música e então foi até lá quando o dia raiou. Alguma coisa deu errado. Talvez o carrossel ainda não estivesse funcionando bem. Talvez acidentes aconteçam o tempo todo. Como o vendedor de para-raios, todo encolhido e enlouquecido. Talvez o parque de diversões *goste* desses acidentes, tenha prazer com eles. Ou talvez tenham feito alguma coisa com ela de propósito. Talvez quisessem saber mais a nosso respeito, nossos nomes, onde moramos, ou quisessem que ela os ajudasse a nos punir. Quem sabe? Talvez ela tenha ficado desconfiada ou assustada. E, então, eles deram a ela *mais* do que ela queria ou pedia.

— Eu não entendo...

Mas agora, na porta daquela casa, sob a chuva fria, havia tempo para pensar na Senhorita Foley com medo do Labirinto de Espelhos, na Senhorita Foley sozinha, pouco tempo atrás, lá naquele parque, talvez gritando quando eles fizeram o que finalmente fizeram com ela, girando e girando, girando e girando, anos demais, mais anos do que ela jamais imaginara, sendo sugados, deixando-a pequena, nua e sozinha, atônita, pois, sem o seu conhecimento, todos os anos se haviam ido, até que o carrossel enfim parou como a roda de uma roleta, e nada foi ganho, tudo foi perdido, e não restava mais lugar algum para ela ir, nenhum modo de contar o que havia acontecido, nada a fazer, exceto... chorar embaixo de uma árvore, sozinha, sob a chuva de outono...

Will pensou em tudo isso. Jim também, e disse:

— Ah, a pobre... pobre...

— Temos de ajudá-la, Jim. Quem mais vai acreditar nela? Se ela falar com alguém e disser: “Eu sou a Senhorita Foley!”, eles responderão: “A Senhorita Foley saiu da cidade, desapareceu! Vá embora, garotinha!” Puxa, Jim, aposto

que ela já bateu em uma dúzia de portas esta manhã, pedindo ajuda, assustando as pessoas com seu choro e seus gritos, e depois desistiu, correu e se escondeu debaixo daquela árvore. A polícia provavelmente está procurando por ela a essa altura, mas e daí? É apenas uma menina abandonada, chorando, e se a pegarem vão trancá-la em algum lugar e ela enlouquecerá. Cara, aquele parque sabe como punir alguém sem deixar chance para um revide. Aquela gente sacode você e muda tanto, que ninguém mais irá reconhecê-lo e deixá-lo andar livre por aí. “Tudo bem, vá em frente, pode falar, porque as pessoas estarão com medo demais de você para ouvir o que tem a dizer.” Só *nós* ouvimos, Jim, você e eu, e agora mesmo eu me sinto como se tivesse engolido um sapo.

Os dois olharam uma última vez para as sombras da chuva deslizando pelas janelas dentro da sala de visitas onde a professora costumava servir biscoitos, doces e chocolate quente para eles, acenando depois para eles da janela, ao voltarem para a cidade. Então saíram, fecharam a porta e correram de volta para o terreno baldio.

— Temos de escondê-la até que possamos ajudá-la...

— Ajudá-la? — gritou Jim, ofegante. — Nós não podemos ajudar nem *a nós mesmos!*

— Devem existir armas bem diante de nossos olhos, que não conseguimos enxergar...

Os dois pararam.

Além das batidas dos corações deles, um coração maior batia. Trompetes soavam. Trombones tocavam. Um conjunto de tubas imitou uma carga de elefantes assustados por motivo desconhecido.

— O parque de diversões! — ofegou Jim. — Nós nunca pensamos nisso! Ele pode *entrar pela cidade*. Como uma parada! Ou será por meio daquele funeral do balão com o qual sonhei?

— Não era um funeral, Jim, parecia apenas um desfile, mas, na verdade, estão mesmo é procurando por nós ou pela Senhorita Foley, se a querem de volta! Eles podem marchar por qualquer rua, calmamente, espionando enquanto avançam, rufando tambores e tocando as cornetas! Jim, temos de ir

buscá-la antes que...

Os dois correram por um beco, mas pararam subitamente, escondendo-se atrás de alguns arbustos.

Do outro lado do beco, a banda do parque de diversões, seguida de palhaços, jaulas com animais, aberrações e tudo mais, passava diante do terreno baldio e do grande carvalho.

Deve ter levado uns cinco minutos para passar. A chuva pareceu estiar, como se as nuvens seguissem o desfile. E, então, a chuva parou. O bater dos tambores desapareceu na distância. Os meninos correram pelo beco, atravessaram a rua e pararam no quintal vazio.

Não havia mais garotinha alguma sob a árvore.

Will e Jim deram a volta, olharam para cima, mas não se atreveram a chamá-la pelo nome.

Então, extremamente amedrontados, correram para se esconder em algum lugar da cidade.

Capítulo 33

O telefone tocou.

O Senhor Halloway atendeu.

— Pai, aqui é o Willy, nós não poderemos ir à delegacia, e também pode ser que não voltemos para casa hoje. Avise a mamãe e a mãe do Jim.

— Willy, onde você está?

— Nós temos que nos esconder. *Eles* estão procurando por nós.

— *Quem*, pelo amor de Deus?

— Não quero envolvê-lo nisso, pai. Você tem de acreditar, só vamos nos esconder por um dia ou dois, até eles irem embora. Se voltarmos para casa, eles vão nos seguir e machucar o senhor, a mamãe ou a mãe do Jim. Tenho que ir.

— Willy, não!

— Ah, pai — disse Will. — Me deseje sorte.

Clique.

O Senhor Halloway olhou para as árvores, para as casas, para as ruas, ouvindo uma música distante.

— Willy — disse ele para o telefone já mudo. — Boa sorte.

E então vestiu a sua capa, colocou seu chapéu na cabeça e saiu naquela estranha manhã de chuva e sol que iluminava o ar frio.

Capítulo 34

Em frente à Tabacaria United, naquela manhã de domingo, com os sinos de todas as igrejas tocando, seus sons colidindo e caindo como uma chuva sonora do céu, agora que o aguaceiro havia terminado, o índio Cherokee de madeira estava de pé, suas plumas peroladas com gotas d'água, ignorando os sinos da igreja católica e da igreja batista, ignorando a batida dos címbalos brilhantes que se aproximavam gradualmente, a pulsação pagã do coração da banda do parque de diversões. O rufar dos tambores, o grito de mulher idosa do órgão e o desfile sombrio de criaturas muito mais estranhas do que ele não perturbavam o olhar amarelado de falcão do índio. Ainda assim, os tambores estremeciam as igrejas, atraindo uma multidão de meninos curiosos, ávidos por qualquer novidade, natural ou estranha, de modo que os sinos nas torres interromperam sua chuva de sons metálicos, e a multidão rígida dos bancos da igreja transformou-se numa multidão relaxada, enquanto o desfile, com sua parada de metais, seus relances de veludo, seu ritmo leonino, seus passos de mamute e suas bandeiras, passava.

A sombra da machadinha do índio caía sobre uma grade de metal embutida na calçada diante da tabacaria. Sobre aquela grelha, as pessoas passavam, ano após ano, produzindo fracas reverberações metálicas e deixando cair toneladas de papel de bala, selos dourados de charutos, pontas de cigarros ou moedinhas de cobre que desapareciam para sempre lá dentro.

E agora, com o desfile, centenas de pés pisavam e se aglomeravam sobre a

grade, enquanto o parque passava com suas pernas de madeira, seus rugidos de tigre, sons vulcânicos e cores.

Debaixo da grade, duas sombras tremiam.

Lá em cima, como um grande pavão barroco caminhando sobre o asfalto e os paralelepípedos, os olhos das aberrações se abriam procurando nos telhados dos escritórios, nas torres das igrejas, lendo as placas de dentistas e oculistas, verificando lojas de quinquilharias e mercearias, enquanto os tambores faziam reverberar o vidro das janelas, e bonecos de cera tremiam em imitações de medo. Uma multidão de olhos flamejantes e incrivelmente penetrantes moveu-se com o desfile, desejando, mas não conseguindo satisfazer seus desejos.

Porque aquilo que eles mais desejavam estava escondido no escuro.

Jim e Will estavam sob a grade da loja de charutos.

Agachados, joelho contra joelho, os rostos virados para cima, olhos alertas, eles respiravam o ar gelado. Acima, os vestidos das mulheres ondulavam na brisa fria. Homens se inclinavam contra o céu. A banda, em uma colisão de címbalos, empurrava as crianças contundentemente contra os joelhos de suas mães.

— Olhe! — exclamou Jim. — O desfile! Está bem na frente da charutaria! O que estamos *fazendo* aqui, Will? Vamos embora!

— Não! — respondeu Will, rouco, agarrando o joelho de Jim. — Esse é o lugar mais *óbvio*, na frente de todo mundo! Eles nunca vão pensar em olhar aqui! Cale a boca!

Truuuum...

A grade acima reverberou com o roçar dos sapatos velhos de um homem e os pregos gastos nas solas.

“*Pai!*”, Will quase gritou.

Ele se ergueu e se abaixou, mordendo os lábios.

Jim viu o homem lá em cima virar para um lado e para o outro, procurando, tão perto e tão longe, a menos de um metro de distância.

“Eu poderia esticar o meu braço...”, pensou Will.

Mas o pai, pálido e nervoso, foi embora.

E Will sentiu sua alma gelar, tremendo como gelatina.

Ploc!

Os meninos estremeceram.

Uma bola de chiclete cor-de-rosa caiu sobre uma pilha de papéis velhos perto dos pés de Jim.

Acima, um garoto de 5 anos agachou-se sobre a grade, procurando desanimadamente pelo doce perdido.

“Vá embora!”, pensou Will.

O menino se ajoelhou, com as mãos na grade.

“Suma daqui”, pensou Will.

E teve uma vontade louca de pegar a bola de chiclete e enfiá-la na boca da criança.

O tambor do desfile bateu forte mais uma vez e, então... silêncio.

Jim e Will se entreolharam.

O desfile, ambos pensaram, *parou!*

O garotinho tentou enfiar a mão pela grade.

Lá em cima, na rua, o Senhor Dark, o Homem Ilustrado, olhou para o seu rio de aberrações, jaulas, tubas e cornetas de latão brilhando ao sol. E acenou com a cabeça.

A parada se dispersou.

Metade das aberrações correu para um lado da calçada, a outra metade para o outro, misturando-se com a multidão, entregando folhetos, os olhos cristalinos e flamejantes procurando como serpentes.

A sombra do garotinho esfriou o rosto de Will.

“O desfile acabou”, pensou ele, “e agora começa a busca.”

— Olhe, mãe! — apontou o menino através da grade. — *Ali!*

Capítulo 35

No bar Ned's Night Spot, a meio quarteirão da tabacaria, Charles Halloway, exausto por ter dormido pouco, pensado muito e andado demais, terminou a segunda xícara de café e estava a ponto de pagar quando o repentino silêncio na rua deixou-o inquieto. Ele sentiu, mais do que viu, a perturbação da parada se dissolver entre a multidão nas calçadas. Sem saber o porquê, Charles Halloway colocou o dinheiro no bolso.

— Mais uma xícara, Ned.

Ned estava servindo o café quando a porta abriu, alguém entrou e colocou sua mão direita suavemente sobre o balcão.

Charles Halloway ficou olhando.

E a mão devolveu o olhar para ele.

Havia um olho tatuado em cada dedo.

— Mãe! Ali embaixo! Olhe!

O menino gritava, apontando para dentro da grade.

Mais sombras passaram e pairaram.

Incluindo... o Esqueleto.

Alto como uma árvore morta no inverno, todo crânio e ossos retorcidos de espantalho, o homem magro, o Esqueleto, o Senhor Caveira, lançou sua sombra de xilofone sobre coisas ocultas, restos de papel e meninos encolhidos lá embaixo.

“Vá embora”, pensou Will. “Vá embora!”

Os dedos gordos da criança gesticulavam através da grade.

“Vá embora.”

O Senhor Caveira afastou-se.

“Graças a Deus”, pensou Will, e então exclamou:

— Ah, não!

Pois o Anão havia aparecido subitamente, gingando, uma carreira de sininhos costurados em sua camisa suja tilintando suavemente, a sombra de rã escondida embaixo dele, seus olhos qual lascas de mármore partido reluzindo com o brilho da loucura, para sempre perdidos, a procurar por alguma coisa que não conseguia encontrar, uma identidade perdida em algum lugar, meninos perdidos por um instante, e então a identidade perdida novamente e as duas metades do pequeno homem encolhido lutando para dirigir seu olhar para aqui e para acolá: uma buscando o passado; a outra, o presente imediato.

— Mamãe! — exclamou a criança.

O Anão parou e olhou para o menino, que não era maior do que ele. Seus olhos se encontraram.

Will jogou-se para trás, tentando grudar seu corpo no concreto. Sentiu Jim fazer o mesmo, sem mover o corpo, mas movendo sua mente, sua alma, empurrando-a para a escuridão, para se esconder do pequeno drama acima.

— Venha, Júnior! — disse uma voz de mulher.

O menino foi puxado para cima e levado embora.

Tarde demais.

Pois o Anão estava olhando para baixo.

E em seus olhos encontravam-se os fragmentos perdidos, as partes vacilantes de um homem chamado Fúria, que tinha vendido hastes de para-raios há quantos dias e quantos anos, numa época tranquila, segura e maravilhosa, antes de aquela aberração nascer.

“Ah, Senhor Fúria”, pensou Will, “o que eles fizeram com o senhor. Jogaram-no embaixo de um bate-estacas, esmagaram-no em uma prensa de aço, espremeram lágrimas e gritos de dentro de seu corpo, prenderam-no em

uma caixa de surpresas, tudo espremido, até que não restou nada do senhor, Senhor Fúria... nada, exceto esse...”

Anão. E o rosto do Anão era menos humano e mais mecânico agora; na verdade, uma câmera.

Os olhos piscando, cegos, abriam-se na escuridão. Espessos. Duas lentes se expandiram e se contraíram com uma rapidez líquida: tiraram uma foto instantânea da grade.

Seria também uma foto do que havia embaixo?

“Será que ele está olhando para o metal”, pensou Will, “ou para os espaços entre o metal?”

Por um longo momento, aquele boneco de barro esmagado e arruinado se agachou. Quem sabe seus olhos-câmera arregalados ainda estivessem tirando fotos?

Will e Jim não podiam ser vistos realmente; apenas suas formas, cores e tamanhos eram captados pelos olhos-câmera do Anão. Foram armazenados no crânio de máquina-caixote. Depois — quanto tempo depois? — a imagem seria revelada pela mente minúscula, desmemoriada e delirante do vendedor de para-raios. E o que havia embaixo da grade seria de fato visto. E depois? Revelação! Vingança! Destruição!

Click-plac-tique.

Crianças passaram rindo.

E o Anão-criança, atraído pela sua alegria, foi levado com elas. Ele pulou loucamente, lembrou de si mesmo e foi procurar por alguma coisa que não sabia bem o que era.

O sol nublado derramou luz por todo o céu.

Os dois meninos, encaixotados no fosso, soltaram a respiração por entre dentes trincados.

Jim apertou bem forte a mão de Will.

E ambos esperaram pela passagem de mais olhares, mais pés sobre a grelha de aço.

Os olhos tatuados, azul-esverdeados, todos os cinco, caíram do balcão.

Charles Halloway, tomando seu terceiro café, virou-se levemente no banco giratório.

O Homem Ilustrado observava-o.

Charles Halloway acenou com a cabeça.

O Homem Ilustrado não respondeu ao aceno nem piscou, continuou olhando até o zelador desejar se virar para o outro lado, mas ele não se virou, apenas ficou *olhando*, tão calmamente quanto possível, para o impertinente intruso.

— O que vai tomar? — perguntou o dono do café.

— Nada. — O Senhor Dark continuou olhando para o pai de Will. — Estou procurando por dois meninos.

E quem *não está*? Charles Halloway levantou-se, pagou e saiu.

— Obrigado, Ned. — Ao passar, ele viu o homem com as tatuagens estender as mãos, as palmas em direção a Ned.

— Garotos? — perguntou Ned. — De que idade?

A porta bateu.

O Senhor Dark observou Charles Halloway passar pela janela, já do lado de fora.

Ned falou.

Mas o Homem Ilustrado não o ouviu.

Lá fora, o pai de Will andou na direção da biblioteca, parou, moveu-se em direção ao fórum, parou de novo e esperou que algum sentido melhor o dirigisse; então, vasculhou os bolsos e não encontrou seu fumo. Seguiu em direção à tabacaria.

Jim olhou para cima e viu sapatos familiares, o rosto pálido e os cabelos grisalhos.

— Will! Seu pai! Chame-o! Ele nos ajudará!

Will não conseguia falar.

— *Eu vou* chamá-lo.

Will agarrou o braço de Jim, balançando a cabeça violentamente, como que dizendo: “Não!”

— Por que não? — perguntou Jim, baixinho.

— Porque não — disseram os lábios de Will.

Porque... ele havia olhado para cima... seu pai parecia ainda menor do que na noite passada, quando o tinha visto do alto da escada. Seria a mesma coisa que chamar um daqueles garotos passando na rua. E eles não precisavam de mais um garoto; precisavam era de um general, não, um general de divisão! Tentou ver o rosto do pai no vidro da vitrine da tabacaria. Para descobrir se ele parecia mesmo mais velho, mais firme, mais forte do que na noite passada, quando estava sendo banhado pelas cores leitosas da lua. Mas tudo que viu foram os dedos do pai contraindo-se nervosamente, sua boca movendo-se como se não se atrevesse a pedir a mercadoria ao Senhor Tetley...

— Um... quero dizer... um charuto de vinte e cinco centavos.

— Meu Deus — disse o Senhor Tetley na parte de cima. — O homem está rico!

Charles Halloway retirou lentamente o papel celofane do charuto, esperando por algum sinal, algum movimento da parte do universo que lhe indicasse a direção que deveria tomar, por que voltara até aquele ponto para comprar um charuto que, na verdade, não desejava. Pensou ter ouvido alguém chamá-lo duas vezes e voltou-se rapidamente para a multidão: viu palhaços passando com folhetos. E, então, acendeu o charuto que não queria na eterna chama azul do gás que queimava num pequeno cachimbo prateado sobre o balcão. Exalando a fumaça, Charles Halloway largou a fita do charuto com a mão livre e a viu saltar sobre a grelha de metal e desaparecer, seus olhos seguindo-a até embaixo onde...

Ela brilhou nos pés de Will Halloway, seu filho.

Charles Halloway engasgou com a fumaça do charuto.

Havia duas sombras lá embaixo, sim! Com olhos aterrorizados, olhando do fundo daquele poço escuro sob a calçada. Ele quase se curvou para agarrar a grade, gritando.

Mas, em vez disso, apenas balbuciou baixinho, com a multidão em volta e o tempo clareando:

— Jim? Will! O que diabos está acontecendo?

E, no mesmo momento, a trinta metros de distância, o Homem Ilustrado saiu do bar do Ned.

— Senhor Halloway... — disse Jim.

— Saíam daí — disse Charles Halloway.

O Homem Ilustrado, uma multidão entre as multidões, virou-se lentamente e caminhou na direção da tabacaria.

— Pai, nós não podemos. Não olhe para nós aqui embaixo!

O Homem Ilustrado estava a vinte metros de distância.

— Meninos! — disse Charles Halloway. — A polícia...

— Senhor Halloway — disse Jim com a voz rouca —, nós estaremos mortos se o senhor não olhar para cima! O Homem Ilustrado, se ele...

— Quem? — perguntou Halloway.

— O homem tatuado!

Do balcão do bar, cinco olhos de um azul elétrico brilharam na memória do Senhor Halloway.

— Pai, fique olhando para o relógio do Fórum, enquanto lhe contamos o que aconteceu...

O Senhor Halloway se reposicionou.

E o Homem Ilustrado chegou.

Ele ficou parado, estudando Charles Halloway.

— Senhor... — disse o Homem Ilustrado.

— Onze e quinze — respondeu Charles Halloway, olhando o relógio do Fórum enquanto acertava seu relógio de pulso, com um charuto na boca. — Um minuto atrasado.

— Senhor... — repetiu o Homem Ilustrado.

Will agarrou Jim; Jim agarrou-se com força a Will dentro do fosso cheio de papel de goma de mascar e pontas de charuto, enquanto os quatro sapatos mexiam-se no gradil acima.

— Senhor... — disse o homem chamado Dark, enquanto sondava o rosto de Charles Halloway, examinando-lhe os ossos da face para compará-los com os ossos de outras pessoas semelhantes. — O Parque Cooger-Dark escolheu dois meninos locais, dois!, para serem *nossos* convidados especiais durante a

nossa visita comemorativa!

— Bem, eu... — O pai de Will tentou não olhar para a calçada.

— Esses dois meninos...

Will via os pregos afiados como dentes na sola do sapato do Homem Ilustrado rasparem a grade, tirando centelhas.

— ... poderão passear em todos os brinquedos, assistir a todas as atrações, apertar as mãos de cada artista, e ir para casa com estojos de magia e bastões de beisebol...

— Quem — interrompeu o Senhor Halloway — são esses dois meninos sortudos?

— Dois que foram selecionados nas fotos tiradas em nosso percurso de ontem. Ajude a identificá-los e o senhor compartilhará a sorte deles. Eis os meninos.

“Ele está nos *vendo* aqui embaixo”, pensou Will. “Meu Deus!”

O Homem Ilustrado estendeu suas mãos.

O pai de Will estremeceu.

Tatuado em azul brilhante, o rosto de Will olhava para ele da palma da mão direita.

E, costurada com tinta na palma da mão esquerda, a face de Jim parecia perfeita e natural como em vida.

— O senhor os conhece? — o Homem Ilustrado viu a garganta do Senhor Halloway engolir em seco, suas pálpebras se contraírem, seus ossos tremerem como se recebessem um golpe. — Como eles se chamam?

“Cuidado, pai!”, pensou Will.

— Eu não... — disse o pai de Will.

— O senhor os conhece.

As mãos do Homem Ilustrado sacudiram, exibindo os desenhos, pedindo pela dádiva dos nomes, fazendo tremer, contrair e ondular os rostos de Jim e Will tatuados na pele, assim como tremiam os rostos ocultos embaixo da calçada. Contraindo-se e ondulando.

— O senhor não vai querer que eles percam...?

— Não, mas...

— Mas o quê? — O Senhor Dark chegou mais perto, magnífico com sua galeria de imagens na pele, seus olhos, os olhos de todas as suas criaturas desafortunadas fitando através de sua camisa, do paletó, das calças, fixando-se no homem velho, picando-o com fogo, prendendo-o com milhares de atenções. O Senhor Dark aproximou as duas palmas.

— *Mas?*

O Senhor Halloway, necessitando de alguma coisa para martirizar, mordeu seu charuto.

— Eu pensei por um momento...

— Pensou o quê? — O Senhor Dark demonstrava grande prazer.

— Que um deles se parecia com...

— Com *quem?*

“Ele está muito ávido”, pensou Will. “Está percebendo, pai, não está?”

— Senhor — disse o pai de Will —, por que está tão nervoso por causa desses dois garotos?

— Nervoso...?

O sorriso do Senhor Dark derreteu-se como algodão-doce.

Jim se encolheu até virar um anão e Will afundou do mesmo jeito, ambos olhando para cima, esperando.

— Senhor — disse Dark —, é *isso* que o meu entusiasmo lhe passa? *Nervosismo?*

O pai de Will notou os feixes de músculos ao longo dos braços do Senhor Dark contraindo-se e distendendo-se com uma ondulação como a das víboras e das cascavéis venenosas pintadas na pele.

— Uma de suas imagens — falou Halloway — parece o Milton Blumquist.

O Senhor Dark cerrou um de seus punhos.

E uma dor excruciante atingiu a cabeça de Jim.

— O outro — e o pai de Will soava quase gentil — se parece com Avery Johnson.

“Ah, pai”, pensou Will, “o senhor é formidável!”

O Homem Ilustrado cerrou o outro punho com força.

E Will, sentindo-se como se sua cabeça estivesse numa prensa, quase

gritou.

— Esses dois meninos — terminou o Senhor Halloway — mudaram-se para Milwaukee há algumas semanas.

— O senhor — disse o Senhor Dark friamente — está mentindo.

O pai de Will mostrava-se verdadeiramente chocado.

— Eu? Você acha que eu estragaria a diversão dos vencedores?

— A verdade — disse o Senhor Dark — é que descobrimos os nomes dos meninos há dez minutos. Eu só queria conferir.

— É mesmo? — perguntou o pai de Will, incrédulo.

— Jim — disse o Senhor Dark. — E Will.

Jim contorceu-se na escuridão. A cabeça de Will afundou em seus ombros, os olhos completamente cerrados.

O rosto do pai de Will era um lago no qual as duas pedras negras com os nomes afundaram sem produzir qualquer ondulação.

— Os primeiros nomes? Jim? Will? Há um monte de Jims e Wills, mais de duzentos em uma cidade como esta.

Will, agachado e tremendo, pensou: “Quem teria contado? A Senhorita Foley? Mas ela estava desaparecida, e sua casa, vazia e cheia de sombras chuvosas. Só uma outra pessoa poderia...”

A garotinha que se parecia com a Senhorita Foley, chorando sob a árvore? A menininha que os havia assustado tanto? Ele ficou pensando. Na última meia hora, o desfile havia passado por lá e, certamente, haviam-na encontrado, chorando ali havia horas, assustada e pronta para fazer qualquer coisa; dizer qualquer coisa; se ao menos a música tocasse, os cavalos corressem e o mundo girasse; se eles pudessem fazê-la crescer novamente, erguê-la, interromper o seu choro, acabar com aquela coisa terrível e fazê-la voltar a ser o que era. Será que o pessoal do parque havia prometido, mentido para ela quando a encontrara sob a árvore, e depois tinha sumido com ela? A menina, chorando, mas não dizendo tudo, porque...

— Jim. Will — disse o pai de Will. — Primeiros nomes. E quanto aos sobrenomes?

O Senhor Dark não sabia os sobrenomes.

Seu universo de monstros suou fósforo em sua pele, azedou embaixo do braço, fedeu e se entrechocou com suas pernas fortes.

— Bem — disse o pai de Will, sentindo uma calma estranha e para ele quase agradável por ser uma sensação nova —, acho que o senhor está mentindo. De fato, não sabe os sobrenomes deles. Mas por que o senhor, um estranho daquele parque de diversões, mentiria para mim, aqui, no meio da rua de uma cidadezinha no meio do nada?

O Homem Ilustrado comprimiu suas mãos caligráficas com mais força ainda.

O pai de Will, com o rosto pálido, observou aqueles dedos comprimidos, os nós mergulhando unhas dentro dos rostos tatuados dos dois meninos, esmagados numa prisão escura, de carne, mantidos no epicentro da fúria.

Duas sombras, lá embaixo, debateram-se em agonia.

E o Homem Ilustrado mostrou uma expressão de tranquilidade em seu rosto.

Mas uma gota brilhante caiu de seu punho direito.

Outra gota brilhante caiu de seu punho esquerdo.

Ambas desaparecendo por uma das passagens da grade de metal.

Will soltou um grito sufocado. Uma coisa molhada atingira seu rosto. Colocou a mão sobre ela e depois olhou para a palma de sua mão.

A coisa que havia atingido seu rosto era vermelha e brilhante.

Ele levantou os olhos da palma de sua mão e olhou para Jim, que agora também estava quieto, pois a escarificação, real ou imaginária, parecia ter terminado, e ambos olharam para cima, onde as solas dos sapatos do Homem Ilustrado raspavam na grade, limando aço contra aço.

O pai de Will viu o sangue escorrer dos punhos fechados, mas forçou-se para olhar apenas para o rosto do Homem Ilustrado, enquanto dizia:

— Sinto muito por não poder ajudá-lo.

Além do Homem Ilustrado, virando a esquina, com as mãos ondulando no ar, vestida nas cores berrantes de cigana, o rosto de cera, os olhos ocultos por trás de óculos escuros, vinha a Cartomante, a Bruxa do Pó, murmurando sozinha.

E um momento depois, olhando para cima, Will conseguiu vê-la. “Ela não está morta!”, pensou ele. “Foi resgatada machucada, sim, mas agora está de volta e furiosa! Deus, sim, furiosa e procurando *especialmente* por *mim!*”

O pai de Will também a viu. Seu sangue pareceu fluir mais devagar por instinto, como um pudim dentro de seu peito.

A multidão afastou-se para deixá-la passar, rindo e comentando sobre sua roupa colorida e esfarrapada, tentando lembrar o que ela dizia, para contar depois. Ela avançava, seus dedos sentindo a cidade, como se ela fosse uma tapeçaria imensamente complicada e espessa. E cantava:

*Falarei de seus maridos. Falarei de suas esposas. Falarei de sua sorte.
Falarei de suas vidas. Venham me ver; eu sei. Venham me ver no show.
Eu lhes direi a cor dos olhos dele. E a cor das mentiras dela. Falarei da
cor da trama dele. E da cor da alma dela. Venham, não fujam. Venham
me ver no show.*

Crianças recuavam com medo, impressionadas; os pais, deliciados, olhavam com bom humor; e a Cigana do pó dos vivos continuava cantando. O tempo seguia seus murmúrios. Ela tecia e rompia teias microscópicas entre seus dedos para sentir a fuligem subindo, a respiração descendo. Ela tocava as asas das moscas, as almas das bactérias invisíveis, todas as partículas e fragmentos filtrados pela luz do sol, com o movimento daqueles dedos e mais ainda com sentimentos ocultos.

Will e Jim agacharam-se até quase quebrar seus ossos, ouvindo.

— Cega, sim, cega. Mas eu vejo o que vejo, eu vejo onde estou — dizia a Bruxa baixinho. — Aqui está um homem com um chapéu de palha no outono. Olá. E... olhem, aqui está o Senhor Dark e... um homem velho... um homem *velho*.

“*Ele não é tão velho assim*”, gritou Will em sua mente, piscando enquanto olhava para os três, e a Bruxa parava, sua sombra caindo fria como uma rã sobre os meninos escondidos.

— ... homem velho...

O Senhor Halloway estremeceu como se uma série de adagas frias penetrassem em seu estômago.

— ... homem velho... homem velho... — disse a Bruxa. Ela parou de falar e exclamou: — Ah... — Os pelos em suas narinas se eriçaram. Ela abriu a boca para saborear o ar. — Ah...

O Homem Ilustrado se mexeu.

— Espere...! — sussurrou a Cigana.

As unhas dela raspavam um quadro-negro invisível no ar.

Will sentiu-se ganindo como um cachorro maltratado.

Os dedos da Bruxa desciam lentamente, sentindo os espectros, pesando a luz. A qualquer momento, um dedo indicador poderia apontar para a grade na calçada, mostrando: Ali! Ali!

“Pai!”, pensou Will. “*Faça alguma coisa!*”

O Homem Ilustrado tornou-se docemente paciente depois que a sua dama do pó, cega mas bastante perceptiva, chegou ali; ele a olhava com carinho.

— Agora... — Os dedos da Bruxa tremeram.

— Agora! — falou o pai de Will, alto.

A Bruxa vacilou.

— Agora, *eis* um ótimo charuto! — gritou o pai de Will, virando-se com um movimento estudado em direção ao balcão da tabacaria.

— Quietos... — disse o Homem Ilustrado.

Os meninos olharam para cima.

— Agora... — a Bruxa farejou o vento.

— Tenho que acendê-lo novamente! — O Senhor Halloway colocou a ponta do charuto na eterna chama azul.

— Silêncio... — pediu o Senhor Dark.

— Já fumou um desses? — perguntou o pai de Will.

A Bruxa, abalada pelas palavras joviais e ditas com tanto entusiasmo, deixou cair sua mão ferida ao lado do corpo, enxugando o suor como alguém que limpa uma antena para obter uma recepção melhor; depois, ergueu a mão novamente, as narinas abrindo-se para sentir o vento.

— Ah! — O pai de Will soprou uma densa nuvem de fumaça de charuto.

Ela formou um espesso cúmulo, envolvendo a mulher.

— *Arg* — ela sufocou.

— Idiota! — gritou o Homem Ilustrado, mas os meninos embaixo não saberiam dizer se ele falava com o homem ou com a mulher.

— Venha, deixe-me comprar-lhe um! — O Senhor Halloway exalou mais fumaça, oferecendo o charuto ao Senhor Dark.

A Bruxa espirrou, retrocedeu, afastou-se aos tropeços. O Homem Ilustrado agarrou o braço do pai, percebeu que estava se excedendo e o soltou, restando-lhe seguir a sua Cigana, que havia sido completa e inesperadamente derrotada. Mas então, quando se afastava, ele ainda ouviu o pai de Will dizer:

— Tenha um *ótimo* dia, senhor!

“Não, pai”, pensou Will.

O Homem Ilustrado voltou.

— Como o senhor se chama? — perguntou ele diretamente.

“Não fale para ele”, pensou Will.

Seu pai hesitou por um momento, tirou o charuto da boca, deixou cair as cinzas e disse calmamente:

— Halloway. Trabalho na biblioteca. Apareça um dia desses.

— Com certeza, Senhor Halloway. Eu aparecerei.

A Bruxa aguardava perto da esquina.

O Senhor Halloway umedeceu o indicador, testou o vento e enviou uma nuvem de fumaça na direção dela.

Ela cambaleou para trás e desapareceu.

O Homem Ilustrado ficou rígido, girou e saiu caminhando, os retratos tatuados de Jim e Will esmagados com mãos de ferro em seus punhos.

Silêncio.

Estava tão silencioso embaixo da grade que o Senhor Halloway pensou que os dois meninos tivessem morrido de medo.

E Will, embaixo, olhando para cima com os olhos úmidos, a boca escancarada, pensou: “Ah, meu Deus, por que eu não notei isso antes?”

Seu pai era um grande homem. Um homem verdadeiramente grande.

Ainda assim, Charles Halloway não olhou para a grade e sim para os

pequenos cometas de sangue pingado deixados sobre a calçada, formando uma trilha que tinha virado a esquina e caído das mãos fechadas do desaparecido Senhor Dark. Ele também havia se surpreendido consigo mesmo, aceitando a surpresa, a nova determinação, que era metade desespero, metade serenidade, agora que o incrível desafio havia terminado. Que ninguém lhe perguntasse por que havia fornecido seu nome verdadeiro, pois ele mesmo não saberia dizer. Por enquanto, só podia ler os números no mostrador do relógio do Fórum e conversar consigo mesmo, enquanto os meninos embaixo ouviam.

— Jim, Will, alguma coisa está acontecendo. Podem se esconder, ficar ocultos pelo resto do dia? Precisamos ganhar tempo. Com coisas assim, por onde a gente começa? Nenhuma lei foi infringida, nenhuma que esteja nos códigos. Mas eu me sinto como se tivesse morrido e sido enterrado há um mês. Minha pele ondula. Escondam-se, Jim e Will, escondam-se. Eu direi as mãos de vocês que arranjaram trabalho no parque de diversões; é uma boa desculpa para vocês não voltarem para casa. Fiquem escondidos até escurecer, depois se encontrem comigo na biblioteca, às sete horas. Enquanto isso, vou verificar os registros policiais sobre parques de diversões, arquivos de jornais na biblioteca, livros, pastas velhas, tudo que possa se encaixar. Se Deus quiser, quando vocês aparecerem, depois do escurecer, eu já terei arquitetado um plano. Tenham cuidado enquanto isso. Deus o abençoe, Jim. Vá com Deus, Will.

E o pequeno pai, que era um grande homem, afastou-se lentamente.

Sem perceber, ele deixou o charuto cair de sua mão, lançando centelhas pela grade.

Caída lá no fundo do fosso, a brasa queimava como um único olho rosado a olhar para Jim e Will, que lhe devolveram o olhar e, afinal, apagaram o charuto, cegando-o.

Capítulo 36

O Anão, com seus olhos dementes e estranhamente iluminados, desceu pela rua principal da cidade.

Parando de súbito, revelou um rolo de filme dentro de sua cabeça, examinou as imagens, gemeu e voltou pela floresta de pernas até chegar aonde se encontrava o Homem Ilustrado, fazendo-o abaixar-se ao ponto em que um sussurro valia o mesmo que um grito. O Senhor Dark escutou e, então, correu, deixando o Anão para trás.

Chegando junto ao índio da tabacaria, o Homem Ilustrado caiu de joelhos. Agarrou a grade de metal e fitou o fosso escuro.

Lá no fundo, viu jornais amarelados, embalagens de doces amassadas, cigarros queimados e chicletes.

O grito do Senhor Dark revelou uma fúria abafada.

— *Perdeu* alguma coisa? — perguntou o Senhor Tetley, atrás do balcão.

O Homem Ilustrado agarrou a grade, balançando a cabeça afirmativamente.

— Eu limpo aí embaixo uma vez por mês para recolher as moedas — disse o Senhor Tetley. — Quanto o senhor perdeu? Dez centavos? Vinte e cinco centavos? Cinquenta centavos?

Bing!

O Homem Ilustrado olhou para cima furioso.

E viu um sinal vermelho saltar na janela da caixa registradora:

NENHUMA VENDA.

Capítulo 37

O relógio da cidade bateu sete horas.

Os ecos do grande carrilhão ecoaram pelos corredores escuros da biblioteca.

Uma folha de outono, muito seca, caiu em algum lugar, no meio da escuridão.

Mas era apenas a página de um livro que estava sendo virada.

Dentro de uma daquelas catacumbas, curvado sobre uma mesa, sob um abajur verde como a grama, Charles Halloway estava sentado com os lábios comprimidos, os olhos contraídos, as mãos trêmulas virando páginas, levantando e rearrumando livros. De vez em quando, ele saía para olhar a noite de outono, vigiando as ruas. Depois voltava para folhear as páginas, inserir marcadores, copiar citações, sussurrando para si mesmo. Sua voz produzia ecos nas abóbadas da biblioteca:

— Olhe aqui!

— ... aqui...! — repetiam os corredores escuros.

— Esta figura...!

— ... figura...! — repetiam os salões.

— E *esta*!

— ... esta... — E a poeira se depositava.

Aquele havia sido o dia mais longo entre todos os dias de que ele podia se lembrar em sua vida. Tinha se misturado com a multidão de gente estranha e

nem tão estranha, procurado por aqueles que procuravam rastros na parada dispersa. Havia resistido ao impulso de contar tudo para a mãe de Jim e para a mãe de Will, para que pudessem passar um domingo feliz; entretimentos, havia cruzado com a sombra do Anão, trocado acenos com o Cabeça-de-Prego e o Engolidor-de-Fogo, ficado longe dos becos escuros e controlado seu pânico ao ver o fosso vazio embaixo da grade diante da tabacaria, sabendo que os meninos estavam escondidos em algum lugar por perto ou, se Deus permitisse, bem longe.

Então, no meio da multidão, foi até o parque de diversões, ficando fora das tendas, fora dos brinquedos, observando, vendo o sol se aproximar do horizonte e, bem na hora do crepúsculo, observou as águas de vidro frio do Labirinto de Espelhos, vendo apenas o suficiente da beira da praia para afastar-se antes de se afogar. Encharcado, gelado até os ossos, deixou que a multidão o protegesse e o levasse de volta para a cidade antes que ficasse muito escuro, de volta para a biblioteca e para os livros mais importantes... que ele havia arrumado para formarem um grande relógio literário em cima de uma mesa, como alguém aprendendo a contar um novo tempo. E, assim, caminhou em volta do imenso relógio, olhando para as páginas amareladas como se elas fossem mariposas mortas pregadas na madeira.

Ali estava um retrato do *Príncipe das trevas*. Ao lado, uma série de desenhos fantásticos das *Tentações de Santo Antônio*. Em seguida, algumas estampas do *Bizarrie*, de Giovanbatista Bracelli, representando uma série de brinquedos curiosos, robôs humanoides envolvidos em rituais de alquimia. Na marca dos cinco minutos para a meia-noite, olhou para um exemplar do *Dr. Fausto*, enquanto às duas da manhã viu a *Iconografia do oculto*. Às seis horas, exatamente naquele instante, sob os dedos do Senhor Halloway, encontrava-se uma história dos circos, parques, teatros de sombras, shows de marionetes habitados por charlatões, menestréis, bruxos e seus fantoches. E mais: *Um manual dos reinos aéreos (Coisas que caíram pela História)*. Às nove horas, colocou *Possuído pelos demônios* em cima de *Poções egípcias*, que, por sua vez, estava em cima dos *Tormentos dos amaldiçoados*, que, por sua vez, esmagava o *Encanto dos espelhos*. Bem acima, no relógio literário, havia livros

chamados *Locomotivas e trens*, *O Mistério do sono*, *Entre a meia-noite e a aurora*, *O sabá das feiticeiras* e *Pactos com os demônios*. Estava tudo bem arrumado. Ele podia ver a face do relógio.

Mas não havia ponteiros.

Ele não podia dizer que hora, na noite da vida, o relógio estava marcando para ele, para os meninos e para a ingênua cidade.

Pois, no somatório, o que ele possuía até o momento?

Uma chegada às três da madrugada, um grotesco Labirinto de Espelhos, um desfile de domingo, um homem alto com um enxame de imagens de cor azul-elétrico coçando em sua pele suada, algumas gotas de sangue caindo através de uma grade na calçada e dois meninos apavorados olhando para cima, e ele mesmo, sozinho naquele mausoléu silencioso, tentando decifrar o enigma.

O que havia nos meninos que o fizera acreditar nas palavras simples que haviam sussurrado através da grade? O próprio medo era uma prova ali, e ele já tinha visto medo suficiente em sua vida para reconhecê-lo, como o cheiro de um açougue em uma tarde de verão.

E o que havia no silêncio daquele ilustrado proprietário do parque de diversões que falava milhares de palavras violentas, corruptas e debilitantes?

O que havia naquele velho que ele tinha visto através de uma abertura em uma tenda, no final da tarde, sentado em uma cadeira com as palavras SENHOR ELÉTRICO escritas acima dele, a energia elétrica correndo em sua pele como lagartixas verdes?

Isso era tudo, tudo, tudo que havia. E agora aqueles livros. Olhou mais detidamente para um. Tocou-o. *Physiognomonie. Os segredos da personalidade de um indivíduo encontrados em sua face.*

Estariam Jim e Will, então, representados como puramente angelicais, meio inocentes, olhando através da calçada para o terror que marchava? Será que os meninos correspondiam aos padrões ideais para os modelos de Mulher, Homem, Criança de Excelente Disposição, Cor, Equilíbrio e Comportamento Veranil?

Por outro lado... Charles Halloway virou uma página... será que as

aberrações correndo, a Maravilha Ilustrada, teriam as testas características do Irascível, do Cruel, dos Avarentos, as bocas dos Lascivos e dos Mentirosos? Os dentes dos Velhacos, dos Instáveis, dos Audaciosos, dos que se Vangloriam e da Fera Assassina?

Não. O livro foi fechado. Se rostos representassem alguma coisa, então aquelas aberrações não eram piores do que muitos que tinha visto passar pela biblioteca tarde da noite em sua longa carreira.

Só havia uma coisa certa.

Duas frases de Shakespeare diziam-na. Ele devia escrevê-las no centro do relógio de livros para fixar o coração de suas apreensões.

*Pelo coçar de meus polegares
Algo sinistro vem por aí.*

Tão vago e, no entanto, tão imenso.

Ele não queria viver com aquilo.

Contudo, naquela noite, a menos que o vivenciasse muito bem, poderia ter de conviver com aquilo pelo resto de sua vida.

Na janela, olhou para fora e pensou: “Jim, Will, vocês estão vindo? Vão conseguir *chegar* aqui?”

Enquanto esperava, sua carne adquiriu a palidez de seus ossos.

Capítulo 38

E lá estava a biblioteca, às sete e quinze, sete e trinta, sete e quarenta e cinco de uma noite de domingo, povoada por grandes correntes de silêncio, com sua avalanche de livros imóveis, suspensos nas prateleiras como pedras cuneiformes da eternidade, tão altas que as neves invisíveis do tempo poderiam cair o ano inteiro lá em cima.

Do lado de fora, a cidade respirava no ritmo do parque de diversões, com centenas de pessoas passando perto de onde Jim e Will se escondiam entre os arbustos, num dos lados da biblioteca, erguendo as cabeças para depois mergulhar os narizes na terra.

— Droga!

Ambos se deitaram na grama. Do outro lado da rua tinha acabado de passar um menino, ou um anão, ou poderia ser um garoto com a mente de um anão, ou qualquer coisa que deslizava pela noite como as folhas sopradas sobre as calçadas salpicadas com cascalho. Mas, fosse o que fosse, foi embora. E Jim sentou-se enquanto Will continuava com o rosto apoiado na boa e segura terra.

— Vamos, o que há de errado?

— A biblioteca — respondeu Will. — Agora estou com medo até dela.

“Todos aqueles livros enfileirados”, pensou ele, “com centenas de anos, a pele se soltando, inclinados uns sobre os outros como dez milhões de abutres. Caminhe por entre aquelas prateleiras escuras e todos aqueles títulos

dourados brilharão seus olhos para você. Entre o velho parque, a velha biblioteca e seu próprio pai. Tudo velho... bem...”

— Eu sei que papai está lá, mas será que *é* o meu pai? Quer dizer, e se *eles* vieram e o modificaram, tornaram-no mau, prometendo alguma coisa que não poderão lhe dar, mas que ele pensa que poderão, e nós entramos lá, e algum dia, daqui a cinquenta anos, alguém abrirá um livro, e eu e você cairemos como duas traças secas no chão, Jim, porque alguém nos espremeu e escondeu entre as páginas, e ninguém nunca mais soube para onde fomos...

Aquilo era demais para Jim, que precisava fazer alguma coisa para melhorar o ânimo do amigo. E o que Will viu depois foi Jim batendo à porta da biblioteca. E, então, ambos bateram freneticamente, querendo sair daquela noite para adentrar a escuridão mais cálida que havia do lado de dentro. Tendo que escolher entre dois tipos de trevas, aquele era o melhor: com o cheiro dos livros, a porta se abrindo e seu pai surgindo com seu cabelo cor de fantasma. Os três caminharam em silêncio pelos corredores desertos. Will sentiu uma vontade louca de assobiar, como fazia sempre que passava pelo cemitério depois do pôr do sol, seu pai perguntando por que haviam demorado e eles tentando se lembrar de todos os lugares onde haviam se escondido naquele dia.

Tinham buscado refúgio em velhas garagens, em antigos celeiros, haviam se ocultado nas árvores mais altas que conseguiram escalar até ficarem chateados, e o tédio era pior do que o medo, e, então, desceram e se apresentaram ao delegado, tendo uma ótima conversa com ele, o que lhes deu vinte minutos de segurança dentro da delegacia, e, então, Will teve a ideia de visitarem as igrejas e eles subiram em todas as torres da cidade, assustando os pombos nos campanários, e ninguém poderia afirmar se era ou não seguro nas igrejas, especialmente lá em cima na torre, no meio dos sinos, mas eles se *sentiam* seguros. Contudo, acabaram entediados de novo e cansados da mesma coisa, e estavam a ponto de se entregar para o pessoal do parque de diversões, de modo a terem alguma coisa para fazer, quando, por sorte, o sol se escondeu. E do poente até aquele momento eles haviam passado um tempo maravilhoso esgueirando-se até a biblioteca, como se o prédio fosse um forte

anteriormente aliado que tivesse sido tomado pelos árabes.

— E aqui estamos — sussurrou Jim, e então se interrompeu. — Por que estou cochichando? A biblioteca está fechada, droga!

Ele riu, mas se conteve.

Porque achou ter ouvido passos abafados nas câmaras subterrâneas.

Mas era apenas a sua risada, ecoando como patas de pantera por entre as prateleiras.

E assim, quando novamente começaram a falar, continuaram a sussurrar. Florestas fechadas, cavernas escuras, igrejas na penumbra e bibliotecas mal iluminadas tinham sempre o mesmo efeito — abafavam o ardor das pessoas, aquietavam-nas e faziam-nas murmurar, talvez com medo de despertar os ecos fantasmagóricos de sua própria voz, que poderiam assombrar os corredores bem depois de sua passagem.

Chegaram na pequena sala e circundaram a mesa onde Charles Halloway havia colocado os livros, onde ele passara tantas horas lendo e, pela primeira vez, ambos olharam no rosto um do outro e notaram a terrível palidez, e não fizeram nenhum comentário.

— Agora, contem-me desde o início. — O pai de Will puxou as cadeiras. — Por favor.

E assim, cada um falando a sua parte no seu devido tempo, os meninos contaram sobre a passagem do vendedor de para-raios, sua previsão sobre a tempestade que viria, o trem que chegou bem depois da meia-noite, o prado subitamente habitado, as tendas enfunadas pelo luar, os lamentos do órgão que tocava sozinho, e depois a luz do dia surgindo e as centenas de cristãos chegando, sem que houvesse leões para devorá-los, restando apenas o labirinto onde o tempo se perdia entre cascatas de espelhos, apenas o carrossel ENGUIÇADO, em seguida a hora do jantar perdida, o Senhor Cooger, o menino com os olhos que pareciam ter visto todas as entranhas brilhantes do mundo, com o formato de pecados retorcidos e pendurados para secar, e todos aqueles pecados grampeados, assumindo uma coloração avermelhada e repugnante, aquele menino com os olhos de um homem que sempre tinha vivido, eternamente, tendo visto coisas de mais e podendo querer morrer,

mas não sabendo como...

Os meninos fizeram uma pausa para recuperar o fôlego.

A Senhorita Foley, o parque de diversões novamente, o carrossel descontrolado, a antiga múmia Cooger ofegando ao luar, exalando poeira prateada, morta, e, então, ressuscitada na cadeira onde o relâmpago verde iluminava seu esqueleto como uma tempestade sem chuva ou trovão, o desfile, o porão da tabacaria, o tempo que tinham passado se escondendo e, afinal, a chegada à biblioteca e a conclusão do relato.

Por um longo momento, o pai de Will ficou olhando para o centro da mesa. Então, seus lábios se moveram.

— Jim. Will. Eu acredito em vocês — disse ele.

Os meninos afundaram em suas cadeiras.

— Em tudo?

— Tudo.

Will esfregou os olhos.

— Puxa — disse ele asperamente —, sinto vontade de gritar.

— Não temos tempo para isso! — censurou Jim.

— É — concordou o pai de Will, que se levantou, encheu o cachimbo com tabaco e procurou em seus bolsos pelos fósforos, tirou uma velha gaita, um canivete, um isqueiro que não funcionava e um bloco de anotações onde sempre havia desejado escrever grandes pensamentos, mas nunca conseguia, alinhando aquelas armas para uma guerra contra os pigmeus que poderia ser perdida antes mesmo de começar. Procurando entre aqueles refugos, balançando a cabeça, enfim achou um velho palito de fósforo, acendeu o cachimbo e começou a meditar, andando pela sala.

— Parece que vamos ter de falar um bocado sobre esse parque de diversões em especial. De onde ele veio, para onde vai, o que pretende? Achávamos que ele nunca tivesse vindo a esta cidade. Mas, por Deus, olhem aqui.

E mostrou um jornal amarelado com a data de 12 de outubro de 1888, e sublinhou o anúncio com o dedo:

J.C. COOGER E G.M. DARK APRESENTAM O TEATRO PANDEMÔNIO CO.

COM SUAS ATRAÇÕES SECUNDÁRIAS E SEU INTERNACIONAL MUSEU DO
EXTRAORDINÁRIO

— J.C. e G.M. — disse Jim. — São as mesmas iniciais nos folhetos que distribuíram pela cidade esta semana. Mas... não poderiam ser os *mesmos* homens...

— Não? — O pai de Will esfregou os cotovelos. — Os arrepios na minha pele me dizem o contrário.

Exibiu outros jornais antigos.

— 1860. 1846. Mesmo anúncio. Mesmos nomes. Mesmas iniciais. Dark e Cooger, Cooger e Dark, eles vêm e vão, mas somente uma vez a cada vinte, trinta ou quarenta anos, para que as pessoas esqueçam. E onde estavam todos esses anos? Viajando. E fazendo *mais* do que viajar. Sempre em outubro: outubro de 1846, outubro de 1860, outubro de 1888, outubro de 1910, e outubro agora, esta noite. — A voz abaixou quase para um sussurro: — ... cuidado com as pessoas que chegam com o outono.

— O quê?

— Um velho texto religioso. Do pastor Newgate Philips, eu acho. Li quando era menino. Será que ainda me lembro?

Ele tentou lembrar. Molhou os lábios com a língua. E conseguiu.

— *Para alguns, o outono chega cedo e fica até mais tarde, através de uma vida em que outubro se segue a setembro, e novembro toca outubro, e, então, no lugar de dezembro e do nascimento de Cristo, não há Estrela de Belém, nem alegria, mas setembro chegando de novo e depois o velho outubro, e assim ao longo dos anos, sem inverno, primavera ou verão revigorante. Para esses seres, o outono é a estação normal, o único clima que eles conhecem, sem nenhuma outra escolha. E de onde eles vêm? Da poeira. E para onde vão? Para a sepultura. Será que o sangue corre em suas veias? Não, o que corre é o vento noturno. E o que se mexe dentro de suas cabeças? O verme. O que fala por suas bocas? A rã. O que vê através de seus olhos? A serpente. O que se escuta através de seus ouvidos? O abismo entre as estrelas. Eles vasculham a tempestade humana em busca de almas, comem a substância da razão, enchem as tumbas*

com pecadores. E eles avançam, rastejando como besouros, infiltrando-se, fazendo todas as luas ficarem sombrias e toldando todas as águas claras. A teia da aranha os percebe, treme e se rompe. Assim são as pessoas do outono. Tenha cuidado com elas!

Depois de uma pausa, os meninos exalavam ao mesmo tempo.

— As pessoas do outono — disse Jim. — São eles. *Com certeza!*

— Então... — Will engoliu em seco — ... isso faz de nós... as pessoas do verão?

— Não inteiramente. — Charles Halloway balançou a cabeça. — Ah, você está mais perto do verão do que eu. Se algum dia eu fui uma rara e ótima pessoa do verão, isso foi há muito tempo. A maioria de nós é meio a meio. O calor de agosto dentro de nós tenta afastar o frio de novembro. Nós sobrevivemos com o pouco do humor da Festa da Independência em julho que conseguimos estocar. Mas há ocasiões em que somos todos pessoas do outono.

— O senhor não, pai!

— Não o senhor, Senhor Halloway!

Ele se virou para ver os meninos observando-o, palidez junto de palidez, mãos nos joelhos como se estivessem prontos para saltar.

— É um modo de falar. Calma, rapazes. Eu estou atrás dos fatos. Will, você realmente *conhece* o seu pai? Você não deveria me conhecer bem e eu a você, já que daqui para a frente seremos nós contra eles?

— Certo — disse Jim. — Quem é o senhor?

— Nós *sabemos* quem ele é, droga! — protestou Will.

— Sabemos? — perguntou o pai. — Vamos ver. Charles William Halloway. Não há nada de extraordinário a meu respeito, exceto que estou com 54 anos de idade, o que é sempre extraordinário para o homem que veste essa roupa. Nasci em Sweet Water, vivi em Chicago, sobrevivi em Nova York, andei por Detroit, estive em muitos lugares, chegando aqui tarde, depois de viver em bibliotecas por todo o país, em todos esses anos, porque eu gostava de ficar sozinho, gostava de procurar nos livros o que eu tinha visto nas estradas. E, então, no meio de todas essas fugas que eu chamava de

viagens, no meu trigésimo nono aniversário, a sua mãe me fisgou com um olhar e eu estou aqui desde então. Ainda me sinto mais confortável na biblioteca, à noite, longe da multidão. Será esta a minha última parada? Há uma boa chance. E por que estou aqui, afinal? Neste exato momento parece que é para ajudar vocês.

Ele fez uma pausa e olhou para os bonitos rostos jovens dos dois meninos.

— Sim — confirmou ele. — Entrando muito tarde no jogo. Para ajudar vocês.

Capítulo 39

Cada uma das venezianas nas janelas da biblioteca tremeu com o vento frio.

O homem e os dois meninos esperaram o vento passar.

Então, Will disse:

— Pai, você sempre nos ajudou.

— Obrigado, mas isso não é verdade. — Charles Halloway examinou sua mão muito vazia. — Eu sou um tolo. Sempre olhando por cima do seu ombro para ver o que estava vindo, em vez de olhar diretamente para você para ver o que já estava *aqui*. Mas então, se me dá algum consolo, todo homem é um tolo. Você tem de trabalhar a vida inteira, saltar, pular, emendar, consertar, afagar, beijar testas, rir, chorar, marcar pontos para suportar o dia em que se tornará o pior de todos os tolos e gritará “Socorro!”. E, nesse momento, tudo de que você precisa é uma resposta de alguém. Eu vejo tudo tão claro agora. Esta noite, pelo mundo afora, há cidades e vilas e pontos de parada para tolos. E lá vem o parque de diversões, chegando num lugar e sacudindo uma árvore, *qualquer* árvore: e da árvore chovem imbecis. E assim eles separam a sua colheita de tolos, escolhendo os indivíduos que não têm ninguém para responder aos seus pedidos de socorro. Tolos solitários, sem ligação com ninguém; é dessas sementes que o pessoal do parque vem atrás, com seus sorrisos e sua máquina rodopiante.

— Ah, droga — disse Will —, quer dizer que não há esperança!

— Pelo contrário. O próprio fato de estarmos aqui nos preocupando com

a diferença entre o outono e o verão torna certa a existência de uma saída. Você não tem que *continuar* agindo como um tolo, assim como não *precisa* ser mau, errado, pecador, ou o que quer que seja... Existem mais de três ou quatro escolhas. *Eles*, aquele Dark e seus amigos, não estão segurando todas as cartas. Eu pude perceber isso hoje, em frente à tabacaria. Eu estava com medo dele, mas pude perceber que ele também estava com medo de mim. Assim, havia medo em ambos os lados. Agora, *como* podemos usar isso a nosso favor?

— Como?

— Começemos pelo princípio. Vamos recordar a história. Se os homens quisessem ser maus para sempre, eles poderiam ter sido, concordam? Sim. *Ficamos* lá nos campos com as feras? Não. Na água com as barracudas? Não. Em algum ponto nós abandonamos a garra feroz do gorila. Em algum momento, modificamos nossos dentes de carnívoros e começamos a mastigar folhas. Temos enfiado tanta massa vegetal quanto sangue em nossa filosofia de vida há gerações. Assim nos consideramos acima dos macacos numa escala evolutiva, ainda que não tenhamos chegado à metade do caminho para os anjos. Esta era uma ótima ideia nova e assim nós a colocamos nos livros e construímos prédios como este para protegê-los. E, assim, temos entrado e saído desses prédios, mastigando nossa nova dieta vegetariana, tentando decidir como foi que tudo começou, quando foi que resolvemos ser diferentes das feras. E acho que deve ter sido numa noite, há centenas de milhares de anos, dentro de uma caverna, perto de uma fogueira noturna, quando um daqueles homens peludos acordou para olhar para a sua mulher e seus filhos, e pensou como seria ruim se eles estivessem mortos, frios e perdidos para sempre. Ele deve ter chorado. E, na escuridão, estendeu a mão para a mulher, que deveria morrer algum dia, e para as crianças, que deveriam segui-la. E, por um momento, na manhã seguinte, ele os tratou melhor, porque percebeu que eles, como ele mesmo, tinham a semente da noite. Ele podia sentir essa semente como lodo em seu pulso, dividindo-se, preparando-se para o dia em que mergulharia seu corpo na escuridão. E, assim, aquele homem, o primeiro, percebeu o que sabemos agora: nossa existência é curta e a eternidade é longa.

E com esse conhecimento vieram a piedade e a misericórdia, para que poupássemos os outros para os benefícios mais intrincados e misteriosos do amor.

“Em resumo, quem somos nós? Nós somos as criaturas que sabem demais. E isso nos deixa com uma carga, um peso com o qual só podemos escolher entre rir ou chorar. Nenhum outro animal faz isso. Nós fazemos as duas coisas, dependendo da necessidade ou da estação. De alguma forma, eu acho que aquele parque observa, para ver se estamos rindo ou chorando, como e por quê, e avança sobre nós quando sente que estamos maduros.”

Charles Halloway parou, porque os meninos o observavam com tanta intensidade que subitamente ele teve que se virar, ficando corado.

— Puxa, Senhor Halloway — disse Jim, baixinho. — Isso é formidável. Continue!

— Pai — exclamou Will, admirado. — Eu não sabia que podia *falar* assim.

— Devia ter me ouvido aqui, tarde da noite, sem nada para fazer, *exceto* falar! — E Charles Halloway balançou a cabeça. — Sim, vocês deviam ter me ouvido. Eu devia ter conversado mais com vocês em qualquer ocasião do passado. Droga, onde é que eu *estava*? Chegando no amor, eu acho. Sim... no amor.

Will parecia entediado, e Jim, preocupado com a palavra.

E isso obrigou Charles Halloway a fazer uma pausa.

O que ele poderia dizer que fizesse sentido para eles ? Poderia dizer que o amor era, acima de tudo, uma causa comum, uma experiência compartilhada? Era *esse* o cimento vital que unia tudo, não era? Poderia falar para eles como se sentia por estar com eles ali, naquela noite, enquanto lá fora o mundo louco girava em torno de um imenso sol, que caía através de um espaço maior ainda, através de imensidões de espaço, talvez indo em direção ou se afastando de Alguma Coisa? Poderia dizer que compartilhavam aquela viagem a um bilhão de quilômetros por hora. Nós lutamos juntos contra a noite. E começamos a lutar por pequenas causas. Por que adoramos aquele menino num campo de verão, enfrentando o céu com a sua pipa? Porque os nossos dedos queimam com a linha quente chamuscando nossas mãos. Por

que amamos aquela menina que vemos da janela de um trem, curvada sobre um poço na roça? Porque a nossa língua se lembra do sabor da água fria em algum meio-dia perdido no passado. Por que choramos ao ver estranhos mortos à beira de uma estrada? Porque eles nos lembram amigos que não vemos há muitos anos. Por que rimos quando palhaços são atingidos por tortas? Porque provamos o seu recheio, saboreamos a vida. Por que amar a mulher que é a sua esposa? Porque ela respira o ar de um mundo que conhecemos; portanto, amamos aquele nariz. Os ouvidos dela ouvem a música que poderíamos cantar pela noite inteira, e assim amamos aqueles ouvidos. Os olhos dela brilham com as cores das estações, e assim amamos aqueles olhos. Sua língua conhece o sabor do marmelo, do pêssego, da hortelã e da lima, e assim adoramos ouvi-la falando. E porque a carne dela conhece o calor, o frio e a aflição conhecemos o fogo, o gelo e a dor. Experiências partilhadas uma vez e para sempre. Bilhões de texturas formigando. Corte um dos sentidos, e parte da vida será também cortada. Corte dois dos sentidos, e a vida será instantaneamente dividida ao meio. Amamos o que conhecemos, amamos aquilo que somos. A experiência comum da boca, dos olhos, dos ouvidos, da língua, da mão, do nariz, da carne, do coração e da alma.

Mas... como dizer isso?

— Olhem — tentou ele —, coloquem dois homens viajando juntos no vagão de um trem: um deles é um soldado, e o outro, um fazendeiro. Um fala da guerra; o outro, do trigo, e entediam um ao outro até dormir. Mas, se um deles falar de corridas de longa distância, e o outro, algum dia, tiver corrido um quilômetro, então esses dois homens correrão a noite inteira, como meninos, construindo um companheirismo com as suas memórias. Assim, todos os homens têm *algum* interesse em comum: mulheres, e poderão falar sobre elas até o raiar do dia, e além. Droga!

Charles Halloway parou de novo, corado, sabendo vagamente que havia um objetivo à sua frente, mas sem saber como chegar lá. Mordeu os lábios.

“Pai, não pare”, pensou Will. “Quando você fala, a gente se sente bem. Você vai nos salvar. Continue.”

O homem leu a expressão nos olhos de seu filho, viu o mesmo olhar em

Jim e caminhou lentamente em torno da mesa, tocando uma besta noturna aqui, um aglomerado de bruxas maltrapilhas ali, uma estrela, uma lua crescente, um sol arcaico, uma ampulheta que media o tempo com a poeira de ossos no lugar de areia.

— Será que eu consegui falar o que pretendia acerca de ser bom? Deus, sinceramente não sei. Um estranho leva um tiro no meio da rua e você nem se mexe para ajudá-lo. Mas se, meia hora antes, você passou uns dez minutos na companhia dele e ficou sabendo um pouco a seu respeito e sobre a sua família, você será bem capaz de saltar na frente do assassino e tentar detê-lo. De fato, o conhecimento é bom. O desconhecimento, ou a recusa em conhecer, é que é péssimo, ou, pelo menos, amoral. Você não será capaz de agir se não conhecer. E agir sem conhecimento poderá levá-lo para o precipício. Deus, vocês devem estar achando que fiquei maluco com toda essa conversa. Provavelmente acham que devíamos estar lá fora, atirando em patos ou derrubando balões com tiros, como você fez, Will, mas precisamos saber tudo sobre as aberrações e aquele homem que as controla. Você não pode ser bom se não souber o que é o mal, e é uma pena que estejamos correndo contra o tempo. O parque de diversões vai fechar, e a multidão voltará para casa mais cedo na noite de domingo. E sinto que receberemos, então, uma visita da gente do outono. Temos ainda, quem sabe, umas duas horas.

Jim, agora, estava na janela, olhando por sobre a cidade para as longínquas tendas negras e o órgão que tocava enquanto o mundo girava naquela noite.

— *Isso é mau?* — perguntou ele.

— Mau!? — gritou Will, furioso. — Mau! Você ainda pergunta!?

— Calma — disse o pai de Will. — É uma boa pergunta. Parte daquele show parece realmente formidável. Mas o velho ditado se aplica aqui: “Você não pode conseguir alguma coisa em troca de nada.” O fato é que, para eles, você recebe nada em troca de alguma coisa. Eles fazem promessas vazias, aí você estica o seu pescoço e... *zap!*

— Mas de onde eles vieram? — perguntou Jim. — Quem são eles?

Will foi até a janela com seu pai e ambos olharam para fora, e Charles Halloway voltou-se para aquelas tendas distantes e disse:

— Talvez, um dia, tenha existido apenas um homem caminhando pela Europa, antes do tempo de Colombo, sacudindo os sininhos presos em seu tornozelo, um alaúde sobre o ombro, dando-lhe a silhueta de um corcunda. Talvez um homem tenha andado por aí vestindo uma pele de macaco, há um milhão de anos, empanturrando-se com a infelicidade dos outros, mastigando diariamente a dor dos outros como se fosse chiclete de hortelã, para saborear a doçura de andar mais rápido, revigorado com os desastres pessoais. Talvez seu filho, depois dele, tenha aperfeiçoado as armadilhas e arapucas do pai. Eles espalhavam a sujeira em lagos solitários de onde vinham moscas pousar nas narinas, mosquitos pousar na pele nas noites de verão, picando e produzindo aqueles calombos que os frenologistas dos parques de diversões adoram alisar e sobre os quais gostam de profetizar. E assim, de um homem aqui, de outro ali, caminhando tão rápido quanto seus olhares oleosos, surgiram grupos de pilantras trazendo problemas como presentes, estimulando a miséria, procurando o rastro das centopeias embaixo dos tapetes, vigiando os suores noturnos, escutando nas portas dos quartos para ouvir os homens fazendo sexo, martirizando-se com o remorso e os sonhos ruins.

“A substância do pesadelo é o pão de que eles se alimentam. Eles acertam seus relógios com os besouros da morte e prosperam pelos séculos. Eles foram os homens com os chicotes de couro erguendo as pirâmides com o sal e a infelicidade de outras pessoas. Eles atravessaram a Europa com os cavalos brancos da praga. Eles sussurraram para César que ele era mortal e, então, venderam punhais pela metade do preço numa grande liquidação em março. Alguns foram bobos da corte e apoios de pé para imperadores, príncipes e papas epiléticos. E seguiram pela estrada. Ciganos de ocasião, sua população cresceu à medida que o mundo crescia e oferecia as variedades mais deliciosas de sofrimento para eles se deliciarem. O trem lhes deu rodas e, então, aqui chegam eles, vindos do gótico e do barroco; olhem para seus vagões e carruagens, decorados como templos medievais, que outrora foram puxados por cavalos, mulas ou talvez até homens.”

“Todos esses anos”, Jim sufocou as próprias palavras. “As *mesmas*

peessoas?” Então perguntou:

— Você acha que o Senhor Cooger e o Senhor Dark têm uns 200 anos de idade?

— Rodando naquele carrossel, eles podem rejuvenescer um ano ou dois sempre que desejarem, certo?

— Então... — Um abismo se abriu sob os pés de Will. — Eles podem viver *para sempre!*

— E *magoar* pessoas. — Jim pensou no que acabara de dizer. — Mas por que, por que magoar?

— Porque — explicou o Senhor Halloway — você precisa de combustível, de matéria-prima para manter o parque de diversões em movimento, não é? As mulheres adoram fofocas, e o que é a fofoca senão uma troca de dores de cabeça, de saliva azeda, de ossos artríticos, de carnes feridas e costuradas, de indiscrições, de tempestades de loucura e da calma pós-tempestade? Se algumas pessoas não tivessem algo suculento para mastigar, seus dentes cairiam, levando sua alma junto. Multiplique o prazer que *elas* sentem nos funerais, os comentários sarcásticos lendo obituários no café da manhã, e acrescente as brigas nos casamentos em que pessoas passam a vida arrancando a pele umas das outras e recosturando-a no lugar, acrescente os médicos charlatões que fatiam pessoas para ler suas entranhas como folhas de chá, em seguida fechando-as com um fio identificável, multiplique todo o sofrimento por um quatrilhão e você terá a energia negra por trás deste parque de diversões.

“Todo o mal que nutrimos, eles pegam emprestado e duplicam. Eles são um bilhão de vezes mais ávidos pela tristeza, pela desgraça e pelo sofrimento do que o homem médio. Nós temperamos nossas vidas com os pecados de outras pessoas. Nossa carne, para nós, nos parece doce. Mas o parque de diversões se delicia com o medo e com a dor. Esse é o combustível, o vapor que move o carrossel, a matéria-prima do terror, a agonia excruciante da culpa, o grito pelas feridas reais ou imaginárias. O parque suga esse combustível e o inflama, e, então, avança resfolegando.”

Charles Halloway parou para respirar, fechou os olhos e disse:

— Como é que eu sei disso? Eu não sei. Eu *sinto*. Eu *provo* seu sabor. Como velhas folhas queimando no vento duas noites atrás. Tinham o mesmo cheiro de flores num velório. Eu ouvi a música. Eu ouvi o que vocês me contaram e metade do que *não* me contaram. Talvez eu *sempre* tenha sonhado com esse parque e apenas uma vez esperasse por ele e assentisse. Agora aquele show nas tendas toca meus ossos como uma marimba.

“Meu esqueleto *sabe*.

“*Ele* me diz.

“E *eu* digo a vocês.”

Capítulo 40

— Será que eles podem... — disse Jim. — Eu quero dizer... será que eles... compram almas?

— Comprar para quê, quando eles podem tê-las de graça? — disse o Senhor Halloway. — A maioria dos homens salta ante a oportunidade de perder tudo em troca de nada. E não há nada com que sejamos tão idiotas quanto nossas almas imortais. Além disso, você está achando que é o Diabo que está lá fora. Eu digo que é só um tipo de criatura que aprendeu a viver sugando almas e não possuindo as almas em si. Isso sempre me aborreceu nos velhos mitos. Eu sempre me perguntei por que Mefistófeles iria querer uma alma? O que *ele faz* com ela quando a consegue, que utilidade tem para ele? Esperem enquanto eu apresento minha teoria. Essas criaturas querem o gás flamejante das almas que não conseguem dormir de noite, que se atormentam com velhos crimes. A alma de um morto não vale nada. Mas uma alma viva e vibrante, encrespada pelo automartírio... ah, é exatamente disso que eles se alimentam.

“Como eu sei? Eu observo. O parque de diversões é como as pessoas, mas um pouco menos sutil. Há homens e mulheres que, em vez de se separarem ou de um matar o outro, passam a vida se atormentando, puxando os cabelos e arrancando as unhas um do outro; a dor é como um narcótico para eles: faz suas existências valerem a pena. E, assim, o parque de diversões sente os egos feridos a quilômetros de distância e salta para saborear essa dor. Ele fareja

meninos ardendo para serem homens, suas dores de crescimento como enormes dentes do siso pulsando a milhares de quilômetros de distância, deitados na cama numa noite de inverno. Ele sente a irritação dos homens de meia-idade, como eu, que resmungam com saudades das tardes de agosto há muito perdidas. Vontade, necessidade, desejo, nós os queimamos em nossos fluidos, nós os oxidamos dentro de nossa alma e os deixamos escapar de nossas narinas, lábios, transmitindo-os através de nossos dedos-antenas por ondas longas ou curtas, só isso, mas Deus sabe como esses mestres das aberrações percebem essas coceiras e vêm correndo para coçá-las. Eles viajaram por um longo caminho confortavelmente, com pessoas prontas, a cada encruzilhada, para ceder-lhes suas gotas de agonia para impulsioná-los. E assim, provavelmente, o parque de diversões sobrevive, vivendo do veneno do mal que fazemos uns aos outros e do fermento de nossos arrependimentos mais terríveis.”

Charles Halloway bufou.

— Nossa, quanta coisa eu já falei. Quanto de mim mesmo eu deixei escapar nos últimos dez minutos?

— O senhor falou bastante — disse Jim.

— E em que língua, droga!? — gritou Charles Halloway, pois, subitamente, parecia que não havia feito nada mais do que fizera nas outras noites, quando havia caminhado sozinho propondo suas ideias para paredes cujo eco repetia suas palavras uma vez e depois as perdia para sempre. Ele havia escrito livros durante uma vida inteira no ar de vastas salas em vastos edifícios, apenas para deixá-los evaporarem pela ventilação. E agora tudo parecia não passar de fogos de artifício, feitos de cores, sons e metáforas coloridas montadas numa arquitetura de palavras feitas para encantar os garotos, impulsionar seu ego, mas que não deixavam nenhuma marca na retina ou na mente depois que toda cor e todo som se apagavam. Um mero exercício de autodeclamação. Envergonhado, censurou a si mesmo.

— Quanto de tudo isso vocês realmente entenderam? Uma de cada cinco frases, duas de cada oito?

— Três de cada mil — respondeu Will.

Charles Halloway não pôde fazer nada senão rir e suspirar.

Então, Jim perguntou:

— Eles... eles são... a Morte?

— O parque de diversões? — O velho acendeu seu cachimbo, soprou a fumaça, estudando seriamente seus conceitos. — Não, mas acho que eles usam a Morte como uma ameaça. A Morte não existe. Nunca existiu, nem vai existir. Mas nós criamos tantas imagens dela, ao longo de tantos anos, tentando fixá-la, compreendê-la, que passamos a pensar nela como uma entidade, estranhamente viva e voraz. Mas ela não passa de um relógio parado, uma perda, um fim, uma escuridão. O Nada. E o parque de diversões astutamente sabe que temos mais medo do Nada do que de Alguma Coisa. Você pode lutar contra Alguma Coisa. Mas... contra o Nada? Onde você vai atingi-lo? Será que ele tem um coração, uma alma, um traseiro, um cérebro? Não, não. E assim ele oferece uma grande taça cheia de Nada para nós, e, quando tropeçamos para trás assustados, ele nos pega. Ah, ele de fato nos mostra Alguma Coisa que pode eventualmente levar ao Nada. Aquele monte de espelhos lá fora, no prado, aquilo é Alguma Coisa crua, com certeza. O suficiente para desequilibrar sua alma em cima da sela. É um golpe abaixo da cintura, mostrando você com 90 anos de idade, os vapores da eternidade saindo com a sua respiração, como fumaça de gelo seco. E, então, depois que o deixarem gelado, eles tocarão aquela linda música, que parece evocar o perfume dos vestidos femininos que acabaram de ser lavados, dançando em varais nas noites de maio, que soará como pilhas de feno pisado e lembrará céus azuis e noites de verão à beira do lago, até que sua cabeça pulsará com os tambores que parecem luas cheias rufando em torno daquele órgão. Simplicidade, meu Deus, eu admiro a abordagem direta deles. Acerte um velho com aqueles espelhos e veja seus pedaços caírem como quebra-cabeças de vidro, que só o parque poderá juntar novamente. Como? Dançando para trás no carrossel ao som de “Beautiful Ohio” ou “Merry Widow”. Mas eles são cuidadosos em não revelar uma coisa para as pessoas que giram ao som daquela música.

— O quê? — perguntou Jim.

— Que se você é um pecador miserável em uma forma, será um pecador miserável na outra. Mudar o tamanho não mudará o cérebro. Se eu fizesse você ficar com 25 anos amanhã, Jim, seus pensamentos ainda seriam os de um menino, e isso seria evidente! Ou, se eles *me* transformassem num garoto de 10 anos, agora mesmo, meu cérebro ainda teria 50 anos e aquele garoto agiria de um modo estranho, mais velho e esquisito do que qualquer menino jamais foi. E, então, o tempo estaria defasado de um outro modo.

— De que modo? — perguntou Will.

— Se eu me tornasse jovem novamente, todos os meus amigos continuariam a ter 50 ou 60 anos, não continuariam? E eu ficaria isolado deles, porque não poderia contar-lhes o que fiz, poderia? Eles ficariam ressentidos. Eles me odiariam. Seus interesses não seriam mais os meus interesses, seriam? Especialmente suas preocupações. Doença e morte para eles, vida nova para mim. E assim, como fica, neste mundo, um homem que parece ter 20 anos de idade, porém é mais velho do que Matusalém? E que homem suportaria o choque de uma mudança como esta? O parque de diversões não o avisa de que é pior que um choque pós-operatório, mas, por Deus, eu aposto que é pior ainda!

“E assim, o que acontece? Você recebe a sua recompensa: a loucura. Mudança de corpo e mudança de ambiente pessoal, por um lado. Culpa por outro, culpa por abandonar sua esposa, seu marido, seus amigos, para que morram do modo como todos os homens morrem... e só isso já faria um homem ter um ataque. E, assim, mais medo e agonia para o parque de diversões se alimentar. E, então, com os vapores verdes saindo de sua consciência ferida, você dirá que quer voltar a ser do jeito que era! E o parque de diversões acenará com a cabeça e ouvirá. Sim, ele prometerá, se você se comportar como seus donos mandam; em pouco tempo darão suas décadas de volta ou seja lá o que lhe tiraram. E, apenas com a promessa de voltar à sua idade real, aquele trem poderá viajar pelo mundo cheio de gente louca esperando para ser liberada da escravidão, servindo àqueles homens e fornecendo-lhes matéria-prima para seus fornos.”

Will murmurou alguma coisa.

— O quê?

— A Senhorita Foley — lamentou Will. — Pobre Senhorita Foley; eles estão com ela agora, exatamente como você disse. Depois de conseguir o que queria, ela ficou apavorada, não gostou daquilo; ah, ela estava chorando tanto, pai, tão desesperada. E agora eu aposto que eles prometeram que um dia ela voltará a ter 50 anos, se ela se comportar. Imagino o que estarão fazendo com ela agora. Ah, pai! Ah, Jim!

— Que Deus a ajude. — E o pai de Will apontou com a mão pesada para os velhos cartazes do parque de diversões. — Provavelmente eles a jogaram no meio das aberrações. E quem são as aberrações? Pecadores que andam há tanto tempo esperando uma redenção, e que agora tomaram a forma de seus pecados originais? O Homem Gordo: quem foi ele um dia? Se posso avaliar o senso de ironia daquele parque de diversões, o modo como ele pesa a balança, o Homem Gordo foi, certa época, um consumidor voraz de todo tipo de luxúria. Não importa, agora ele está lá, aprisionado naquela pele inchada. O Homem Magro, o Esqueleto, ou como quer que ele se chame, deixou sua mulher e seus filhos passarem fome física e espiritual? E o Anão? Seria ele o seu amigo, o vendedor de para-raios, sempre na estrada, nunca se fixando em lugar algum, sempre correndo na frente do relâmpago e vendendo hastes, sim, mas deixando outros para enfrentarem a tempestade, e assim, talvez por acidente, talvez por desígnio, quando ele caiu naquele passeio grátis no carrossel, acabou encolhendo não para se tornar um menino, mas uma bola grotesca de tripas, toda introvertida. A Cartomante, A Bruxa Cigana do Pó? Talvez tenha sido alguém que vivia sempre para o amanhã e deixava o hoje escapar, como eu mesmo, e assim terminou penalizada, tendo que adivinhar as selvagens alvoradas e os tristes poentes das pessoas. Você pode me dizer, você a viu *de perto*. E o Cabeça-de-Prego? O Menino-Ovelha? O Engolidor-de-Fogo? Os Irmãos Siameses... — meu bom Deus, quem eram eles? Gêmeos unidos pelo narcisismo? Nunca saberemos. Nunca contarão. Fizemos suposições e provavelmente estamos errados sobre dez ou doze coisas na última meia hora. Agora, temos de preparar um plano. Para onde vamos a partir daqui?

Charles Halloway abriu um mapa da cidade e marcou a localização do parque de diversões com um lápis de cera.

— Vamos continuar nos escondendo? Não, com a Senhorita Foley e tantos outros envolvidos, não podemos. Então, como poderemos atacar de modo que não sejamos apanhados logo de saída? Com que tipo de armas...

— Balas de prata! — gritou Will, subitamente.

— Claro que não! — retrucou Jim. — Eles não são vampiros!

— Se fôssemos católicos, poderíamos pegar emprestado um pouco de água benta da igreja e...

— Besteira — disse Jim. — Coisa de filme. Não funciona assim na vida real. Estou errado, Senhor Halloway?

— Queria que estivesse, garoto.

Os olhos de Will brilharam com fúria.

— Tudo bem. Só há uma coisa a fazer: ir até aquele campo com um par de galões de querosene e alguns fósforos...

— Isso é contra a lei! — exclamou Jim.

— Olhe quem está *falando*!

— Esperem!

Todos ficaram quietos imediatamente.

Sussurro.

Um vento fraco soprou pelos corredores da biblioteca até aquele salão.

— A porta da frente — sussurrou Jim. — Alguém acabou de abri-la.

Bem longe, um clique abafado. O vento, que por um momento havia soprado as bainhas das calças dos meninos e o cabelo do homem, tinha cessado.

— Alguém acabou de *fechar* a porta.

Silêncio.

Só a grande biblioteca com seus labirintos de livros adormecidos.

— Alguém está *aqui dentro*.

Os meninos se levantaram, sufocando uma enorme vontade de chorar.

Charles Halloway esperou e, então, disse uma palavra baixinho:

— Escondam-se.

— Não podemos deixá-lo...

— Escondam-se.

Os meninos correram, sumindo no labirinto escuro.

Então, com movimentos rígidos, inspirando e exalando o ar lentamente, Charles Halloway forçou-se a sentar, os olhos fitando os jornais amarelados, para esperar, esperar e, mais uma vez... esperar.

Capítulo 41

Uma sombra moveu-se entre as sombras.

E Charles Halloway sentiu sua alma submergir.

Levou um longo tempo para que a sombra e o homem que a conduzia chegassem à porta da sala. A lentidão da sombra parecia intencional, como se quisesse fasquiar a carne dele e desgastar a calma cuidadosamente construída. E, quando a sombra enfim chegou à porta, ela trouxe consigo não um, nem cem, mas milhares de figuras.

— Eu me chamo Dark — disse a voz.

Charles Halloway deixou o ar escapar dos pulmões.

— Mais conhecido como o Homem Ilustrado — disse a voz. — Onde estão os meninos?

— Meninos? — O pai de Will virou-se, finalmente, para olhar o homem alto que estava em pé à porta.

O Homem Ilustrado sentiu o cheiro de pólen amarelo que escapava dos livros antigos, tão repentinamente quanto o pai de Will percebeu que os havia deixado abertos em cima da mesa, bem à vista; levantou-se num salto, parou, então começou a fechar os livros um por um, tão naturalmente quanto possível.

O Homem Ilustrado fingiu não reparar.

— Os meninos não estão em casa. As duas casas estão vazias. Uma pena que eles vão perder aqueles passeios grátis.

— Eu gostaria de saber onde eles estão. — Charles Halloway começou a carregar os livros de volta para as estantes. — Ah, se eles soubessem que você está aqui com as entradas, gritariam de alegria.

— É mesmo? — O Senhor Dark deixou seu sorriso derreter como um doce branco e rosado pelo qual ele já não tinha nenhum apetite. Baixinho e com calma, ele disse: — Eu poderia matá-lo.

Charles Halloway assentiu, andando lentamente.

— Você ouviu o que eu disse!? — gritou o Homem Ilustrado.

— Sim. — Charles Halloway pesava os livros como se eles fossem o seu julgamento. — Mas não vai me matar agora. Você é muito esperto. Tem mantido esse show na estrada há muito tempo justamente por ser esperto.

— Então você leu alguns jornais e acha que sabe tudo a nosso respeito?

— Não, não tudo. Apenas o suficiente para me assustar.

— Pois fique bem assustado então — disse aquela multidão de figuras trancadas embaixo da roupa preta e falando através dos lábios finos. — Um de meus amigos lá fora poderá dar um jeito em você para parecer que morreu de um ataque cardíaco totalmente natural.

O sangue pulsou forte no coração de Charles Halloway, bateu nas suas têmporas, deu duas pancadas em seus pulsos.

“A Bruxa”, pensou ele.

Seus lábios devem ter formado as palavras.

— A Bruxa — confirmou o Senhor Dark.

Charles colocou os livros na estante, mantendo um em sua mão.

— Bem, o que temos aí? — O Senhor Dark estreitou os olhos. — Uma Bíblia? Que encantador, que infantil, e tão agradavelmente antiquado.

— Já leu a Bíblia, Senhor Dark?

— Se já li! Eu tive cada página, cada parágrafo, cada palavra recitados *para* mim, senhor! — O Senhor Dark fez uma pausa para acender um cigarro e soprar a fumaça na direção do letreiro de NÃO FUMAR, e depois na direção do pai de Will. — Você acha que livros podem me atingir? Será que a ingenuidade *realmente* é o seu escudo? Me dê aqui!

E antes que Charles Halloway pudesse se mover, o Senhor Dark correu e

tirou a Bíblia de sua mão. Ele a segurou com ambas as mãos.

— Não está surpreso? Está vendo como eu a toco, seguro e até mesmo posso lê-la?

E o Senhor Dark soprou a fumaça nas páginas enquanto folheava o livro.

— Esperava que eu comesse a murchar como um monte de pergaminhos do Mar Morto diante de você? Infelizmente, os mitos são apenas isso, mitos. A vida, e por vida eu poderia querer dizer tantas coisas fascinantes, a vida continua, se transforma, sobrevive de modo selvagem; por isso, Judas e eu não somos os mais selvagens dentre muitos. A sua versão literária desse material um tanto poético só vale *isso* do meu tempo e do meu suor.

E o Senhor Dark atirou a Bíblia num cesto de lixo e não olhou mais para ela.

— Estou escutando seu coração bater rápido — disse o Senhor Dark. — Meus ouvidos não são tão sensíveis quanto os da Cigana, mas eles ouvem. Seus olhos saltam para além do meu ombro. Os meninos estão escondidos lá, nos corredores? Ótimo. Eu não quero que eles escapem. Não que alguém vá acreditar no que eles dizem, embora, na verdade, seja uma boa propaganda para o nosso show, as pessoas ficarão excitadas, suarão durante a noite e virão nos conhecer, molhando os lábios e pensando em investir no nosso seguro especial. Você foi lá, deu uma olhada, e não foi só por curiosidade. Quantos anos você tem?

Charles Halloway comprimiu os lábios.

— 50? — ronronou o Senhor Dark. — 51? — murmurou. — 52? Gostaria de ser mais jovem?

— Não! — gritou ele.

— Não precisa gritar. Seja educado, por favor. — E o Senhor Dark cantarolou, andando pela sala, passando as mãos pelos livros como se eles fossem anos sendo contados. — Ah, é mesmo ótimo ser jovem. Ter 40 anos outra vez não seria bom? Ter 40 anos é dez vezes melhor do que ter 50; e ter 30 é vinte vezes melhor, incrivelmente melhor.

— Eu não vou escutar! — disse Charles Halloway, fechando os olhos.

O Senhor Dark inclinou a cabeça, tragou o seu cigarro e observou.

— Estranho, você fecha os olhos para não ouvir. Colocar as mãos nos ouvidos seria melhor...

O pai de Will colocou as mãos sobre as orelhas, mas a voz continuou passando.

— Vou lhe dizer uma coisa — falou o Senhor Dark casualmente, agitando seu cigarro. — Se me ajudar dentro de quinze segundos, eu lhe darei o seu aniversário de 40 anos de presente. Em dez segundos, você poderá festejar seus 35 anos. Uma idade muito boa. Quase um garoto, se compararmos. Vou começar a contar no meu relógio e, se você pular daí e me der a sua mão, poderei restituir-lhe 30 anos da sua vida! Barganhas aos montes, como dizem os anúncios. Pense nisso! Poder começar tudo de novo, tudo ótimo, novo e glorioso, todas as coisas para serem feitas, planejadas e saboreadas novamente. Última chance! Aqui vai. Um, dois, três, quatro...

Charles Halloway se encolheu, apoiando-se nos livros, os dentes trincando para não ouvir o som da contagem.

— Você está perdendo, velho, meu velho e querido amigo — disse o Senhor Dark. — Cinco. Perdendo. Seis. Perdendo muito. Sete. Perdendo de verdade. Oito. Escapando entre os dedos. Nove. Dez. Incrível, como você é tolo! Onze. Halloway! Doze. Quase foi. Treze! Quase foi embora! Quatorze! Perdeu! Quinze! Perdeu para sempre!

O Senhor Dark abaixou o braço com o relógio.

Ofegante, Charles Halloway tinha se virado para enterrar o rosto no cheiro dos livros antigos, sentir o couro velho e confortável, saborear a sua poeira antiga e as flores amassadas.

O Senhor Dark agora estava na porta, indo embora.

— Fique aqui — ordenou ele. — Escute o seu coração. Eu vou mandar alguém para remendá-lo. Mas, primeiro, os meninos...

A multidão de criaturas que jamais dormiam, montadas naquela carne alta, caminhou silenciosamente para a escuridão, levada pelo Senhor Dark. Seus gritos, uivos e imprecações, seus entusiasmos vagos, mas excruciantes, soavam em seu chamado abafado:

— Meninos? Vocês estão aí? Onde estiverem... respondam.

Charles Halloway saltou para segui-los, então sentiu o salão girar ao seu redor, enquanto aquela voz suave, quase agradável, do Senhor Dark chamava através da escuridão. Charles Halloway caiu em cima de uma cadeira e pensou: “Escuto o meu coração!” E, caindo de joelhos, ele disse: “Escuto o meu coração! Ele está explodindo! Oh, Deus, está quase saltando para fora do peito!... Eu não fui capaz de ir!”

O Homem Ilustrado andou como um gato pelo labirinto de estantes.

— Meninos...? Vocês estão me ouvindo...?

Silêncio.

— Meninos...?

Capítulo 42

Em algum lugar, em meio à solidão abandonada, em meio aos milhões de livros imóveis, mas cheios de ação, perdidos em duas dúzias de curvas à esquerda, e três dúzias à direita, através dos corredores, em direção a becos sem saída, portas trancadas e estantes semivazias, em algum lugar entre a fuligem literária da Londres de Dickens ou da Moscou de Dostoievski, ou nas estepes que existiam além, em algum ponto da poeira de um atlas ou da *National Geographic*, espirros contidos, mas engatilhados como armadilhas, os meninos se agachavam e se levantavam, incessantemente. Escondido em algum canto, Jim pensou: “Ele vem vindo!” Escondido em algum canto, Will pensou: “Ele está perto!”

O Senhor Dark se aproximava com sua panóplia de amigos, sua caixa de joias cheia de répteis caligráficos que se bronzeavam ao sol da meia-noite na sua pele. Com ele caminhava um *Tyrannosaurus rex* tatuado, que emprestava aos seus quadris uma lubrificação ancestral de óleo mineral. E enquanto o lagarto-trovão avançava, todo pomposo, assim caminhava o Senhor Dark, encouraçado com vis desenhos de carnívoros e de ovelhas destruídas por aquela tormenta de carne em movimento. Era o pterodátilo e a segadeira que erguiam seus braços quase voando para as abóbadas marmoreadas. E, com as formas pintadas ou delineadas de destruição laminada, vinha a multidão costumeira de caronas, espectadores agarrados a cada membro, sentados sobre as espáduas, olhando do peito emaranhado, pendurados de cabeça para

baixo em microscópicos milhões nos fossos das axilas, gritando como morcegos, prontos para a caçada e, se necessário, a matança. Como um maremoto negro sobre uma praia desolada, um tumulto escuro povoado por belezas fosforescentes e sonhos estragados, o Senhor Dark fazia com que seus pés, suas pernas, seu corpo, seu rosto pronunciado avançassem, ecoando e sibilando.

— Meninos...?

Imensamente paciente, com uma voz suave, sempre um amigo caloroso para as criaturas geladas escondidas entre os livros secos; assim, ele galopava, rastejava, apressava o passo, aproximava-se em silêncio na ponta dos pés, bafejava, mantinha-se imóvel entre os primatas, os monumentos egípcios, os deuses bestiais, as histórias negras de uma África morta, ficando um pouco na Ásia e depois caminhando para novas terras.

— Meninos, eu sei que podem me ouvir! O aviso diz: SILÊNCIO! Por isso eu vou sussurrar: um de vocês ainda deseja o que nós oferecemos. Hein? *Não é?*

“Jim”, pensou Will.

“Eu”, pensou Jim. “Não! Ah, não! Não quero mais! Eu não!”

— Saiam — ronronou o Senhor Dark, soltando o ar por entre os dentes. — Eu garanto a recompensa! Aquele que se entregar ganhará *tudo*!

Bang, bang!

“Meu coração!”, pensou Jim.

“Isso sou eu?”, pensou Will, “ou Jim!!?”

— Estou ouvindo vocês. — Os lábios do Senhor Dark tremeram. — Mais perto agora. Will? Jim? Não é Jim que é o mais *esperto* dos dois? Venha aqui, garoto...!

“Não!”, pensou Will.

“Eu não sei nada!”, pensou Jim.

— Sim, o Jim... — E o Senhor Dark caminhou numa nova direção. — Jim, mostre-me onde está o seu amigo. — Falando mansinho, ele continuou: — Nós calamos a boca dele, e você terá aquele passeio que teria sido seu se ele tivesse usado a cabeça. Certo, Jim? — Outro murmúrio: — Está mais perto.

Eu escuto seu coração pulsando!

“Pare!”, pensou Will, olhando para seu peito.

“Pare!”, Jim prendeu a respiração. “Pare!”

— Eu me pergunto... vocês estão nesta alcova...?

O Senhor Dark deixou que o aspecto peculiar de um certo grupo de prateleiras o atraísse.

— Você está *aqui*, Jim...? Ou... lá atrás...?

Ele lançou um carrinho de livros, que deslizou sem controle em suas rodas de borracha até bater na escuridão. O carro virou bem longe, derramando seu conteúdo no chão como um monte de corvos mortos.

— Vocês são espertos no esconde-esconde, os dois — continuou o Senhor Dark. — Mas há alguém mais esperto do que vocês. Vocês ouviram o órgão do carrossel tocando esta noite? Sabiam que uma pessoa muito querida de vocês estava no carrossel? Will? Willy? William. William Halloway. Onde é que está a sua mãe esta noite?

Silêncio.

— Ela estava lá, cavalgando no vento, Willy-William. Girando. Nós a colocamos no carrossel, girando. E a deixamos lá, girando. Está *ouvindo*, Willy? Girando um ano, outro ano, e outro, girando, girando, girando!

“Pai”, pensou Will. “Onde é que você está, pai?”

Na sala distante, Charles Halloway sentou-se, seu coração batendo e pensando: “Ele não vai encontrá-los, e eu não vou me mover, a menos que ele os encontre; ele não pode achá-los, eles não vão escutar! Não vão acreditar! E ele irá embora!”

— A sua mãe, Will — disse o Senhor Dark, baixinho. — Girando e girando, pode imaginar em *qual* direção, Willy?

O Senhor Dark fez um círculo com sua mão fantasmagórica no ar escuro entre as prateleiras.

— Girando e girando, e, quando deixamos a sua mãe sair e mostramos a ela como tinha ficado, lá no Labirinto de Espelhos, você devia ter ouvido o *único som* que ela conseguiu produzir. Parecia um gato engasgado com uma bola de pelo tão grande e pegajosa que não havia meio de vomitá-la; não tinha

como gritar por cima dos cabelos saindo de suas narinas, ouvidos e olhos, velha, velha, velha. A última vez que a vimos, Willy, ela estava fugindo do que tinha visto nos espelhos. Ela vai bater na casa de Jim, mas quando a mãe dele vir uma coisa com 200 anos de idade, babando diante da porta, implorando pela piedade de um tiro, ah, garoto, a mãe de Jim vai engasgar do mesmo jeito, como aquele gato doente com a bola de pelos, vai tocá-la para longe, enviá-la para mendigar pelas ruas, onde ninguém vai acreditar, Will, que aquele saco de ossos e cuspe era aquela beleza rósea que vocês conheciam! E assim, Will, cabe a nós correr para salvá-la, pois sabemos quem ela é... certo, Will, certo, certo, *certo*?!

A voz do homem escuro gradualmente silenciou-se.

Bem fraco agora, em algum lugar da biblioteca, alguém estava soluçando.

— *Ah...*

O Homem Ilustrado soltou com prazer o ar de seus pulmões negros.

— *Ssssim...*

— *Aqui...* — murmurou ele novamente. — O quê? Arquivado sob “M” de meninos? “A” de aventura? “E” de escondido, “S” de segredo, “T” de Terror? Ou será que está arquivado sob “J” de Jim ou “N” de Nightshade, “W” de William, “H” de Halloway? Onde estão os meus preciosos livros humanos, para que eu possa folhear suas páginas, hein?

E deu um chute para criar um apoio para os pés na primeira prateleira de uma estante muito alta.

Introduziu o pé direito, apoiou o peso naquele local e ergueu o pé esquerdo.

— *Ali.*

O pé esquerdo atingiu a segunda prateleira, abrindo espaço. Ele subiu. O pé direito, abrindo um buraco na terceira prateleira, empurrou livros para trás, e assim ele foi subindo para a quarta prateleira, para a quinta, e depois para a sexta, tateando o céu escuro da biblioteca, as mãos agarrando as prateleiras, procurando os meninos, se estivessem lá, como marcadores entre os livros.

Sua mão direita, com uma tarântula circundada por rosas, rasgou um livro

de tapeçarias Bayeaux e o fez despencar no abismo abaixo. Passou-se uma eternidade até as tapeçarias baterem no chão, tudo desarrumado, uma ruína de beleza, uma avalanche de ouro, prata e fios azul-celeste sobre o piso.

A mão esquerda alcançou a nona prateleira, enquanto ele ofegava, grunhia e encontrava um espaço vazio — sem livros.

— Meninos, vocês estão aqui no Everest?

Silêncio. Exceto pelo fraco soluçar, mais próximo agora.

— Está frio aqui? Mais frio? Esfriando?

Os olhos do Homem Ilustrado atingiram o nível da décima primeira prateleira.

Como um cadáver rígido, o rosto a apenas sete centímetros de distância, estava Jim Nightshade.

E uma prateleira acima, naquela catacumba, os olhos trêmulos com lágrimas, encontrava-se William Halloway.

— E então — disse o Senhor Dark.

Ele estendeu uma das mãos para bater na cabeça de Will.

— Olá — ele disse.

Capítulo 43

Para Will, a palma da mão que se ergueu era como uma lua nascendo.

E sobre ela havia um retrato dele mesmo em azul incandescente.

Jim também viu outra mão diante de seu rosto.

Com sua própria imagem olhando para ele daquela palma.

A mão com a figura de Will agarrou Will.

A mão com a figura de Jim agarrou Jim.

Guinchos e gritos.

O Homem Ilustrado tomou um impulso.

Girando, saltou para o piso.

E os meninos, chutando e gritando, caíram com ele. Caíram em pé, perderam o equilíbrio e tombaram no chão para serem novamente agarrados, levantados e presos pelos punhos do Senhor Dark.

—Jim! — disse ele. — Will! O que estavam fazendo aqui, garotos? Creio que não estavam lendo, certo?

— Pai! — gritou Will.

— Senhor Holloway! — implorou Jim.

O pai de Will saiu da escuridão.

O Homem Ilustrado rearrumou gentilmente os meninos, sob um de seus braços, como se fossem um feixe de gravetos, e então olhou com elegante curiosidade para Charles Holloway, estendendo o outro braço para ele. O pai de Will conseguiu desferir um soco antes que sua mão esquerda fosse

agarrada e espremida. Enquanto os meninos assistiam gritando, eles viram Charles Halloway ofegar e cair apoiado num joelho.

O Senhor Dark apertou aquela mão esquerda com mais força e, enquanto o fazia, ainda lenta e decididamente ele pressionava os meninos com o outro braço, apertando suas costelas de modo que o ar escapava da boca deles.

A noite girou em espirais flamejantes, como grandes impressões digitais, dentro dos olhos de Will.

Gemendo, o pai de Will caiu de joelhos, o braço direito pendendo inútil.

— Maldito seja!

— Mas — disse o dono do parque de diversões, com toda a calma — isso eu já sou.

— Maldito seja, maldito seja!

— Não são as palavras, meu velho — disse o Senhor Dark. — Não são as palavras nos livros ou as palavras que diz, e sim os pensamentos reais, as ações reais, o pensamento rápido, a ação rápida; é isso que ganha o dia. Assim!

E deu um último e poderoso aperto na mão do homem.

Os meninos ouviram os ossos dos dedos de Charles Halloway se quebrarem. E Charles deu um último grito, caindo inconsciente.

Num único movimento, como uma solene pavana, o Homem Ilustrado girou com os meninos sob seus braços, chutando livros das prateleiras.

Sentindo as paredes, os livros e o piso voarem, Will pensou, totalmente, agarrado ao corpo do homem: “Mas, mas, o Senhor Dark tem cheiro de... vapor de órgão!”

E os dois garotos foram largados no chão de repente. Antes que pudessem se mover ou recuperar o fôlego, cada um foi agarrado pelos cabelos e erguido como marionete para que olhassem a rua através de uma janela.

— Meninos, vocês já leram Dickens? — sussurrou o Senhor Dark. — Os críticos detestam as coincidências em seus livros. Mas nós sabemos, não sabemos? Que a vida *é feita* de coincidências. Sacuda a morte, e o acaso cairá dela como as pulgas de um boi morto. Olhem!

Os meninos se contorceram no aperto dos macacos peludos e sáurios

famintos.

E Will não sabia se chorava de alegria ou de desespero.

Lá embaixo, do outro lado da avenida, vindo da igreja, a caminho de casa, passavam sua mãe e a mãe de Jim.

Ela não estivera no carrossel, velha e louca, morta ou aprisionada, mas caminhava no ar fresco de outubro. Estivera a menos de cem metros de distância, na igreja, durante os últimos cinco minutos!

— Mãe! — gritou Will, contra a mão que, antecipando o grito, fechava a sua boca.

— Mãe — sussurrou o Senhor Dark, zombeteiro. — Venha me salvar!

“Não”, pensou Will, “*salve-se, corra!*”

Mas a sua mãe e a mãe de Jim simplesmente caminhavam contentes pela cidade, vindo da igreja aquecida.

— Mãe! — gritou Will de novo, e um balido abafado conseguiu escapar da garra suarenta.

A mãe de Will, mesmo a mil quilômetros de distância, escutou e parou.

“Ela *não poderia* ter ouvido!”, pensou Will. E, no entanto...

Ela olhou para a biblioteca.

— Bom — suspirou o Senhor Dark. — Excelente, ótimo.

“Aqui!”, pensou Will. “Olhe para a gente, mãe! Corra e chame a polícia!”

— Por que ela não olha para esta janela? — perguntou o Senhor Dark, falando baixinho. — E nos vê aqui, os três, como num retrato. Olhe, e então venha correndo. Nós a deixaremos *entrar*.

Will sufocou um soluço. “Não, não.”

O olhar de sua mãe foi da porta da frente para as janelas do primeiro andar.

— Aí está — disse o Senhor Dark. — Segundo andar. Uma coincidência oportuna, vamos torná-la mesmo oportuna.

Agora, a mãe de Jim estava falando. As duas mulheres pararam juntas na calçada.

“Não”, pensou Will, “ah, não.”

E as mulheres se viraram e foram embora pela noite de domingo.

Will sentiu o Homem Ilustrado se encolher levemente, desapontado.

— Nada de coincidências, nenhuma crise, ninguém perdido ou salvo. Que pena. Bem!!

Arrastando os meninos, ele deslizou para abrir a porta da frente.

Alguém aguardava nas sombras.

A mão de um lagarto roçou, gelada, no queixo de Will.

— Halloway — sussurrou a voz rouca da Bruxa.

Um camaleão parecia ter se postado no nariz de Jim.

— Nightshade — disse a voz de vassoura seca.

Atrás dela estavam o Anão e o Esqueleto, silenciosos, inquietos, apreensivos.

Obedientes ao que a ocasião pedia, os meninos teriam dado seus melhores gritos no ar, mas novamente, reconhecendo a necessidade, o Homem Ilustrado prendeu o som antes que ele pudesse escapar e fez um leve aceno para a velha do pó.

A Bruxa entrou, com suas pálpebras negras de iguana costuradas e seu grande nariz, com orifícios que pareciam cobertos de fuligem como o interior de cachimbos, os dedos ondulando e traçando um silencioso conjunto de símbolos na mente.

Os meninos ficaram olhando.

Suas unhas pareciam desenhar no ar frio. Seu hálito de rã fez a pele deles se arrepiar enquanto ela cantava baixinho, sussurrando para seus meninos, seus amigos do telhado marcado com gosma, da flecha lançada e do balão derrubado.

— Libélula da agulha de cerzir, feche essas bocas para que elas não possam falar!

Toque, costura, toque, costura, e o polegar da bruxa tocava, apertava, puxava, tocava, apertava, puxava ao longo dos lábios inferiores; depois os superiores, até que a boca dos meninos ficou fechada, costurada com uma linha invisível.

— Libélula da agulha de cerzir, feche esses ouvidos para que eles não possam ouvir!

Uma areia fria entrou pelos ouvidos de Will, enterrando a voz da Bruxa. Abafada, bem distante, sumindo, ela continuava a cantar, roçar, bater, tiquetaquear, as mãos abertas como compassos.

E o musgo cresceu nos ouvidos de Jim, fechando-os rapidamente.

— Libélula da agulha de cerzir, costure esses olhos para que eles não possam ver!

Os dedos quentes como o fogo rolaram para trás seus glóbulos oculares e fecharam suas pálpebras como grandes portas de metal sendo arriadas.

Will viu um bilhão de lâmpadas de *flash* explodirem e depois foi sugado pela escuridão enquanto o inseto invisível, com sua agulha, rodava e zumbia como uma abelha em torno de um pote de mel aquecido pelo sol, e a voz abafada fechava seus sentidos para sempre e mais um dia.

— Libélula da agulha de cerzir, tendo fechado olhos, ouvidos, lábios e dentes, termine a bainha, costurando a escuridão e o pó com o sono e a dormência; agora, amarre todos os nós de modo que o sangue bombeie em silêncio, como a areia no fundo de um rio. Assim, assim.

E a Bruxa, de algum lugar longínquo, abaixou as mãos.

Os meninos ficaram em silêncio. O Homem Ilustrado soltou-os de seu abraço e recuou.

A mulher do Pó farejou seus troféus gêmeos, passando a mão com carinho, uma última vez, sobre as duas estátuas.

E o Anão andou loucamente pela sombra dos meninos, mordiscando os dedos deles, chamando seus nomes baixinho.

O Homem Ilustrado indicou com a cabeça na direção da biblioteca.

— O relógio do zelador. Pare-o.

A Bruxa, com a boca sorridente, saboreando a desgraça, entrou no salão de mármore.

O Senhor Dark disse:

— Esquerda, direita. Um, dois.

Os meninos desceram os degraus, o Anão ao lado de Jim, e o Esqueleto ao lado de Will.

Sereno como a morte, o Homem Ilustrado os seguiu.

Capítulo 44

Em algum lugar ali perto, a mão de Charles Halloway parecia mergulhada em uma fornalha aquecida, derretida até só restarem dor e nervos. Ele abriu seus olhos. Ao mesmo tempo, ouviu um grande sopro enquanto a porta da frente se fechava e uma voz de mulher vinha cantando pelo corredor:

— Homem velho, homem velho, homem velho, homem velho...?

Onde devia estar sua mão esquerda havia apenas aquela massa de sangue inchado que pulsava com tamanho êxtase de dor que sugava sua vida, sua vontade e toda sua atenção. Ele tentou se sentar, mas a dor derrubou-o novamente.

— Homem velho...?

“Não tão velho! Cinquenta e quatro anos não é velho”, pensou ele, - loucamente.

E lá vinha ela no piso de pedras gastas, seus dedos de mariposa dando pancadinhas e escaneando os títulos dos livros como se fossem escritos em braile, suas narinas sugando as sombras.

Charles Halloway curvou-se e se arrastou, curvou-se e se arrastou em direção à estante mais próxima, comprimindo a língua para dominar a dor. Ele precisava subir para um lugar fora do alcance dela, subir até onde os livros se tornassem armas que pudessem ser arremessados sobre qualquer rastejante perseguidor noturno.

— Homem velho, estou ouvindo a sua respiração...

Ela deslizou em sua direção, deixando seu corpo ser atraído por cada sussurro sibilante da dor de Charles.

— Homem velho, eu sinto a sua *agonia*...

Se ele pudesse ao menos atirar sua mão e a dor pela janela! Para que ficasse lá na rua, pulsando como um coração, atraindo a Bruxa, enganada por aquele fogo terrível. E ele a imaginou curvada lá na rua, aquecendo suas palmas naquele fragmento abandonado de agonia.

Mas não, a mão continuava como uma coisa brilhante, envenenando o ar, atraindo a teia daquela estranha Cigana, enquanto ela abria ardentemente a sua boca voraz.

— Maldita seja! — gritou ele. — Acabe logo com isso! Eu estou aqui!

E, assim, a Bruxa girou depressa, como um boneco sobre rodas de borracha, e ondulou acima dele.

Ele nem sequer olhou para ela. O peso da dor e da exaustão lutavam tão fortemente por sua atenção que ele só liberou os olhos para fixar o interior de suas pálpebras, sobre as quais vultos múltiplos e mutantes de terror dançavam e rodopiavam.

— Muito simples — sussurrou ela, perto dele. — É só parar o coração.

“Por que não?”, ele pensou vagamente.

— Devagar — murmurou ela.

“Sim”, pensou ele.

— Lentamente, muito lentamente.

Seu coração, que já estrondara, agora sucumbia a uma estranha doença, inquieto, depois calmo, depois mais lento.

— Muito mais lentamente, lentamente... — sugeriu ela.

“Cansado, sim, ouviu isso, coração?”, imaginou ele.

O coração tinha ouvido. Como um punho fechado, Charles começou a relaxar, um dedo de cada vez.

— Pare tudo para sempre, esqueça tudo para sempre — sussurrou ela.

“Bem, por que não?”

— Lentamente... mais lentamente.

Seu coração tropeçou.

E, então, sem qualquer razão, exceto talvez para dar uma última olhada ao redor, embora ele *quisesse* se livrar da dor e o sono fosse um meio de fazer isso... Charles Halloway abriu os olhos.

E viu a Bruxa.

Viu os dedos dela se movendo no ar, em seu rosto, em seu corpo, no coração dentro daquele corpo, e na alma dentro daquele coração. Seu hálito fétido o envolvia, enquanto, com imensa curiosidade, ele observava o veneno gotejar daqueles lábios, e contou as dobras em seus olhos costurados, o pescoço de monstro de Gila, as orelhas de múmia, a testa seca e enrugada. Nunca em sua vida ele havia focalizado tão de perto uma pessoa como se ela fosse um quebra-cabeça que, uma vez montado, poderia revelar o grande segredo da vida. A solução estava ali, nela, e tudo seria esclarecido naquele momento, não no momento seguinte ou no próximo. Era só observar aquelas garras de escorpião! Ouvi-la cantar enquanto ela tateava, sim, tateava o ar sussurrando: “Lentamente! Lentamente!” E seu coração obedeceria puxando as rédeas. E os dedos dela se moviam.

Charles Halloway roncou. Depois riu baixinho.

Ficou surpreso. “Por quê? Por que eu estou... rindo... numa hora dessas!?”

A Bruxa recuou um centímetro, como se alguma tomada elétrica, tocada acidentalmente, lhe tivesse dado um choque.

Charles Halloway viu, mas não percebeu ela se encolher. Sentiu, mas não analisou seu recuo, pois quase imediatamente, tomando a iniciativa, a Bruxa se lançou para a frente, sem tocá-lo, apenas gesticulando para seu peito, como alguém que tentasse encantar um antigo relógio de pêndulo.

— Lentamente! — gritou ela.

Insensível, ele permitiu que um sorriso idiota, vindo de parte alguma, se formasse sob seu nariz.

— Lentíssimo!

Aquela febre, a ansiedade dela, que se transformava em raiva, era mais como um brinquedo para ele. Uma parte de sua atenção, escondida até então, inclinou-se para vasculhar cada poro naquele rosto de Halloween. De alguma forma, irresistivelmente, o principal era: nada importava. No fim, a vida

parecia uma piada tão grande que só restava olhar daquele lado do corredor para notar seu comprimento inútil, sua altura desnecessária, uma montanha erguida até um tamanho tão imenso que a gente se encolhe em sua sombra e ri de sua pompa. E, assim, com a morte tão próxima, Charles pensou de um modo atordado, mas puro, nos bilhões de vaidades, nas chegadas e partidas, nas excursões idiotas de menino, de rapaz, de homem e de bode velho. Havia colecionado e empilhado todo tipo de fraquezas, defeitos, artifícios de seu egoísmo, e agora, entre todos aqueles corredores idiotas cheios de livros, os absurdos de sua vida balançavam. E nenhum era mais grotesco, mais ridículo do que aquela coisa chamada “Bruxa Cigana que Lê o Pó”, coçando, sim, era isso que ela estava fazendo!, apenas *coçando o ar*! Tola! Será que ela não sabia o que estava *fazendo*?

E ele abriu a boca.

E, de dentro dele, como uma criança nascida de um pai desconhecido, soltou-se uma gargalhada.

A Bruxa recuou.

Charles Halloway não viu. Ele estava muito ocupado, deixando a graça escorrer entre seus dedos, permitindo a alegria se soltar por vontade própria, ao longo de sua garganta, de seus olhos apertados; e então ela se foi, soltando estilhaços em todas as direções.

— Você! — gritou ele para ninguém, para todos, para si mesmo, para ela.
— Você é engraçada!

— Não — protestou a Bruxa.

— Pare de coçar! — ofegou ele.

— Não! — Ela se lançou para trás, frenética. — Não! Durma! Lentamente! Muito lentamente!

— Não, está coçando, com certeza! — rugiu ele. — Ah, ah! Ah! Ah! Pare!

— Sim, *pare*, coração! — guinchou ela. — *Pare*, sangue.

O próprio coração dela devia ter sido abalado, sacudido como um tamborim. Suas mãos tremeram. Em meio à gesticulação, a Bruxa congelou e tornou-se consciente dos dedos tolos.

— Ah, meu Deus! — Ele chorou lágrimas de alegria. — Saia de minhas

costelas, ah, ah, ah, do meu coração!

— Seu coração, sssssiiiiimmm!

— Deus! — Ele abriu os olhos, engoliu o ar e jogou mais água e sabão para lavar tudo, deixando tudo limpo, incrivelmente limpo. — Brinquedos! Deve haver uma chave em suas costas! Quem te deu corda!?

E a maior gargalhada de todas foi lançada sobre a mulher, queimando suas mãos, chamuscando sua face, ou assim pareceu, porque ela se encolheu como se tivesse sido atingida pelo sopro de uma fornalha, e envolveu suas mãos queimadas em trapos egípcios, agarrou suas mamas secas, cambaleou para trás, parou, fez uma pausa e começou uma lenta retirada, tateando, puxando, golpeando a cada centímetro, batendo em estantes e prateleiras, procurando apoios em volumes que caíam quando elas os puxava. Sua testa colidiu com histórias vagas, teorias tolas, tempo acumulado, anos prometidos, mas comprometidos. Perseguida, machucada, golpeada por sua risada que ecoava pelas catacumbas de mármore, ela enfim se virou, as garras cortando o ar, e fugiu para cair escadaria abaixo.

Momentos depois, ela conseguiu se espremer pela porta da frente, que *bateu!*

Sua queda e a batida da porta quase quebraram o esqueleto dele, de tanto rir.

— Ah, Deus, por favor, pare, pare! — implorou ele à sua hilaridade.

E, assim solicitado, o humor se esvaiu.

E a gargalhada transformou-se num riso honesto, agradável, depois num risinho fraco, com grande contentamento, dando-lhe fôlego e sacudindo sua cabeça cansada, mas feliz, uma dor boa da ação nas suas costelas e na garganta, substituindo a dor que sentia na mão. Ele se apoiou nas prateleiras, a cabeça encostando em algum livro de que gostava, as lágrimas da alegria liberada salgando seu rosto, e subitamente percebeu que ela havia partido.

— *Por quê?* — perguntou-se. — *O que foi que eu fiz?*

E, com um último riso, ele se levantou lentamente.

O que havia acontecido? “Ah, Deus, vamos deixar tudo claro!” A primeira coisa era ir à farmácia e tomar meia dúzia de aspirinas para controlar a dor de

sua mão durante uma hora; em seguida, *pensar*. Nos últimos cinco minutos, tinha conquistado alguma coisa, *não tinha*? E qual era o gosto da vitória? “Pense! Tente se lembrar!”

E, sorrindo um novo sorriso para aquela mão ridícula, aninhada em seu cotovelo direito torcido, ele correu pelos corredores escuros e saiu para a cidade...

Parte III

Partidas

Capítulo 45

O pequeno cortejo movia-se em silêncio, passando pela serpentina colorida que parava-girava-eternamente na porta da barbearia do Senhor Crosetti, passando pelas lojas fechadas e escurecidas, pelas ruas vazias, pois as pessoas tinham ido para casa depois da missa ou estavam no parque de diversões, aproveitando o último espetáculo nas tendas, o derradeiro ato de malabarismo.

Os pés de Will, bem abaixo, pisaram a calçada. “Um, dois”, pensou ele, “alguém me diz esquerda, direita. A Libélula sussurra: Um-dois.”

“Será que Jim está no cortejo?!” Os olhos de Will piscaram brevemente para um lado. “Sim! Mas quem é o outro pequeno? O Anão enlouquecido, que acha tudo interessante e põe a mão, que acha tudo quente e tira a mão. E mais o Esqueleto.” E então, atrás, quem eram todas aquelas centenas, não, milhares de pessoas marchando juntas e respirando em seu pescoço?

O Homem Ilustrado.

Will assentiu e emitiu um ganido tão alto e agudo que somente os cachorros puderam ouvir; os cachorros que não podiam ajudar nem podiam falar.

E, com certeza, olhando de um modo oblíquo, ele viu não um, nem dois, mas três cachorros que, farejando a ocasião, seguiam em seu próprio cortejo, às vezes na frente, outras vezes ficando para trás, as caudas como estandartes para o pelotão.

“Latam!”, pensou Will. “Como nos filmes! Comecem a latir para atrair a polícia!”

Mas os cachorros apenas sorriam e trotavam.

“Uma coincidência, por favor”, pensou Will. “Apenas uma bem *pequena*.”

“O Senhor Tetley! Sim!” Will viu-mas-não-viu o Senhor Tetley! Empurrando o índio de madeira de volta para dentro da loja. Fechando a loja naquela noite!

— Virem a cabeça — murmurou o Homem Ilustrado.

Jim virou a cabeça. Will virou a cabeça.

O Senhor Tetley sorriu.

— Sorriam — murmurou o Senhor Dark.

Os dois meninos sorriram.

— Oi! — disse o Senhor Tetley.

— Diga oi — alguém sussurrou.

— Oi — respondeu Jim.

— Oi — repetiu Will.

Os cães latiram.

— Um passeio grátis pelo parque de diversões — murmurou o Senhor Dark.

— Passeio grátis — disse Will.

— No parque de diversões! — disse Jim.

E, então, como boas máquinas, eles apagaram seus sorrisos.

— Divirtam-se! — gritou o Senhor Tetley.

E os cachorros voltaram a latir alegremente.

E a parada continuou.

— Divirtam-se — disse o Senhor Dark. — Passeios grátis. Depois que a multidão for para casa, daqui a meia hora, nós colocaremos Jim no carrossel. Você ainda *quer*, não é, Jim?

Escutando, mas não ouvindo, fechado dentro de si mesmo, Will pensou: “Jim, não escute!”

Os olhos de Jim se moveram: úmidos ou oleosos, era difícil dizer.

— Você vai viajar conosco, Jim, e se o Senhor Cooger não sobreviver (ele

está por pouco, nós ainda não o salvamos, vamos tentar de novo agora), se ele não sobreviver, Jim, você não gostaria de ser meu novo sócio? Eu farei você crescer até uma idade ótima, que tal? 22? 25?! Dark e Nightshade, Nightshade e Dark, nomes adoráveis para gente como nós, com um parque de diversões desses para correr o mundo! O que me diz, Jim?

Jim não disse nada, costurado no sonho da Bruxa.

“Não escute!”, gemeu seu melhor amigo, que não escutou nada, mas ouviu tudo.

— E quanto a Will? — disse o Senhor Dark. —Vamos fazer com que *ele* gire para trás e para trás, hein? Transformá-lo num bebê, num bebezinho que o Anão carregará vestido de palhacinho. Será exibido nas paradas, todo dia, pelos próximos cinquenta anos. Que tal, Will? Ser um bebê para sempre? Não ser capaz de falar nem contar todas as coisas adoráveis que você sabe? Sim, acho que esse é o melhor destino para Will. Um brinquedinho, um amiguinho para o Anão!

Will deve ter gritado.

Mas não muito alto.

Pois apenas os cães latiram aterrorizados e correram como se tivessem sido apedrejados.

Um homem virou a esquina.

Um policial.

— Quem é esse? — murmurou o Senhor Dark.

— O Senhor Kolb — disse Jim.

— O Senhor Kolb! — repetiu Will.

— Maldita agulha de tricô — sussurrou o Senhor Dark. — Libélula.

A dor penetrou nos ouvidos de Will. O musgo cobriu seus olhos. A cola grudou seus dentes. Ele sentiu alguma coisa dando tapinhas, costurando e tricotando em seu rosto, todo dormente de novo.

— Diga olá para o Senhor Kolb.

— Olá! — disse Jim.

— ... Kolb... — disse Will, sonhando.

— Olá, meninos. Cavalheiros.

— Vire aqui — disse o Senhor Dark.

E eles viraram.

Em direção ao campo, afastando-se das luzes mornas, da boa cidade, das ruas seguras, a marcha silenciosa prosseguiu.

Capítulo 46

Estendendo-se por um quilômetro e meio de território, a parada se movia agora da seguinte maneira:

Na entrada do caminho central do parque, amassando o capim com seus pés dormientes, Jim e Will acompanhavam amigos que constantemente lembravam-nos dos usos maravilhosos das agulhas de cerzir das libélulas.

Atrás uns 800 metros, tentando alcançá-los e parecendo misteriosamente ferida, vinha a Cigana, que escrevia no pó.

E, mais atrás ainda, vinha o pai-zelador, às vezes se atrasando com lembranças da idade, depois caminhando depressa com os pensamentos de seu breve encontro com a vitória, a mão esquerda enfaixada junto do peito, mastigando comprimidos enquanto caminhava.

No meio do caminho central, o Senhor Dark olhou para trás, como se uma voz interior o tivesse lembrado dos extraviados naquela manobra. Mas a voz se calou e ele não teve certeza. Acenou bruscamente, e o Anão, o Esqueleto, Jim e Will foram empurrados através da multidão.

Jim sentiu um rio de pessoas alegres fluir ao seu redor, mas sem tocá-lo. Will ouviu gargalhadas aqui e ali, e afogou-se nelas. Uma explosão de vagalumes floresceu no céu; a roda-gigante apareceu deslumbrante, enquanto os fogos de artifício desabrochavam acima dela.

Então, eles estavam no Labirinto de Espelhos, escorregando, batendo, esbarrando através daqueles lagos gelados, onde meninos picados por

aranhas, bem semelhantes a eles, apareciam e desapareciam multiplicados milhares de vezes.

“Aquele sou *eu!*”, pensou Jim.

“Mas eu não posso me ajudar”, pensou Will, “não importa quantos de mim estejam lá!”

E a multidão de garotos, mais a multidão de ilustrações do Senhor Dark refletido, pois agora ele havia tirado seu paletó e sua camisa, espremeram-se até o Museu de Cera no final do labirinto.

— Sentem-se — disse o Senhor Dark. — Fiquem aqui.

E, entre as figuras de cera de mulheres e homens assassinados, baleados, guilhotinados e garroteados, os dois meninos se sentaram como gatos egípcios, sem piscar, sem se mexer, sem engolir.

Alguns visitantes tardios passaram por ali rindo. Eles fizeram comentários sobre todas as figuras de cera.

E nem repararam num fino fio de saliva que escorria do canto da boca de um dos meninos de “cera”.

Não perceberam o quão brilhante era o olhar do segundo garoto de “cera”, que subitamente deixou escorrer uma gota de lágrima em seu rosto.

Lá fora, a Bruxa caminhou, mancando pelos espaços cheios de cordas e ganchos entre as tendas.

— Senhoras e senhores!

A última multidão daquela noite, umas trezentas ou quatrocentas pessoas, virou-se como um único ser.

O Homem Ilustrado, sem camisa, coberto de víboras medonhas, dentes-de-sabre, macacos libidinosos e abutres coagulados, um céu de salmão-enzofre, levantou-se para anunciar:

— A última atração gratuita desta noite! Venham! Venham todos!

A multidão se aproximou do palco principal, do lado de fora da tenda das aberrações, onde estavam o Anão, o Esqueleto e o Senhor Dark.

— O truque mais extraordinário, perigoso e, às vezes, fatal... o mundialmente famoso truque da bala!

A multidão abriu a boca, entusiasmada.

— Os rifles, por favor!

O Esqueleto abriu um armário com prateleiras cheias de uma artilharia brilhante.

A Bruxa, que se aproximava apressada, gelou quando o Senhor Dark disse:

— E aqui está a nossa desafiadora da morte, a agarradora de balas, que colocará a sua vida em jogo... Mademoiselle Tarot!

A Bruxa balançou a cabeça, soltou uma lamúria, mas a mão do Senhor Dark puxou-a para cima da plataforma como a uma criança, ainda protestando, e Dark fez uma pausa. Depois, na frente de todos, ele prosseguiu:

— Um voluntário, por favor, para disparar o rifle!

A multidão ribombou baixinho, não se atrevendo a falar alto.

A boca do Senhor Dark quase não se moveu. Sussurrando, ele perguntou:

— O relógio parou?

— Não... — gemeu ela — parou.

— Não? — Ele quase explodiu.

Ele a queimou com os olhos, depois se voltou para a plateia, deixou que sua boca terminasse o desafio, os dedos acariciando os rifles.

— Voluntários, por favor!

— Pare com o ato — gemeu a Bruxa, contorcendo-se.

— Ele vai continuar, maldita seja; *pior*, duplamente maldita — sussurrou ele, sua respiração assoviando.

Em segredo, Dark deu um beliscão na carne do seu pulso, sobre a ilustração de uma noviça cega num traje negro que ele mordeu com suas unhas.

A Bruxa estremeceu, segurou o peito, gemeu, rangeu os dentes.

— Tenha piedade! — sussurrou ela, quase audível.

A multidão ficou em silêncio.

E o Senhor Dark assentiu rapidamente.

— Já que não há voluntários... — Ele arranhou seu pulso ilustrado. A Bruxa tremeu. — ... nós cancelaremos este último ato e...

— Aqui! Um voluntário!

A multidão se virou.

O Senhor Dark recuou e depois perguntou:

— Onde?

— Aqui.

Lá atrás, no final da multidão, via-se a mão erguida, e a passagem se abriu.

O Senhor Dark pôde identificar claramente o homem que estava lá, sozinho.

Charles Halloway, cidadão, pai, marido introspectivo, caminhante noturno e zelador da biblioteca da cidade.

Capítulo 47

O *clamor* de admiração da multidão diminuiu.

Charles Halloway continuou parado.

Esperou que desimpedissem o caminho até a plataforma.

Ele não podia ver a expressão nos rostos das aberrações que estavam lá. Seus olhos percorreram a multidão e encontraram o Labirinto de Espelhos, aquele oblvio vazio que acenava com dez vezes um bilhão de anos-luz de reflexos e contrarreflexos, revertidos e duplamente revertidos a mergulharem profundamente no nada, caindo de cara em coisa alguma, o estômago enjoando para mergulhos mais atordoantes no vazio.

E, no entanto, não havia lá um eco de dois meninos na prata pulverizada atrás de cada espelho? Não percebera ele, com o tremor de uma pestana, se não com o olho, a passagem deles, para esperar além, cera morna contra o frio, esperar até serem convocados por terrores e levados em pânico?

“Não”, pensou Charles Halloway, “não pense. Acabe com isso!”

— Estou chegando! — gritou ele.

— Pegue eles, velho! — gritou um homem.

— Sim — respondeu Charles Halloway. — Vou pegar.

E ele caminhou através da multidão.

A Bruxa virou-se lentamente, atraída pela aproximação do voluntário. Suas pálpebras tremeram nas costuras por trás dos óculos escuros.

O Senhor Dark, inundado com ilustrações, superinfestado de almas,

inclinou-se da plataforma, umedecendo os lábios. Os pensamentos giravam como rodas de fogos de artifício em seus olhos — rápido, rápido, rápido, o quê, o quê, o *quê*?

E o velho zelador, com um sorriso fixo em seu rosto, como uma dentadura postiça de caixa de biscoitos, avançou, enquanto a multidão se abria diante dele como o mar diante de Moisés, fechando-se logo atrás, enquanto ele se perguntava o que fazer? Por que estava ali? Mas, assim mesmo, continuava a avançar com determinação.

O pé de Charles Halloway tocou o primeiro degrau da plataforma.

E a Bruxa tremeu secretamente.

O Senhor Dark sentiu o segredo e olhou intensamente para ele. E estendeu a mão depressa para agarrar a mão direita, saudável, daquele velho de 54 anos.

Mas o velho de 54 anos balançou a cabeça e se recusou a dar a mão para ser tocada, segurada ou puxada.

— Não, obrigado.

Sobre a plataforma, Charles Halloway acenou para a multidão.

Algumas pessoas aplaudiram.

— Mas... — O Senhor Dark estava admirado... — a sua mão esquerda, senhor; o senhor não poderá segurar e disparar um rifle com apenas uma das mãos!

Charles Halloway empalideceu.

— Eu o farei — disse ele. — Com apenas uma mesmo.

— Urraaah! — gritou um menino, lá embaixo.

— Vai em frente, Charlie! — gritou um homem mais além.

O Senhor Dark corou, enquanto a multidão ria e aplaudia com mais entusiasmo agora. Ele ergueu suas mãos para conter a onda de som revigorante, que caía como uma chuva.

— Tudo bem, tudo bem! Vamos ver se ele *conseguirá* mesmo!

Brutalmente, o Homem Ilustrado tirou um rifle do seu suporte e lançou-o no ar.

Bocas se abriram na multidão.

Charles Halloway se abaixou. Ele erguia a sua mão direita. O rifle bateu bem na palma da mão e ficou seguro. Não deixou que caísse. Estava firme.

A audiência ululou, xingando o Senhor Dark por sua falta de cavalheirismo, o que fez com que ele se virasse de costas, amaldiçoando a si mesmo em silêncio.

O pai de Will ergueu o rifle, sorrindo.

A multidão urrou satisfeita.

E enquanto a onda de aplausos vinha, colidia com o palco e recuava, ele olhou de novo para o Labirinto, onde as sombras de Will e Jim eram sentidas ainda que ele não pudesse vê-las, pois se encontravam arquivadas entre titânicas lâminas de revelação e ilusionismo, e, então, olhou de volta para o olhar de medusa do Senhor Dark, avaliando-o rapidamente, e para a costurada e tremulante noviça cega da meia-noite, que recuava, andando de lado. Agora ela estava o mais longe que podia, no lado mais distante da plataforma, quase grudada no alvo com círculos concêntricos vermelhos e pretos.

— Menino! — gritou Charles Halloway.

O Senhor Dark enrijeceu.

— Eu preciso de um menino voluntário para me ajudar a segurar o rifle! — gritou Charles Halloway.

— Alguém! Qualquer um! — bradou ele.

Alguns meninos se ergueram no meio da plateia.

— Meninos! — voltou a gritar Charles Halloway. — Esperem. Meu filho está lá. Ele vai se apresentar, *não vai*, Will?

A Bruxa ergueu uma de suas mãos para sentir a forma daquela audácia que brotava do velho de 54 anos como uma febre. O Senhor Dark girou como se tivesse sido atingido por um projétil de alta velocidade.

— Will! — chamou o pai.

No Museu de Cera, Will estava sentado, imóvel.

— Will! — gritou seu pai. — Venha, meu garoto!

A multidão olhou para a esquerda, olhou para a direita, olhou para trás.

Nenhuma resposta.

Will continuava sentado no Museu de Cera.

O Senhor Dark observava tudo aquilo com algum respeito, um certo grau de admiração e de preocupação; ele parecia estar esperando, exatamente como o pai de Will.

— Will, venha ajudar o seu velho pai! — gritou jovialmente o Senhor Halloway.

Will continuava sentado no Museu de Cera.

O Senhor Dark sorriu.

— Will! Willy! Venha aqui! — Charles Halloway continuou chamando.

Nenhuma resposta.

O sorriso do Senhor Dark se ampliou.

— Willy! Não está ouvindo o seu velho?

O Senhor Dark parou de sorrir.

Pois o último chamado partira de um cavaleiro na multidão, falando alto.

A multidão riu.

— Will! — chamou uma mulher.

— Willy! — chamou outra.

— Alô! — gritou um homem de barba.

— Venha, William! — gritou um menino.

A multidão riu mais ainda, as pessoas se cutucavam.

Charles Halloway chamou. *Eles* chamaram. Charles Halloway gritou para as colinas. *Eles* gritaram para as colinas.

— Will! Willy! William!

E uma sombra ondulou entre os espelhos.

A Bruxa começou a suar.

— Lá!

A multidão parou de chamar.

Assim como Charles Halloway, engasgado com o nome de seu filho e agora silencioso.

Pois Will estava lá, na entrada do Labirinto, como a figura de cera em que ele quase se havia transformado.

— Will — chamou o seu pai baixinho.

E o som deste chamado fez o suor da Bruxa escorrer.

Will caminhou, sem ver, em direção à multidão.

O pai estendeu o rifle para baixo, como uma bengala, para o garoto segurar, e o puxou para o palco.

— *Aqui está* a minha mão esquerda boa! — anunciou ele.

Will nem viu, nem ouviu os aplausos entusiásticos da multidão.

O Senhor Dark não se moveu, embora Charles Halloway pudesse vê-lo, durante aqueles momentos, acendendo fogos em sua mente; um por um, eles chiavam e se recusavam a detonar. O Senhor Dark não conseguia compreender o que eles estavam tentando fazer. E, de sua parte, Charles Halloway também não fazia a menor ideia. Era como se tivesse escrito aquela peça para ele mesmo representar, ao longo dos anos, naquelas noites solitárias na biblioteca, e depois tivesse rasgado o texto após memorizá-lo, mas acabara esquecendo-o e agora estava decidido a lembrar-se. Confiava nas descobertas secretas de seu próprio eu, momento a momento; improvisando?, não! De coração e alma! E... *agora*?

A alvura de seu sorriso parecia deixar a Bruxa ainda mais cega! Impossível! Ela ergueu uma das mãos até seus óculos escuros, suas pálpebras costuradas!

— Cheguem mais perto, todos! — pediu o pai de Will.

A multidão se aproximou. E o palco tornou-se uma ilha. O mar eram as pessoas.

— Fiquem de olho no alvo!

A Bruxa derreteu dentro de seus trapos.

O Homem Ilustrado olhou para a esquerda e não encontrou nenhum apoio no Esqueleto, que simplesmente parecia ainda mais magro; olhou para a direita e não encontrou nenhuma satisfação no Anão, agachado em sua loucura imbecil.

— Uma bala, por favor! — pediu o pai de Will, amigavelmente.

As milhares de ilustrações naquela moldura de pele trêmula não ouviram; então, por que ouviria o Senhor Dark?

— Se tiver a bondade — insistiu Charles Halloway. — A bala, por favor. Quero arrancar aquela pulga de cima da verruga da velha Cigana!

Will permaneceu imóvel.

O Senhor Dark hesitou.

Lá embaixo, no mar de gente, surgiram sorrisos, aqui, ali, cem, duzentas, trezentas alvuras, como se a gravidade lunar tivesse produzido uma vasta ondulação nas águas. Depois a maré recuou.

Movendo-se lentamente, o Homem Ilustrado ofereceu a bala. Seu braço, uma longa ondulação no melado, demorou para oferecer a bala ao menino, para ver se ele notava. Ele não notou.

Seu pai pegou o projétil.

— Marque-o com as suas iniciais — disse o Senhor Dark, seguindo a rotina do número.

— Não, vou marcar com bem mais do que isso! — Charles Halloway ergueu a mão de seu filho e o fez segurar a bala, para que ele pudesse gravar um estranho símbolo no chumbo, segurando um canivete com sua mão saudável.

“O que está acontecendo?”, pensou Will. “Eu sei o que está acontecendo. Eu não sei o que está acontecendo. O quê!?”

O Senhor Dark viu uma lua crescente gravada na bala, não achou nada de errado em uma lua, carregou-a no rifle e jogou-o de volta para o pai de Will, que, mais uma vez, agarrou a arma com destreza.

— Pronto, Will?

O rosto redondo do menino assentiu levemente.

Charles Halloway olhou de relance para o Labirinto, pensando: “Ainda está aí, Jim? Prepare-se!”

O Senhor Dark virou-se para acalmar e dar apoio à sua amiga Bruxa do Pó, mas estancou quando ouviu o estalido de um rifle sendo aberto e a bala ejetada pelo pai de Will para assegurar à multidão que o projétil continuava lá. Parecia bem real; no entanto, muito tempo atrás, ele havia lido que aquele espetáculo usava uma bala falsa, feita com lápis de cera muito duro, tingido da cor do aço. Disparada pelo rifle, ela se dissolveria em fumaça e vapor no cano da arma. E, naquele momento, de alguma forma tendo trocado as balas, o Homem Ilustrado estaria colocando a bala marcada verdadeira nos dedos

trêmulos da Bruxa. Ela a esconderia dentro da bochecha. Quando ouvisse o tiro, fingiria se sacudir ante o impacto imaginário e então revelaria a bala apanhada entre seus dentes amarelados. Gritos! Aplausos!

O Homem Ilustrado, olhando para cima, viu Charles Halloway com o rifle aberto e a bala de cera. Mas, em vez de revelar o que sabia, o Senhor Halloway disse apenas:

— Vamos gravar a nossa marca com mais força, hein, garoto? — E, com seu canivete, o menino, segurando a bala na mão dormente, marcou a nova bala de cera com o mesmo misterioso crescente lunar e a repôs no rifle.

— Pronto?!

O Senhor Dark olhou para a Bruxa.

Que hesitou, e então assentiu uma vez, fracamente.

— Pronto! — anunciou Charles Halloway.

E, enquanto tudo isso acontecia, ao redor estavam as tendas, com a sua multidão ansiosa de aberrações, a Bruxa gelada e histérica, Jim, escondido à espera de que o encontrassem, a múmia ancestral na cadeira elétrica cheia de fogo azul, e o carrossel, aguardando que o show acabasse, que a multidão fosse embora e ele pudesse lidar com os meninos e o zelador aprisionados, se possível sem testemunhas.

— Will — disse Charles Halloway num tom de conversa, enquanto erguia o rifle subitamente pesado. — O seu ombro será o meu apoio. Segure o meio do rifle suavemente com uma das mãos. Pegue, Will. — O menino ergueu a mão. — Isso mesmo, meu filho. Quando eu disser “firme”, prenda a respiração. Está me ouvindo?

A cabeça do menino tremeu com a mais leve das confirmações. Ele dormia. Ele sonhava. O sonho era um pesadelo. E o pesadelo era *aquela*.

E, em seguida, seu pai estava gritando:

— Senhoras! Senhores!

O Homem Ilustrado fechou um punho. A imagem de Will, fechada dentro dele como uma flor, foi esmagada.

Will estremeceu.

E o rifle caiu.

Charles Halloway fingiu não ter notado.

— Eu, com Will aqui sendo o braço esquerdo que não posso usar, realizarei o único, o mais perigoso e, às vezes, fatal Truque da Bala!

Aplausos. Risos.

Rapidamente, o zelador de 54 anos, negando cada ano de sua vida, recolocou o rifle apoiado sobre o ombro trêmulo do menino.

— Está ouvindo, Will? Escute! Isso é para *nós* dois!

O menino ouviu. O menino se acalmou.

O Senhor Dark apertou o punho.

Will foi tomado por uma leve paralisia.

— Vamos acertá-los bem no centro do alvo, não vamos, garoto? — perguntou o pai.

Mais risos.

E o menino ficou muito calmo, realmente, com o rifle sobre seu ombro, e o Senhor Dark espremeu com toda a força o rosto de pêssago aninhado na carne de sua mão, mas o menino havia serenado com o som dos risos que ainda fluíam da multidão e seu pai manteve a alegria brotando ao dizer:

— Mostre o seu sorriso para a dama, Will!

E Will mostrou os dentes para a mulher diante do alvo.

O sangue sumiu do rosto da Bruxa.

E, então, Charles Halloway mostrou também seus dentes, do jeito que estavam.

E o inverno nasceu dentro da Bruxa.

— Cara — disse alguém na plateia —, ela é ótima. Parece mesmo assustada! Olhe!

“Eu estou olhando”, pensou o pai de Will, sua mão esquerda inútil caída ao lado do corpo, a mão direita no gatilho da arma, o olhar fixo na mira, enquanto seu filho mantinha o rifle firme apontado para o alvo e para o rosto da Bruxa diante dele, até que o momento final chegou, e a bala de cera estava na culatra, e o que uma bala de cera poderia fazer? Uma bala que se dissolveria dentro do cano; que utilidade teria? Por que estavam ali, o que poderiam fazer? Tolice, tolice!

“Não!”, pensou o pai de Will. “Pare!”

Ele deu um fim a todas as dúvidas.

E sentiu sua boca formar palavras sem nenhum som.

Mas a Bruxa ouviu o que ele dizia.

Acima dos risos que chegavam ao fim, antes que aquele som cálido se perdesse, ele formou aquelas palavras, silenciosamente, com os lábios:

A lua crescente que eu marquei na bala não é uma lua crescente.

É o meu próprio sorriso.

Eu coloquei o meu sorriso na bala deste rifle.

Ele disse isso apenas uma vez.

Esperou para que ela entendesse.

E repetiu, silenciosamente, mais uma vez.

E um momento antes que o próprio Homem Ilustrado pudesse ler em seus lábios, Charles Halloway disse baixinho: “Firme!” Will prendeu a respiração. Lá, entre as estátuas de cera, Jim, escondido, gotejava saliva de seu queixo. Presa na cadeira elétrica, a múmia morta-viva zumbia com a energia pulsando em seus dentes. As ilustrações do Senhor Dark se contorceram num suor doentio enquanto ele apertava o punho uma última vez, mas... era tarde demais! Sereno, Will manteve a respiração presa, a arma firme. Sereno, seu pai disse:

— *Agora.*

E disparou o rifle.

Capítulo 48

Um tiro!

A Bruxa inspirou.

Jim, no Museu de Cera, inspirou.

Assim como Will, dormente.

Assim como seu pai.

Assim como o Senhor Dark.

Assim como todas as aberrações.

Assim como a multidão.

A Bruxa gritou.

Jim, em meio aos bonecos de cera, expeliu todo o ar de seus pulmões.

Will gritou, acordando, sobre a plataforma.

O Homem Ilustrado deixou o ar sair de sua boca num brado de fúria enquanto erguia as mãos para deter os acontecimentos. Mas a Bruxa caiu, tombou de cima da plataforma. Caiu no pó.

Com o rifle fumegante em sua mão boa, Charles Halloway deixou a respiração escapar lentamente, sentindo cada porção dela sair de seus pulmões. Ele ainda olhava ao longo da mira do rifle para o alvo onde estivera a mulher.

Na borda da plataforma, o Senhor Dark fitou a multidão ululante e ouviu o que eles gritavam.

— Ela desmaiou...

— Não, ela escorregou!

— Ela foi... baleada!

Afinal, Charles Halloway veio se colocar ao lado do Homem Ilustrado, olhando para baixo. Havia muitas coisas em seu rosto: surpresa, espanto, e um pouco de alívio e satisfação.

A mulher foi erguida e colocada sobre a plataforma. Sua boca ficara aberta, imobilizada, com um olhar quase de reconhecimento.

Ele sabia que ela estava morta. E, num momento, a multidão perceberia. Observou a mão do Homem Ilustrado tocar o rosto dela, em busca de sinais de vida. Depois, ergueu suas mãos, como se ela fosse uma boneca, num truque de marionete, para dar-lhe movimento. Mas o corpo recusou-se a cooperar.

E, assim, ele entregou um dos braços para o Anão, e o outro para o Esqueleto, e eles os moveram e sacudiram numa ridícula simulação de despertar, enquanto a multidão recuava.

— ... morta...

— Mas... não há ferimento.

— Acha que foi do choque?

“Choque”, pensou Charles Halloway, “meu Deus, será que foi *isso* que a matou? Ou foi a outra bala? Quando eu dei o tiro, será que ela sugou a *outra* bala garganta abaixo? Será que ela... se engasgou com o meu sorriso! Oh, Deus!”

— Está tudo bem! O show acabou! Ela apenas desmaiou! — disse o Senhor Dark. — Foi tudo parte do ato! Parte do espetáculo — disse ele, sem olhar para a mulher, sem olhar para a multidão, mas olhando para Will, que agora piscava olhando em volta, saindo de um pesadelo para entrar no seguinte. Enquanto seu pai ficava ao seu lado, o Senhor Dark gritou:

— Voltem para casa! O show acabou! Luzes! Luzes!

E as luzes do parque de diversões piscaram.

A multidão, conduzida pela iluminação errática, virou-se como um grande carrossel em busca dos últimos locais iluminados à medida que as lâmpadas iam ficando mortíferas, como se procurasse se aquecer antes de enfrentar o

vento. Uma a uma, as luzes estavam, de fato, se apagando.

— Luzes! — disse o Senhor Dark.

— Pule! — disse o pai de Will.

Will pulou. Will correu com seu pai, que ainda carregava a arma que havia disparado o sorriso que matara a Cigana e a mandara de volta para o pó.

— Jim está lá dentro?

Agora, eles se encontravam no Labirinto. Atrás deles, na plataforma, o Senhor Dark gritava:

— Luzes! Voltem para casa! Está acabado! Encerrado!

“Jim *está* lá dentro?”, perguntou-se Will. “Sim, sim, ele está lá dentro!”

No Museu de Cera, Jim ainda não havia se movido e nem sequer piscado.

— Jim! — A voz chegou através do Labirinto.

Jim se mexeu. Jim piscou. Uma porta de saída estava aberta. Jim cambaleou em sua direção.

— Eu vou buscar você, Jim!

— Não, pai!

Will alcançou seu pai, que havia parado na primeira curva de espelhos, com a dor voltando à sua mão, subindo pelos nervos, para criar uma bola de fogo perto de seu coração.

— Pai, não entre aí! — disse Will, segurando o braço bom.

Atrás deles, a plataforma estava vazia, e o Senhor Dark, fugindo... para onde? Para algum lugar, enquanto a noite se fechava e as luzes se apagavam, uma após a outra, uma após a outra, e as trevas se avolumavam, crescendo, assoviando, rindo, e a multidão era arrastada para a saída como um monte de folhas sacudidas de uma grande árvore, e o pai de Will ficou lá, enfrentando a maré de vidros, as ondas, o horrível corredor polonês que ele sabia que o aguardava. Para que o atravessasse, lutando contra a aniquilação e a dissecação do que o aguardava lá dentro. Já tinha visto o bastante para saber. “Feche os olhos e você estará perdido. Abra os olhos e conhecerá tamanho desespero, tamanho peso de angústia, que nunca conseguirá se arrastar além da décima segunda curva.” Mas Charles Halloway soltou-se da mão de Will.

— Jim está lá. Espere, Jim! Eu estou entrando!

E Charles Halloway deu o passo seguinte para o interior do Labirinto.

À frente fluíam comportas de luz prateada, lajes profundas de sombras, polidas, lavadas, lustradas com imagens de si mesmas e imagens de outros, cujas almas, passando, lavavam o vidro com sua agonia, esfregavam o gelo frio com seu narcisismo ou suavam os ângulos e as superfícies com seu medo.

— Jim!

Ele correu. Will correu. Eles pararam.

Pois as luzes ali dentro estavam sumindo, uma por uma, ficando fracas, mudando de cor, primeiro azuis, em seguida da cor de um relâmpago de verão, lilás, que queimava em halos, depois com um brilho tremulante, como o de milhares de antigas velas sopradas pelo vento.

E, entre ele e Jim, à espera de salvamento, erguia-se um exército de um milhão de homens de barbas brancas, bocas moles e cabelos grisalhos.

“Eles! Todos eles!”, pensou. “Eles são *eu*!”

“Pai!”, pensou Will atrás dele. “Não fique com medo! É apenas você. São todos apenas o meu pai!”

Mas ele não gostava da aparência daqueles reflexos. Eles eram tão velhos, tão velhos, e ficavam cada vez mais velhos à medida que avançavam, gesticulando loucamente, enquanto seu pai erguia as mãos para se proteger da revelação daquela imagem selvagem, repetida até a insanidade.

“Pai!”, pensava ele. “É você!”

Mas era mais.

E todas as luzes se apagaram.

E os dois ficaram espremidos, imóveis, num silêncio aterrorizante.

Capítulo 49

A mão de alguém escavou como uma toupeira na escuridão.

A mão de Will.

Ele esvaziou os bolsos, procurou, rejeitou, cavou novamente. Pois, embora estivesse escuro, sabia que aqueles milhões de velhos poderiam marchar, empurrar, derrubar e esmagar seu pai com o que eles *eram*! E, naquela noite fechada, com apenas quatro segundos para tomar uma decisão, eles poderiam fazer *qualquer coisa* com o seu pai! Se Will não se apressasse, aquelas legiões do Tempo Futuro, todos aqueles avisos de uma vida que viria, tão brutais e sórdidas e verdadeiras que refletiam, inegavelmente, como seu pai seria no dia seguinte, no dia seguinte ao dia seguinte, numa enxurrada de possíveis anos que acabariam sufocando-o.

Portanto, tinha que ser rápido!

Quem tem mais bolsos do que um mágico?

Um menino.

Nos bolsos de quem existem *mais* coisas do que nos de um mágico?

Nos de um menino.

Will pegou alguns fósforos de cozinha.

— Ah, Deus, pai, aqui!

Ele acendeu um fósforo.

A legião estava próxima.

Chegaram correndo. E agora, fixados pela luz, arregalavam os olhos assim

como seu pai, abriam as bocas admirados com seus próprios tremores e máscaras ancestrais. “Parem!”, havia gritado a luz do fósforo. E os pelotões à esquerda e os esquadrões à direita se haviam imobilizado no brilho maligno, torcendo para que o palito de fósforo se queimasse. E então, liberados para avançarem no momento seguinte, atingiriam aquele homem velho, muito velho, tremendamente velho, e o sufocariam num instante com o seu Destino.

— Não! — disse Charles Halloway.

— Não. — Moveu-se um milhão de lábios inertes.

Will estendeu a mão com o fósforo para a frente. Nos espelhos, uma multiplicação de meninos-macacos fez o mesmo, exibindo um único botão de chama azul-amarelada.

— Não!

E cada espelho lançou dardos de luz que perfuraram, invisíveis, mergulhando profundamente até atingir o coração, a alma, os pulmões, gelando as veias, cortando os nervos, fazendo Will sentir-se arruinado e com o coração paralisado e depois disparado. Com as pernas enfraquecidas, o homem muito velho caiu de joelhos, assim como suas imagens suplicantes, aquela congregação de “eus” aterrorizados, uma semana, um mês, dois anos, vinte, cinquenta, setenta, noventa anos no futuro! A cada segundo, minuto, muito além de sua possível sobrevivência na insanidade, todos eles ficaram mais grisalhos, mais amarelados à medida que os espelhos ricocheteavam suas imagens, deixando-o sem vida, seco e ameaçando reduzi-lo a uma poeira de ossos espalhados pelo piso.

— Não!

Charles Halloway tirou o fósforo da mão de seu filho.

— Pai, não faça isso!

Pois, na nova escuridão, o exército de anciãos inquietos avançou, com os corações batendo.

— Pai, nós temos de *ver*!

Ele acendeu o seu segundo e último fósforo.

E, no clarão, viu seu pai cair, os olhos fechados, os punhos comprimidos, e viu também todos aqueles outros homens que teriam de se desviar, arrastar e

se erguer de joelhos assim que aquela última luz se apagasse. Will agarrou o ombro do pai e o sacudiu.

— Pai, pai, eu não me importo com a sua idade! Eu não ligo se você é velho, eu não ligo para nada! Oh, pai — gritou ele, chorando —, eu te amo!

Ao ouvir isso, Charles Halloway abriu seus olhos e viu a si mesmo e aos seus semelhantes, e seu filho atrás, segurando-o, a chama tremendo, as lágrimas tremendo em seu rosto, e, subitamente, como havia acontecido antes com a imagem da Bruxa, a memória da biblioteca, da derrota para um e da vitória para outro, passou diante dele, misturando-se com o som do disparo do rifle, do voo da bala marcada e da multidão correndo.

Por um único momento, ele olhou para todas aquelas imagens de si mesmo e para Will. E um pequeno som escapou de sua boca. E depois um som maior.

E, afinal, ele deu ao labirinto, aos espelhos, ao Tempo por vir, ao Além, Ao Redor, Acima, Atrás, Abaixo ou desperdiçado dentro de si mesmo a única resposta possível.

Abriu bem a boca e deixou escapar o som mais alto de todos.

E a Bruxa, se estivesse viva, teria reconhecido aquele som e morrido - novamente.

Capítulo 50

Jim Nightshade, que havia saído pela porta dos fundos do Labirinto e corria, perdido entre as tendas, parou.

O Homem Ilustrado, em algum lugar também entre as tendas escuras, correndo, parou.

O Anão ficou gelado.

O Esqueleto se virou.

Todos tinham ouvido.

Não o som que Charles Halloway havia produzido, não.

Mas os sons terríveis que se seguiram.

Primeiro um espelho, depois outro, seguido por uma pausa, e depois um terceiro espelho, um quarto, e outro, e mais outro, e mais outro ainda: num efeito dominó, todos ganharam um desenho de rachaduras, como teias de aranha, até que, num tilintar e estalar, caíram em pedaços.

Durante um minuto, ainda existia aquela incrível sucessão de espelhos, dobrando e redobrando e dobrando novamente, as imagens como um livro de luz. E, no momento seguinte, todos se despedaçaram numa chuva de meteoros.

O Homem Ilustrado parou, ouvindo, sentindo seus próprios olhos se cristalizarem, quase se transformarem em teias de aranha e se racharem com os sons.

Era como se Charles Halloway, uma vez mais o menino do coro em uma

estranha igreja subsubdemoníaca, estivesse cantando a mais bela nota grave de humor fraterno de sua vida, uma nota que primeiro sacudira a poeira de prata atrás dos espelhos, depois sacudira as imagens nas faces dos vidros e finalmente abalara o próprio vidro até destruí-lo, uma dúzia, cem, mil espelhos, e com eles as imagens ancestrais de Charles Halloway caíram por terra em deliciosas enxurradas lunares de neve e água gelada.

Tudo por causa do som que ele havia deixado escapar de seus pulmões, da garganta e da boca.

Tudo porque havia aceitado todas as coisas, afinal: aceitado o parque de diversões, as colinas além, as pessoas nas colinas, Jim, Will e, acima de tudo, a si mesmo e a sua vida inteira; e, ao aceitar, ele havia lançado a cabeça para trás uma segunda vez naquela noite e demonstrado sua aceitação com um som.

E que som! Como Jericó e sua trombeta. E com estrondos musicais, o vidro havia libertado seus fantasmas. Charles Halloway gritou, aliviado. Tirou as mãos do rosto. A luz das estrelas e o brilho agonizante do parque de diversões entraram para libertá-lo. Os reflexos de homens mortos tinham partido, enterrados sob o desmoronamento na areia e na arrebentação, enterrados nos vidros aos seus pés.

— Luzes... luzes!

Uma voz distante gritou com mais força.

E o Homem Ilustrado, voltando a mover-se, desapareceu entre as tendas.

A multidão havia ido embora.

— Pai, o que *você* fez?

Mas o fósforo queimou os dedos de Will e ele o largou; contudo, agora havia uma luz fraca, suficiente para ver seu pai pisar e remexer com os pés a mistura de vidros quebrados, retornando pelos espaços vazios onde o Labirinto tinha existido e não existia mais.

— Jim?

Uma porta estava aberta. A pálida iluminação do parque de diversões entrou no recinto para mostrar figuras de cera de assassinos e vítimas.

Jim não estava sentado entre elas.

— Jim!

Olharam para a porta aberta através da qual Jim havia corrido para se perder nas faixas de noite entre as tendas negras.

A última lâmpada elétrica se apagou.

— *Nunca* vamos encontrá-lo — disse Will.

— Sim — respondeu o pai, em pé na escuridão. — Nós o encontraremos.

“Onde?”, pensou Will, e parou.

Lá, no final do caminho central, o carrossel tinha começado a se mover, o órgão torturando-se com a música.

“Lá”, pensou Will. “Se Jim estiver em algum lugar, ele estará lá naquela música, o velho Jim, com seu bilhete de entrada grátis ainda no bolso, eu aposto! Droga, Jim, droga, maldito seja, maldito seja!” E, então, pensou. “Não! Não faça isso, ele já está amaldiçoado ou bem perto disso! E como é que vamos encontrá-lo na escuridão, sem fósforos, sem luzes, só nós dois contra todos eles, no território deles?”

— Como... ? — disse Will, em voz alta.

Mas seu pai respondeu, muito baixinho:

— Lá. — Com gratidão.

E Will caminhou para a porta, que agora estava mais iluminada.

“A lua! Graças a Deus.”

A lua estava se erguendo sobre as colinas.

— A polícia...?

— Não dá tempo. Se acontecer, acontecerá nos próximos minutos. Temos que nos preocupar com três pessoas...

— As aberrações!

— Só três pessoas, Will. Primeiro com Jim, em segundo lugar com o Senhor Cooger, frigindo na sua cadeira elétrica, e, em terceiro, com o Senhor Dark e sua pele cheia de almas. Temos de salvar o primeiro, chutar os outros dois para o inferno e sair daqui. Aí eu acho que as aberrações irão junto com eles. Está pronto, Will?

Will olhou para a porta, para as tendas, a escuridão, o céu e a nova luz que o iluminava.

— Deus abençoe a lua.

De mãos dadas, eles saíram pela porta.

E, como que para saudá-los, o vento soprou as lonas das tendas, para cima e para baixo como as asas leprosas de um grande pássaro pré-histórico.

Capítulo 51

Eles correram entre as sombras, sentindo o cheiro de urina, e depois para o ar limpo do luar.

O pulsar do órgão sussurrava, gritava, tremulava.

“A música!”, pensou Will. “Está tocando para trás ou para a frente?”

— Por onde? — sussurrou seu pai.

— Por aqui! — apontou Will.

A uns cem metros de distância, além de um aglomerado de tendas, fez-se um clarão de luz azul, centelhas subiram e caíram, e tudo ficou escuro novamente.

“Senhor Elétrico!”, pensou Will. “Com certeza! Estão tentando movê-lo, levá-lo para o carrossel, para matá-lo ou curá-lo! E se conseguirem curá-lo, ah Deus, serão esse homem enfurecido e o Homem Ilustrado, também enfurecido, contra meu pai e eu! E Jim? Onde estará Jim? Um dia ele foi por esse caminho; no outro, por aquele, e... esta noite? De que lado ele ficará? Do nosso lado!? O velho amigo Jim! Vai ficar do nosso lado, é claro!” Mas Will tremia. Será que as amizades duram para sempre? Será que se pode contar com elas pela eternidade?

Will olhou para a esquerda.

O Anão estava lá, escondido nas dobras de uma tenda, esperando, imóvel.

— Olhe, pai — falou Will, baixinho. — E lá... O Esqueleto.

Mais além, o homem alto, o homem todo ossos marmóreos e papiro

egípcio, erguia-se como uma árvore morta.

— As aberrações... por que elas não tentam nos deter?

— Estão com medo.

— De *nós*?!

O pai de Will agachou-se e observou com os olhos semicerrados de trás de uma jaula vazia.

— Eles parecem abalados, de qualquer modo. Viram o que aconteceu com a Bruxa. Esta é a única resposta. Olhe para eles.

E lá estavam eles, como postes, como mastros de tendas, fincados pelo terreno afora, escondidos nas sombras, esperando. Esperando o quê? Will engoliu em seco. Talvez não estivessem se escondendo, mas apenas se posicionando para o ataque. Na hora certa, o Senhor Dark gritaria uma ordem e... eles avançariam para cercá-los. Mas não naquele momento. O Senhor Dark estava ocupado. Quando terminasse o que precisava ser feito, ele daria o grito. E então? “Então”, pensou Will, “temos de garantir que ele não gritará.”

Os pés de Will escorregaram pelo capim.

Seu pai avançou.

As aberrações observaram com olhos vidrados pelo luar enquanto eles passavam.

O órgão havia mudado. Assobiava agora triste e docemente, atrás de uma curva de tendas, atrás de um rio de escuridão.

“Está indo para a frente”, pensou Will. Sim! Mas ele *estava* indo para trás. Mas agora tinha parado e recomeçado, desta vez para a frente! “O que o Senhor Dark está *aprontando*?”

— Jim! — gritou Will.

— *Sshh!* — Seu pai o sacudiu.

Mas o nome havia brotado de sua boca apenas porque tinha ouvido o órgão somando os anos dourados por vir, havia sentido Jim isolado em algum lugar, puxado por aquele chamado cálido, tocado por notas de um alvorecer, imaginando como seria ter 16, 17, 18 anos, e então, ah, então 19 e, o melhor de tudo... incríveis 20 anos! O grande vento do tempo soprava pelos tubos de

latão, tocando uma melodia alegre de verão, prometendo tudo, e até mesmo Will, ao ouvi-la, começou a correr em direção à música que subia como um pessegueiro cheio de frutas amadurecidas pelo sol...

“Não”, pensou ele.

E, em vez disso, forçou seus pés a pisarem no ritmo de seu próprio medo, pularem na cadência de sua própria melodia, um som preso em sua garganta, contido pelos pulmões, que sacudia os ossos da cabeça e abafava a música do órgão.

— Lá — falou seu pai, baixinho.

E entre as tendas, adiante, eles assistiram a uma parada grotesca. Como um sultão negro num palanque, uma figura meio familiar seguia numa cadeira levada sobre os ombros por formas e tamanhos variados de escuridão.

Seu pai gritou e a parada estremeceu; depois começou a correr!

— O Senhor Elétrico! — disse Will.

Eles o estão levando para o carrossel!

A parada desapareceu.

Havia uma tenda entre eles.

— Vamos dar a volta por aqui! — disse Will, puxando seu pai.

O órgão tocava uma música doce. Para puxar Jim, para atrair Jim.

E quando o cortejo chegasse com o Senhor Elétrico?

Então, a música tocaria para trás, e o carrossel andaria para trás para mudar a pele dele, revigorar seus anos!

Will tropeçou e caiu. Seu pai o ajudou a se levantar.

E então...

Ouviu-se um guincho humano, um grito, um gemido, como se *tudo* tivesse caído. E, num longo lamento, num suspiro trêmulo, toda uma multidão de pessoas com gargantas mutiladas uniu-se num coro.

— Jim! Eles pegaram Jim!

— Não... — murmurou Charles Halloway de um modo estranho. — Talvez Jim... ou nós... é que os tenhamos *pegado*.

Eles circundaram a última tenda.

E o vento soprou poeira no rosto deles.

Will ergueu a mão para os olhos, esfregou o nariz. A poeira era como uma especiaria antiga, como folhas de bordo queimadas, um pó azul que comichava e que rolou sobre a terra. Espalhando-se pelas sombras, a poeira filtrou-se sobre as tendas.

Charles Halloway espirrou. Figuras saltaram e fugiram para longe de um objeto tombado e inclinado, largado a meio caminho entre uma tenda e o carrossel.

O objeto era uma cadeira elétrica, virada, com as correias pendendo dos braços e das pernas de madeira, e uma touca de metal suspensa no topo.

— Mas — disse Will —, onde está o Senhor Elétrico! ? Eu quero dizer... o Senhor Cooger!?

— *Aquilo* devia ser ele.

— O *que* devia ser ele?

Mas a resposta estava lá, flutuando no caminho central, nos diabólicos redemoinhos de vento... o tempero queimado, o incenso de outono que havia caído sobre eles quando circundaram a tenda.

“Matar ou curar”, pensou Charles Halloway. Ele os imaginou correndo naqueles segundos finais, levando o antigo saco de ossos sobre o capim molhado em sua cadeira desconectada, talvez apenas uma entre várias tentativas para fomentar, estimular e preservar a vida do que não era nada mais do que uma pilha de restos mortais, cinzas e carvão que nenhuma brisa poderia acender de novo. E, no entanto, eles precisavam tentar. Quantas vezes, nas últimas vinte e quatro horas, não teriam corrido em excursões semelhantes, apenas para desistir em pânico no meio do caminho, cancelando a atividade porque a menor sacudida, o mais leve suspiro, ameaçava desintegrar o velho Cooger num monte de papa e refugo? Melhor deixá-lo sentado no calor elétrico da cadeira, numa exibição contínua, numa performance incessante para as audiências assombradas, e depois tentar de novo, tentar agora, especialmente quando as luzes estavam apagadas e a multidão já havia ido embora, afugentada pela escuridão, tudo ameaçado por um sorriso gravado em uma bala, e havia a necessidade de ter o Senhor Cooger, como ele um dia havia sido: alto, de cabelos vermelhos e cheio de

uma violência brutal. Mas, em algum momento, há vinte segundos, dez segundos, a derradeira coesão se havia desfeito, o último relâmpago de vida se havia soltado, e o boneco-múmia, o conjunto grotesco, se havia desmanchado num monte de fumaça e folhetos novembrinos, anunciando a mortalidade através do vento. O Senhor Cooger, debilhado numa derradeira colheita, agora havia se transformado em um bilhão de partículas de pergaminho, manuscritos do mar Morto tombados nos prados. Uma explosão de poeira num silo de grãos ancestrais: varridos.

— Ah não, não, não, não — murmurou alguém.

Charles Halloway tocou o braço de Will.

Will parou de dizer “Ah, não, não, não”. Ele também, nos últimos momentos, tinha pensado a mesma coisa que seu pai sobre o cadáver carregado, o monte de ossos, as colinas de grama enriquecidas com sais minerais.

E agora restava apenas uma cadeira vazia e as últimas partículas de cascalho, os ciscos radiantes de uma poeira peculiar agarrados nas correias. E as aberrações, que haviam carregado aquele lixo barroco, agora fugiam para as sombras.

“Nós os botamos para correr”, pensou Will, “mas alguma coisa os fez desistir!”

Não, não havia sido alguma coisa. E sim, alguém.

Will estreitou os olhos.

O carrossel deserto, vazio, viajava em seu ritmo peculiar, para a frente.

Mas entre a cadeira caída e o carrossel, em pé, sozinho, seria aquilo uma aberração? Não...

— Jim!

O pai cutucou o cotovelo de Will, que se calou.

“Jim”, pensou ele.

E onde estaria agora o Senhor Dark?

Em algum lugar, pois tinha sido ele que havia dado a partida no carrossel, não é? Sim! Para atraí-los, para atrair Jim e... o que mais? Naquele momento não havia tempo para...

Jim virou-se da cadeira derrubada, virou-se e caminhou lentamente para a atração gratuita.

Ele estava indo para onde sempre soubera que deveria ir. Como um catavento em uma ventania, ele havia tremido naquela direção, vagado em outra, hesitando diante dos horizontes brilhantes e do calor, apenas para agora, no último instante, se virar, e, daquela lataria andando meio sonâmbulo, tremer ante a atração do latão e da marcha calorosa da música. Ele não podia desviar o olhar.

Outro passo, e mais outro, em direção ao carrossel; lá ia Jim.

— Vá pegá-lo, Will — disse seu pai.

E Will foi.

Jim ergueu a mão direita.

Os mastros da lataria passavam rápido em direção ao futuro, puxando a carne como xarope, esticando os ossos como caramelo, o metal da cor do sol queimando as bochechas de Jim, ofuscando seus olhos.

Jim estendeu a mão. E os mastros roçaram em suas unhas, transmitindo o seu ritmo.

— Jim!

Os mastros passavam como uma alvorada amarela no meio da noite.

A música ergueu-se como a água em uma fonte, bem alto.

Iiiiiiiiiiiiiiiii.

E a boca de Jim se abriu com o mesmo grito.

— *Iiiiiiiiiiiiiiii!*

— Jim! — gritou Will, correndo.

A palma da mão de Jim bateu num dos postes do carrossel. O mastro passou adiante.

Ele bateu em outro. E desta vez sua mão se agarrou.

E o punho acompanhou os dedos, o braço seguiu o punho, o ombro e o corpo seguiram o braço. E Jim, sonâmbulo, foi arrancado da terra.

— Jim!

Will estendeu a mão e sentiu o pé de Jim escapar do seu alcance.

Jim girava na noite ululante num grande círculo de verão sombrio, Will

correndo atrás.

— Jim, saia daí! Jim, não me deixe *aqui*!

Jogado pela força centrífuga, Jim agarrou o mastro com uma das mãos, girou e, como que num derradeiro instinto solitário, gesticulou com a mão livre ao vento, a única parte dele que ainda se lembrava da amizade entre os dois.

— Jim, *pule!!!*

Will tentou agarrar aquela mão, errou, tropeçou e quase caiu. A primeira tentativa falhou. Jim giraria uma volta completa sozinho. Will ficou esperando ele passar na volta seguinte, a passagem do menino que não era mais um menino...

— Jim! Jim!

E Jim acordou! Na metade da volta, seu rosto mostrava agora julho, logo em seguida dezembro. Ele se agarrou no mastro, gritando em seu desespero. Ele queria e não queria. Ele desejava e ao mesmo tempo rejeitava, e desejava de novo, ardentemente, naquele voo, no calor do vento e no brilho do metal, no trotar dos cavalos de julho e agosto, cujos cascos batiam no ar, cujos olhos incandesciam. Com a língua entre os dentes, ele assobiou sua frustração.

— Jim! Pule! Pai, pare a máquina!

Charles Halloway virou-se, procurando a caixa de controle que ficava a quinze metros de distância.

— Jim! — Will sentia dor num lado do corpo. — Eu preciso de você! Volte!

E, lá do outro lado do carrossel, viajando rápido, Jim lutou contra as suas próprias mãos, o mastro do carrossel, a jornada vazia açoitada pelo vento, a noite crescente e as estrelas rodopiantes. Até que soltou o mastro. E o agarrou de volta. E, ainda assim, sua mão direita se estendia, suplicando pelo derradeiro esforço de Will.

— Jim!

E Jim fez a volta. Lá embaixo, na estação mergulhada na noite de onde esse trem parecia partir eternamente, numa chuva de confete, ele viu Will... Willy... William Halloway, seu jovem colega, seu jovem amigo, que pareceria

ainda mais jovem no final desta jornada, e não apenas jovem, mas desconhecido! Vagamente lembrado de algum outro tempo, em algum outro ano... Mas agora aquele menino, aquele amigo tão jovem, corria atrás do trem, estendia a mão, pedindo para entrar? Ou exigindo que ele saltasse? O que seria?!

— Jim! Lembra-se de *mim*?

Will fez uma última tentativa. Dedos tocaram dedos, palma tocou palma.

E o rosto de Jim, pálido, frio, olhou para baixo.

Will corria, circundando a máquina.

Onde estaria seu pai? Por que ele não *havia desligado* aquilo?

A mão de Jim era cálida, familiar, uma boa mão. Ela se fechou sobre a sua. Ele a agarrou gritando.

— Jim, por favor!

Mas, ainda assim, continuavam a jornada; Jim lá em cima, Will arrastado em uma corrida frenética.

— Por favor!

Will puxou. Jim puxou. Presa por Jim, a mão de Will foi tomada. E foi-se, como um animal aprisionado, segura e protegida por Jim, em direção ao futuro. E, com isso, sua mão viajando, se tornaria estranha para ele mesmo, conhecendo coisas à noite que ele, acordado, só poderia imaginar. Garoto de 14 anos, mão de 15! Jim a segurava, sim! Não a deixaria escapar! E o rosto de Jim não estava mais velho com a jornada circular? Ele agora tinha 15 anos e estava chegando aos 16!?

Will puxou. Jim puxou na direção contrária.

E Will caiu dentro da máquina.

Ambos cavalgavam na noite.

Todo o corpo de Will seguia agora com seu amigo.

— Jim! Pai!

Como seria fácil se deixar levar, cavalgar, dar a volta com Jim, se ele não pudesse tirar Jim de lá, deixá-lo em paz e, como bons amigos, viajar! Os líquidos em seu corpo fluíam, cegando-o; batiam em seus ouvidos, soltavam descargas elétricas dentro de seu corpo.

Jim gritou. Will gritou.

E eles viajaram meio ano, deslizando numa escuridão cálida, até que Will agarrou o braço de Jim com força e o desafiou a pular para fora daquela promessa de anos tão agradáveis, a largar e a saltar. Mas Jim não soltava o mastro, não desistia da viagem.

— Will.

Dividido entre a máquina e o amigo, com uma das mãos em cada um, Jim gritou.

E houve um som como o rasgar de tecido ou de carne.

Os olhos de Jim ficaram cegos como os de uma estátua.

O carrossel girou.

Jim gritou, caiu e girou descontroladamente no ar.

Will tentou deter-lhe a queda, mas Jim bateu no chão e rolou. Depois ficou imóvel, em silêncio.

Charles Halloway virou a chave de controle do carrossel.

Vazia, a máquina foi parando. Os cavalos, reduzindo seu trote em direção a alguma distante noite de verão.

Juntos, Charles Halloway e seu filho agacharam-se perto de Jim para sentir seu pulso, colocar o ouvido em seu peito. Os olhos de Jim, brancos, olhavam fixamente para as estrelas.

— Meu Deus — gritou Will. — Será que ele está morto?

Capítulo 52

— Morto...?

O pai de Will moveu sua mão sobre aquele rosto frio, o peito frio.

— Eu não estou sentindo...

Bem longe, alguém gritou por ajuda.

Eles levantaram os olhos.

Um menino veio correndo pelo caminho central do parque de diversões, colidindo com bilheterias, tropeçando nas cordas das tendas, olhando para trás por sobre o ombro.

— Me ajudem! Ele está atrás de mim! — gritava o garoto. — Um homem terrível! Um homem terrível! Eu quero ir pra casa!

O garoto correu para junto deles e segurou o pai de Will.

— Ah, me ajude, eu estou perdido, eu não gosto disso aqui. Me leve pra casa. Aquele homem com as tatuagens!

— O Senhor Dark! — exclamou Will.

— Sim! — repetiu o menino. — Ele está lá embaixo! Parem-no!

— Will — disse seu pai, levantando-se. — Cuide de Jim. Respiração boca a boca. Vamos lá, garoto.

O menino saiu andando.

— Por aqui!

Seguindo-o, Charles Halloway observou o garoto assustado que o chamava; observou sua cabeça, sua postura, o posicionamento dos quadris.

— Menino — disse ele, ainda perto do carrossel sombrio a seis metros do local onde Will se curvava sobre Jim. — Como você se chama?

— Não temos tempo! — gritou o garoto. — Jed. Depressa, depressa!

Charles Halloway parou.

— Jed — disse ele. O garoto parou também, virando-se e friccionando os ombros. — Quantos anos você tem, Jed?

— Nove! — disse o menino. — Minha nossa, não é hora para isso! Nós temos...

— É uma ótima idade, Jed — disse Charles Halloway. — Só 9 anos? Tão jovem. Eu *nunca* fui tão jovem assim.

— Haja paciência! — gritou o garoto, furioso.

— Talvez você não precise dela — disse o homem, estendendo os braços. O menino recuou. — Você só tem medo de um homem, Jed. De mim.

— De você? — O menino continuou recuando. — Pare com isso! Por que, por quê?

— Porque, às vezes, o bem tem armas e o mal está desarmado. Algumas vezes, os truques não dão certo. Às vezes, as pessoas não se deixam enganar, não se deixam levar para armadilhas. Nada de dividir para conquistar esta noite, Jed. Para onde você estava me levando, Jed? Para alguma jaula de leão que deixou armada e preparada? Para alguma atração, como o Labirinto de Espelhos? Para alguém como a Bruxa? Para onde, Jed, para onde? Que tal levantarmos a manga da sua camisa, Jed?

Grandes olhos de opala brilharam para Charles Halloway.

O menino tentou fugir, mas o homem saltou sobre ele, agarrou a parte de trás de sua camisa, e, em vez de simplesmente levantar a manga, como havia sugerido a princípio, rasgou a camisa do corpo do menino.

— Ora, ora, Jed — disse Charles Halloway, baixinho. — Exatamente como eu havia imaginado.

— Você, você, você, você!

— Sim, Jed, eu. Mas especialmente você, olhe para você.

E ele olhou.

Pois lá, no dorso da mão do garoto, sobre os dedos, subindo pelo punho,

espalhavam-se venenosas serpentes azuis, escorpiões azuis, espalhando-se em torno de bocas de tubarões que se abriam, eternamente famintas, para se alimentarem das aberrações dispersas numa multidão que cobria o peito, o pequeno torso, e se escondia em lugares secretos daquele corpo muito pequeno, muito pequeno, aquele corpo frio e que agora tremia de espanto.

— É, Jed, por que esse trabalho exímio? É um trabalho de arte, não há a menor dúvida.

— Você! — O menino o atingiu.

— Sim, ainda eu — disse Charles Halloway, recebendo um golpe no rosto e agarrando o garoto.

— Não!

— Ah, sim — respondeu Charles Halloway, enquanto usava apenas sua mão direita saudável, já que a esquerda estava arruinada, pendendo inútil. — Sim, Jed, pode pular o quanto quiser, pode se debater, vá em frente. Foi uma ótima ideia. Me levar sozinho para algum lugar, dar um jeito em mim e depois voltar para pegar Will. E quando a polícia chegasse, ora, você seria apenas um garoto de 9 ou 10 anos e o parque, não, claro que não, não poderia lhe pertencer. Fique aqui, Jed. Por que está tentando escapar do meu braço? A polícia está procurando os donos do parque de diversões e eles desapareceram, não é, Jed? A fuga perfeita.

— Você não pode me machucar! — gritou o menino.

— Engraçado — disse Charles Halloway. — Eu acho que posso.

E apertou o garoto, de um modo quase amoroso, bem perto, bem de encontro ao seu corpo.

— Assassino! — gritou o garoto. — Assassino.

— Eu não vou te matar, Jed, Senhor Dark, ou seja lá quem você for. Você vai matar a si próprio, porque não suporta ficar junto de pessoas como eu. Não tão perto, *perto*. Não por tanto *tempo*.

— Mau! — gemeu o menino, debatendo-se. — Você é mau!

— Mau? — O pai de Will riu, o que fez com que o menino, acuado e irritado pelo som, se debatesse mais violentamente. — Mau? — A mão do homem era como papel pega-moscas preso aos ossos pequenos. — Que

estranho ouvir isso de você, Jed. Mas é assim que deve ser. O bom para o mau parece mau. É por isso que eu só vou fazer o bem a você, Jed. Simplesmente vou segurá-lo e vê-lo envenenar a si próprio. Eu vou fazer o bem para você, Jed, Senhor Dark, Senhor Proprietário, até que me diga o que há de errado com Jim. Acorde-o. Liberte-o. Devolva-lhe a vida.

— Não posso... não posso... — A voz do menino mergulhou num poço profundo dentro de seu corpo, diminuindo, apagando-se... sumindo... Não posso...

— Você não pode ou não quer?

— ... não posso...

Eles pareciam pai e filho há muito separados, unidos num abraço caloroso, abraçados e ainda mais unidos, enquanto o homem erguia sua mão ferida para tocar suavemente o rosto ferido, enquanto a multidão de ilustrações tremia e fluía para aqui e para acolá em movimentos microscópicos logo abandonados. Os olhos do menino giraram loucamente e se fixaram na boca do homem. E ele pôde ver o estranho e adorável sorriso que uma vez fora lançado sobre a Bruxa como um encantamento.

Charles Halloway segurou o menino mais perto de si e pensou: “O mal só tem o poder que damos a ele. E eu não lhe dou nada. Eu tiro. Definhe, definhe, definhe.”

O brilho duplo de chamas de fósforo nos olhos amedrontados do menino se apagou.

E o menino, com seu conchave de monstros atingidos e feridos, a multidão que era sentida, mas apenas meio vista, caiu por terra.

Era para ter-se ouvido um rugido como o de uma montanha desmoronando.

Mas houve apenas um farfalhar, como uma lanterna de papel japonesa sendo jogada no chão.

Capítulo 53

Charles Halloway ficou parado ali um bom tempo, respirando fundo, os pulmões doloridos, olhando para o corpo. As sombras se inflaram e tremularam em todos os becos entre as tendas, onde aberrações de todas as formas e tamanhos, moldadas por seus próprios terrores e pecados, se agarravam aos mastros, gemendo descrentes. Em algum lugar, o Esqueleto saiu para a luz. Em outra, o Anão *quase* ficou sabendo quem ele era e caminhou para a frente, como um caranguejo saindo de um buraco, para olhar Will, que estava curvado, tentando reanimar Jim, e o pai de Will, também curvado, exausto, sobre a forma imóvel do menino silencioso, enquanto o carrossel finalmente parava, balançando como uma barca naquele mar de capim soprado pelos ventos.

E o parque de diversões era como uma grande fornalha escura, acesa com os carvões, enquanto as sombras saíam para olhar e aquecer seus olhos com a imagem diante do carrossel.

Lá, sob o luar, jazia o menino ilustrado chamado Dark.

Lá estavam os dragões abatidos, as torres desmoronadas, os monstros de uma era esquecida derrubados no pó, pterodátiles esmagados como biplanos de guerras antigas e sem sentido, crustáceos esmeraldinos abandonados em uma praia de areia branca, de onde a maré da vida escoava, todas as ilustrações mudando, encolhendo, enquanto a carne esfriava. Houve um piscar obscuro quando o olho no umbigo fechou-se sobre si mesmo, a íris de

um mastodonte ficou cega e se sacudiu em sua cegueira; cada uma das imagens que existiam no alto Senhor Dark estavam agora reduzidas a miniaturas encolhidas sobre os ossos do menino.

Mais aberrações com os rostos da cor de lençóis, onde tantos tinham perdido a batalha das almas, emergiram das sombras, deslizando num movimento curioso em torno de Charles Halloway e de sua carga abandonada.

Will fez uma pausa em seus desesperados movimentos de comprimir e soltar, comprimir e soltar, na tentativa de reanimar Jim, sem amedrontar-se com os observadores na escuridão — não havia tempo para isso! E, mesmo que houvesse, ele sentia que aquelas aberrações estavam respirando a noite como se não tivessem se alimentado daquele ar raro e magnífico em anos!

E, enquanto Charles Halloway observava e os olhos de fogo-fátuo, marejados como lagostas e remelentos, olhavam a distância, o menino-que-fora-o-Senhor-Dark esfriou ainda mais, enquanto a morte derrubava os alicerces dos pesadelos, assim como as caligrafias, os relâmpagos esfumaçados dos desenhos que se retorciam e diminuía de tamanho, e pairavam no ar como os terríveis estandartes de uma guerra perdida, começaram a desaparecer um por um do pequeno corpo prostrado.

Um conjunto de aberrações olhou ao redor, assustado, como se a lua subitamente tivesse ficado cheia e elas pudessem ver; esfregavam os pulsos como se algemas se tivessem soltado deles, esfregavam os pescoços como se pesos tivessem caído de seus ombros curvados. Cambaleando depois de um longo aprisionamento, eles piscavam depressa, não acreditando na fonte de sua miséria caída do carrossel, agora arruinada. Se pudessem se atrever, teriam se curvado para colocar as mãos trêmulas sobre aquela boca suavizada pela morte, a testa empalidecida. Mas elas se limitavam a observar, entorpecidas, enquanto suas imagens, a matéria vital de sua cobiça, rancor e culpa venenosos, a verde abstração de seus olhos cegos, suas bocas feridas, seus corpos aprisionados por si mesmos derretiam-se, um a um, daquele insignificante monte de neve. Ali se derretia o Esqueleto! O Anão que andava de lado como um caranguejo! Em seguida, o Bebedor de Lava, que saía

daquela pele de outono, o Carrasco Negro das docas de Londres; ali levantavam voo o Balão Humano, Avoirdupois, o Magnífico, esvaziado até se tornar ar puro! E dali fugiam as multidões e os bandos, enquanto a morte apagava aquele quadro-negro até deixá-lo limpo!

E logo só restava um menino morto, sem a marca de qualquer figura, olhando para as estrelas com os olhos vazios do Senhor Dark.

— Ahhh...

Num coro de libertação, aquela estranha gente das sombras suspirou.

Talvez o órgão tenha emitido um último guincho. Talvez o trovão tenha soado, nas nuvens. Subitamente, preguiçosamente, tudo se moveu. As aberrações saíram correndo para o norte, o sul, o leste e o oeste, livres das tendas, do mestre, da lei obscura; livres, acima de tudo, uns dos outros, e correram como porcos albinos, como javalis sem presas, ou como preguiças assustadas antes de uma tempestade.

E, ao correr, parecia que cada um havia puxado uma corda, soltado a amarra de uma tenda.

Pois agora o céu se sacudia com um último suspiro, um bater e um puxar de escuridão desmoronando à medida que as tendas desabavam.

Com o sibilar das víboras, o rodopio das najas, as cordas se desfiaram, partiram, cortaram o capim com o chicotear de suas pontas.

E a armação da enorme Tenda Principal das Aberrações agitou-se em convulsões, partiu seus ossos, dos pequenos aos médios e dos médios aos gigantes, como um brontossauro. Tudo ondulando ante a queda iminente.

A tenda dos bichos fechou-se como um leque espanhol negro.

Enquanto as outras tendas menores, espalhadas pelo prado, caíam ao comando do vento.

Por fim, a Tenda das Aberrações, como um grande, melancólico e materno réptil alado, após um momento de indecisão, sugou uma cachoeira de ar tempestuoso, fazendo com que se soltassem trezentas cobras canhamiças, estalou seus mastros negros para caírem como os dentes de uma mandíbula ciclópica, golpeou o ar como uma externa asa desinflada que tentava alçar voo como uma pipa, mas, presa à terra, era obrigada a sucumbir às leis da

gravidade para ser esmagada por seu próprio volume colossal.

E ficou lá, soltando sopros quentes cheios de terra, de confetes que já eram antigos quando os canais de Veneza ainda não tinham estacas, e lufadas de algodão-doce rosado como penas. E a cada ondulação, a tenda perdia uma parte de sua pele; soluçava enquanto sua substância se esvaía, até que, finalmente, as altas vigas do mastro central caíram com três rugidos de canhão.

O órgão gemeu ao vento.

E o trem ficou abandonado no campo, como um brinquedo.

As pinturas a óleo das aberrações bateram lá no alto dos últimos mastros ainda de pé e depois vieram ao chão.

O Esqueleto, o único estranho que ainda restava, abaixou-se para pegar o corpo de porcelana do menino-que-havia sido-o-Senhor Dark. E foi embora pelo campo.

Will, virando-se rapidamente, viu o homem magro e sua carga sumirem atrás da colina em meio a todos os rastros deixados pela legião desaparecida do parque de diversões.

Sombras dançaram sobre o rosto de Will, aqui, ali, oscilando sobre as breves concussões, o tumulto, a morte, a sutil partida das almas.

— Cooger, Dark, Esqueleto, Anão-que-havia-sido-o-vendedor-de-para-raios, não fujam, voltem aqui! Senhorita Foley, onde você está? Senhor Crosetti! Acabou! Acalmem-se! Esperem! — Silêncio! — Está tudo bem. Voltem, voltem!

Mas o vento já apagava seus rastros e eles poderiam correr para sempre, tentando fugir de si mesmos.

Will voltou-se para Jim e continuou pressionando e soltando seu peito, pressionando e soltando, e, então, tremendo, tocou o rosto do seu querido amigo.

—Jim...?

Mas Jim estava tão frio quanto uma pá de terra.

Capítulo 54

Por baixo do frio, havia um calor fugidio, na pele branca ainda restava alguma cor, mas quando Will tomou o pulso de Jim não sentia nada, e quando ele colocou o ouvido no peito do amigo não havia nenhum som.

— Ele está *morto*!

Charles Halloway veio para junto de seu filho e do amigo de seu filho, e ajoelhou-se para tocar a garganta silenciosa, a caixa torácica imóvel.

— Não — disse ele, intrigado. — Não inteiramente...

— Morto!

As lágrimas derramaram-se dos olhos de Will. Mas ele se sentiu imediatamente sacudido, derrubado, golpeado.

— Pare com isso! — gritou seu pai. — Você quer salvá-lo, não quer?!

— É muito tarde, pai!

— Cale-se! Escute!

Mas Will chorava.

E, de novo, seu pai o levantou e o esbofeteou. Uma vez na face esquerda. Outra vez na direita, com força.

E todas as lágrimas foram arrancadas dele. Não restava mais nada.

— Will! — O pai apontava um dedo furioso para ele e para Jim. — Droga, Willy, tudo isso, toda essa gente, o Senhor Dark e seus amigos, eles *adoram* lágrimas, meu Deus, quanto eles *amam* as lágrimas. Deus!, quanto mais você berrar, mais eles vão beber o sal de seu queixo. Chore e eles sugarão a sua

respiração como gatos. Levante-se! Fique de pé, droga! Você tem de pular! Gritar de alegria! Está me ouvindo? Grite, Will, cante, mas, acima de tudo, você tem de rir, entendeu? Rir!

— Eu não posso!

— Você precisa! É tudo o que temos. Eu *sei*! Lá na biblioteca! A Bruxa correu de mim; ah, meu Deus, *como* ela correu! Eu a matei com isso. Com um único sorriso. Willy, essa gente da noite não suporta isso. O sol está aqui. Eles odeiam o sol. Nós não *podemos* levá-los a sério, Will!

— Mas...

— Mas nada! Você viu os espelhos! E os espelhos me mostravam à beira da cova. Todo rugas e podridão! Eles me subornaram! Eles subornaram a Senhorita Foley para que ela se juntasse à grande marcha para lugar algum, para que se unisse aos tolos que queriam tudo! Isto é a coisa mais idiota que alguém pode desejar: tudo! Pobres idiotas. E assim eles acabaram com nada, como o cachorro bobo que larga seu osso para ir atrás do reflexo do osso na água de um lago. Você viu, Will: *todos os* espelhos caíram. Como gelo diante do calor. Sem precisar de pedra, rifle ou faca, apenas com meus dentes, minha língua e meus pulmões; eu destruí aqueles espelhos com um tiro de puro desprezo! Derrubei os dez milhões de tolos assustados e deixei o homem *verdadeiro* ficar de pé. Agora, fique de pé, Will!

— Mas, Jim... — Will hesitou.

— Ele estava metade aqui e metade lá. Jim sempre foi assim, tentado pela dor. E agora, ele foi muito longe e talvez esteja perdido. Mas ele lutou para se salvar, certo? Estendeu a mão para você, para se livrar daquela máquina. E assim nós temos que terminar a luta *por* ele. Mova-se!

Will levantou-se, trêmulo.

— Corra!

Will soluçou de novo. O pai bateu em seu rosto. As lágrimas voaram como meteoros.

— Pule! Salte! Grite!

Ele empurrou Will para a frente, chacoalhou-o, meteu a mão em seus bolsos, vasculhando-os de cima a baixo, até tirar um objeto brilhante.

Uma gaita.

O pai começou a tocar.

Will parou, olhando para Jim.

O pai acertou-o na orelha.

— Corra! Não olhe!

Will deu um passo.

O pai soprou outra nota, puxou Will pelo cotovelo, levantou seus braços.

— Cante!

— O quê?

— Deus, qualquer coisa, menino!

A gaita emitiu uma versão desafinada de “Swanee River”.

— Pai — Will balançou a cabeça, imensamente cansado. — É tolice...

— Com certeza. E é isso que nós *queremos*! Um homem tolo, bobo! Uma gaita boba! Uma canção ruim e desafinada!

O pai gritou alegremente. Dando voltas como uma garça. Não estava ainda alegre o bastante. Ele *queria* chegar lá. Tinha de *quebrar* o gelo daquele momento.

— Will, mais alto e mais divertido, como o homem disse! Ah, droga, não deixe que eles bebam suas lágrimas e desejem mais! Will, não os deixe pegar seu choro, virá-lo do avesso e usá-lo como sorriso! Eu quero me danar se vou deixar a morte usar a *minha* tristeza como troféu. Não lhes dê nada. Solte o esqueleto, Willy! Respire! Sopre!

Ele agarrou Will pelos cabelos, balançando sua cabeça.

— Nada... tem graça...

— *Claro* que tem! Eu! Você! Jim! Todos nós! Tudo! Olhe!

E Charles Halloway fez caretas, arregalou os olhos, amassou o nariz, piscou e fez macaquices como um chimpanzé, dançou com o vento, sapateou na poeira, lançou a cabeça para trás, ladrando para a lua e puxando Will com ele.

— A morte é engraçada, maldita seja! Um, dois, três, Will. *Descer o Swanee River...* como é o *resto*, Will?... *Bem longe*! Will, preciso ouvir a sua voz! Maldito soprano de garota! Pardal numa lata. Pule, garoto!

Will subia e descia, as faces queimando, um estremecimento na garganta. Ele sentia um balão crescendo em seu peito.

O pai soprava a gaita prateada.

— *Lá onde os velhos camaradas...* — cantou Will.

— *Estão!* — gritou seu pai.

E continuou dançando e sapateando.

Onde estava Jim? Jim havia sido esquecido.

O pai esfregou as costelas, coçando-se.

— *E as damas de Camptown cantam esta canção!*

— *Duu-dah!* — gritou Will. — *Duu-dah!* — E começou a cantar, seguindo o ritmo. O balão cresceu. Sua garganta comichava.

— *Pista de corridas de Camptown, oito quilômetros!*

— *Ah, duu-dah dia!*

O menino e o pai dançaram um minueto.

E no meio do passo *aquilo* aconteceu.

Will sentiu o balão ficar enorme dentro dele.

E sorriu.

— O quê? — O pai ficou surpreso vendo aqueles dentes.

Will bufou. Will riu.

— O que foi que *disse*? — perguntou o pai.

A força daquele balão quente, explodindo, abriu a boca de Will, jogou sua cabeça para trás.

— Pai! Pai!

Ele pulou. E, gritando, agarrou a mão do pai. E correu cantando, grasnando como um pato, cacarejando como uma galinha. Suas palmas batiam nos joelhos. A poeira voava de suas solas.

— *Oh Suzana...*

— *... não chores...*

— *... por mim...*

— *... pois cheguei do...*

— *... Alabama...*

— *... trazendo o meu...*

— ... *bandolim*. — entoaram juntos.

A gaita batia nos dentes, soprando. O pai tirava notas alegres, dançando em círculos, saltando para bater os calcanhares no ar.

— Eles colidiram um com o outro, caíram, levantaram-se.

— Rá! Ah, Deus, rá! Ah, Deus, Will, rá! Fraco! Rá!

E no meio de um riso louco...

Um espirro!

Eles viraram. E olharam.

Quem estava lá, na terra iluminada pelo luar?

Jim? Jim Nightshade?

Será que *ele* tinha se mexido? *Estaria* de boca aberta, os olhos tremendo? *Estaria* o seu rosto mais corado?

— Não olhe! — O pai girou Will com destreza, dando um pouco mais de corda. Fizeram um dó-si-dó com as mãos estendidas, a gaita vazando e bebendo melodias cruas de um pai que cegonhava as pernas e peruava os braços. Jogaram Jim para um lado, para trás, como se ele fosse apenas uma pedra morta no gramado.

— *Alguém está na cozinha com a Dinah! Alguém está na cozinha...*

— Eu sei, ah, ah, *ah*.

A língua do Jim moveu-se sobre os lábios.

Ninguém viu. Ou, se os dois viram, ignoraram, com medo de que parasse.

Mas, no final, Jim fez tudo sozinho. Seus olhos se abriram. Ele olhou os tolos dançando. Não podia acreditar. Havia estado fora numa viagem que tinha levado anos. E, agora que voltava, ninguém dizia “Oi”. Eles apenas reboavam. Lágrimas deviam ter saltado de seus olhos. Mas, antes que elas brotassem, a boca de Jim se curvou. E ele deu uma leve risada. Pois, afinal, lá estavam o bobo do Will e seu pai-zelador correndo como macacos, chutando o capim; e seus rostos, um enigma. Pularam em cima dele, batendo palmas, balançando as orelhas, e curvaram-se para lavá-lo todo com a sua alegria fluida e contagiante que não poderia ser detida nem se o céu desabasse ou a terra se abrisse, para unirem seu júbilo ao dele, para fundirem-se luminosamente e detonarem uma explosão inevitável de estalinhos e

bombinhas a uma verdadeira hecatombe de alegria!

E, olhando para baixo, enquanto sacudia os ossos delirantemente, Will pensou: “Jim não se lembra de que estava morto; portanto, não vamos contar para ele. Não agora... algum dia, com certeza, mas não agora... *Duuu-dah! Duuu-dah!*”

E eles nem sequer disseram: “Olá, Jim!”, ou “Entre na dança”; apenas estenderam as mãos como se ele tivesse acabado de cair naquele pandemônio rodopiante e precisasse de ajuda para voltar. Puxaram Jim. E Jim saltou. Jim começou a dançar com eles.

E Will sabia, tocando as mãos do amigo, suas palmas unidas, que eles tinham realmente gritado, cantado, urrado com alegria para que o sangue voltasse a correr nas veias dele. Eles haviam segurado Jim como um recém-nascido, batido em seus pulmões, dado as primeiras palmadas em seu traseiro até fazê-lo respirar.

E, então, o pai se abaixou e Will pulou por cima dele. Em seguida, Will se agachou e o pai fez o mesmo, e esperaram em fila, cantarolando canções, enquanto Jim engolia, cuspia e corria para saltar. Will passou por cima do pai e depois rolaram no capim, gritando e rindo, como devia ter sido no primeiro ano da Criação, antes que a alegria fosse expulsa do Jardim do Éden.

Até que por fim se endireitaram, enlaçaram os ombros um do outro, abraçaram os joelhos com força, balançando o corpo e se entreolhando alegremente, pouco a pouco retrocedendo a um silêncio ébrio.

E, quando terminaram de sorrir um para o outro, olharam para além do campo.

E os mastros escuros das tendas pareciam ossos de elefantes mortos, com as tendas negras sendo sopradas como as pétalas de uma grande rosa negra.

As únicas três pessoas num mundo adormecido, um raro trio de gatos tomando banho de lua.

— O que aconteceu? — perguntou Jim, afinal.

— O que *não* aconteceu! — gritou o pai de Will.

E os três riram outra vez, quando Will subitamente abraçou Jim e chorou.

— Ei — disse Jim, baixinho, e repetiu: — Ei... ei...

— Ah, Jim, Jim — disse Will —, nós seremos amigos para sempre.

— Claro, isso eu sei. — Jim agora estava muito silencioso.

— Está tudo bem — disse o pai de Will. — Pode chorar um pouco. Estamos aqui no campo. E depois riremos mais um pouco quando estivermos voltando para casa.

Will soltou o amigo.

Eles se levantaram e ficaram olhando um para o outro. Will olhando para seu pai com grande orgulho.

— Pai, pai, você *conseguiu*, você conseguiu!

— Não, nós fizemos tudo juntos.

— Mas sem você, pai, tudo estaria perdido. Ah, pai, eu nunca cheguei a conhecê-lo. Mas o conheço agora.

— Conhece, Will?

— Com certeza!

E agora os dois viam um ao outro com os corpos banhados por halos luminosos.

— Então, muito prazer, filho. Responda, filho, seja gentil.

O pai estendeu a mão. Will apertou-a. Os dois riram, enxugaram os olhos e olharam para as pegadas espalhadas pelo orvalho da colina.

— Pai, será que algum dia eles voltarão?

— Não. E sim — respondeu ele, guardando sua gaita.

— Não, eles não voltarão. Mas outras pessoas como eles. Não num parque de diversões. Só Deus sabe a forma que tomarão da próxima vez. Mas, ao nascer do sol, ao meio-dia, ou pelo menos ao cair da tarde, amanhã eles aparecerão. Estão por aí, nas estradas.

— Ah, não — disse Will.

— Ah, sim — retrucou o pai. — Temos que ficar vigilantes pelo resto de nossas vidas. A luta apenas começou.

E andaram lentamente em torno do carrossel.

— Com quem vão se parecer? Como vamos reconhecê-los quando chegarem?

— Considere que — disse o pai, calmo — talvez eles já estejam aqui.

Os meninos olharam em volta rapidamente.

Mas havia apenas o campo, a máquina e eles.

Will olhou para Jim, para seu pai, e então dirigiu os olhos para o seu próprio corpo e suas mãos. E levantou os olhos para o pai.

O pai assentiu com a cabeça, de um modo grave, indicou o carrossel, subiu nele e tocou um dos mastros.

Will subiu atrás dele e ficou ao seu lado. Jim ficou ao lado de Will.

Jim acariciou a crina de um dos cavalos. Will bateu nas ancas do animal.

E a grande máquina inclinou-se suavemente ao ritmo das marés noturnas.

“Só três voltas para a frente”, pensou Will.

— Ei...

“Só quatro voltas para frente”, pensou Jim.

— Puxa!

“Só dez voltas para trás”, pensou Charles Halloway.

— Deus.

E cada um leu os pensamentos nos olhos do outro.

“Como seria fácil”, pensou Will.

“Só essa vez”, pensou Jim.

“Mas aí”, pensou Charles Halloway, “depois que a gente começa, vai querer voltar sempre. Só mais uma volta, só uma volta. E, depois de algum tempo, estará oferecendo voltas para os amigos e conhecidos, até que finalmente...”

O pensamento atingiu-os ao mesmo tempo, num momento de calma.

... finalmente você se tornará o dono do carrossel, o guardião das aberrações... o proprietário de uma pequena parte da eternidade, sempre viajando com o show do parque das trevas...

Talvez, disseram seus olhos, talvez eles já estejam aqui.

Charles Halloway recuou até a maquinaria do carrossel, encontrou uma chave inglesa e, com ela, arreventou as engrenagens e roscas. Depois, saiu com os meninos e acertou a caixa de controle uma ou duas vezes, até espatifá-la soltando faíscas.

— Talvez isso tivesse sido desnecessário — disse Charles Halloway. —

Talvez ele não funcionasse mais sem as aberrações para lhe dar poder. Mas...

— E, então, acertou a caixa uma última vez e largou a chave.

— Já é tarde. Deve passar da meia-noite.

Obedientemente, o relógio da prefeitura, o relógio da Igreja Batista, da Metodista, da Episcopal e o da Igreja Católica tocaram, juntos, as doze badaladas. E o Tempo semeou os ventos.

— O último a chegar ao sinal da ferrovia em Green Crossing é a mulher do padre!

Os meninos dispararam como cavalos de corrida.

O pai hesitou apenas um momento. Estava sentindo uma vaga dor em seu peito. Se ele corresse, pensou, o que lhe aconteceria? “Será que a Morte é importante? Não. Tudo que acontece antes da Morte é o que conta. E nós nos saímos muito bem esta noite. Nem mesmo a Morte pode estragar tudo isso.” E, assim, lá foram os meninos... e por que não... *segui-los*?

E foi exatamente o que fez.

E, Deus!, como era bom deixar a marca da vida deles no orvalho dos campos frios como numa manhã de Natal. Os meninos corriam lado a lado, sabendo que um dia um deles ia cruzar a linha de chegada primeiro e o outro em segundo lugar, ou nem chegariam, mas agora, naquele primeiro minuto de uma nova manhã, aquele não seria mais o minuto ou o dia ou a manhã de uma perda definitiva. Agora não era hora de olhar no rosto para ver se um deles era mais velho e o outro mais novo. Aquele dia era apenas outro dia do mês de outubro num ano subitamente bem melhor do que poderiam imaginar apenas uma hora antes, com a lua e as estrelas movendo-se em uma grande rotação rumo à aurora inevitável, e eles pulando, deixando para trás o choro da noite passada, e Will cantando e rindo, e Jim o acompanhando, enquanto atravessavam ondas de capim seco em direção à cidade onde viveriam mais alguns anos como vizinhos.

E, atrás deles, corria um homem de meia-idade, com seus próprios pensamentos, ora solenes, ora afáveis.

Talvez os meninos tenham reduzido a marcha. Eles não saberiam dizer. Talvez Charles Halloway tenha acelerado o passo. Ele não poderia dizer.

Mas, correndo junto com os garotos, o homem de meia-idade estendeu a mão.

Will bateu, Jim bateu, e o pai também, todos atingindo a base do semáforo da estação de trem ao mesmo tempo.

Exultante, o trio gritou para o vento.

E, então, enquanto a lua observava, os três, juntos, deixaram o campo deserto para trás e caminharam rumo à cidade.

Um breve posfácio

Algumas pessoas podem estranhar o nome de Gene Kelly na dedicatória deste livro. Mas os filmes e a amizade de Gene foram os catalisadores que levaram à criação deste romance.

Pouco depois de publicar *As crônicas marcianas*, em 1950, meu amigo Sy Gomberg levou-me, junto com minha esposa Maggie, à casa de Gene Kelly, uma noite, e muitas noites depois daquela, nas quais Gene e seus amigos frequentemente cantavam canções de seus filmes e de musicais da Broadway, na companhia de compositores como Harold Arlen e Yip Harburg. Porém, mais importante é que, naquela época, Gene havia dançado e cantado no filme que considero o melhor musical da história do cinema: *Cantando na chuva*. E, no final das contas, tratava-se de um musical de ficção científica!

“Como assim?”, vocês vão logo perguntar.

Bem, ele não descreve como os filmes mudos se reinventaram com a nova tecnologia do som? Imaginando uma ideia como um sonho e então dando origem a ela? Foi o que ele fez! Começou como ficção e terminou como ciência.

E isso era mais um motivo para Gene Kelly se tornar um amigo e um inventor em meu trabalho.

Em 1955, Gene convidou Maggie e eu para assistirmos a uma projeção particular, nos Estúdios da MGM, de seu *Convite à dança*, uma coleção de números de dança sem nenhuma trama a interligá-los, terminando com Gene

e Jerry, o rato do desenho animado Tom e Jerry, cada um tentando dançar melhor do que o outro.

Maggie e eu voltamos para casa caminhando, depois de assistir ao filme (ainda não tínhamos carro naquele ano) e, pelo caminho afora, fui dizendo como daria um braço e parte da minha alma para trabalhar com Gene Kelly.

— Bem — disse Maggie —, por que você não dá uma olhada em seus arquivos? Você tem dezenas de ideias guardadas. Encontre alguma coisa adequada, faça um roteiro e mande para Gene.

E foi exatamente o que fiz. Pesquisando entre quarenta ou cinquenta contos e ideias para contos, encontrei *Roda-gigante negra*, não mais do que dez páginas datilografadas, contando a história de um estranho parque de diversões, dois meninos e uma noite que parecia não ter fim. Passei as quatro ou cinco semanas seguintes transformando aquilo num roteiro de 80 páginas e o levei para Gene Kelly.

Ele me telefonou no dia seguinte e disse:

— É isso! Esse tem de ser o próximo filme que vou dirigir. Tenho a sua permissão para levá-lo a Paris e Londres na semana que vem para tentar conseguir o financiamento?

— Claro! — respondi.

Gene voltou da Europa um mês depois com más notícias. Ninguém queria financiar a produção do meu roteiro.

— Sinto muito — disse Gene.

— Sente muito?! — repliquei. — Deus, só o fato de você ter *tentado* já me enche de orgulho.

Dei, então, uma boa olhada naquele quase-roteiro que, na ocasião, chamava-se *O parque negro*. Depois, sentei-me e passei os cinco anos seguintes transformando-o num romance, publicado em 1962 como *Algo sinistro vem por aí*.

Quinze anos depois, este romance transformou-se numa série de roteiros oferecidos a vários produtores e diretores da Paramount e da 20th Century Fox, todos recusados e esquecidos. Até que, em certa ocasião, Sam Peckinpah se apresentou para ser o diretor.

— E como você vai filmá-lo, Sam? —perguntei-lhe.

— Arrancando as páginas do seu livro e enfiando-as dentro da câmera — respondeu ele.

— Correto — falei. Pois, à medida que você vai lendo o romance, consegue imaginar as cenas. Elas gritam para serem filmadas.

E finalmente foram, com Jack Clayton dirigindo e a Disney produzindo, quase trinta anos depois do *Convite à dança* de Gene Kelly.

Sem o seu convite para assistir àquele filme, este livro poderia nunca ter nascido. Quando foi publicado, em 1962, Gene Kelly foi presenteado com o exemplar Número Um.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Algo sinistro vem por aí

Wikipédia do autor:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ray_Bradbury

Site do autor:

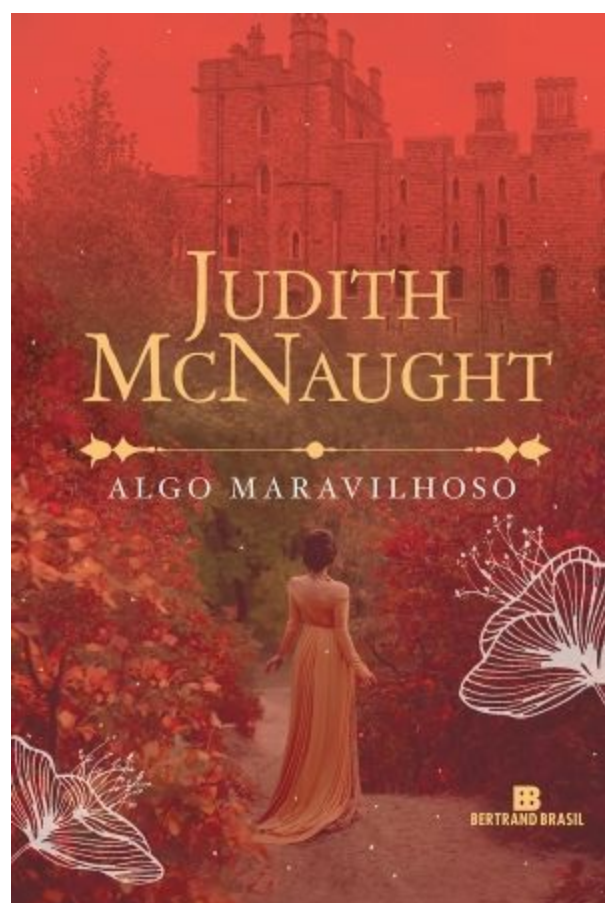
<http://www.raybradbury.com/>

Goodreads do autor:

https://www.goodreads.com/author/show/1630.Ray_Bradbury

Skoob do autor:

<https://www.skoob.com.br/autor/514-ray-bradbury>



Algo maravilhoso

McNaught, Judith

9788528624007

406 páginas

[Compre agora e leia](#)

O mais aguardado romance de Judith McNaught com orelha assinada por Carina Rissi. Alex sabe que é diferente das outras garotas. Após a morte do pai, viu a situação financeira da família caminhar perigosamente rumo ao abismo, e coube a ela se tornar "o homem da casa". Apesar das dificuldades, Alex ainda crê que alguma coisa extraordinária possa acontecer. No entanto, salvar a vida do belo Jordan Townsende, duque de Hawthorne e um famoso libertino, não estava em seus planos, assim como casar com a jovem que o livrara de uma bala no peito não estava nos de Jordan. O duque tem uma dívida com a srta. Lawrence... E ele nunca deixa de quitar seus débitos. Estabelecê-la em uma de suas propriedades, no interior, e, então, retornar a Londres e à cama de suas amantes parece ser o arranjo perfeito. Sua rotina não precisa ser abalada. Exceto que o espírito livre de Alex cativa Jordan, profunda e rapidamente. Um pouco tarde demais, o duque percebe que seu coração de pedra não é tão duro quanto imaginou, e sua esposa pode ser um perigo muito maior que aquela bala.

[Compre agora e leia](#)

CARPINEJAR
CUIDE
DOS PAIS
ANTES QUE
SEJA TARDE

B
BERTRAND BRASIL

Cuide dos pais antes que seja tarde

Carpinejar

9788528620962

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

O novo livro de Carpinejar. Não quero mais ter razão na vida. Só quero ter amor. Perdi muito tempo pela vaidade das ideias. Perdi muito tempo do afeto paterno e materno. O que importa é estar junto para o que der e vier. Família não é para concordar, mas para apoiar qualquer que seja o caminho adotado. Acreditamos que os pais são eternos, imutáveis, que estarão próximos quando surgir a necessidade. Mas eles adoecem e morrem. É uma fatalidade inadiável, não há como parar a idade, recuar o fim. Se é certo de que os pais um dia vão adoecer e partir, por que não organizamos a nossa vida para acolhê-los? Por que não assumimos sua gestação? Por que não reduzimos o ritmo da carreira para darmos sentido para os seus últimos dias?

[Compre agora e leia](#)

amazon
prime video

B
BERTRAND BRASIL



NEIL
GAIMAN

TERRY
PRATCHETT

Good Omens: Belas maldições

Gaiman, Neil

9788528624168

364 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nova edição revista e aprimorada de obra essencial de dois dos maiores autores britânicos de todos os tempos. Agora uma aclamada série produzida pela Amazon Prime Video. O mundo vai acabar em um sábado. No próximo sábado, para falar a verdade. Pouco antes da hora do jantar. Não há nada que possa ser feito para frustrar o Grande Plano divino. Mas quando uma freira satanista um tanto distraída estraga um esquema de troca de bebês e o pequeno Anticristo acaba sendo entregue ao casal errado, tem início uma série de erros cômicos que podem ameaçar o próprio Armagedom. Aziraphale é um anjo que atua na Inglaterra e dono de um sebo nas horas vagas. Crowley é um demônio e ex-serpente responsável pela mesma região. Ambos veem nessa confusão uma grande oportunidade, porque os dois, que vivem entre os humanos desde o Princípio, apegaram-se demais ao mundo para desejar a grande batalha entre o Céu e o Inferno. Em sua jornada para evitar o Armagedon e encontrar o Anticristo, agora um menino de 11 anos vivendo tranquilamente em uma cidadezinha inglesa, eles acabarão trombando com uma jovem ocultista, dona do único livro que prevê com precisão os acontecimentos do fim do mundo, com caçadores de

bruxas ainda na ativa e, quem sabe, até com os Quatro Cavaleiros do Apocalipse. Mas eles terão de ser rápidos. Não é só o tempo que está acabando...Esta edição contém a tradução revisada a partir do original revisto, aprovado por Neil Gaiman e pelo Pratchett Estate, que corrige vários erros de digitação e imprecisões presentes em edições anteriores.

[Compre agora e leia](#)

da autora de *Melancie e*
A mulher que roubou a minha vida

"Simplesmente
brilhante."
Sunday
Times

Marian Keyes

dando
um
tempo



B
BERTRAND BRASIL

Dando um tempo

Keyes, Marian

9788528623727

588 páginas

[Compre agora e leia](#)

O aguardado novo romance da autora best-seller de Melancia e A mulher que roubou a minha vida. Amy e Hugh vivem o que se pode chamar de casamento perfeito, e apesar de o dinheiro ser curto e o estresse ser muito, sua vida segue uma rotina confortável... até que a morte do pai e de um grande amigo desencadeia em Hugh uma intensa crise durante a qual ele decide que precisa dar um tempo de tudo, sobretudo da vida a dois, e parte rumo ao sudeste asiático, por onde viajará por seis meses. Incapaz de fazer o marido mudar de ideia, Amy sabe que muita coisa pode mudar nesses seis meses. Quando Hugh voltar — se voltar —, será ainda o mesmo homem com quem se casou? E será ela a mesma mulher? Afinal, se ele está dando um tempo do casamento, ela também está, não é?

[Compre agora e leia](#)

UM ROMANCE DA DINASTIA WESTMORELAND

Judith McNaught

Whitney, meu amor

B
BERTRAND BRASIL

Whitney, meu amor

McNaught, Judith

9788528623246

490 páginas

[Compre agora e leia](#)

Romance histórico da mesma autora de Tudo por amor. A encantadora e impetuosa Whitney não tem medo de dizer o que pensa. Por conta de seu comportamento pouco apropriado para uma moça da sociedade inglesa do século XIX, ela é forçada, pelo pai frio e severo, a mudar-se para a casa dos tios em Paris, onde recebe aulas para se tornar uma dama. Sob o cuidado dos amorosos e dedicados tios, ela desabrocha em uma mulher sofisticada e bela, tornando-se a sensação da esfuziante sociedade parisiense. Quando retorna à Inglaterra, está mudada, mas ainda deseja conquistar o belo Paul, seu primeiro amor. Mas há alguém que parece disposto a destruir sua felicidade: trata-se de Clayton Westmoreland, um poderoso duque, que está decidido a ter Whitney a qualquer preço.

[Compre agora e leia](#)